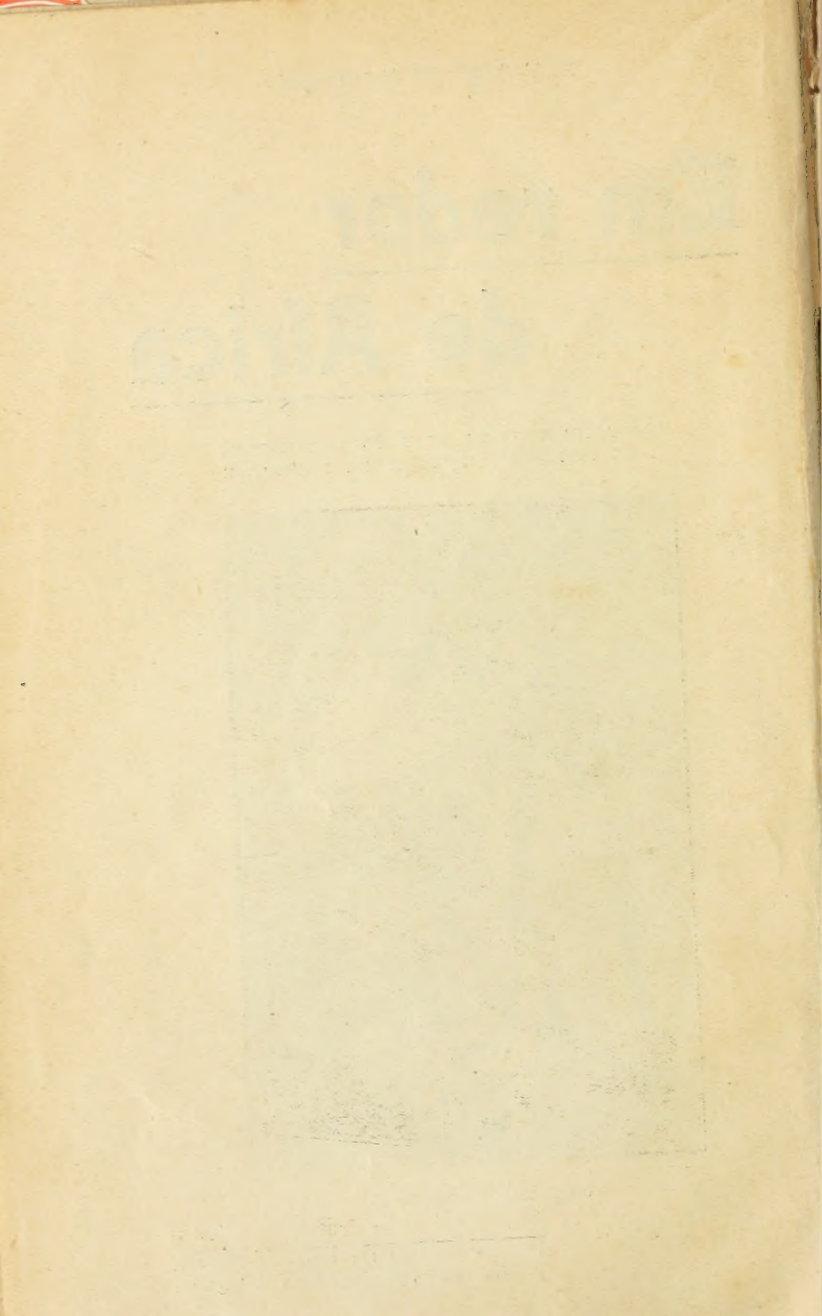
EDUARDO DE NORONHA

Em redor de Africa

NARRATIVA SUCCINTA DE FACTOS VERDADEIROS
E DE IMPRESSÕES COLHIDAS EM FLAGRANTE

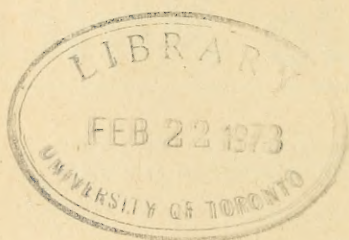
O EXPLORADOR SERPA PINTO

TYP. DA EMPRÊSA LITTERARIA E TYPOGR.
R. Elias Garcia, 184 — PORTO — MCMXV

EDUARDO DE NORONHA

Em redor de Africa

NARRATIVA SUCCINTA DE FACTOS VERDADEIROS
E DE IMPRESSÕES COLHIDAS EM FLAGRANTE

ORNADA COM TRINTA E QUATRO
REPRODUCÇÕES PHOTOGRAPHICAS

1915
Typographia da Empreza Litterária e Typographica
178, RUA ELIAS GARCIA, 184
PORTO

Apresentação

Dizia a rainha Isabel de Inglaterra que uma boa apparencia é meia apresentação. Referia-se, é verdade, aos homens, que Sua Magestade conhecia profundamente. Creio, porém, não melindrar a sua augusta e grandiosa memoria applicando o commentario aos livros. Com respeito á parte material, o meu editor, sempre tão solicito, escrupuloso e períto na sua profissão, representa sufficiente garantia para o leitor. Quanto á parte que me corresponde, explicarei que pretendi fazer d'esta obra um simples pretexto de conversação amena, que seja lida até o fim sem aborrecimento e com um sorriso de complacencia nos labios.

Poderia paraphrasear a conhecida valsa dos « Sinos de Corneville » affirmando que por tres vezes dei volta completa á Africa, alem de bastantes viagens no tempestuoso canal de Moçambique e de jornadas demoradas pelo sertão. Sendo official do exercito tive um tirocinio de embarque como o exigido para os meus camaradas de marinha — mais de dois annos. Não quer dizer que fizesse quartos, commandasse manobras, me entregasse a calculos e marcasse a

derrota dos navios nas cartas. Não, senhor. Mas como elles fiz um « Diario » que me permitte, com o auxilio da memoria, que por ora não me é infiel, reconstituir conjunturas e occorrencias hoje senão esquecidas de todo, ao menos obliteradas da reminiscencia de muitos.

O que apresento ao leitor são factos. Alguns antigos, por um phenomeno curioso de evocação, parecem succedidos hontem; outros encerram a licção sempre proveitosa da experiencia da vida. Agora que no maior esforço e sacrificios realizados por Portugal, em gente e em dinheiro, a favor das colonias, temos ali o melhor do sangue portuguez, parece-me que este livro não será de todo descabido, nem recebido com indifferença.

AMEN!

Lisboa, 12 de janeiro de 1915.

Eduardo de Noronha.

EM REDOR DE AFRICA

I

Zanzibar

Aspecto da ilha — A sua prosperidade — Povos — Historia — Invasões — Iman de Mascate — Partilha de Africa — Decadencia do sultanado — As portas do inferno — O porto — Nunca se é mais nova — A casaria — O harem — A Guarda Negra — Um rapto historico — Missão diplomatica — Sayyid Bargach — Phaetonte mortal — O tempo e a distancia — Banquetes — O vinho e o alcatrão — Percalços de jantares copiosos. — Episodio hipico — A lua do Equador — Vingança atroz — As mulheres zanzibaritas — Amor ás orelhas — Susto formidavel.

Linda terra essa a da ilha de Zanzibar! Quando se nos depara a distancia, ainda envôlta no véo de cassa da nebrina matinal, afigura-se-nos que do seio das aguas, profundamente aniladas, emergiu a pujantissima e artistica vegetação de um trecho soberbo de qualquer dos vinte e oito céos da religião budhica. Esfregamos involuntariamente os olhos para nos convencermos que não sonhamos e que, acordados e bem acordados, a maravilhosa realidade reverdece na nossa frente.

— Bello espectaculo, sem duvida! Se a ilha apresentasse um pouco mais de relêvo, seria ainda mais formosa!... — observou de bordo do paquete inglez, *Bagdah*, da British India Company, uma *miss* de cabelos pretos.

— De formação madreporica apenas a sulcam alguns outeiros de pequena elevação — explicou um passageiro versado em geologia.

— O porto rasga-se n'um ancoradouro amplo — reparou outro viajante.

— Mas a contra-costa, a banda oriental ergue-se em escarpas e ouriça-se de cachopos — accrescentou quem conhecia bem a topographia da ilha.

— D'aqui descobrem-se florestas densas e ao que parece terrenos cultivados com esmero — notou um negociante londrino que pesquizava o horizonte com o binóculo.

— O solo desentranha-se em riquezas — esplanou o geólogo; — o clima, de natureza vincadamente tropical, situado n'uma região de chuvas abundantes, possue todos os elementos de prosperidade sem excluir magnificas pastagens.

Então, varios membros de cada um dos grupos, formados á borda do paquete, alimentaram a conversação geral com qualquer esclarecimento subsidiario sobre Zanzibar. Todos ficaram sabendo que nas suas florestas abundam os cedros e a teca; que crescem ali sem cultura a gomma copal, o algodão, a cana de assucar, o anil, etc.; que no sub-solo existe antimonio; que a materia principal da sua

exportação consiste em fruta, laranjas, tangerinas, bananas, limões, cravo, café; que na população entram por metade os arabes de sangue mestiço, aborígenes conhecidos como uahadimu, naturaes de Goa, parsis, indus, ilhéos de Comoro, suahílis, pretos de todos os matizes e representando tríbus de todas as regiões da Africa Oriental; que a maioria dos asiaticos são baneanes.

— Pouco se sabe da sua historia? — inquiriu um dos interlocutores terminada a primeira phase do dialogo.

— Alguma coisa se sabe — respondeu um erudíto. — Sabe-se que em tempos remotissimos os egypcios, os chinezes e os malaios visitaram estas costas, que persas e arabes andaram por aqui entre os seculos VIII e XI fugidos por divergencias religiosas, que se formaram differentes estados pequenos, sendo Mombaça o mais importante.

— Não houve n'este ponto um imperio chamado Zenj?

— Fala-se n'isso, talvez um agrupamento de pequenos potentados, sem cohesão entre si. Considera-se Kilwa, em portuguez Quiloa, como a problematica capital d'esse imperio. Os negociantes baneanes corromperam a designação de Zanzibar em Zanguebar, como já se corrompera Balid-ez-Zenj ou terra de Zenj dos arabes, termo correspondente ao Indubar, ou terra indu, antigamente applicada á costa occidental da India. O antigo povo devia ser formado por pretos mahometanos, dos quaes

descendem os semi-civilizados mahometanos bântus, agora collectivamente conhecidos por suahílis ou «povo da costa». Nas suas veias ainda corre uma boa porção de sangue asiatico.

— O declinar do imperio Zenj coincide com o apparecimento das caravelas portuguêsas no seculo XV n'aquellas aguas. Iniciam então ali o período da conquista e cahem-lhes nas mãos, em 1505, Quiloa com às suas trezentas mesquitas, Mombaça a *Magnifica* e após estas Melinde e Makdisha a *Immensa* (Ibn Batuta).

— A conquista foi relativamante facil, mas as revoltas não a deixaram consolidar. No fim do seculo XVI os turcos, idos por mar, assolaram os principaes centros, e os zimbas, tríbu do sul do Zambeze, não procederam melhor.

— Sobre as ruinas do dominio portuguez ergueu-se o poder dos Imans de Mascate. Nomearam para a região *valis* ou vice-reis, que dentro em pouco se tornaram independentes. Mombaça transitou para as mãos da familia Mazrui.

— Os arabes occuparam-n'a em 1730 e em 1832 a cidade de Zanzibar, então de pequena importancia, transformou-se em capital dos dominios de Sayyd, Said de Mascate, que se apoderou de todas as cidades antes pertencentes aos Imans. A traição entregou-lhe Mombaça em 1837.

— Por morte de Said, sucedida em 1856, dividiram-se as terras entre os dois filhos. A parte africana coube a Majid, que deixou por herdeiro

seu irmão Bargach ibn Said, o actual sultão de Zanzibar. Ambos, na verdade, governaram sob a influencia do consul inglez *Sir* John Kirk.

A conversa atraz reproduzida occorria, se não estamos em erro, em fins de outubro de 1879. Para terminar com as indicações historicas e podermos caminhar livremente pela senda, ora florida, ora abrolhosa, das reminiscencias, esplanaremos succintamente o que aconteceu ao sultanado, posteriormente a essa época.

Escolheu o destino a Said Bargach para assistir á partilha dos seus territorios pela Gran-Bretanha, Italia e Allemanha. Quando se finou, em 1888, apenas deixou ao seu legatario um mero fragmento do patrimonio que governara. Começava n'esse periodo a grande divisão de Africa. A titulo de supprimir a escravatura, as potencias interessadas extinguiram a auctoridade dos potentados arabes.

Pelo tratado de 1862 a França e a Inglaterra reconheceram a independencia de Zanzibar. Mais tarde, depois do representante do governo de Londres ali, já citado, Sir John Kirk, residente na ilha desde 1866 a 1887, pactuar com o sultão, em 1873, um tratado para ser abolido o trafico da escravatura, as potencias entraram em negociações. Reconheceram ellas a supremacia dos interesses britannicos, e a 4 de novembro de 1890 Zanzibar foi proclamado um protectorado britannico, em conformidade das convenções pelas quaes a Inglaterra

cedia a ilha de Heligoland á Allemanha e renunciava a quaesquer reclamações sobre Madagascar a favor da França. O sultão Sayyd Ali, que succedera a seu irmão Sayyid Kalid, em fevereiro de 1890, concedeu a alforria a muitos escravos, o que não obstou a que o trafico continuasse florescente.

Principia então uma série de curtos reinados e ainda de mais limitada auctoridade. Hamed ben Thwain, sultão em 1893, morre decorridos tres annos. Sayyid Khalid investe-se a si proprio no seu logar. O governo inglez desaprova esse advento e bombardeia o palacio. Khalid refugia-se no consulado allemão. Transportam-n'o d'ahi para o continente fronteiro e Hamed ben Mahomet, irmão de Hamed ben Thwain, recebe o simulacro do poder entregue pelo omnipotente consul britannico. Desde então o dominio dos sultões não passa de uma simples e irrisoria ficção. Gerem todos os ramos de administração e, como constitue especialidade sua, fomentam a riqueza publica, desenvolvem-n'a, augmentam-n'a e orientam-n'a n'um rumo pratico... principalmente, — e não deve dar margem a estranhezas, — em beneficio do seu commercio e industrias.

Prosigamos na narrativa.

— Ha festa em terra? — perguntou um dos passageiros inglezes a um empregado aduaneiro da mesma nacionalidade, em visita ao paquete.

— Ha. O governador geral de Moçambique é hospede do sultão Sayyd Bargach. Incumbiu-o o seu governo de assentar definitivamente sobre a

linha de fronteiras entre o norte da colonia portugueza e o sul dos estados de Sua Alteza.

Aden—Panorama da cidade visto das cisternas

Os passageiros prepararam-se para desembarcar. O porto recurva-se amplo, profundo e pittoresco.

A cidade ergue-se n'uma peninsula de forma triangular, com tres kilometros de extensão, e estrangula-se de leste para oeste em ruas tortuosas e estreitissimas, como em todos os povoados de origem arabe. Defendem-n'as o mais que podem da penetração dos ardentissimos raios solares. Na verdade, apesar do aspecto viridentemente paradísiaco da ilha, se o inferno não é um esbraseado mytho religioso creado pelos theologos e rendilhado pelos poetas, os seus architectos devem-lhe ter rasgado portas para o ingresso das almas penadas. N'essa hypothese conhecemos tres dos incendidos vestibulos: Aden, Zanzibar e Calcuttá. Quem por ali passa e resiste á acção exhaustiva e deprimente da elevadissima temperatura, não estranhará nada quando após o trajecto no catraio de Charonte, de fugir ás dentadas do Cerbero, entrar no grego Hades. Sentirá certo conforto até em conversar com os juizes Minos e Rhadamanto e não transpirará quando cortejar Persophone, as Eumenides e a mesma Proserpina, não obstante o seu íntimo convivio com Plutão.

No ancoradouro immobilizam-se, como encrustados em chumbo solidificado, vapores de varias nacionalidades, cruzadores e canhoneiras no penol dos quaes se desfraldam bandeiras multicôres, centenas de *pangaios* com as prôas a rasar a agua e as pôpas tão levantadas que quasi tocam no punho da verga do latino de ré, e uma infinidade de miudas embarcações indígenas de muitos tamanhos

e extravagantes fórmas. Em todas as direcções e a perder de vista, até Bagamoyo, visivel com atmosphera clara, o estanho liquido, unido, baço umas vezes, faiscante outras, do mar, marcheta-se com o triangulo alvinitente de velas dos barcos a navegar entre a ilha e o continente fronteiro. No quadro dos navios de guerra desenhava a sua guinda altiva e pesada a corveta portugueza *Rainha de Portugal* e o seu perfil incaracteristico o transporte de guerra *D. Carlos*.

No escaler, com rumo ao caes, um dos passageiros, seguindo a conversa principiada no paquete, pergunta pouco cortezmente a uma *lady* envôlta em linhos finissimos, quasi transparentes:

— Que edade tem?

A dama finge não ouvir. Commentario de um compatriota seu, dado a observações philosophicas, para o companheiro do lado, em voz baixa:

— Nem se lembra, que quanto mais tarde responder, mais velha é.

Da quasi informe massa de alvenaria, lactea como um tumulo de marabú na verdura de um oasis, arremessam-se os jactos esguios de dois ou tres minaretes de mesquitas. As demais construcções achatam-se nos uteis e frescos eirados, monotonizam-se nas linhas vulgares de diversos quarteis, salientam-se nos bastiões e flanqueamentos de fortes em ruinas, ameiados por canhões de muzeu, arredondam-se em torres semelhantes a colossaes toneis postos ao alto. O palacio do sultão, um

enorme cubo de pedra e cal, enquadrado em cada andar por uma feia varanda de ferro; o consulado britannico, e as cisternas, que, de longe, simulam um navio, completam o que mais chama a si a nossa vista.

— E o harem? Onde está o harem! — pergunta ainda com um pé dentro do escaler um viajante portuguez.

— Acolá — indica-lhe o interrogado apontando para um annexo do palacio, mal caiado, com buracos e denunciando no exterior falta de asseio.

— Vamos vêr — convidou o portuguez imaginando que logo se debruçariam á janella, para o admirar, quantas odaliscas suspiravam e se aborreciam lá dentro.

A decepção ao entrar no povoado é funda. O atraso e a falta das condições mais rudimentares da hygiene e embellezamento de uma cidade manifestam-se a cada passo. Em frente do harem passeiam uma duzia de negros, ferozes modelos de estatuaria da raça ethíope, musculosos, herculeos quasi, de olhar petulante e torvo, de largos e acerados yatagans desembainhados. É a Guarda Negra do sultão. Percebe-se que ao mais pequeno desacato, o autor d'elle ficará retalhado.

— Safa, que mostrengos! — commentou o portuguez sentindo desvanecerem-se um pouco as suas veleidades de impenitente conquistador.

— Pois, sim — retorquiu o seu oficioso cicerone, — apesar d'essa Guarda Negra e dos eunucos lá

de dentro houve quem raptasse uma mulher do serralho, e nada menos que uma irman do sultão.

— Raptaram uma irman do sultão? D'aqui, nas bochechas d'estes selvagens, que acutilam a gente só em nos fitar? — exclamou o portuguez, a quem entrava nova alma no corpo e que pensou inconscientemente na probabilidade de praticar egual façanha.

O seu companheiro então contou:

Bibi Salima, irman do sultão Sayyid Bargach, apaixonou-se, não se sabe bem como, por um negociante allemão, Reuter. O rapto efectuou se com singular audacia. A despeito da vigilancia que reina sempre no harem, conseguiu sahir, embarcou e refugiou-se a bordo de uma canhoneira alleman surta no porto. O irmão espumava de raiva e houve um instante em que projectou atacar o navio. Dissuadiram-n'o d'esse intento, por significar rematada loucura. Limitou-se a confiscar-lhe todos os bens e a prohibir-lhe sob pena de morte que voltasse a Zanzibar. Bibi Salima residia na Allemanha, quando o marido falleceu, pois Reuter casara com ella. Viuva, com um filho, viu-se obrigada a leccionar arabe para viver. O imperador condescendeu na entrada do filho para a Escola de Cadetes, d'onde sahiu alferes em 1884. A roda desandou para Sayyd Bargach e o governo allemão obrigou-o, em 1885, a receber na ilha a princeza e o filho e a restituir-lhe o seu patrimonio.

O governador geral da provincia de Moçambi-

que, conselheiro Francisco Maria da Cunha, acceitara n'essa época a hospitalidade do sultão Sayyd Bargach. O governo central enviara-o ali para assentar definitivamente na delimitação de fronteiras dos respectivos territorios e ainda para ultimar outras negociações. Sua Alteza puzera á disposição do plenipotenciario portuguez e da sua numerosa comitiva uma das suas residencias e hospedara-os bizarramente. Durante os dezasete ou dezoito dias que ali se demorou Sua Ex.cia, os seus ajudantes, a corveta *Rainha de Portugal*, o vapor *D. Carlos*, a sua officialidade e guarnição, as auctoridades zanzibaritas primaram em os mimosear com as maiores provas de consideração.

O sultão Sayyd Bargach contava n'essa quadra quarenta e quatro annos. De tez acobreada, de feições correctas, insinuante, de bigode pouco espesso e de barba por baixo do mento, olhar agudo e leal onde, de ora em quando, se acendia um clarão a contrastar com a habitual placidez dos mussulmanos, desprendia-se de toda a sua pessoa uma affectuosa dignidade e uma attrahente sympathia. Sagaz, dispondo de uma certa cultura intellectual, tendo visitado em 1875 Paris, Londres e Lisboa, os seus modos affaveis captivavam e a sua conversação, em inglez correcto, agradava. A sua aparencia differia radicalmente do chefe negreiro e barbaro que alguns viajantes fantasiosamente pintaram. Não era um principe das orientaes *Mil e uma noites*, mas reconhecia-se n'elle um potentado conscio da sua posição.

Trouxera Sua Alteza da viagem um habilissimo cocheiro londrino. Já o dissemos, as ruas de Zanzibar fariam morrer de inveja Dédalo, incumbido por Minos de construir o labyrintho de Cnossa, em Creta, afim de ali occultar o Minotauro. Apertadas, a ponto de, estendendo os braços, tocar sem esforço nos predios fronteiros; enoveladas como uma meada cahida nas patitas irrequietas de um gato novo; barrancadas de modo a poder-se fazer ali um curso completo de topographia sobre todos os accidentes de terreno imaginaveis; esse cocheiro, n'uma carruagem puxada por quatro esplendidos cavalos meklemburguezes, trotava pelas esganadas e sinuosas viellas como poderia correr por Piccadilly ou Regent Street, cruzando em todos os sentidos o bairro de Shangani, ou o que fica para além da lagôa Malagash, com assombrado pasmo de baneanes, cingalezes, pretos, pescadores, mestiços, todo o pintalgado enxame que bezoira n'aquella colmeia.

A esse cocheiro não se podia applicar a anecdota do professor e do discipulo.

— Ha aqui algum alumno que ande em bicycleta? —pergunta o professor na aula de instrução primaria.

— Eu — responde um.

— Quantos kilometros anda por hora?

— Dezasete.

— Bem. Quanto tempo necessitaria para chegar á lua, que dista 384,000 kilometros da terra?

— Não sei. Isso dependeria do estado dos caminhos.

*

Para esse cocheiro não havia estado de caminhos.

O sultão offereceu ao plenipotenciario portuguez um sumptuoso e delicado jantar, preparado por um *chef* dos mais afamados restaurantes parisienses... sem vinho. Na sua qualidade de principe mahometano era-lhe vedado tocar n'essa bebida prohibida pelo alcorão. Magnificos refrescos, limonadas variadissimas, iguarias deliciosas, gelados de fantasia, doces e sobremesas em abundancia, fructas tentadoras, e entre essas as preciosas bananas *rosas*, saborosissimo sorvete natural que a flora d'aquella região dos tropicos offerta aos palatinos encalmados... mas vinhos, nada!

Foi uma decepção para os commensaes catholicos, apostolicos, romanos... e apreciadores dos liquidos alcoolicos.

Sayyd Bargach, porém, conhecia quaes os deveres impostos pelas tradicções da hospitalidade arabe. Demais, murmurava-se á boca cheia que não lhe desagradava o Champagne e ainda o producto de outras cepas de nomeada, e que n'isso os seus magnates, imitando os aulicos das côrtes europeias, o acompanhavam sem desgosto nenhum. Como não havia na ilha um só hotel nas condições de realizar emprehendimento de tanta responsabilidade, Sua Alteza enviou a sua uxaria para a residencia do governador geral da provincia de Moçambique e este pôde assim retribuir o jantar offerecido pelo sultão. Cosinheiros, creados, loiças, baixella, generos.

O que se comia, n'aquillo em que se comia e quem servia, tudo pertencia ao sultão. Mas o plenipotenciario portuguez pôde assim cumprir uma secular praxe diplomatica, fazer o que vulgarmente se chama boa figura, sem dispendio para a Fazenda Nacional, conforme o estylo burocratico. Ahi é que foi a desforra. As facetas de limpidissimos crystaes obrigavam a scintillar polichromos e celebres vinhos. Todos os convivas os reverenciaram. Sua Alteza, em *honra* de quem se *offerecia* o banquete, dignou-se, fóra dos olhares indiscretos e incomodamente perscrutadores dos seus fanaticos vassallos, despejar varias taças do espumoso nectar, saborear alguns copos de Porto e Tokay e engulir o conteudo de diversos calices, sussurrando:

— Só Deus é grande, e Mahomet o seu propheta.

Ao que differentes christãos, com a lingua um tudo nada entaramelada, palaciana e diplomaticamente, responderam:

— Amen!

Jantares semelhantes em taes latitudes tornamse perigosos. Emin-pachá, explorador de origem austríaca, excellente administrador e a quem a causa da civilização na Africa Central muito deve, acabando uma noite de assistir a um banquete egual, onde naturalmente se resarciu dos jejuns forçados a que o obrigou o seu longo isolamento no Uadelai, lembrou-se, para tomar um pouco de fresco, de passear no terraço. Ou por myopía, ou por escuridão, ou por excesso de luzes, calculou mal a dis-

tancia, e veio cahir á rua. Não morreu da queda, porque o destino o reservava para sucumbir á arma assassina de um arabe.

Uma tarde o sultão pergunta ao conselheiro Francisco Maria da Cunha:

— Gosta de passear a cavallo?

— Gosto.

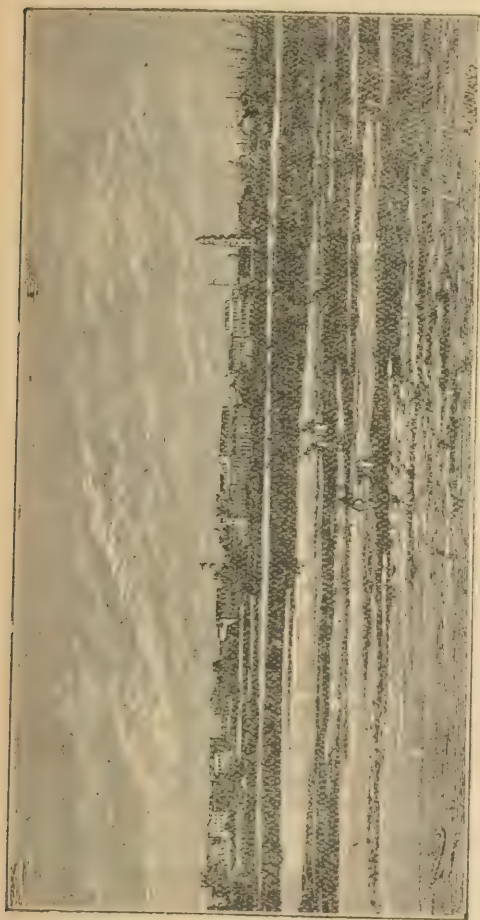
Apenas o sol o permittiu, aparecem em frente da residencia do plenipotenciario portuguez dois hussares, vistosamente fardados, levando cada um, á mão, um nervoso *pur sang* inglez. Eram as montadas para o governador geral e para um dos seus ajudantes.

Uma observação. O conselheiro Francisco Maria da Cunha era então coronel de artilharia sem prejuizo de antiguidade, mas, como sucede a tantos oficiaes da sua arma, nunca adquirira fama de calção emérito. Os corceis escarvavam á porta e urgia tomar uma resolução.

— Eu cá não posso ir. Han! Han! Tenho aqui muito que fazer — pretextou o governador geral sem querer dar parte de fraco. — Os cavallos são magnificos. Vão vocês. O passeio deve ser delicioso. Mas cautela, não façam *papelinhos!* Han! Han!

Os ajudantes, todos de infantaria, entreolharam-se compromettidos. Não se sentiam com forças para levar satisfatoriamente a cabo tal proeza.

— Vão! Vão! Mas não façam *papelinhos!* Han! Han! — insistiu o plenipotenciario n'um tom entre convite e ordem.

Dos cinco ou seis officiaes ali reunidos sacrifica-

Zanzibar — Vista geral da cidade

ram-se dois. Um fizera carreira na armada. Outro,

novo ainda, tinha por divisa o proverbio latino *Audaces fortuna juvat*. Os hussares perfilaram-se quando os viram surgir no limiar da porta. Os cavallos, apesar do calor, sopravam com força, deitavam fogo pelas narinas. As ordenanças passaram as redeas a cada um dos officiaes e exerceram pressão no estribo direito. Um dos ajudantes montou pela esquerda e, apenas o ginete deu duas upas, apeou-se logo pela direita. Era o que se entendia melhor com os balanços de bombordo a estibordo do que com os *piaffer* dos corceis. O outro salvou a honra do convento. Passeou e, se não se portou como o marquez de Marialva de equestre memoria, não envergonhou as hippicas tradicções da equitação nacional.

Que typicas arterias aquellas! Nas casas muito brancas, as portas de escura e massiça madeira entalhada appôem um rectangulo negro no alvo lençol da frontaria. O vermelho ardente das acacias orla de uma lista rubra os muros dos jardins. Depois a estrada de Ndia Kan abre-se com uma argentea fita por entre um mar encapelado de verdura. Os montes longinquos recortam-se em ondulações caprichosas n'um horizonte de um delicado azul esmaecido, e pouco a pouco a lua, que, quem não a viu no Equador, não a conhece em toda a sua suavissima magia, esparge uma claridade sufficientemente forte para se poder ler sem esforço, e ao mesmo tempo impregna de cambiantes tão doces, tão especiaes, tão subtís, tão mimosos, tudo em quanto in-

cide, que nos imaginamos transportados a um outro mundo e sonhamos, sonhamos...

Que sonhos!

No regresso d'esse passeio um dos dignitarios do sultão, obsequiosamente posto ás ordens do plenipotenciario portuguez, contou o seguinte episodio, ocorrido em Marrocos, onde vivera demorados annos.

A tríbu dos Menabha revoltara-se. O grande bachá Hida partira para uma expedição distante. Quando voltou deparou-se-lhe a sua capital em chammas e a sua casa entregue á pilhagem. Os notaveis da tríbu tinham fomentado uma sedição onde pereceu um filho do bachá. Este meditou desde logo uma vingança terrivel. Todos quanto experimentaram, n'outras circunstancias, os effeitos do seu resentimento temiam as consequencias de uma colera justificada pelo assassinio do ente estremecido. Essa creatura era o objectivo quasi unico da solicitude do velho bachá.

Como conseguir apaziguar a colera de pae tão justamente irritado?

Os notaveis da tríbu dos Menabha reuniram-se para deliberar. Após maduro exame d'esta situação dificil, decidiram que dezoito d'esses notaveis iriam ao encontro do bachá, afim de lhe offerecer presentes e apresentar as suas desculpas. Tirou-se á sorte os nomes d'esses embaixadores que, no dia combinado, se dirigiram, com ou sem vontade, para a moradía do bachá. Foram recebidos com apparente cor-

dealidade. Serviram-lhes um abundante repasto em pratos de cobre cinzelado. O *mechní*, carneiro assado e córado no espeto ao fogo de lenha odorífera, estava um appetite, muito tostado e embalsamado com ervas aromaticas. Os *sfinjs*, variedade de pães redondos, esponjosos, embebidos de manteiga rançosa derretida e de mel, empapavam-se n'uma especie de molho assucarado que os berberes sopeteiam lambendo os beiços e chorando por mais.

Os creados levaram escudellas cheias de *harira*, sôpa de sêmola onde nadam bolas de carne picada. Degollaram-se vários carneiros, afim de coser rosarios de rins e figados enfiados em varetas de espingarda. O *cuscus* sobretudo—um admiravel *cuscus*, copioso, unctuoso, tentador—aboberou demoradamente em panellas de ferro rebatido. Não se esqueceu, n'esta refeição, o *merga*, molho vermelho com banha e pimentos, onde flutuam cenouras, couves-flores e nabos, nem a *tagula*, cosido de milho, pela qual a gente do sul se mostra muito gulosa. Os hospedes do bachá, refestelavam-se com todas estas iguarias depois de murmurar piedosamente:

—Bismillah! Em nome de Deus!

Entre dois bocados, bebem leite azedo e esvaziam odres repletos. Dão-lhes a fumar *kif*. Fazem-lhes até acreditar sem difficuldade, que, n'esta circumstancia excepcional, o vinho fermentado, invenção diabolica dos *rumis*, não é prohibido. Das libações resulta uma doce embriaguez. As fumaradas do *kif* breve espalham ante os olhos dos convivas enlan-

guescidas nuvens povoadas de visões azues e côr de rosa.

A hora da vingança approxima-se. O bachá aproveita o somno dos seus hospedes para lhes mandar tirar e pôr em logar seguro as armas e munições. As compridas espingardas de fulminante, cingidas de argolas de cobre, os *djebiras* de coiro, consteladas de pregos de aço, as hastes de cabra ou de carneiro, servindo de polvorinho, os sabres, as pistolas dos notaveis accumulam-se n'uma grande arca, fechada a sete chaves. Os cavallos dos Menabha são peados e amarrados a estacas... Então, no limiar da sala do festim, apparece o bachá. A sua barba branca, o brilho dos seus olhos profundamente enterrados sob a dupla arcada das sobrancelhas grisalhas, a sua estatura elevada, a lentidão majestosa dos seus gestos e o seu andar dão-lhe a apparencia de um espectro sahido do mysterio dos antigos tumulos. Acompanha-o uma escolta de escravos negros, segurando cadeias e empunhando facas. Com uma voz grave, saccudida por uma tremura onde se sente vibrar o frémito da cólera surda, diz:

—Traidores, filhos de traidores! Cadaveres abominaveis! Cães da desgraça! Mataram meu filho que eu estimava tanto como a minha mão direita... Pois bem, esta mão direita e o *khanjar* que brande vae num abrir e fechar de olhos tirar-lhes a vida.

A estas palavras os dezoito notaveis da tríbu dos Menabha despertam em sobresalto. A embriaguez desvanecera-se-lhes de subito ante o horror da

sua situação e rolam-se aos pés do seu implacavel inimigo com gritos de supplica e lagrimas de desespero. Vãos rogos! Pranto superfluo. Agarram-n'os a um signal do bachá. Atados, levados para o atrio, são immediatamente fuzilados sem outra forma de processo. Aos cadaveres atiram-n'os para dentro de um poço.

As mulheres zanzibaritas, producto do cruzamento de muitas raças, são das mais nutridas que se podem encontrar por essas terras de Deus. Com as feições caracteristicas da raça ethíope, os seios e as coxas são verdadeiros Niagaras de carne. Se alguma perdesse o equilibrio e se nos despenhasse em cima, experimentar-se-hia a sensação que, sobre nós cahia toda a agua da celebre cataracta do Zambeze, a que os indígenas chamam *Musi-oa-tunya* («O fumo faz barulho ali») e os inglêses denominam *Victoria Falls*, cataracta que deu muito trabalho a Levingstone, Serpa Pinto e outros exploradores para visitar e onde hoje se vai n'uma rápida digressão de recreio, em cómmodo e veloz expresso, que a salva através da mais arrojada ponte do universo. Mais volume de cintura e adjacencias carnudas só admiramos nas mulheres boers. Superiores a essas cremos que nenhumas outras existem!

Ainda hoje em Zanzibar não é muito seguro, nos bairros indígenas, declararmos a nossa nacionalidade de portuguezes. A tradicção creou-nos ali má fama. O gentio de Mombaça, ilha que demora a duzentos e cincoenta kilometros de Zanzibar, não re-

cebeu de braços abertos Vasco da Gama, a primeira vez que este por ali passou em 1498, e não era o primeiro navegador que ahi aportava, pois Batouta já descreve a cidade em 1330. Na segunda viagem, o descobridor da India, que não as perdoava a ninguem, ordenou aos marinheiros que ao desembarcar cortassem uma orelha a quantos da terra encontrassem. Decorreram seculos e ainda hoje em Mombaça, como em Zanzibar, ao declinarmos a nossa qualidade de descendentes dos primeiros marinheiros, os zanzibaritas instinctivamente levam a mão ao yatagan, de que nunca se separam, e á orelha, de que ainda temem que os separem.

No pavimento terreo do palacio do sultão havia umas jaulas com tigres e pantheras, enviadas da India, de presente a Sayyd Bargach. Entre as jaulas e os papalvos interpunha-se uma pequena grade de um metro de altura. Uma manhan o alferes Andrade e outro camarada seu, ajudantes do governador geral de Moçambique, ambos fardados e de espada, tinham descido e conversavam em frente das feras. O alferes Andrade encostara-se ao gradeamento dando as costas á jaula. O seu collega postara-se-lhe defronte. De subito uma das pantheras — soberbo exemplar! — forma um prodigioso salto do fundo da jaula e solta um rugido atroador. N'um arranco instinctivo, o alferes Andrade, ao ouvir o uivo terrivel, pretende esboçar um movimento para deante, mas a espada e o telim, tinham-se enredado nas lanças da grade.

Não se calcula a expressão de susto do pobre official! Imaginara que a panthera forçara os possantes varões de ferro, e que o aferrava, que o jungia nas garras contrahidas, n'um anceio voraz de o devorar até o ultimo ossinho!

II

A ilha de Moçambique

A ilha vista do mar—O seu ambito—Irreprehensivel asseio—Cidade morta—Temperatura elevadissima—Commodo meio de conducção—Hospitalidade africana—Castigo transformado em recompensa— Sol na eira...»
Expedição a Matibane—Tiroteio ao acaso—Pescar nas aguas turvas—Esterilidade de certas expedições—O aguilhão da curiosidade—Um baile—Entusiasmos e canseiras—Dansa e melindres—Valsar a 40°—Champagne e mulheres formosas—Porteiro de mau agouro—Mordomo á altura—Idylio em pleno baile—Chapéos de muzeu—Versos Marrada formidavel

A ilha de Moçambique, antiga séde do governo geral da provincia, enxergada a distancia, áquem da ilha de Gôa ou de S. Jorge onde se ergue como uma balisa amarelada, o pharol, assemelha-se a um navio surto n'um ancoradouro frequentado. De constituição madreporica, é tão baixa, tão rasa com a agua, que se não fôra o alteroso mastro aprumado na fortaleza de S. Sebastião, no topo do qual se desfralda a bandeira portugueza, as embarcações nunca atinariam com a sua situação. Não que o seu porto não offereça esplendidas condições de segurança, e que a sua barra seja de dificil accesso. Não, senhor. Marcam a entrada do canal numero sufficiente de

boias e em terra existem bastantes pontos de referencia para a navegação diurna, além do pharol já citado e do pharolim da Cabeceira para guias de noite. Mas é que a natureza concedeu á ilha tão pequena área, que, acendendo um charuto na esplanada de S. Sebastião, ainda ha que fumar ao esbarrar com as ondas na outra extremidade, e, se como nos quadros de Teniers, alguem sentir necessidade de esvasiar a bexiga em qualquer parte da sua maior anchura, não tem ainda completa a operação no lado opposto. Não imagine, leitor, que exageramos. A ilha apresenta um ambito de cinco kilometros, com dois mil e quinhentos metros de comprimento e mil e duzentos de largura.

Eis o motivo porque, a distancia, a ilha de Moçambique se nos afigura um navio fundeado ao lado de outros e não de mais avultada tonelagem. A ilha póde considerar-se na sua posição geographica, com relação á terra firme, como a estrella em frente do crescente na bandeira turca. Á medida que o vapor se approxima lobriga-se a Cabeceira pequena, a grande, o Mossuril, a montanha da Mesa, do Pão, e estende-se para o sul, sem vermos mais que a vicejante linha da costa, a ampla bahia do Mocambo, destinada um dia a occupar o logar que as suas bellas condições geographicas lhe asseguram.

Ao porto falta movimento, e ao desembarcar, ao deparar-se-nos a alvura deslumbrante das moradias cuidadosamente caiadas, das ruas impeccavelmente varridas, de um asseio irreprehensivel, que não nos

impressiona assim em nenhuma outra cidade, suppomos penetrar nas aléas de uma das vastas necropoles orientaes, que os poderosos monarcas da Antiguidade mandavam construir no enquadramento majestoso de uma paisagem incomparavel.

O calor ali é tão abafante como em Zanzibar. Apenas o mitiga a bella sombra projectada pelo copado e abietico arvoredo do Campo de S. Gabriel, as lufadas quentissimas que nos tisnam a pelle nos baluartes da fortaleza de S. Sebastião, vulgarmente chamada a « praça », e o sôpro do *terral*, brisa, que desde o amanhecer até ás oito horas, em bafos como os sahidos da bôca de um forno, tempéra um tanto a atmosfera asphyxiante. Examinar a cara dos que se levantam de dormir, com os olhos vermelhos, com a epiderme lustrada pela transpiração, abaçanada pelo excesso de temperatura, simultaneamente contrahida n'uma expressão de sofrimento caracteristico e lasso, abalofada, pelo effeito do ambiente abrasante, caustico, angustía.

Durante o dia pouca gente transita na rua. Só a que não pode deixar de ser. Não se faz sentir ali a necessidade de que fala a conhecida anecdota, attribuida a um medico, a quem um consulente perguntava :

— Qual é o melhor meio para restabelecer a circulação ?

— Pois... chamar os agentes da ordem publica.

A machila de catre luxuoso, de tôldo constituido

por finissima esteira, leve e flexivel como a seda mais subtil, conduzida por quatro negros, de passo certo e veloz, magnificos trotadores a rivalizar com as melhores parelhas do Mecklemburgo, que vão entoando uma melopéa cadenciosa e triste e que batem na cana umas palmadas rapidas quando precisam de a trasladar para outro hombro, representa n'essa parte de Africa o melhor e mais commodo meio de transporte de todos os ideados até hoje.

Bôa e hospitaleira gente a de toda a Africa portugueza! Não se encontra uma unica excepção a esta regra. Por modesta que seja a mesa e por humilde que se considere a casa, o hospede, como nos tempos mais cavalheirescos do Islam, é sempre bem vindo. Não sobrava a população europeia na capital da provincia de Moçambique. Reduzia-se quasi ao funcionalismo, aos militares, a uma duzia de negociantes e industriaes, se tanto,... e a degredados. Para a maioria d'estes a acção punivel da lei convertera-se em manancial de benesses, como nunca idealizaram nos seus sonhos mais falazes. Commerciavam, enriqueciam-se, grangeavam uma posição social invejavel, agiotavam, dominavam quem os devia fiscalizar e acabavam muitos por comprar um indulto voltando para a Europa a gosar dos seus bens, como creaturas honestas e regeneradas. E assim sucedia, quasi sempre, na verdade.

É de um d'esses a seguinte observação. Uma vez o seu secretario abria a sua correspondencia,

pois elle mal sabia ler. Tratava-se de esmolas. Elle commentou:

— Singular coincidencia! Uns lavradores pedem me esmola porque estão inundados, outros porque são victimas da sécca. Vão lá entendê-los!

Em meados de outubro de 1879 desembarcaram na ilha de Moçambique os dois batalhões da guarnição da Africa Oriental, 4 e 5, organizados em Loanda, como se descreveu no livro *O Passado*. Equipados, disciplinados e razoavelmente instruidos, com os seus effectivos completos, significavam uma tentação, irresistivel para os espiritos bellicosos, que inventavam e ainda hoje inventam guerras por quaesquer insignificantes pretextos. Convém assegurar, por descargo da nossa consciencia, que, na quasi totalidade dos casos, quando os indígenas se sublevam contra os brancos, não importa a nacionalidade a que estes pertençam, a razão e a justiça abundam tanto n'elles, á força de explorados e de hostilizados, que só lhes resta o expediente de se revoltarem.

Alguem suggeriu que chegara a opportunidade de bater o xeque da Matibane, sempre prestes a rebellar-se contra o nosso dominio. Logo se prepararam duas lanchas canhoneiras adquiridas em França por subidissimas quantias, enviadas para ali em quarteladas e armadas no arsenal de Moçambique. Destinadas á navegação e policia do rio Zambeze, nunca puderam singrar muito acima das bôcas d'esse curso de agua, devido ao seu grande calado.

Agruparam-se duas companhias de caçadores 4 dentro d'essas barcaças, munidas cada uma de um canhão-revólver Hotckiss. A comboiá-las seguiram o vapor *Auxiliar* e, se não estamos em erro, a canhoneira *Douro*. Fundeou a esquadrilha na bahia da Conducia. Ahi, a expedição, na manhan seguinte, dirigir-se-hia por terra, a atacar a povoação do xeque. De noite um soldado, mais medroso ou mais attento, ainda a bordo, lembrou-se de disparar um tiro. Um rastilho bem preparado não communica com mais rapidez fogo de uma a outra ponta. N'um instante, tudo acorda estremunhado, lança mão da arma e começa a disparar sem saber para onde, nem contra quem. Em resultado d'esse tiroteio, que muito custou a terminar, ficaram vários homens feridos e entre elles um fogueiro europeu.

O xeque da Matibane, como todos os potentados da costa, mussulmanos, viviam principalmente da escravatura e do banditismo. Quando as auctoridades portuguezas lhes queriam refrear os ímpetos encontravam sempre quem os prevenisse. Não só os régulos, *monhés* (mahometanos) e macúas (indígenas da região proxima á ilha de Moçambique) folgavam com esse estado de coisas. Havia muito christão, devoto fervoroso até, branco ou fusco, para quem essas perturbações equivaliam a um maná inexhaurivel e representavam avultado rendimento.

Ao alvorecer a força marchou em direcção do seu objectivo. Commandava-a o major C..., que não tomou nenhuma das mais elementares precauções

quando se penetra em territorio inimigo. A columna caminhava flanqueando a ourela direita de um bosque. O commando não se lembrou de o mandar explorar. De subito veio d'ali uma descarga quasi á queima roupa. Causaria innúmeras baixas se os pretos não desfechassem a medo, o que levantou as pontarias. Esta, como outras expedições do mesmo género, entrou no numero das que a historia militar das colonias regista como perfeitamente estereis. Desperdicio de muita polvora, retirada do inimigo para recessos inexpugnaveis, aprisionamento ou assassinio de alguns invalidos pelos negros auxiliares, a despeito de qualquer repressão enérgica dos officiais, e incendio de varias palhotas, reconstruidas horas depois das tropas retirarem.

Uma das diversões matutinas de Moçambique, onde em geral, como em todos os climas quentes, a maioria da população se levanta cedo, consistia em assistir ao banho das praças dos dois batalhões. Os pretos, sem distincção de raças ou de tríbus, ostentam uma bella e abundante plastica. Nenhuma convencional parra lhes occulta as naturaes perfeições. O aguçado alfinete da curiosidade impellia bastantes pessoas de ambos os sexos, a, pelas frinchas das janellas semi-cerradas, contemplarem o pittoresco espectaculo que não parecia horripilarem-n'as.

O que faz lembrar o caso da dama muito garrida e nada esquiva. que achando-se doente e mandando chamar o médico, este lhe recomenda:

— V. Ex.ª necessita muito descanso.

— Doutor, veja-me a lingua.

— O que?! Tambem a lingua?!

Na cidade de Moçambique, onde escasseiam os passatempos, qualquer emergencia servia de pretexto para offerecer um baile. Um dos mais caracteristicos realizou-se em 20 de fevereiro de 1886, em honra do então capitão de fragata e governador geral, conselheiro Augusto de Castilho.

Foi como a varinha mágica de uma fada poderosa que quebrou a monotonia do vegetar da quasi morta cidade. As lojas dos mouros foram revolvidas de cima a baixo. As sedas, os setins, as rendas, os laços, os enfeites, os espartilhos, as luvas de oito botões, corriam de casa em casa para serem expostas ás damas que queriam *toilettes* dignas da festa e que nem se poupavam a fadigas nem regateavam despezas. As machinas de costura trabalhavam sem cessar, as tesouras cortavam a fazenda n'uma actividade vertiginosa, as agulhas picavam o setim n'um movimento automático com aquelle ruido particular tão conhecido das costureiras. Emfim, os novêlos succediam-se aos novêlos e os mouros rendiam graças ao Profeta esfregando as mãos de contentes.

Era esta a tarefa do bello sexo. O sexo forte tinha tambem a sua empreitada.

As «claques» eram cuidadosamente escovadas, as molas experimentadas, os monogramas fixados. As casacas sahiam das gavetas, sacudia-se-lhes a poeira, revistavam-se com escrupulo para vêr se a traça ou as baratas lhes tinham aberto brecha. Man-

davam algumas depois ao alfaiate para pôr novos

Zanzibar. — Antigo mercado da fructa

botões de seda, outras eram apropriadas ao corpo

do novo dono, a pharmacia vendia immensa porção de benzina e afinal o retroz e o torçal tambem não permaneciam esquecidos nos *monhés*. Os militares de terra e mar davam offuscante brilho aos doirados, e as espadas eram limpas e polidas, a fazer duvidar da facil oxidação dos metaes n'aquelles climas humidos.

O grande dia aproximava-se. Que intensa curiosidade minava algumas damas para conhecerem as *toilettes* das outras! Pediram-se amostras dos córtes comprados, comparavam-se os padrões, discutia-se a côr do rosto com a «nuance» do estofo e mil outras minuciosidades que o recato nos prohibe desvendar.

Eram dez e meia da noite quando o governador geral entrou no Club. Receberam-n'o todos os membros da commissão promotora do baile: João Nery, Paula Carvalho, Cruz Coimbra, comendador Adolpho de Magalhães e pelos convidados que ali se achavam. A orchestra tocou o hymno de Sua Ex.ª até que finalizaram as formalidades e cumprimentos da praxe. Pouco depois iniciava-se com bravura a dansa. A escolha de pares na primeira quadrilha, considerada de honra, melindrou alguns convidados, involuntariamente excluidos. N'aquellas terras e n'aquelles climas a susceptibilidade adquire excepcional acuidade. A commissão, porém, apressou-se a dar explicações e os melindrados tomaram ares de esquecer o despeito que lhes roía o interior.

Não compareceram na festa todas as damas da

cidade. As presentes eram doze e foram D. Maria Castilho, D. Isabel Nery, D. Ernestina Lopes, D. Eugenia Gouveia, D. Julia Estrella, D. Guilhermina Horta, D. Manuela de Oliva, D. Mery Ferreira, D. Aurelia Ribeiro, D. Amelia e D. Herminia Magalhães e D. Maria da Conceição Carvalho. Algumas d'estas senhoras já pagaram o seu tributo á morte; as que existem talvez se lembrem com saudade da remota festa.

As salas estavam repletas. Todas as classes ali tinham os seus representantes, sendo a mais numerosa a dos officiaes de marinha. As quadrilhas, lanceiros, polkas, valsas, scottishs, etc., sucederam-se sem ninguem pensar na inexorabilidade do tempo. Isto apesar do elemento varonil trajar grande uniforme ou casaca e calçar luvas, tormento que só avalia quem passou por transes semelhantes, da temperatura nas salas poder, sem demasiado esforço, ferver agua; dos mouros e baneanes, subscriptores da festa, invadirem o recinto e *embalsamar* o ar com a suave fragrancia dos seus perfumados corpos.

N'aquellas latitudes, quando mulheres novas e decotadas nos fitam ardentes, quando o Champagne espumoso e scintilante se despenha em catadupas das taças para os labios, quando o Porto faz correr apressado o sangue nas arterias, quando o Madeira limpa as nuvens do cérebro e lhe desenrola um horizonte alegre e folgazão, não ha pernas que cansem, peitos que arfem, respirações que se opprimam, calor que subjugue, fadiga que domine. Pode com-

parar-se a uma corrente voltaica que leva amor aos corações, poesia aos labios, vigor aos membros, alegria á alma, espirito aos diálogos, garbo aos valsistas e valor aos namorados. Pois apesar de tudo ha sempre quem diga mal do serviço do bufete, achando-o moroso e escasso por mais abundante que seja o recheio da copa.

Ao baile assistiram dois forasteiros de distincção, sobre quem convergiram todos os olhares das damas e todas as amabilidades dos homens. Eram: o valente explorador Serpa Pinto, então consul portuguez em Zanzibar, e o barão Bela-Rackousky, tenente de guias do exercito austro-hungaro, camarista hereditario do rei da Hungria e vice-consul de Austria em Zanzibar. A ultima quadrilha dansou-se com dia claro.

A essa hora os convidados de *sortie-de-bal* e de *pardessus* postos dansaram uma derradeira polka, que foi o ultimo adeus d'aquella noite de tão perduraveis recordações.

Não ha reunião de senhoras e homens onde a maledicencia não se exerça. Lá está o proverbio que diz: «Se ouvires uma mulher falar mal do amor, e a um literato da opinião publica, podes afirmar que a belleza d'aquella está por vir e que o talento d'este não se encontra». Nas colonias refina.

A direcção do Club, á falta d'outra entidade idónea, aceitara por guarda-portão n'aquella noite... o coveiro do cemiterio. Não entrou na categoria das escolhas felizes...

No vestíbulo, fardado, a cada convidado que surgia, obrigava uma sineta postada *ad hoc* no fundo da escadaria a vibrar n'uma badalada estridente.

O caso originou vivos commentarios. A um grupo de senhoras ouvimos o seguinte dialogo:

— Credo! Que mau agouro, meu Deus!

— *Vade retro!* Pois não viste?

— Mas o quê?! Explica-te.

— O coveiro fazendo de guarda-portão! Arrepiam-se-me as carnes! Tenho os cabellos em pé! Estou coberta de suores frios!

— Deixa-te de superstições, minha cara, é elle o guarda-portão como poderia ser outro.

— Não, menina, não! Será nervoso, será preconceito, será exaltação do meu cerebro, mas o que é verdade é que aquelle simples tanger da campainha echôa-me aos ouvidos como o lúgubre signal de um cadaver que entra no cemiterio. Não aparento de corajosa porque não o sou. Se cerro os olhos um momento, se abstraio do logar em que estou, das pessoas que me cercam, parece-me que aquelle sinistro porteiro tange desordenadamente a sineta da entrada da porta, e que, de momento, tomando proporções colossaes, se transforma n'um immenso sino collocado n'um campanario de extravagante architectura, e que badala longinquamente n'um dobre de finados, ou que aproximando-se o seu som poderoso executa um repique delirante que nos faz valsar vertiginosamente contra nossa vontade.

— Que loucura!

— Afigura-se-me isto um diabolico *sabbat* presidido por Satan. Imagino que essas casacas e uniformes apenas cobrem os ossos descarnados dos seus antigos possuidores. Apparece-me a sala como illuminada pela phosforescencia das exhalações cadavericas. Penso que essas polkas e mazurkas se acompanham de pancadas sêccas dos esqueletos em contacto. Vejo a Morte com o seu medonho aspecto acercar-se a oscular-me com as suas maxilas sem musculos...

— Meu Deus, se continúas, desmaio...

A conversa termina ali. Pobre guarda-portão! E elle desempenhava conscienciosamente o seu papel. Nem sequer recitava monologos cheios de philosophia. Não conhecia mesmo o celebre *to be or not to be* do seu collega do Hamlet. Annunciava um morto e um vivo com egual impassibilidade. N'isso consistia a sua phleugma. Na indifferença em distinguir o que ia vivo dentro de uma machila ou morto dentro de um esquife consubstanciava a sua superioridade. Obteve um triumpho com que não contava. Fez sensação. Foi o leão da noite. Reinou durante o baile na obcessão do preconceito e povoou talvez mais de um pesadelo afflictivo causado pelas sandwichs do mestre Domingos.

O mestre Domingos gosava n'essa época da fama de ser um typo notavel em Moçambique. Era tão celebre ali como o José das Caixinhas ou o Gaspar da Viola em Lisboa. Creado de uma eminencia em Roma, gabava-se de ser um crítico de primeira força em questões de pragmatica. Havia quem lhe

temesse mais o furibundo olhar n'um banquete que uma Gatling prompta a desfechar. Nunca perdia ensejo de mostrar os seus conhecimentos e *savoir vivre* da curia romana. Desgraçado do gastrónomo que, n'um jantar de cerimonia, lhe pedisse um nadinha mais de um prato já servido. De cabeça erguida, collo hirto, olhos a refulgir de chispas, ventas dilatadas, passava uma *reprimande* com a mesma facilidade com que um bispo lança bençãos. Tambem vingavam-se d'elle atribuindo-lhe pechas menos airosas.

Nunca pudera levar á paciencia a incorrecção do homem da anecdota, a quem a dona de casa communicára:

— Vamos ser treze á meza, mas supponho que o senhor não é supersticioso.

— Conforme.

— Conforme?!

— Depende do *menu*...

Mestre Domingos, a quem a direcção confiára o elevado posto de mordomo do Club e a quem tambem recommendára que não se alargasse demasiado no pasto aos gulosos e saboreadores de vinhos caros, entrou no exercicio das suas funcções com ar triumphante.

Olha com soberano golpe de vista para as baterias de garrafas, contempla o perú, o lombo, os presuntos, examina o pão, prova a agua, remexe o assucar, dispõe a manteiga, recebe as ultimas instrucções e agora o verás!

Os convidados cerravam-se em volta do balcão

como os pretendentes á porta do gabinete de um ministro; cansados, sedentos, esfaimados, pediam, supplicavam quasi com as lagrimas nos olhos e pouco, algumas vezes, nada, obtinham. Capilé á vontade, cerveja alguma, mas vinho era caso para requerimento e despacho.

— Champagne! — grita um subdito de Sua Graciosa Majestade.

— Champagne?! — replíca mestre Domingos branco de colera — Que sacrilegio, meu Deus! Venha uma bula de Sua Santidade, reuna-se um concilio, promulgue-se uma encyclica, estabeleça-se um novo dogma, mas lá Champagne é que não pode ser!

— Domingos, mande os serviços para as salas no intervallo da dansa.

— Dansa! Dansa! Isto está o mundo perdido. Os homens abraçam-se ás mulheres nas salas, a pretexto de andar ás voltas encostam-se as faces, augmenta o calor — e záz! — lá escapa um beijo. Ai! a moralidade!

— Domingos, canja! Depressa, que já é tarde!

— Ai! Estão exaustos, precisam de vigor e são já tres horas. Ámanhan nada de missa. E eis onde vae parar a santa religião! Pois não ha canja!

— Domingos, dê café, chá, bem forte!

— Precisam de estimulantes? Já não vae d'outra fórma? E lembrar-me eu que hei de perder a minha alminha no meio d'estes condemnados!

— *Mr. «Sundays», one glass of Champagne, please!*

— Ai! que este é dos hereticos que crucificaram Deus, Nosso Senhor. Agua do pote, refresca e faz bem á saude. Não ha!

— *Oh, yes, I see some bottles there.*

— Estão vasias.

Ilha de Moçambique.—Um aspecto—O antigo bazar

— *Oh! no empty, full, very full.*

— Fulo estou eu!

E com estes e outros dislates pôz todos a escassa ração.

Houve um par que libava sem preconceitos na taça do nectar suavissimo do amor!

Que importava que se entrasse dois compassos mais tarde no *en avant quatre*, que se errasse a *visite*, que se fosse para o lado contrario na *grand chaine*, se a alma se evolava aos páramos ethereos de um affecto correspondido? Aquellas almas uniam-se, comprehendiam-se, fugiam ambas pelos campos da fantasia em vôos de aguia, arrancavam á poesia os seus mais delicados e suaves éccos, os sons mais melodiosos e alegres. Que lhes importavam os convidados, a orchestra, as luzes, as *toilettes*, o ruïdo do baile?! Estavam sequestrados de tudo e bastava-lhes. Todos lhes sorriam. Quem não vibrára já o mesmo alaúde, percorrera o mesmo caminho juncado de rosas, aspirára a fragrancia de um coração que desabrocha, voára como um condôr ás cumiadas do sentimento? Quem não se rendeu uma, muitas vezes, prisioneiro da mulher a quem adora?

O amor opera taes milagres que até um octogenario que desejava casar-se com uma rapariga nova e bonita lhe propôz, com denguice:

— Minha senhora, teria V. Ex.ª inconveniente em ser minha viuva dentro de quatro ou cinco mezes?

A grande attracção do baile, o alvo de todas as attenções, o objectivo de todos os olhares era uma casaca. Nenhuma rival a poderia affrontar. Aqui deixamos registada uma observação. Nunca admiramos em parte nenhuma uma collecção de casacas e chapéos altos mais singulares dos que os exhibidos nas cidades da provincia de Moçambique.

A proposito d'esse baile, appareceram no *Africa Oriental*, unico jornal então publicado na cidade de Moçambique, e de que era director e proprietario Francisco de Paulo Carvalho, professor de uma escola que nunca existiu, mas excellente homem, os seguintes versos:

COISAS

Eu tenho por ti, menina,
um tão vehemente amor,
que sou bem capaz, mofina!
de me fazer malfeitor,
carrasco o que te appeteça,
trazer trunfa na cabeça,
não comer toucinho até,
mudar-me em velho judeu,
ser lacaio, tomar rapé,
só p'ra ter um beijo teu.

Se doce e malicioso
teu olhar em mim se fita,
fico doente, nervoso,
sinto uma coisa exquisita.
Bem procuro estar sereno,
mas tal olhar é veneno,
que faz logo pronto effeito,
dão-me, não sei que tonturas,
parece-me estalar o peito,
deixa-me o corpo em tremuras.

Não são olhos são pharoes
essas pupillas de fogo!
Já pensei que eram dois soes,
aborridos do tal jogo
do systema planetario,
que errando o itinerario,
tinham vindo fugitivos,
lá dos céos de côr d'anil,
entregarem-se captivos
d'esse teu rosto gentil.

A tua face rosada,
que a camelia namora,
lembra a bonina orvalhada
pelo rocio da aurora!...
Hei de fazer serio estudo
d'esse formoso velludo,
porque nos paços reaes,
repletos de oiro e setim,
nunca vi velludos taes
nem tão suave marfim.

Dizem uns certos poetas
que apreciam as *mañolas*
que possuir tranças pretas
só é dado ás hespanhòlas!...
Ainda não viram, pedantes!
teus cabellos ondeantes
voarem sôltos á brisa,
como um crépe de viuva,
um manto de Pythoniza,
do Vesuvio a negra chuva.

Se esquecendo o preconceito
ébria, louca d'amor,
me comprimes contra o peito,
com indomito furôr;
não sei, filha, que experimento!
Apre, cruzes!... Anjo bento!
Parece que Satanaz,
com diabolicas manhas,
me queimou c'uma tenaz
até o fundo das entranhas.

Se não tens da Fornarina
dos quadros de Raphael
a belleza peregrina;
se não és meiga Rachel
de Jacob o patriarca;
uma Laura de Petrarca,
a rainha de um torneio,
uma estatua da Etruria,
encerras no teu seio
diluvios de luxuria.

Constituia a policia, da então capital da provincia, uns sessenta soldados indígenas, commandados por officiaes europeus, escolhidos dos de melhor comportamento nos batalhões da guarnição. Uma vez, no largo do Club, uns marinheiros inglezes desembarcados do cruzador *Ruby*, ébrios, metteram-se com o guarda ali de serviço. Fizeram-lhe quantas travessuras e grosserias lhes lembrou, travessuras que o preto supportava com evangelica paciencia.

Suppondo-o fraco, subiram de ponto nas insolen-

cias, até que um, espadaúdo, musculoso, uma torre, lhe assentou uma bofetada. Então o preto, natural de Tete, deu um passo atraz, formou um pulo e despediu sobre o marinheiro britannico uma das mais formidaveis marradas, que cabeça de toiro tem applicado em peito de homem.

O inglez tombou redondo. Levado para o hospital, morreu dias depois. O governador geral não castigou o preto. Chamou-o para sua ordenança no palacio.

III

Diabruras da mocidade

Clubs extravagantes — Casamento á força — Manias da humanidade — Partida tragica — Quatro vencedores — O Dr. Varajão e a Escola de Artes e Oficios — Metamorphoses de um governador geral — Crocodilo irreverente — Brincadeira nociva — Ceia escandalosa — Apparição theatral — Epílogo inesperado — Tradicções da marinha portugueza — Cumprimento que dá brado — Força da disciplina — Sentinella atrapalhada — Não somos nada! — Proposta embaraçosa — Como ellas se armam — Versos errados — Macaca diabolica — Hecatombe de chinellas.

A proposito do club da cidade de Moçambique recorda-nos a *Sociedade do Escandalo*, ali fundada tambem. Para explicar este titulo, talvez um pouco ousado, consinta o leitor assegurar-lhe, que, principalmente em Inglaterra, teem existido e existem ainda associações muito mais escandalosas e até perigosas.

Houve ali, por exemplo o *Abduction Club*. Fundou-o um grupo de rapazes irlandezes no seculo XVIII. O jogo, a bebida, a extravagancia dissipára-lhes os bens. Precisavam readquirir o perdido. Juntavam-se e pesquizavam onde havia herdeiras ricas. Do bando dos «casamenteiros» só faziam parte re-

quintados janotas fidalgos. Era uma associação de responsabilidade limitada, um *trust* de bons partidos. Ás que não cediam por boas razões raptavam-n'as. Deram-se escandalos enormes, a policia interveio e alguns dos socios pagaram as proezas esperneando na forca. O club dissolveu-se, mas proporcionou a Thackeray alguns suggestivos capitulos do seu elucidativo romance *Memoirs of Barry Lindon.*

Na lista entra o *No Nose Club.* Só admittia como associados aquelles a quem a natureza dotára de narizes microscopicos. Com inveja, Henry Pitt estabeleceu o *Nose Club,* onde só se viam narizes que consolariam Cyrano de Bergerac do tamanho do seu. Este ultimo planeou reunir a si o *Ugly Faces Club,* mas os socios d'este grupo, que só podiam ali entrar tendo qualquer deformidade no rosto ou no corpo, e a cujas sessões presidia o busto de Esopo, recusaram terminantemente.

No *Club dos aborrecidos*, os frequentadores olham uns para os outros com cara de poucos amigos, assentam-se, carregam os cachimbos e permanecem assim horas esquecidas. No dos *Surdos Mudos* ouve-se um barulho infernal, produzido pelos sons guturaes e pelo bater dos pés no chão. No *Nobodies Club*, instalado em South Molton Street, reunem-se os que não teem ninguem. Não se paga joia nem mensalidade. Só se exije uma condição: as damas, que desejam entrar para ali devem contar mais de vinte e cinco anos. Não se impõe outra clausula.

No *Club Eterno*, um dos seus cem membros ha

de conservar-se permanentemente na séde social. Juram manter-se no seu posto até á morte. Uma noite a casa arde. Os bombeiros vêem-se obrigados a usar da violencia para os arrancar d'ali. Custou a livrar das chammas uma velha, guarda da associação. Os agentes de seguros encontraram milhares de garrafas vazias e de toneis. O *Club Eterno* consumira desde a sua fundação quatrocentas mil garrafas de vinho do Porto, trinta mil barris de cerveja e duzentos toneis de *brandy*. Comprehende-se ante este destroço como os socios se eternizavam nas suas salas.

Proximo do mercado de peixe de Billingsgate, n'um dos bairros mais ruidosos e mais pittorescos de Londres, reunem-se todas as semanas, os membros do *Club dos Rabugentos*: cocheiros, «chauffeurs», marinheiros que se invectivam e injuriam o melhor que podem. A grosseria é de rigor. Basta pronunciar-se uma palavra cortez para que a exclusão não se demore. Outro club ha, de que nem mesmo em inglez se pode transcrever o titulo, que, para se ser expulso de lá é suficiente fazer uso do papel em determinadas condições.

De todos o mais curioso era, sem duvida, o *Suicide's Club*, tão emotivamente descripto no romance de Stevenson *As noites de Hampton Club* e aproveitado pelo theatro Grand-Guignol. N'esse club mysterioso a iniciação era rigorosa. O neophito jurava submetter-se em tudo ás regras da sociedade. Apresentavam-n'o de noite, n'uma sala pouco illuminada.

Assentava-se a uma mesa e principiava a tragica partida ao lado de parceiros desconhecidos. O que perdesse, deixado só alguns minutos, para concentrar o seu espirito, devia em seguida fazer saltar os miolos. Nunca um jogador experimentou mais sacudido frémito. Um era ali de mais. A quem caberia a sorte? Os parceiros jogando essa dramatica partida assemelhavam-se ás mythologicas Parcas fiando e cortando o tenue fio da existencia humana. A divisa dos socios era na verdade: «A morte cura todos os males». Ninguem se filiava ali senão porque estava cansado da vida, o passamento representava para elle um allívio, mas reagia contra a sorte d'outro parceiro mais feliz ou contra o acaso que o condemnava. Ali se patenteava mais uma vez o eterno estado paradoxal da nossa alma. Que partida de sensação! Os olhos sahiam fóra das orbitas, as faces convulsionavam-se, a angustia contrahia os musculos a cada carta voltada; a seguir um horripilante e satanico jubilo quando o azar escolhia outra victima. Que de emoções bem mais indómitas e vehementes que as experimentadas n'um banal lance da roleta ou do *monte!*

A proposito de clubs excentricos, contaram-nos que em Lisboa, quatro amigos pobres, juraram entre si vencer na lucta pela existencia. Cumpriram fielmente o seu juramento. Um é banqueiro, dois occupam um alto logar no funccionalismo, e o quarto vive dos seus rendimentos. Tres casaram ricos. O ultimo uniu-se a uma menina sem bens, mas nem

por isso a felicidade deixou egualmente de lhe sorrir. Poderosa alavanca é a força de vontade quando a boa estrella lhe serve de ponto de apoio!

Voltemos, porém, á *Sociedade do Escandalo* na cidade de Moçambique. Fôra um dos seus socios fundadores o juiz de direito da comarca Dr. Varajão, que deixou n'aquella terra inolvidavel rasto da sua integridade de caracter, espirito de justiça e vestigios producentes de valioso colonizador. Deve considerar-se uma das boas obras da gerencia do governador Francisco Maria da Cunha a creação da Escola de Artes e de Oficios em Moçambique, effectuada em 1877, se não estamos em erro. Dispondo de poucos recursos proprios, assumiu a sua direcção o Dr. Varajão, que lhe imprimiu extraordinario impulso. A receita augmentou, organizaram-se bazares, kermesses, recitas, « matinées » musicaes, tudo quanto pudesse determinar uma vantagem moral e pecuniaria para a instituição.

A Escola instalara-se n'um amplo edificio. Os dormitorios recommendavam-se pela sua amplitude, luz, ventilação e inexcedivel asseio; possuia egualmente um refeitorio hygienico bem dotado. As officinas eram vastas. No edificio funccionavam as de sapateiro e alfaiates. Os alumnos que escolhiam outros officios tyrocinavam no Arsenal, na serralharia, nas machinas a vapor, nas dependencias das Obras publicas, na carpintaria e marcenaria, na typographia da imprensa nacional, etc. Nas aulas um professor ensinava-lhes instrucção primaria, francez, geome-

tria, noções geraes de historia, geographia e principios de phisica. O Dr. Varajão, conhecido o pendor que os indígenas teem para a musica, estabeleceu uma aula de musica e como resultado d'ella formou uma excellente banda. Não precisa de encarecimento tal obra.

Eis quem era o principal socio fundador da *Sociedade do Escandalo*, que iniciara no mesmo

Gaza.—*Corpo de policia*—Secção de infantaria

gremio sua esposa D. Candida Varajão e sua enteada D. Marianna, hoje esposa do general de engenharia Joaquim José Machado. O fim principal de tão inoffensiva associação consistia em divertir-se. Promovia bailes, ceias, *pic-nics*, diversões de toda a especie.

Ser-se governador geral de Moçambique significa alguma coisa mais do que nascer-se tzar de

todas as Russias..., pelo menos assim o julga quem se encontra investido de taes funcções. Nunca o chefe do Estado em Portugal gosou de tão subidas prerogativas. A cerimonia da posse, muito tradicional e carateristica, obedecia a complicada pragmatica. Apenas fundeava no porto o navio que transportava Sua Excellencia, saudava-o as baterias da fortaleza com vinte e um tiros. A bordo ia buscá-lo uma galeota com um estandarte real, tal qual como se fosse um principe de sangue. Durante o trajecto para terra, a marinhagem dos navios de guerra, distribuida pelas vergas, soltava hurrahs e os canhões troavam. Ao desembarcar na ponte, onde o aguardavam as auctoridades militares e civis e povo, ribombava outra salva. Ao entrar na fortaleza de S. Sebastião outra salva, todas de vinte e um tiros. Ali, dirigia-se á capella do patrono da cidade, empunhava o tradicional bastão de capitão-mór, encaminhava-se para a egreja matriz, ouvia um Te-Deum e á noite realizava-se um jantar de gala.

Crêmos que tantos tiros e tantas honras, sob uma temperatura elevadissima, causava perturbações de ordem mental a quem as recebia. O seu cerebro, e principalmente o seu amor proprio, só tornavam a funccionar normalmente quando, de regresso a Lisboa, passava por meio dos outros transeuntes, que nem sequer reparavam na sua alta personalidade. Só então, e não sem custo e pesar, é que entravam de novo no vulgar regaço dos simples mortaes.

Acreditem os leitores que n'esta *blague* o exaggero é pouco e a verdade muita.

Uma vez, presenteiam um governador geral com um crocodilo pequeno, de quinze dias. Sua Excellencia principia a brincar com o animalito. Este ferra-lhe uma irreverente dentada n'um dedo. O chefe da provincia exclama, surprehendido e zangadissimo:

— Ora esta! Pois então o crocodilo não se atreve a morder no governador geral!

Doera-lhe mais a offensa á sua categoria que o dedo a escorrer sangue.

A *Sociedade do Escandalo* abrigava espiritos travessos. O governo enviara uma expedição ao Mocambo para bater uns negreiros. Decorreram dias sem se receber noticias da columna. N'essa altura, ao commissario da armada Seromenho, ao negociante Felix de Oliveira e ao autor d'este livro assaltou a garota idéa de ir para a ponte, de madeira, em frente do palacio de S. Paulo, e ahi, batendo os pés com força no pavimento e simultaneamente com as mãos nas pernas, e dando vozes de commando, fingir que desembarcava uma força importante. O governador geral, no melhor do seu somno, acorda, e, a transpirar, vem á janella, constipa-se e apanha uma febre. O caso ia sendo sério. Por um triz que os autores da brincadeira de lesa-saude governamental não são deportados para Tete.

Os socios da malfeitora associação queriam cear uma noite, e não tinham quê nem onde.

Governava a provincia o então visconde de Paço de Arcos.

— Vamos cear para o palacio — convida o cunhado do governador geral, Castro Monteiro.

— E se o governador sabe? — argumenta um dos *escandalosos.*

— Qual sabe?! A estas horas dorme elle a somno sôlto.

O appetite era intenso, a saude bastante e o aguilhão da esturdia forte. Acceitou-se o alvitre. Entre os convidados encontravam-se varios militares, dos quaes dois ajudantes do governador geral, e meia duzia de civis. Acordou-se o creado china, que pôz a mesa não sem protestos, e começou a ceia. A principio começou-se em silencio, mas á medida que se despejavam os copos desembrulhavam-se as linguas. Meia hora depois a loquacidade portugueza affirmava os seus ruidosos direitos. Elevou-se o diapasão e dentro em pouco aquella sessão da *Sociedade do Escandalo* primava pela bulha ultra escandalosa com que atordoava o silencio palaciano.

De subito descerra-se um reposteiro e emmoldurada por elle surge a figura sympathica e marcial do visconde de Paço de Arcos. Não ficou mais attonito e enleado o celebre D. Juan Tenorio quando a marmorea estatua do commendador desce do seu pedestal e caminha para elle. Os dentes suspenderam o seu funccionamento, as maxilas arquearam-se n'uma distensão enorme, os labios fremiram, a voz

titubeou, os olhos adquiriram o dobro do tamanho. Como impellidos por uma mola poderosissima tudo se levantou, sem excluir o Castro Monteiro, o verdadeiro criminoso da violação da casa alheia a deshoras. Os corações e outros orgãos minguaram até o volume de ervilhas ao meditar nas consequencias da insólita invasão.

Quando o panico immobilizara os commensaes, o visconde adeantou-se até á mesa, ordenou ao china, a tremer como um derviche nas suas dansas religiosas, que lhe enchesse um copo de Madeira, ergueu-o e, no meio de um silencio só comparado ao que reina nas grandes altitudes, entre sério e ironico, disse:

— Bebo, meus senhores, á sua saude, e agradeço-lhes a honra da sua visita. Apenas lastimo que me não tivessem convidado. Talvez se me preporcionasse ensejo de lhes facultar melhor ceia. Continuem á sua vontade... Sómente, rogo-lhes, com menos barulho para não perturbar o somno de minha mulher. A' sua saude!

E acabou de beber o cálice de vinho. Os enleiados commensaes molharam os labios nos seus. Mas cremos que nunca a azeda triaga amargou tanto ao paladar de quaesquer atrapalhadissimas creaturas.

O folião episodio não se assanhou com consequencia de nenhuma especie. O governador geral ria com boa vontade ao recordar-se das physionomias que se lhe depararam no momento da sua apparição.

O conde de Paço d'Arcos deixou na marinha uma bella tradicção da sua pericia como official e da sua cortezia e habilidade como diplomata. A canhoneira *Zarco* deslocava algumas centenas de toneladas, possuia duas ou tres peças e o seu valor militar reduzia-se a uma importancia minima. Mas Paço de Arcos, seu commandante, transformou o navio n'um modêlo de asseio e de disciplina. Em viagem para a estação de Moçambique fundeou em Malta. O porto coalhava-se de embarcações e avultavam entre ellas os couraçados da esquadra ingleza sob o commando do duque de Edinburgo, filho da rainha Victoria. Este, pela sua alta posição, não visitava nenhum navio. Pois o conde de Paço de Arcos conseguiu que elle fosse a bordo do seu, distincção que muito admirou os commandantes dos outros barcos.

O conde de Paço de Arcos, como Vasco Guedes, como outros governadores, ostentavam um guarda-roupa bem fornecido de uniformes de fantasia. Havia de tudo: desde a farda recamada de alamares de oiro de coronel de guias da Imperatriz Eugenia até ao casaco branco de general austríaco. Nos actos solemnes, porém, só vestia o seu fardamento de capitão de mar e guerra.

Houve uma época, quando as potencias decidiram repartir a Africa a seu bello talante, que as esquadras italiana, franceza, ingleza e alleman aportavam com extrema frequencia a Moçambique. Quando da primeira vez ali se dirigiu a alleman, o

ministerio da marinha preveniu o conde de Paço d'Arcos que recebesse com especial deferencia o seu almirante, cujo nome nos não acode, mas um dos mais illustres d'aquella nação. Quantos officiaes, usavam o vistoso uniforme de commissão, quantos receberam ordem para o acompanhar na visita a bordo do almirante allemão apenas ancorasse.

A esquadra alleman demanda a barra, entra, lança ferro, salva á terra e ao mar, o mar e terra correspondem tiro a tiro, vinte e um, o almirante allemão desembarca, cumprimenta o governador, e este, meia hora depois, na galeota, dirige-se para o navio chefe, acompanhado do seu numeroso estado maior. Atraca-se, sobe-se a escada, entra-se pelo portaló e o conde de Paço de Arcos, á frente, e os seus officiaes á retaguarda, impecavelmente alinhados e perfilados, n'um movimento aperfeiçoadissimo de relojoaria, voltam as cabeças para a pôpa, para o penol, onde fluctua a bandeira militar da Allemanha, e em tres tempos, simultaneos, uniformes, mathematicos, de rigorosa cadencia, tiram os chapéos armados, saúdam o pavilhão e arrastam as plumas brancas e encarnadas pelo convez.

O almirante allemão, homem baixo e de aspecto pouco bellicoso, extremosissimo por um jardim, em vasos, que cultivava em frente da sua camara, confessou que nunca, nem no seu paiz, nem fóra d'elle, ninguem lhe cumprimentara tão marcialmente a sua bandeira. O ensaiador era bom, os artistas honraram a sua pericia.

O almirante da esquadra ingleza, *Sir* R..., mais tarde commandante d'outra, poderosissima, que veio a Lisboa n'uma amistosa commissão official, conhecera o conde de Paço de Arcos n'uma das suas viagens. Todas as noites jogava o *bridge* no palacio, manifestando durante as partidas a mais devotada attenção por um vinho do Porto especial, da lavra particular do sôgro do chefe da provincia. De ora em quando, para descer os dois patins do palacio de S. Paulo, na linha estrictamente vertical, precisava de que o seu ajudante, seu parente e filho segundo de Lord F..., e um dos ajudantes do governador o escórassem com valentia. Mas, de tal modo se impõe a força da disciplina, que, apenas *Sir* R... chegava á extremidade da ponte, onde o aguardava um *midshipmen*, commandante do escaler a vapor, se dissipavam immediatamente todos os fluidos agglomerados no seu cerebro, produzidos pela duzia de calices que saboreára como verdadeiro amador que era. Não parecia o mesmo homem. Aprumava-se, correspondia á continencia do seu subordinado com o gesto entre severo e affavel dos que sabem mandar, descia lesto como uma andorinha os dez ou doze degraus que a maré deixava a descoberto e saltava para a embarcação com a agilidade de um grumete.

Guardava o palacio de S. Paulo uma força indígena, mas fardada á européa, de sargento. Uma manhan o conde de Paço de Arcos regressava, com o ajudante, de uma visita ao hospital militar, quando

ambos desembocam, do lado da alfandega, muito proximo da sentinella. O preto, bisonho, fica perplexo, atrapalhadissimo. Quer cumprir com as disposições regulamentares e ao mesmo tempo prevenir os camaradas de quem vinha ali. Então, muito enleado, em vez de soltar o brado de: «Ás armas!»

Asiaticos residentes em Moçambique com os seus trajes caracteristicos

designado pela Ordenança, grita, com toda a força dos seus rijissimos pulmões:

— Oh! governadô... ô... ôr!

Para concluir sobre a *Sociedade do Escandalo*, accrescentaremos que os iniciados usavam entre si a linguagem symbolica das medievas lojas maçonicas. Beber era um «trabalho», os copos designavam-se

por «niveis», etc., etc. e os irmãos conheciam-se pelo estribilho: «Não somos nada!»

Uma noite, n'um sarau offerecido pelo governador interino, Augusto Cesar Sarmento, o director do correio, um indio, muito intelligente, poeta de merecimento, e bom rapaz, José Pedro da Silva Campos e Oliveira, munido de uma farta e luzidia cabelleira como a quasi totalidade dos seus conterraneos, tinha por *vis-à vis*, n'uma quadrilha, o gerente da succursal do Banco Ultramarino José Maria dos Santos, que não possuia na calva vermelha e lustrosa um unico fio capilar a projectar sombra n'aquelle Saharà osseo o que não o impedia de ser um conquistador terrivel. José Pedro, que percebera andar o banqueiro galanteando o seu par, mette os dedos pela basta trunfa, saccode-a como o leão faz á juba, e na pausa de uma para outra marca, propõe:

— Oh! snr. Santos, faça lá como eu.

Foi cerrada a descarga das gargalhadas.

D'outra occasião tambem, n'um jantar official no palacio, o governador geral quiz mostrar a sua destreza a trinchar um perú. De tal modo se houve que, ao cortar uma das pernas do duro gallinaceo, esta saltou e foi cahir no seio de uma das commensaes, M.me T... O infeliz trinchador, afflicto, desfaz-se em desculpas, e, agarrando n'um guardanapo, apressa-se muito sollicito a limpar o peito da dama, muito decotada, e que embora de edade, não era para desprezar.

Nunca se soube ao certo se o espontaneo movi-

mento do chefe da provincia obedecera a uma natural manifestação de cortezia, ainda que inconveniente, se a um desbragado gesto de libertinagem, como o fazia desconfiar o olhar irado do marido da dama e as pupillas a faiscarem ciumes da mulher do governador geral.

Ao commissario da armada Seromenho, a que já nos referimos, pediram-lhe uma noite, no palacio, para recitar poesias, o que elle fazia com muito relêvo. Escolheu Seromenho um trecho do *D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro. Tudo emmudeceu na sala. Principia o travesso declamador o dialogo entre D. Martinho de Aguilar, e o alcaide, quando chega a meio modifica:

. . . .

El-rei de Castela é nobre,
não manda insultar um velho;
pode mandá-lo ser pobre,
mettê-lo n'uma masmorra;
mata-lo á mingua de pão,
mas mandar que um pae lhe entregue
o proprio filho?... ah!... isso!... Não.

O silencio tornara-se sepulcral. Quando se ouviu a palavra *não,* todos soltaram um suspiro de allivio. Seromenho não voltou a ser convidado para os saraus do palacio. Errava descabelladamente os versos.

O negociante Felix de Oliveira possuia uma macaca, popularissima na cidade de Moçambique. Confirmava esse animal em absoluto, tão intelligente era, a crença dos pretos: « de que os macacos não falam para que os brancos não os obriguem a trabalhar ». Contam-se por centenas as suas engraçadissimas partidas. Pela manhan, quando os *monhés* (mouros) abriam os estabelecimentos, e, em bacias de cara, expunham á venda tâmaras, assucar, etc., ella formava um pulo para dentro do estabelecimento, o logista fugia espavorido, e a macaca roubava o que melhor lhe parecia. Quando lhe appetecia peixe, caminhava surrateira atraz de qualquer preta vendedora do genero, puxava-lhe de manso pela *capulana* (pano enrolado em tôrno da cintura), a peixeira virava-se, assustada, em geral deixava cahir a redonda celha de madeira, o que proporcionava abundante pasto á simiana creatura.

Se lhe appetecia passear de machila, saltava para cima da cana do vehiculo, a meio, onde os braços dos carregadores não podiam attingí-la, e assim se deixava ir até ouvir as pancadas caracteristicas para parar, momento em que pulava de novo para o chão e se punha ao abrigo da revindita dos negros. As queixas succediam-se. O dono prendia-a. O animal achava sempre meio de se soltar. Zangado, Felix de Oliveira mandou fazer-lhe no Arsenal um cinto de cobre. Suppoz, com este expediente, mantê-la segura. Pois a macaca tanto roçou o cinto de cobre por uma humbreira de pe-

dra, que conseguiu libertar-se, e, como n'esse dia o dono mandara collocar um mosquiteiro novo na cama, ella subiu para as vigas do tecto, a descoberto por causa do *muchem,* (formiga branca que roe a mais solida madeira) e de lá, deixando-se cahir, pôz em retalhos a cassa ida ha pouco da loja: parecia um d'aquelles apparelhos dos circos equestres sobre as tiras do qual evolucionam as *écuyères.* Procedia á mesma devastadora tarefa nas *capulanas* dos pretos da alfandega, quando estes as penduravam no copado baóbá, existente em frente do edificio, e que ella se sentia offendida por os trabalhadores a enxotarem.

A mais cara das suas proezas consistiu no seguinte: O asiatico Latif Khan, um dos mais ricos negociantes da cidade, vendia sellos de recibo. Como ali a humidade é muita, os sellos tinham adherido uns aos outros. Então Latif, com muita cautela, molhou-os, despegou-os com paciencia e pô-los em seguida a seccar na varanda do primeiro andar. A macaca viu aquelles papelinhos multicôres e produziu-lhe o caso uma grande confusão. Quiz examinar de perto os extranhos objectos. Trepou á janella e contemplava-os com accentuado respeito, quando alguem preveniu o negociante da occorrencia. Este, indignadissimo, lembra-se de lhe atirar pedras. Melindrada, a macaca, com tão insólito desacato, ella, que até ahi se mantivera absolutamente inoffensiva, agarrou nos sellos e com um riso de escarneo estampado no

zombeteiro focinho, rasgou tudo em pedaços microscopicos. Não escapou um.

A graça custou ao dono para cima de sessenta mil reis. Tomou este uma resolução energica. Offereceu-a ao, n'essa occasião, guarda-marinha Seabra, commandante do vapor *Quelimane*. Este, terminado o tyrocinio, transitou para a corveta *Rainha de Portugal*, afim de regressar a Lisboa. Commandava este ultimo navio o capitão de mar e guerra Celestino da Silva, que tão brioso nome legou á nossa marinha, e que n'esse final de estação só possuia um unico bonné do uniforme. Pois a insubordinada macaca, sem nenhum respeito pela disciplina, entra na camara sem pedir a necessaria licença, o official sacode-a, e ella, que nunca perdoava enxovalhos, pega no isolado bonné e safa-se para a mastreação. A marinhagem persegue-a, tornam-n'a alvo de uma verdadeira caçada, mas debalde. Foi preciso deixá-la em socego, em vista da ameaça nitidamente desenhada, de dilacerar em bocadinhos ou atirar ao mar esse complemento indispensavel do uniforme. Com esta derradeira travessura perdemos-lhe o rasto.

Os musulmanos, como é sabido, só entram descalços nas suas mesquitas. Ao penetrar no templo deixam as chinellas, de ponta revirada, á porta. N'uma noite em que a lua nova bordava no diáphano e azul firmamento o seu argenteo crescente, Jacques Rafael da Cunha, filho e ajudante do governador geral Cunha, secundado por outros de egual edade e identica gaiatice, planearam atirar com todo

*

aquelle calçado, mais de cem pares, e que significava a independencia de um sapateiro, ao mar.

Emquanto os negociantes, prosélytos de Mahomet, cumpriam os deveres do alcorão e davam balanço ás boas ou más obras lançadas no *Siddjin* (o livro das acções); rojando-se e orando para que o Propheta os encaminhasse para a *Tirdus Djennet*, mansão dos bemaventurados, sem paragem no *araf* ou purgatorio; arrependendo-se contrictos de algumas preteritas *pielas* que os podiam lançar eternamente no *el Sakar* ou *al Hotama*, inferno onde ardem como cisco, estoiram de sede ou são aboborados em agua e sal, como medida de jejum; preces entoadas com inflexões mais roufenhas e ásperas que as *peteneras* andaluzas garganteadas por uma cigana velha, as chinellas vogavam á mercê da corrente como gondolas venezianas aromatizadas de perfume muito especial.

Houve uma queixa em fórma. A policia procedeu a um rigoroso inquerito, mas nada se apurou.

... Se o principal criminoso era filho do governador...

IV

Presidiarios e «conquistadores»

Santidade mundial—Fortaleza de S. Sebastião—General Neves— Masmorras de outras épocas—Miseria humana—Dôr de mãe—Mais escolas e menos presidios—Historia de um degredado—A génese do crime—Remorsos e saudades—A fanação e o *muali*—Vestigios de uma cerimonia pagan—Desproporção de sexos—Cúmulo da dissimulação—Amor conjugal—Um leque eloquente—Sobresalto nocturno—«Quimalanca» ardilosa.

Defendiam a ilha de Moçambique tres fortificações, todas mais ou menos de systema Vauban. Duas, insignificantes, eram, na ponta da ilha, n'um ilhéo, o forte de S. Lourenço, e, meio da costa sudoeste, o fortim de Santo Antonio. Venerava-se ali uma imagem d'este santo, de tal fama nos seus milagres, que europeus, africanos e asiaticos, de todas as castas, religiões, seitas, dogmas e confissões, todos iam ali implorar a sua propícia influencia nos negocios, nas contrariedades, nos desgostos, nas angustias. Os observantes das doutrinas mais escrupulosas e severas, esses mesmos evocavam a intervenção do christianissimo santo junto de Christo, de Vichnu, de Diva, de Kali, de Budha, de Mahomet, de Tilo (di-

vindade dos negros) etc., etc. Ninguem nos soube explicar o motivo de tão arreigada crença. Nunca o santo lisboeta gosou de tanta popularidade e fé entre os seus mais fervorosos devotos alfacinhas.

Na ponta nordeste da ilha erguia-se a fortaleza de S. Sebastião, ampla, solidamente construida, de magnifica cantaria, com quatro baluartes, muitas cortinas e caminhos cobertos. Nas suas muralhas jogaram cem canhões de bronze. Ali se aquartelavam tres batalhões e o deposito de degredados. Dispunha de cómmodas moradías para officiaes, dependencias de toda a especie e cisternas que forneciam agua para a quasi totalidade da população européa da ilha. Assegura a lenda que toda a cantaria fôra, ao tempo da construcção, apparelhada do reino, pois não se conhecem pedreiras até alguns dias de viagem. Surprehende calcular quantos navios deveriam empregar-se n'aquelle transporte. Em 1903 uma terrivel explosão no paiol da polvora arrazou-a em grande parte, matando e ferindo muita gente.

Em 1880 commandava esta praça de guerra o general de brigadá reformado, Amilcar Barcinio Neves, caracter de apparente severidade, mas possuidor de um espirito culto, generoso e de uma bondade inexcedivel. Militar cheio de brio, o seu coração abrigava todos os sentimentos justos e levantados de que um homem se pode orgulhar. Paz á sua alma pelo muito que soffreu physica e moralmente e pelo muito bem que derramou em volta de si.

Nas diversas prisões da fortaleza agglomeravam-se trezentos e tantos degredados. Viver dentro da praça era, em certas circumstancias, presenciar varios capitulos de um romance de Ponson du Terrail, pelo seu lado tetrico e horrivel. Quantas scenas e dramas se desenrolavam ali ou achavam n'essas masmorras o seu triste desenlace!

Ao rez do chão, ladeiam a vasta parada ergastulos abobadados. As paredes ennegrecem-se pelos seculos e pelo fumo. As janellas e portas gradeadas, sem nenhum resguardo pela parte de dentro, patenteiam o interior a todas as intemperies. A servir de camas, na tarimba de puido azeviche, desdobram-se umas tabucas e esteiras. Á noite, da abobada pende um lampeão. Os varões projectam-se nas meias sombras e tomam proporções fantasticas. Assemelham-se a sentinellas gigantescas. Como que espiam o menor movimento dos reclusos, a perscrutar o mais íntimo dos seus pensamentos. Quatro ou cinco dezenas de homens amontoam-se ao acaso, com pouco logar para se mover, esfarrapados, meios nús, palidos pela doença, sombríos pelo exilio. Em muitos descobre-se a ruga bem cavada do remorso e do desespero. Quando as trevas invadem, quasi de todo, o cárcere, deitam-se em cogulo, unindo-se, sobrepondo-se até. Perdem por assim dizer a fórma humana. Lembram a crápula e a lama que, arrastada por forte corrente, se accumula e estaca no fundo de um vasadouro.

Encontram-se ahi representantes de todas as

raças. Ali está o europeu febril e taciturno, pensando de dia na sua terra, no seu trabalho abandonado e sonhando á noite com a familia, com a mulher que ama, nos filhos e na liberdade perdida. N'outra banda espreguiça-se o preto indolente, de feições boçaes, repugnante, a saborear o que mais ambiciona—o descanso—; não se lhe descobre nas linhas do rosto uma insignificante demonstração de pesar ou soffrimento. Para além engelha-se o indio, acreditando sempre no fatalismo, estoico e impassivel, encarando a punição como um mandato do seu Budha, Vichnu ou Siva; conserva-se, em geral, acocorado, e n'essa posição passa dias, com o olhar vago, incerto, apathico, com a imbecilidade estampada no semblante. Acolá, o arabe, sereno e altivo, afasta-se o possivel de qualquer contacto, isola-se de todas as outras castas, fuma tranquillamente e apparenta uma resignação e altivez que os companheiros respeitam e invejam. Tudo isto se mistura e atropella, tudo se confunde e vegeta.

Chumba-se á perna de todos estes desgraçados uma braga e uma corrente de ferro rebitada a ella. Ha alguns — nem sempre os mais criminosos—que andam presos dois a dois. Esses desventurados, que não se conhecem, que podem ter genios diversos, possuir vontades differentes, que podem mesmo odiar-se, estão fatalmente ligados por annos e muitos eternamente. A menor acção de um é espiada pelo outro. Não pode chorar nem padecer que o companheiro o não ouça, não se commova ou não o escar-

neça. Pelas horas mortas, quando tudo é silencio, as grilhetas retinem umas de encontro ás outras n'um concerto infernal. Não deixam esquecer nem mesmo no somno, agitado e tormentoso, o aviltamento permanente e a escravidão ao remorso. Quando os desditosos sahem, em serviço, são apontados e esmagados pelo desprezo inspirado pelo estigma infamante que trazem na perna.

Que sinistro casamento!

Após uma insubordinação entre esses degredados, quem isto escreve, estando de serviço, julgou do seu dever, para dar o exemplo á força e aos condestaveis (carcereiros) um tanto amedrontados, de se encerrar dentro de uma d'essas masmorras e lá passar a noite. É o mais ao vivo possivel que colheu as impressões agora transmittidas ao leitor.

Que de pensamentos lhe suggeriram essas horas ali passadas! Que dôr sentirá uma mãe quando se informar do que lhe fazem ao filho! Quantos soffrimentos para elle nascer, quantos carinhos na sua infancia, quantos cuidados na sua mocidade, quantos sacrificios para os educar, e, mais tarde, como recompensa, sabê-lo com uma corrente ao pé ou que o massacraram com uma chibata até com frequencia o matar.

Na época a que nos referimos, por qualquer falta mais avultada, formavam os corpos da guarnição, e, constituido o quadrado, as varas punham-lhes as costas em sangue.

A ultima vez que tal castigo se realizou, em

Moçambique. foi em novembro de 1879. O degredado, José da Cal, assassinou com vinte e oito facadas, o chefe dos condestaveis da praça. O governador geral Francisco Maria da Cunha, depois de preso o assassino, cuja captura foi trabalhosa, mandou-o chibatar. O medico de serviço, como não mantinha bôas relações com o chefe da provincia, só consentiu que o paciente levasse duzentas e tantas varadas. A politica apossou-se do incidente nas Camaras e o governo exonerou o seu delegado em Moçambique.

Por aquelles tempos, e ainda hoje, o tão citado facho da liberdade precisava irradiar para aquellas paragens algumas scentelhas dos seus raios, quebrar algemas e correntes, expulsar a oppressão, levantar o homem ao nivel de ser pensante. Quando o progresso caminha, quando a regeneração se impõe, quando a egualdade tende a implantar-se e diligencía fazer respeitar os seus decretos pela força do raciocinio e da sensatez, não é coherente praticarem-se certos actos. Quantos assassinos, quantos criminosos, o são, na realidade, pela falta absoluta da cultura do espirito? Quantos sentimentos dignos são vencidos pela ferocidade da estupidez?

A escola e a bibliotheca demolem muita cadeia. A frontaria singella de uma casa de educação diminue sensivelmente as verbas destinadas aos presidios. Presentemente ainda é uma utopia querer transformar o tribunal em sanctuario e o juiz em sacerdote, converter a enxovia em aula e o carce-

reiro em mestre, mudar as algemas em livros e os instrumentos de morte em utensilios de vida, inocular a convicção de que o trabalho é o primeiro evangelho do Dever. No entanto, o que a boa philosophia verbera como irracional e absurdo é remediar violencias com violencias. Punir um crime com ou-

Quelimane. - Rua de S. Domingos em 1884

tro crime, determina um resultado contrario ao fim em vista.

Um degredado a quem conhecemos de mais perto tinha uma alma bem conformada. Gosava de certas garantias no povoado e adquirira uma tal ou qual instrucção. Uma tarde contou-me a sua historia. Era simples e curta.

— Olhe, senhor — disse-me elle, — o degredado na legislação portugueza é um pária, um engeitado da lei.

— Não ha duvida — respondemos-lhe.

— A minha infancia foi a da lebre no monte, descuidada, nómada como a de um beduino, autónoma. Meus paes nunca souberam ler; eu nunca fui á escola. Criei-me, desenvolvendo-se-me sem educação os bons e maus instinctos. Nunca ninguem me encaminhou na estrada da vida. Nunca me discriminaram o mal do bem, fazendo-me conhecer as vantagens de um e as consequencias funestas do outro. Tinha muito amor de minha mãe e muito abandono de meu pae.

— Acontece isso com frequencia.

— Cresci e amei uma mulher. No campo são simples e pouco demoradas as relações entre duas almas. No fim de um anno experimentei um sentimento exquisito, indefinivel. Revelou-se em mim uma nova época, abriram-se-me outros horizontes. Como que adquirira forças gigantescas e os meus nervos vibravam de estranha maneira. Era pae.

— Um incentivo poderoso.

— Era um pobre rachador de lenha, mas o meu diminuto salario satisfazia-me todas as ambições. A minha choupana significava o ninho risonho onde escondia as mais íntimas alegrias.

— Até ahi vamos bem.

— Fui um dia á cidade e, desde que transpuz as barreiras, a minha sensibilidade não encontrava já

forças para supportar mais choques. O bulicio das ruas, a ostentação dos palacios, o perpassar contínuo das carruagens, o fausto das librés, o caracolear dos cavallos, o esplendido luxo das damas, emfim todo esse redemoinhar incessante da cidade girava vertiginosamente no meu cerebro. Era um embate de impressões que se atropellavam e debatiam em lucta constante.

— A novidade...

— Caminhava aturdido no meio da opulencia. Olhava desvairado para tantas riquezas. Ora parava estupefacto deante de um soberbo edificio, ora corria louco atraz de uma d'essas mulheres que arrastam sedas na lama, inutilizando n'uma hora o correspondente ao fructo do meu suor de muitos annos.

— O mundo é assim.

— Córei de indignação quando quiz entrar n'um d'esses estabelecimentos de vistoso aspecto para comprar uma pobre chita para a minha companheira e fui despedido com olhares ironicos e sorrisos desdenhosos. Essas mulheres que estavam comprando — sabe Deus á custa de quantas baixezas?! — o luxo saciador da sua leviana vaidade, olhavam-me de cima dos seus velludos murmurando com um ar de escarneo: «que miseravel!»

— Não é tanto assim, homem!

— Sahi d'ali dolorosamente impressionado. Eu, que possuia a intuição da egualdade social, fiquei atrozmente desilludido pela sua superioridade do

oiro. O que pensei n'essa noite, a tempestade surda que me rugia na cabeça, a febre de pensamentos que me tumultuavam na imaginação era horrivel. O delirio apossára-se de mim: desfilàvam como um cosmorama todos esses quadros que me exaltavam.

— É preciso não dar credito á imaginação.

— Eu, infelizmente, dei. Passados dias... roubava!... Mezes depois era um... degredado.

— Tristes consequencias de uma cabeça mal orientada.

— O que mais me custam são as noites — não dormidas — em que a insomnia aqui me tortura. Só se ouve o rouquejar de somnos agitados e sente-se como um abalo violento produzido por essa poderosa pilha — a consciencia. Para não faltar um unico instrumento n'este concerto infernal, as grilhetas retinem umas de encontro ás outras para não deixar esquecer, nem mesmo a dormir, o aviltamento permanente e a escravidão ao remorso. O som d'ellas é como o cascalhar de uma gargalhada satânica que o crime nos cospe na alma.

— Effeitos tambem da febre.

— Não, senhor; não é só a febre. A luz bruxuleante pelo vento abrazado e zumbidor, produz uma claridade intermitente que, reflectindo-se nas manchas salitrosas da abobada, cria fórmas bizarras. Ora nos desenha ás faiscas o punhal ensanguentado do assassino, ora brilha e se some a gazua aviltante do ladrão!

Ao pobre homem accommetteu-o um accesso de lagrimas, e depois continuou:

— Que noites, meu Deus! Que horror este antro! E depois sempre uma idéa a perseguir-me, sempre uma lembrança que me não larga! Oh! bom Deus! Deus de misericordia! Affasta para sempre essa tenaz incandescente que me esbrazeia a testa, ordena que estas sombras que redemoinham em volta de mim, n'um circulo delirante, se retirem, faz com que eu mais não soffra o supplicio atroz de combater o somno para que a voragem dos remorsos me não absorva o socego!

— Socegue, descanse, a sua pena não é eterna. Breve será livre e irá para o meio dos seus — consolámo-lo nós, afim de serenar aquella pungente crise.

— Oh! mãe! oh! meus filhos! oh! esposa! Que tortura esta! Eu tenho um ente que é meigo e terno, que é meu, que não pensa senão em mim, que não observa outra religião que não seja o meu amor, que não conhece sacrificio que por mim não faça; que cada lagrima representa uma saudade, que cada suspiro significa o desejo ardente de me abraçar. Eu possuo umas cabeças louras que se illuminam de innocencia e candura, que descerram os labios n'um sorriso de anjo, que ao balbuciar a primeira palavra proferem a custo *pae*, que choram inconscientemente quando a mãe as innunda com o pranto que sae em fluxos abundantes dos seus olhos vermelhos...

— Tudo isso ha de tornar a vêr, creia.

— Recordo as cans de uma cabeça de martyr que não conhece outra alegria que não seja a oração fervorosa pelo filho. Oh! minha mãe! Que castigo padeces por mim! A decrepitude da tua velhice causei-t'a eu; a tremura d'esses membros que se prostram na prece é originada por mim; os sulcos da face em que as lagrimas cavaram um leito, fui eu o autor.

— Todas essas dôres actuaes hão-de encontrar a sua compensação no futuro.

— Mas, fatalidade! — proseguiu o condemnado n'um afflictivo tom de desalento, — Quem sabe se essa esposa terá coragem, sabendo-me deshonrado, para arrostar com o desprezo do mundo?! Quem sabe se, vendo o meu nome aviltado, não procuraria esquecer nos braços d'outro o opprobrio que lhe leguei?! Quem me affirma que a ausencia não quebrante a firmeza d'aquella paixão!

— Arrede os pensamentos tristes.

— E os filhos?! Os filhos?!... Oh! mortal descrença. Disporão de valor para amar o pae que lhes poluiu o nome?.... Guardarão para mim uma pequena parcella da sua affeição?... Não repellirão o meu nome e a minha estima como uma nodoa que manchará a sua vida?!... Oh! estas suggestões são peores do que todos os tormentos do inferno!...

— Não seja pessimista.

— E tu, minha mãe?... Tu, não!... Quando todos me repellirem, quando a esposa me vender e

os filhos me renegarem, tu, onde melhor possas ser ouvida, bradarás com voz trémula, mas vibrante: « Eu sou a mãe do degredado! »

Este infeliz nunca se pôde conformar com a sua sorte. Em compensação, para outros, como explicamos n'um capitulo anterior, o degredo converteu-se para elles em farto manancial de riquezas e felicidades.

Arredemos as coisas tristes.

— Não queres assistir a um *mualí?* — pergunta-n'os uma vez um camarada nosso.

— O que é o *mualí?* — interroguei.

— Uma cerimonia que se contrapõe á da *fanação* — responderam-me.

— Explica as duas para não perdermos tempo — solicitei.

— Como sabes, a maioria dos pretos macúas, da região macuana do continente fronteiro á ilha de Moçambique, segue o mahometismo. Quando chegam á edade propria são circumcidados. Reunem-se todos n'uma palhota grande ou n'um cercado, e ahi um *mésinheiro*, em geral pouco habil, procede á operação, de modo rude, com um instrumento grosseiro, de fórma que ha bastantes rapazes victimas da impericia do improvisado cirurgião. O que entre os judeus é feito quando recemnascidos, só se realiza em Moçambique depois de adultos. D'ahi o motivo de muitos succumbirem — informou o nosso interlocutor.

Fômos dias depois assistir ao tal *mualí*. Subor-

nada uma preta velha com algumas rupias, pudemos, occultos n'um caniçado, assistir á solemne cerimonia, absolutamente vedada a qualquer homem.

Bastantes dezenas de raparigas púberes, entre os dez e os doze annos, reuniam-se n'um cerrado. Fóra, algumas cinquentenarias vigiavam cuidadosa-

Chinde. — Uma rua inundada

mente que nenhum olhar de varão profanasse a mystica e pagan solemnidade. A descripção, por escabrosa, não se póde desenvolver. Precisamos reportar-nos aos ritos orgíacos do velho paganismo, evocar as scenas lubricas das bachanaes romanas para se encontrar similar. Completamente núas, essas creanças, que começam a ser mulheres, entregam-se, sem o menor rebuço, ás lições que lhes pro-

porciona uma espécie de *abelha mestra*, perita em todos os pormenores do culto de Venus. É um curso abundante e repetido, exercido o mais praticamente possivel dos complexos e futuros deveres conjugaes.

Aquelles climas incandescem o sangue de maneira atroz. As mulheres brancas são poucas, quasi todas casadas ou acasaladas. Os europeus, n'uma proporção extraordinariamente maior, em geral são novos e pujantes. Este desequilibrio e escassez obriga os mais ousados ou de temperamento mais ardente a caçar na propriedade alheia. A maledicencia e a coscuvilhice augmenta muito o damno feito. Forçoso se torna confessar, no entanto, que não existe fumo sem fogo. Alguns dos conquistadores operam ás escâncaras, outros dotados de genio ardiloso procedem com infinitas precauções.

O negociante J. M. da S., socio da firma M. S. & C.ª, estabelecida em Moçambique com venda de generos alimenticios e outros artigos, gosava da estima de toda a população. Um dia começa a mostrar-se apprehensivo. A tristeza ensombra-lhe a physionomia.

— Que tens? — inquirem de todos os lados os seus numerosos amigos.

— Nada, não tenho nada — respondia o commerciante carregando ainda mais a nota sombria.

— De que soffres, homem, abre-te comnosco — insistiam os íntimos.

Emfim, apertadissimo com perguntas, instado,

*

submettido a um interrogatorio inquisitorial, informou:

— A minha vida acabou, já não posso sentir alegria, nem confiar no futuro...

— Porquê! — explodem de todas as bandas os circumstantes alarmados.

— Assaltou-me uma doença incuravel, que me reduziu, por assim dizer, á qualidade de... eunuco... Vejam a minha desgraça.

Proferiu estas palavras com tal cunho de funda melancolia, resaltava d'ellas tão amarga pena, que todos acreditaram na sua justificada magua e se compadeceram do seu destino. O boato espalhou-se. Ninguem mais o considerou um rival, nenhum marido receou vê-lo com assiduidade junto da consorte. Decorridos mezes, não muitos, corre pela cidade com a rapidez caracteristica das noticias escandalosas, o rumor de que a esposa de um funccionario se deixara raptar pelo negociante J. M. da S.

Tableau!

E com esses dois conjuges, não se podia paraphrasear o dialogo travado entre outros mal avindos, para quem a mulher exclama quando elle lhe entra na alcova ás quatro e meia da madrugada:

— Bonita hora de chegar.

— Bonita hora de estar acordada! — retruca o marido furioso.

— Ha quatro horas que não prégo olho!

— Pois ha tambem quatro horas que espero no Gremio que tu durmas.

Por esse tempo uma dama, e nada feia por signal, patenteava, o mais claro que podia, a sua predilecção por um nobre filho de Marte. Este, não só se não dava por entendido, mas ainda, completamente cego, a escolhia para confidente d'outros seus amores. Uma vez que lhe ouvia confissões, íntimas em demasia, ella, nervosa, irrequieta, como se estivesse sob a acção de uma poderosa pilha electrica, não se podendo conter, quebra trémula e frenetica o bonito leque com que se abanava. D'essa vez o militar das cataractas comprehendeu e escreveu então, a 25 de novembro de 1885, o seguinte soneto:

O LEQUE

De repente... veloz, com gestos desvairados,
Os olhos faiscando estranho, intenso lume,
sem poder comprimir frenetico ciume,
quebrou o pobre leque em mais de mil bocados.

Oh! fragmentos gentis, fieis, idolatrados,
Como eu vos amo agora após esse queixume!
Diz-lhe que quando aspiro á noite o seu perfume,
meus sentidos febris despertam tresloucados.

Seu seio esculptural lança-me no inferno
quando exhala um aroma a rosas ou violetas;
beber seu olhar é beber doce Falerno!

Se vierem da morte as funebres trombetas,
desejo oh! cherubim! como um penhor eterno,
conservar junto ao peito aquellas três varetas.

A ilha de Moçambique, como todas as nossas terras africanas, anda attreita a panicos. De ora em quando espalhavam-se atoardas pessimistas sem nenhum fundamento. Das nove para as dez de uma noite de fevereiro de 1886, a fortaleza de S. Sebastião sobresalta os espiritos da população disparando tres tiros de peça.

— Que é?

— Que foi?

— Que aconteceu?

— É o transporte de guerra *Africa* que encalhou no baixo da Cabaceira.

Várias pessoas correm para a praia e vêem na realidade os pharoes do *Africa*. Signaes feitos de bordo e tiros d'ali disparados mais confirmam haver novidade. As supposições chovem.

— É revolta.

— É fogo a bordo.

— E avaria na machina.

O governador geral, Augusto de Castilho, dirige-se immediatamente á casa franceza Régis, para mandar sahir um vapor d'aquella feitoria, ancorado no porto, com rumo ao sitio do presumido sinistro.

O vapor não se mexe. O chefe da provincia, ancioso e impaciente, encaminha-se para o banco n'uma baleeira, precedido já pelo secretario geral e director do arsenal. Quando chegam á altura da ilha de Goa descobrem o *Africa*, a distancia, a navegar tranquillamente para o norte. Para colherem novas ácêrca do encalhe aportam á ilha perguntando ao

pharoleiro o que succedera. Qual não é, porém, o espanto de todos, quando encontram ali o capitão do porto e o tenente almoxarife Porfirio Afonso!

Explicação do caso. Os dois officiaes, convidados para jantar a bordo do transporte, deixaram se ficar saboreando as delicias da mesa. Fiados na lancha do pratico, prolongaram a conversa. O pratico, porém, que teve receio do mar, embarcou, desatracou e largou-se sem nenhum aviso prévio. Quando se deu pela falta do piloto, o vapor parou e para chamar a embarcação fez os signaes e disparou os tiros que tamanho susto e reboliço causaram na ilha.

A onça, a *leopardus oncia* dos naturalistas, é vulgarissima em toda a Africa, onde, conforme a localidade, os indígenas a chrismam com nomes diversos, *quimalanca*, *quisumba*, etc. Tão astuta como as rapozas da Europa, a sua voracidade inspira-lhe ardis geniaes. Uma vez, no Mossuril, região fronteira á ilha de Moçambique, n'um acampamento ali estabelecido pelo pessoal das Obras publicas para o estudo e construção de estradas, um d'esses felinos entretinha-se a devorar quantas gallinhas por lá existiam. O capitão de cavallaria Eduardo José Lopes, conductor de primeira classe e caçador emérito, resolveu com o colleccionador d'estas reminiscencias, fazer uma espera ao ardiloso animal.

N'uma noite de luar, como só ha na Africa tropical, collocou-se metade de um carneiro em sitio bem visivel. Os caçadores, munidos de magnificas

espingardas inglezas, occultos dentro de uma palhota, do lado contrario ao vento, contendo a respiração, esperavam, de arma engatilhada, attentissimos, a approximação do noctívago. Decorreu a noite sem que a *quimalanca* apparecesse. De manhan clara, sol nado, ainda os vigilantes Nemrods não tinham arredado pé.

Não viera n'aquella noite? O quarto do carneiro sumira-se. Nunca se esclareceu tão inexplicavel mysterio. Ambos juravam não se ter deixado vencer pelo somno.

A realidade, porém, a mais evidente e crua das realidades, é que a onça arrancára do posto a carne, a transportára para o matto e ali se banqueteára á larga, mofando de quem esperava matá-la.

V

Em Lourenço Marques

Secretario do governo de Lourenço Marques — A bahia — A ilha da Inhaca — A entrada da barra — Ponta Vermelha — O pantano — Estuario do Espirito Santo — A fortaleza — Como se enriquece rapidamente — Povoado elementar — Quadro pouco lisongeiro — Um teimoso — Artilheiros improvisados — Presente e futuro — As obras publicas — Vassalagem — Um governador avis rara — Licção bem applicada — População e commercio — Industrias — Meios de communicação — Serviços publicos — Parocos e missionarios — Um juiz comico — Moralidade — Anecdotas

Em meados de 1880, o ministro da marinha, querendo dar uma publica demonstração de quanto apreciava os serviços prestados pelo conde de Paço de Arcos, em Moçambique, transferiu-o para o governo da India, cargo que marcava o zenith da carreira administrativa no Ultramar. Nas vesperas do embarque, após palavras de immerecido elogio, perguntou-nos:

— Que prefere, ser nomeado consul em Nossi-Bé, ou secretario do governo do districto de Lourenço Marques?

O governo creára de novo o cargo de consul em Helleville, capital do Nossi-Bé, ilha franceza situada

no canal de Moçambique, para fiscalizar a emigração dos indígenas que então para ali se dirigia em copiosa escala. O logar de secretario do districto de Lourenço Marques era, como sempre foi, não só um dos mais importantes da provincia, mas até ahi dos mais rendosos. Agradeci, muito penhorado, ao governador geral mais essa prova de estima, e optei pelo ultimo.

— Escolheste o logar de secretario do governo de Lourenço Marques?! Fizeste mal. O governador do districto propôz outro, o capitão Serra. Verás, não te dá posse. É uma féra.

Assim nos desanimavam alguns dos nossos camaradas e amigos. Mas, nós que somos, por natureza e por educação, obstinados, embora no íntimo um tanto apprehensivos, não desistimos. Partimos para Lourenço Marques.

Quem hoje contempla e admira a esplendida cidade de Lourenço Marques, destinada a ser dentro em pouco a mais bella de toda a Africa do Sul, sem excluir Capetown ou Johannesburgo, não imagina o que era ha trinta e tres anos o *Presidio,* como lhe chamavam as estações officiaes e os moradores brancos, e a *Chilonguine,* como a denominavam os pretos das tríbus landinas e vátuas espalhadas desde a margem direita do rio Zambeze até os confins da Zululandia.

A vastissima bahia, a maior de toda a Africa, recurva-se n'um seguro ancoradouro que pode abrigar todas as esquadras das potencias maritimas e

milhares de navios de todas as praças commerciaes do Universo. A primeira terra que se avista quando se navega do norte é a ponta da Inhaca, ilha a sudoeste de Lourenço Marques, com algumas milhas de extensão. Alta, arenosa, erguida em escarpa, na parte virada ao norte e bahia, habitavam-n'a amatongas governados por uma pseudo rainha. Esta e os subditos prestavam vassallagem ao regulo do Maputo, de quem soffriam continuos vexames.

A occupação da ilha, por nós, custára-nos alguns desaires, e com difficuldade o governador do districto, Augusto de Castilho, a quem os negros designavam pelo *Lixenha,* conseguiu que as Obras Publicas ali edificassem um quartel, destinado a conter um destacamento de subalterno. Que irrisão a d'essa força! Vinte soldados, pretos, compellidos a servir, sem nenhuma instrucção, sem conhecer o manejo de armas, suggestionados quasi sempre pela idéa de fugirem para os campos de oiro do Transvaal, para onde, ás vezes, desertavam em massa, constituiam mais uma permanente ameaça para quem os commandava que um elemento de segurança, defesa ou dominio. O official, que se sacrificava a ir para ali, economizava o seu soldo e o subsidio de residencia á força, pois não tinha onde gastar dinheiro. Entretinha-se a pescar, a salgar o producto da pesca, que algumas vezes vendia por não o poder consumir todo. Ali se construiu mais tarde um pharol, indispensavel á navegação, após muitas diligencias diplomaticas junto da *côrte* da rainha Zambile ou Zambia,

regente em nome de seu filho Ingoanazi, então poderoso regulo do Maputo.

Para além da Inhaca avista-se a ilha dos Elephantes, n'essa época deshabitada. Eleva-se ali uma balisa pintada de branco, que servia para o enfiamento da barra e passagem das embarcações.

Lourenço Marques. — Trabalhos do porto

D'aquelle lado estende-se a terra baixa pertencente ao Maputo, a qual, depois de uma certa faixa, se abre para dar vasão ao rio do mesmo nome. Da margem esquerda do rio o terreno sobe n'um declive suave, até chegar á ponta da Catembe. Ahi, alvejam duas balisas, para indicar de egual fórma o eixo da barra.

Do lado direito da bahia, para quem entra, prolonga-se a costa, mas tão distante que, da Inhaca, não se divisa, senão já proxima, a foz do rio da Magaia ou Incomati. A terra ahi é sempre rasteira. Na foz do rio da Magaia desenha-se uma ilha, a Xefina, escassamente povoada por pescadores, gente do então regulo Mapunga e theatro frequente de morticinios em quadra de guerras e sublevações. Tambem ali se aprumava outra balisa. Da margem direita do rio da Magaia a costa dilata-se por alguns kilometros. Quando chega a Polana, sobe successivamente até formar os alcantis rubros da Ponta Vermelha. Ahi accende-se um pharolim de luz encarnada fixa e um telegrapho semaphorico em communicação com a, n'essa quadra, resumida villa.

Dobra-se a Ponta Vermelha, termina o barro escarlate e principiam as enormes dunas de areia onde o vento aqui e ali abre caprichosas fendas. De repente, depara-se-nos o povoado. Que arido espectaculo comparado com o de hoje! Por meio dos têsos arenosos vincavam-se as paredes de um projectado pharol e em cima os edificios e moradías do que os europeus chamavam o Bairro Alto e os indigenas Tavene. A Ponta Vermelha e da Catembe marcam como que a foz do rio do Espirito Santo, estuario dos cursos de agua designados por Tembe, Umbeluzi e riacho da Matola.

O paquete fundeia em frente de uma tosca e vacilante ponte de madeira. Cansada a vista de fixar a Ponta Vermelha, as dunas, o paiol e o aper-

tado ambito do presidio, desdobra-se um vasto trato de terreno alagado. Era o pântano. Ao fundo, quasi a prumo, accidenta-se o solo e constitue uma planura conhecida pelo Alto do Mahé. Depois o terreno desce e vae ao extremo d'aquella segunda linha cavar o valle do Infulene, em chão inundado e extremamente paludoso. Quando as chuvas se despenham copiosas, engrossam ali em um curso, que toma o pomposo titulo de rio da Matola. Alongam-se ainda os terrenos baixos da Matola, interrompidos pelo rio Umbeluzi e mais adeante pelo Tembe, que tem na sua foz a ilha do Refugio. A ampla curva fecha-se pela margem esquerda do Tembe, nos médos da Catembe, baixos, alagadiços e formando largos pantanos mistos no interior.

A villa, examinada do ancoradouro, offerecia um aspecto pouco agradavel. N'um dos extremos, á direita do observador, branqueava uma casinha pequena, deposito do telegrapho submarino, á distancia de alguns metros as paredes de uma habitação não concluida e depois o que por condescendente euphemismo se costumava chamar fortaleza. Uma parada de trinta metros de lado, circumdada em tres das faces por casernas, arrecadações e mais dependencias, limitava-a, da banda do rio, uma bateria *a barbette,* com oito peças montadas em reparos de campanha. Nenhuma d'ellas se encontrava em estado de fazer fogo sem grave perigo para os artilheiros. Infelizmente não era o primeiro caso desastroso acontecido. Fóra d'este recinto espigava um

mastro para repetir os signaes do posto semaphorico da Ponta Vermelha, e uma casa onde funccionava a secretaría e demais repartições do batalhão de caçadores 4. Este corpo aquartelava-se na fortaleza, onde tambem existia a cadeia, immunda e miseravel enxovia.

Em Lourenço Marques nunca se exerceu o trafico da escravatura, mas n'aquella temporada, olhando para tudo quanto nos rodeava, acudiu-nos o que se dizia a proposito de um colonial conhecido. Partira para a Africa sem cinco reis e retirara d'ali riquissimo, com poucos annos de demora.

— Como conseguiu enriquecer em tão pouco tempo? — interroga um ingenuo.

— Com muita facilidade — respondeu um maldizente, conhecedor dos meios empregados pelo ricaço: — Comprando brancos e vendendo pretos.

Ladeavam a antiga praça *Sete de Março*, as feitorias hollandeza, a franceza Régis, a residencia do governador e algumas moradías particulares. A erva crescia á vontade no meio da praça, em redor vegetavam umas arvores enfezadas e a meio alguns aloés ostentavam as suas flôres amarellas campanuladas. Á beira-mar, a emparelhar com a fortaleza, do outro lado da praça, accumulavam-se as repartições n'um edificio de pavimento terreo, de fantasiosa architectura, com pretensões a estylo entre mourisco e gothico, risco e execução do conductor das Obras Publicas, major Joaquim José Lapa. Ahi se alojavam a secretaría do governo, repartição de

Fazenda, thesouraria, correio, alfandega, etc., anteriormente installadas n'um predio de Thomaz da Fonseca, pela qual se pagava uma renda exorbitante.

Em frente cambaleava a ponte de desembarque, de carcomidos troncos e vigas pôdres. Na maré baixa, não dispensava, os que desembarcavam, de se aproveitar pouco fraternalmente dos hombros dos seus semelhantes de côr escura no trajecto do escaler até á escada, com mais armadilhas e esparrelas, que todas as inventadas por uma geração fecunda de caçadores furtivos.

Á direita das repartições publicas azulavam-se os armazens da alfandega, armados com zinco e de tão ampla capacidade, que a maioria das mercadorias escalonavam-se pela praia. Por traz d'esses armazens sobranceava outro de alvenaria. Defronte desdobrava-se o terrapleno atulhado pela direcção do caminho de ferro para n'elle se assentar a linha. Confinava-o um muro de supporte resguardado por estacaria.

Cingia a villa, de uma a outra extremidade, um muro de dois metros de altura, quebrado aqui e ali por cinco baluartes. N'alguns d'estes assestavam-se uns canhões, que nem para espantalhos de pardaes serviam, montados em carretas, onde os annos e as intemperies tinham inscripto os indeleveis e provectos traços da sua acção. Em redor, dispersas pelo taboleiro de intonsa relva, enxergavam-se balas esphericas de todos os calibres conhecidos. Denomi-

nava-se pretenciosamente este aggregado de pedras linha de defesa.

Em todo o caso, estes baluartes derrocados e esta linha de defesa, tão linha que qualquer a quebrava, repeliram em 1872 o ataque das mangas do regulo Zichacha. Attrahidas pelo saque, ávidas de aguardente, sequiosas de roubo, assediaram o presidio na esperança de uma presa facil e inerme. Foi com esses especimens de muzeu, com a energia dos habitantes e com o pânico produzido pelo cavallo do governador Sá e Simas, que a villa não ficou reduzida a um montão de ruinas. N'esse tempo os europeus não passavam de um punhado; as communicações por mar faziam-se apenas duas vezes por anno; as terrestres eram perigosas e caras; o commercio, o do sertão, effectuava-se em competencia com o mouro e baneane. Entrar na enfermaria representava abrir um coval; criticar a auctoridade significava tornar-se victima do despotismo militar. Os direitos politicos e civis estavam á mercê de caprichos governativos: a propriedade não tinha valor; o negocio não encontrava protecção; a agricultura pertencia aos dominios do sonho; a industria apenas a exercia o indígena: a primitiva.

Em volta do muro esburacado os paúes estrangulavam n'um circulo de miasmas a mirrada povoação; os centros cafreaes isolavam-se no sertão pela ausencia de caminhos conhecidos e seguros: o gentio temia o europeu e o branco desconfiava do negro. O trabalho e a administração divorciavam-se por

falta de communidade de pensamentos, sem vistas determinadas, sem ideal tangivel no futuro. Com a mira em Lourenço Marques, desencadeavam-se nessa época, como hoje, ambições de grandes potencias, tendencias rapaces de estados embryonarios, desejos invasores de paizes necessitados de expansão.

Ao contrario do que muitos suppunham, o governador de Lourenço Marques recebeu-me carinhosamente. Offereceu-me a sua casa e n'ella me hospedei até arranjar moradía minha, cinco compartimentos, n'uma habitação terrea, com paredes de barro amassado, tendo por telhado um crivo... cinco libras esterlinas por mez. E era... para quem queria.

Governava então o districto o major de artilharia Sebastião Chaves de Aguiar, hoje general de divisão reformado. Filho de um official miguelista, que se recusára aceitar a convenção de Evora Monte, a adversidade em que fôra educado transmittira-lhe singular energia e uma tão constitutiva obstinação, que nem ameaças nem supplicas conseguia demover. Os indigenas, que chrismam os europeus com antonomasias sempre pittorescas, e a miude bem cabidas, apodaram-n'o de *giôto,* (aguardente forte). A nossa pessoa mereceu-lhes duas: *macuxemba*, (o que ginga quando anda) e *amafaxatele* (o que tem vidro nos olhos) por causa do nosso modo de andar e do aro da luneta.

Chaves de Aguiar realizára em Lourenço Marques uma obra semelhante á effectuada pelo governador Pereira do Lago, em Moçambique, e que lhe

valera o lisongeiro epítheto de Marquez de Pombal africano. Transferiu toda a officialidade de caçadores 4, que se mostrava pouco disciplinada, e tomou medidas verdadeiramente draconianas, mas profícuas. O exemplo dado por elle obrigava todos a trabalhar. A pedido seu e operando quasi um milagre de actividade, conseguimos adestrar, dentro de vinte e quatro horas, no manejo de artilharia, vinte soldados pretos, de modo a poder corresponder á salva de um cruzador inglez que se esperava e que chegou á hora annunciada. As peças eram as taes atraz descriptas. Felizmente não succedeu nenhuma catástrophe. Poucas vezes no serviço militar sentimos minutos de tão angustiosa anciedade. A cada tiro disparado affigurava-se-nos que a bocca de fogo rebentava e que a sua guarnição cahia em trôços cheios de mutilações.

N'essa época Lourenço Marques tudo esperava no futuro, que realmente veio, mas nada possuia no presente. Era um pobre mercado de alcool e nada mais; uma villa sem importancia, repetimos, onde predominavam ficções de visionarios; uma terra onde se aggrupavam aventureiros ligados á espectativa de uma transformação material no porvir e que se arrastavam, que vegetavam e que representavam para os verdadeiros colonos, o mesmo que os parasitas significam para as plantas, aproveitando-se da sua seiva e absorvendo-a em proveito seu.

Tudo jazia então n'um estado que fazia dó. Precisava-se que a picareta da civilização abrisse um

*

sulco largo e profundo n'aquelle uberrimo solo onde a natureza porfiou em deixar as mais opulentas riquezas; necessitava-se que a mão vigorosa da industria arrancasse de um torpôr incomprehensivel alguns escassos capitaes portuguezes e que a locomotiva, como um symbolo de desenvolvimento, trilhasse as campinas fertilissimas de Africa e trouxesse aos portos de mar os lucrativos productos do interior; que o alvião do mineiro descobrisse no mais recondito das entranhas da terra mineraes uteis e remuneradores; que o aço se transformasse em alavanca, e que a alavanca, appoiando-se no trabalho, construisse fabricas e que as fabricas se convertessem em grandiosas e salutares escolas do indígena; tornava-se instante que a acção energica da lei dispersasse os flibusteiros attrahidos pela miragem de ganhos fabulosos e repentinos, sempre o maior obstaculo da santa empreitada da civilização; urgia que o commercio nacional, n'um esforço patriotico e de interesse proprio, luctasse com a concorrencia estrangeira, abastecendo com os especimens dos seus teares, com os utensilios sahidos das suas forjas, com os objectos trabalhados nas suas officinas, os mercados das nossas possessões, ensinando ao cafre que nós, portuguezes, tambem possuimos fabricas e operarios. Nem tudo isto se fez, mas fez-se bastante.

A primeira expedição das Obras Publicas para alli enviada não realizou todos os melhoramentos que d'ella exigiam, mas realizou muito do que humanamente era possivel realizar. Ao engenheiro Joaquim

José Machado, seu director, deve a provincia de Moçambique uma boa parte do desafogo e prosperidade que hoje gosa. Adeante ou n'outro livro referir-nos-emos mais detalhadamente á sua obra, na verdade collossal, tanto em patriotica propaganda como em activissimo labor.

Chaves de Aguiar era um homem intelligente, expedíto, honrado. Logo que se tornou senhor dos negocios administrativos, começou a envidar todos os seus esforços para chamar á vassallagem effectiva os regulos que pretendiam subtrahir-se ao nosso dominio. Dentro de poucos mezes renderam preito e pagaram tributo treze dos potentados negros. Havia regulos sujeitos, na verdade, mas, prestar auxilio, facultar meios de catechizar, satisfazer impostos, tudo isto não passava de caprichos, burlas, irrisões. A civilização que lhe deviamos ministrar inoculava-se pelas dezenas de milhares de garrafões de aguardente expedidos consecutivamente para o interior. A escola era a taverna, a instrucção a embriaguez. A coadjuvação por elles prestada era um incidente mercenario que oscillava ao sôpro da maior quantidade de alcool. Ainda em nenhuma outra colonia portugueza se pensava em obrigar o indígena a pagar contribuições, e já o governador de Lourenço Marques conseguira que os regulos sem relutancia visivel pagassem imposto de palhota. O arrolamento executou-se sem o minimo obstaculo e a cobrança effectuou-se convertendo os regulos em exactores da Fazenda Publica.

A população da villa não pagava decimas, os estrangeiros eram uma especie de feudatarios, as arrematações para fornecimento do hospital, do batalhão, dos presos, constituiam uma burla, os abusos contavam-se por centenares. Chaves de Aguiar poz tudo aquillo no são; n'uma palavra, fez uma administração sensata, energica e honesta.

Cito dois factos, ambos caracteristicos.

Os consules, principalmente o inglez, arrogavam a si uma auctoridade indemne de qualquer respeito á lei do paiz. Um d'elles aliciou desaforadamente os nossos soldados europeus para irem servir na visinha colonia, na policia montada; outro, uma vez, não nos recorda a proposito de que circumstancia, entrou de noite na residencia do governo, com modos desabridos, no meio de um alarido estupendo, ébrio como um ôdre, a reclamar uma satisfação categorica, embrulhado na bandeira da sua nação. O governador attendeu-o primeiro com paciente urbanidade, mas o consul britannico tal somma de insolencias lhe dirigiu, que Chaves de Aguiar, exhaustos todos os recursos para o mandar sahir, lhe tirou delicadamente a bandeira das costas e com pulso bem portuguez e vigoroso lhe applicou nas mesmas britannicas costas uma salutar sova de cavallo marinho, unico argumento que o convenceu a retirar-se, mais calmo e menos exigente, para sua casa. Protestou no dia seguinte, evocou as suas immunidades consulares, queixou-se ao seu governo, mas como não houvesse testemunhas pre-

senciaes do facto e o governador se mantivesse na mais absoluta negativa, a queixa foi attribuida ao seu manifesto estado de embriaguez, tendo o caso por epílogo a sua demissão ou transferencia.

Lourenço Marques.—Marracuene -Sitio onde se feriu o memoravel combate em quadrado, de 2 de fevereiro de 1895, entre o batalhão de caçadores 2 e os landins

Faz lembrar a anecdota:

— Então deram-te duas bofetadas?

— É verdade, deram.

— E o lance teve consequencias sérias, está bem visto?!

— Teve: andei com a cara inchada mais de quinze dias.

A população e o commercio n'essa quadra recommendavam-se pelo pittoresco do aspecto e pela mesquinhez e qualidade das transacções. Manuseavam estas em maior escala as firmas francezas Régis e Fabre, de Marselha; a hollandeza, de Amsterdam; uma suissa; uma ingleza, Mac-Intosh, de Natal; e as portuguezas, propriedade de Viegas, Thomaz da Fonseca, Cannas Franco, Paulino Fornasini, a do judeu Rubi Farache, etc. O pequeno commercio, a retalho, cahira nas mãos ávidas dos mouros, parses, baneanes, indios de todas as castas, chinos, mulatos e pretos. O período de maior actividade commercial decorria de maio a setembro, época em que chegavam as carretas do Transvaal. Com a febre das pesquizas mineiras em Barbeton, Johanesburgo, até a nossa colonia via transitar pelo seu territorio successivos milhões esterlinos, de que pouco ou nada aproveitava. O elemento asiatico concorria bem pouco para o progresso de Lourenço Marques. Alimentava-se com arroz da India, vestia-se com algodões da mesma procedencia e calçava sapatos feitos na sua terra. Quanto dinheiro economizava, quanto enviava para a Asia. N'essa época os serviços publicos funccionavam de maneira apoucadamente embryonaria. A exiguidade do pessoal da alfandega permittia a entrada franca do contrabando pelo Inhampura, pela bahia, pelo rio da Magaia, pelo Maputo, pelo Espirito Santo. A maior parte das mercadorias, que apenas pagavam direitos de transito com destino ao Transvaal, des-

viavam-se para o Mossuate atravez dos Libombos para o Bilene, Gaza, terra dos Matebeles, etc.

As industrias indígenas caducavam em logar de progredir. Os elephantes e outra caça grossa concentravam-se no sertão. Só no interior da Zambezia ou de Zanzibar se avistavam alguns animaes, e de pouca edade. A da pesca exercia-se em *gatuns*, embarcações de tabuas ligadas por cordas, e em gambôas ou estacadas dispostas para colher o peixe, magnifico, saboroso. As *angulas* (cestos), estatuas toscas, travesseiros cafreaes, láminas para as azagaias e machados tecidos de arame nos cabos, hastes ou coronhas das suas armas, braceletes e argolas, cada vez se tornavam menos productivas. Os europeus não eram nada industriosos. A cciosidade do balcão tentava-os de maneira irresistivel. Todavia os operarios chinezes e alguns indígenas não podiam dar vazão ao trabalho, tal era a sua abundancia; os idos da Europa e da India depressa aprendiam a obter a credito alguns garrafões de aguardente, pannos e contas fiadas, e ei-los a vender *sope* (alcool) em espeluncas ordinarissimas ou no sertão, n'uma palhota, com a bandeira nacional, içada á guisa de suggestiva taboleta, com a miragem n'um lucro rapido, o que com frequencia obtinham sem nenhum exercicio do cerebro ou dos musculos.

Os meios de communicação, exteriores, resumiam-se, a principio, aos vapores das Companhias British da India e mais tarde aos da Castle Mail e Union. A navegação estrangeira, mercante, a vapor

ou á vela era rara, a portugueza quasi nenhuma, se exceptuarmos os pangaios e brigues da India, da casa do barão de Dempó. Internamente, o districto ligava-se ao Transvaal por meio de uma estrada carreteira sem calcetamento, e decorridos annos pela linha ferrea. Faziam carreiras até o váu do Echiça, no rio Tembe, diversas lanchas e o vaporsinho inglez *Somtseu*. Tambem havia navegação fluvial por pequenas embarcações no Umbeluzi até Bombay e no Magaia até a Cocine, e um hiate do governo, construido pelo major Joaquim José Lapa, para transporte de passageiros e mercadorias entre a villa e a ilha da Inhaca.

A burocracia limitava-se a pequeno numero de funccionarios. No governo: o governador, um secretario e dois amanuenses militares; na repartição de fazenda: um escrivão, dois escripturarios e um thesoureiro; no correio: um director e um carteiro; na justiça: um juiz, um delegado, dois escrivães e dois officiaes de diligencias, um conservador (o delegado), um ajudante e um amanuense; um interprete; na guarnição: um batalhão, o de caçadores 4, quasi sempre sem officiaes, nem sargentos, nem soldados; um chefe de policia, official da metropole ou da guarnição; na Camara Municipal: cinco vereadores, um escrivão e um zelador, a maior parte das vezes substituida por uma commissão municipal; no serviço de saude: um medico, um pharmaceutico e dois enfermeiros; nas obras publicas: uma secção e mais tarde a fiscalização do caminho de ferro.

O pároco devia ser professor e missionario. Em geral não sentia grande inclinação para este ultimo dever. Nenhum estudava a lingua dos indígenas. Nem baptismo, nem moral, nem evangelização. Havia excepções honrosas, mas raras. Na maledicencia dos centros coloniaes contavam-se anecdotas significativas. Uma, para exemplo:

Um escrivão, chamado para redigir o testamento do abastado negociante Lopes, de Quilimane, amigo e companheiro de casa do prior, conseguiu que o moribundo testasse a favor d'este ultimo quatrocentas missas, da esmola de 2$000 cada uma.

Os sacerdotes estrangeiros desembarcavam em Africa armados com outra educação. Illustrados, missionavam a valer. O padre Courtois, Junod e outros, cujo nome não nos occorre, prestaram ali relevantes serviços publicando grammaticas e livros uteis aos nativos. A sua missão confinava-se apenas á propaganda evangelizadora? Cremos hoje que sim. O ensino publico ministrado por alguns dos párocos portuguezes descia ás proporções do mesquinho e do nullo. A educação feminina proporcionada pelas professoras, uma cada semestre ou ainda mais frequente, orçava pela mesma proficuidade.

Os juizes pouco se demoravam nas suas comarcas. A ausencia d'estes obrigava os substitutos a administrarem justiça. Diversos vincaram para sempre o seu nome nos annaes d'este genero de magistrados. Um d'esses foi M. da C. V., por alcunha o *Dr. Hypothese*. Uma vez, o negociante e consul alle-

mão em Lourenço Marques, Engelhardt, procedeu a uma exhumação sem licença. Processaram-n'o. O *Dr. Hypothese*, furioso, não inquiriu testemunhas, não interrogou o réu, não ouviu o ministerio publico. Invectivou logo o accusado, e, apesar de todas as diligencias do delegado, dos esforços do advogado, das supplicas do escrivão, dos protestos do publico, ninguem encontrou meio de refrear a eloquencia do juiz substituto.

N'outra occasião presidia a uma audiencia. Julgava-se um crime de homicidio voluntario. Entra um inglez conhecido do presidente e sauda com a sua inflexão guttural:

— *Good morning.*

O *Dr. Hypothese* ergue-se do seu logar, dirige-se ao recemvindo, estende-lhe a mão, aperta-lh'a e corresponde:

— *Good morning; how are you?*

As paredes do mísero tribunal tremeram com o côro de gargalhadas com que a assistencia, sem excluir o réo, acolheu esta manifestação de gravidade do improvisado juiz. A apparencia correspondiá de tal modo ao intellectual, que, quando alguem entrava pela primeira vez na sala da audiencia e não conhecia o grotesco magistrado, confundia-o com o escrivão. Este possuia em mais elevada escala o *phisique du métier.*

Póde ajuizar-se por aqui como andavam os demais ramos de serviço publico.

A moralidade tambem não subia a nivel muito

mais alto. Uma dama, muito conhecida em toda a provincia de Moçambique, D. M..., vivia ha longos annos com um individuo residente em Lourenço Marques, com o Dr. M..., natural da India, medico pela escola de Goa. Um sujeito apaixona-se por ella. A côrte é acceita. O galanteador pede a mão ao amante. Este concede-lh'a. A legalidade antes de tudo. A noiva sae da casa onde residira tantos annos e onde passara ainda essa noite com a pessoa com quem tão longo tempo convivera, para a egreja. Ahi se consorciou com o adaptavel marido. A fidelidade ao consorte não perdurou. Breve se reataram as antigas relações.

Este facto lembra-nos duas anecdotas, que nos contaram ou lemos em qualquer parte.

Primeira:

Uma menina pergunta á mãe:

— Maman, o que é innocencia?

— Uma coisa... uma coisa... que quando se sabe o que é... deixa de existir.

Segunda:

Marido e mulher teem uma disputa, em consequencia da qual chegam a vias de facto, vendo-se obrigados a comparecer no tribunal ante o juiz.

O magistrado pergunta a um amigo, que acompanha o desavindo casal:

— O senhor assistiu ao principio da desavença?

— Sim, senhor; ha dois annos.

— Como ha dois annos?

— Não exaggero, senhor juiz; fui testemunha de casamento.

Já Pope, o grande poeta e philosopho inglez, escrevia:

«As mulheres manejam os homens como os bons jogadores de xadrez os peões: não mexem n'um sem ter a vista fixa n'outro que possa dar melhor resultado.

VI

Viagem accidentada

Militarismo.—Divergencias governativas—Resposta energica—Tentativa improficua—Suspensão injustificada.—Intimação ousada.—A noção do dever—Exoneração e nomeação—Um telegramma despotico—Um requerimento energico—Satisfação plena—Protector valioso e inesperado—Commissão honrosa—No rio Tembe—Curso caprichoso—Hippopótamos e crocodilos—Panorama risonho—A calamidade dos carregadores—Sêde e fome insaciavel—Fuga dos carregadores—Sacrificios humanos—Operações invertidas—Ovos frescos e chocos—Visões do matto—Feudalismo em pleno sertão—Alpinismo violento—Pergunta capciosa—Pensamentos profundos.

Ao governador geral visconde de Paço de Arcos succedera, depois de uma curta interinidade, desempenhada pelo capitão tenente da armada e governador de Quilimane, José de Almeida de Avila, a 8 de abril de 1882, o coronel de infantaria Agostinho Coelho. Vindo da Guiné, governo essencialmente militar, militar da cabeça aos pés, por educação e por temperamento, ríspido, rigoroso na observação da disciplina, honradissimo, administrou a provincia como quem commanda um regimento. As suas determinações deviam cumprir-se como ordens n'um

campo de batalha. D'esta orientação proveio um despotismo a que nem todos se ageitavam.

O governador de Lourenço Marques, Chaves de Aguiar, pertencia á corporação de artilharia. Não só a rivalidade das armas, mas até a similaridade dos genios, profundara logo entre as duas auctoridades administrativas irreductiveis divergencias. «Duro com duro...» Chaves de Aguiar criara receitas, os cofres enchiam-se, queria governar n'essa conformidade. Agostinho Coelho, a braços com serias difficuldades financeiras, geria de longe e pretendia equilibrar as defficiencias dos outros cofres districtaes com o excedente fornecido pelos rendimentos apurados pelo seu logar tenente. O mesmo que ainda hoje acontece entre a provincia de S. Thomé e Angola.

Após renhida e acerba correspondencia, o chefe da provincia publicou uma portaria, pela Junta da Fazenda, ordenando que o governador de Lourenço Marques entrasse immediatamente no cofre do districto com certas quantias dispendidas e consideradas illegaes. Chaves de Aguiar pediu licença para ir á capital defender-se.

A auctoridade superior recusou essa licença, o que provocou o seguinte officio, de que respigamos os trechos principaes:

Ill.^mo^ Snr.

« Impossivel licença capital. »

É esta a resposta do Ex.^mo^ Governador Geral e Presidente da Junta de Fazenda e portanto de uma corporação

que acaba de desconsiderar-me e de julgar-me. Isto é, Sua Ex.ª accusador e juiz, nega-me a faculdade da defesa verbal, que não se coarcta nunca aos maiores criminosos: e, resta provar que eu seja um criminoso: pelo menos descendo ao fundo da minha consciencia, mesmo depois de ter lido a sentença, não me dou por convencido.

A portaria da Ex.ma Junta da Fazenda em nada me surprehende. Esperava-a.

E rogo a V. S.ª se sirva explicar ao Ex.mo Snr. Presidente porque a esperava. Chegado o paquete, antes de receber a correspondencia official, recebi a particular, e, por cartas de Moçambique, fiquei sabendo que a correspondencia da secretaría trazia ordem para eu entrar immediatamente com a importancia de umas despezas que se diziam illegaes, e que, no caso de não entrar com ellas e de fazer quaesquer considerações, seria processado.

. . . .

Illegaes?! Processado?! Então eu sou algum criminoso, commetti, como funccionario, alguma fraude, algum roubo, algum abuso de confiança?!

Illegaes?! Vejamos. Parece que a Ex.ma Junta se cegou demasiadamente no seu desejo de me accusar e de me condemnar fechando os olhos á razão, á justiça e ás leis. Não reconhece, não sente as primeiras? É para lamentar. Desconhece as ultimas? Ignoro-o.

Pois é despeza illegal (segue a enumeração de diversas verbas e a sua respectiva justificação)?

Hei de eu pagar estas despezas, umas legaes, outras razoaveis, quasi todas já entradas na Fazenda, ou justamente dispendidas? A Fazenda ha de receber duas vezes? Eu hei de pagar despezas que competem exclusivamente á Fazenda, umas por lei, outras por determinação e approvação de quem me accusa, outras por brio e decoro do governo?

Ha em tudo isto má informação ou irreflexão da Ex.ma Junta. Estas despezas não foram approvadas por todos os

membros da delegação? O meu voto, a minha approvação foram por ventura em separado? Não ha n'isto manifesta intenção de me desconsiderar exclusivamente e de se procurar um injusto pretexto para me aggredirem? Note-se que eu não me eximo á responsabilidade, não a quero collectiva, não fujo, quero-a toda para mim; friso, porém, esta circumstancia tão sómente para pôr em relevo a intenção.

Estas despezas datam por ventura de hontem? Datam de um, dois, tres ou quatro mezes, por ventura? Não teem a edade do meu governo? A Junta não recebe com bastante regularidade as contas para me poder ter dito ha quinze mezes, ha um anno, ha seis mezes «alto!»? Porque esperou dezoito mezes para me dizer «entre em vinte e quatro horas com quasi um conto de reis e mande já certidão de ter entrado com este dinheiro?»

Pois a Junta pensa que ao canto da arca eu guardo esta quantia por a ter aproveitado em meu favor?

Não entro, nada devo á Fazenda! Com a mão na consciencia affirmo que tenho exercido o meu cargo com a maxima honestidade. O meu logar aqui é hoje um posto de combate, não o desamparo, porque, louvado Deus, não sou um cobarde. Exonerem-me, mas que a exoneração se justifique. Fuzilado, cahirei; mas sem fugir. Cheio da minha razão, da minha justiça, se o Ex.mo Conselheiro Governador Geral não me attender, recusando-me a satisfação que me é devida como funccionario honesto, zeloso e trabalhador, appellarei para o poder executivo; se aqui não me fizerem justiça, appellarei para o poder legislativo; se este não me attender, appellarei para o paiz, para a opinião publica, de viva voz, por escripto, de todos os modos, porque eu não vim servir em Africa, para ser menoscabado na minha reputação de homem e de funccionario por uma corporação cujos membros, á excepção do seu presidente, estão muito abaixo de mim, pelos seus serviços, pelas suas habilitações e pela importancia do logar que

desempenham. Se eu sonhasse, sequer, que vinha a Africa para tal fim, não teria sahido de Portugal, affirmo-o!

V. S.a servir-se-ha de apresentar este officio ao Ex.mo Conselheiro Governador Geral, solicitando-lhe que me conceda appellar da sua decisão, se fôr tal que, a meu vêr, não me faça justiça. V. S.a servir-se-ha solicitar-lhe mais da minha parte, que se digne vir ao districto syndicar de todos os meus actos, mas de todos, ou de mandar pessoa á altura de tal missão, que syndique, que examine tudo, que veja tudo, que ouça todos os funccionarios, todas as pessoas serias, dignas e honestas do districto, e se o resultado d'essa syndicancia provar a minha deshonestidade, a minha falta de zelo, o meu esquecimento pelo trabalho, que sua Ex.a me processe, me castigue como improbo, como delapidador da Fazenda, como desleixado no serviço, como um funccionario que não cumpre com os seus deveres; de contrario, não; e não, porque appello.

No caso de Sua Ex.a não querer ou não poder vir, de não querer ou não poder mandar quem o substitua n'esta conjuntura, que Sua Ex.a me dê permissão para ir á capital responder, justificar-me e resolver assumptos do districto que por escripto, de longe, mal podem ser tratados.

Secretaria do Governo de Lourenço Marques, 17 de janeiro de 1883.

O governador do districto

SEBASTIÃO CHAVES DE AGUIAR
Major de artilharia

Este energico documento, redigido com desassombrada altivez, foi-nos entregue pelo governador cêrca das oito horas da noite. Eramos nós quem copiávamos os officios de uma certa importancia, pois só nós adivinhavamos bem a lettra arrevezada

e hieroglyphica de Chaves de Aguiar. Lemos, comprehendemos que a expedição de tal resposta significava pelo menos uma suspensão e projectamos fazê-lo mudar de tenção. Com a intimidade existente entre nós e elle esboçamos uma primeira investida. Não conseguimos nada. Chamamos o juiz de direito

Lourenço Marques—Rua D. Luiz

Dr. Manuel Alvaro dos Reis e Lima e outros amigos communs em reforço. Resultado identico. Ás tres da madrugada pergunta-nos o governador:

— O officio está prompto para eu assignar?

Novo ataque da nossa parte, d'esta vez mais insistente e rijo. Chaves de Aguiar ouviu-nos, rebateu os nossos argumentos, e por fim, sem se exaltar,

com affabilidade e cortezia, mas com firmeza, retorquiu-nos:

— Quem é o governador, é o senhor ou eu?

O officio foi immediatamente copiado.

O effeito não se fez esperar. Logo que o correio chegou a Moçambique, o governador geral, pelo telegrapho, suspendeu o audacioso subordinado que com tanto hombridade se lhe dirigira.

Mais dois traços que definem o caracter de Chaves de Aguiar n'aquella época:

Os paquetes da Companhia ingleza de navegação «British India» chegavam sempre atrazados a Lourenço Marques. Como era o ultimo porto de escala, os capitães, em logar de ali estacionarem vinte e quatro horas, segundo a lettra do contracto, apenas se demoravam dez ou doze, não desembarcando toda a carga. O commercio protestava, o governo responsabilizava a agencia pelo abuso, os agentes desculpavam-se com os commandantes. Não havia meio d'esse serviço entrar em ordem. Um dia, um vapor ancóra e logo annuncia que sahirá d'ali a pouco. Protestos, murmurios, indignações, recados á agencia. Nada. O capitão persistia. Chaves de Aguiar, diz-nos:

— Vá a bordo e previna da minha parte o capitão que não sae senão decorridas as vinte e quatro.

— Se teimar? — observamos-lhe

— Participe-lhe que faço fogo sobre elle.

Custou-nos a conter o riso. Os reparos das peças, devido a um erro de medidas, não permittiam que

os munhões das peças assentassem mais de um centimetro nas munhoneiras. As peças de cada vez que salvavam faziam cambona, isto é, desequilibravam-se. Atirar com bala, nem pensar n'isso. Mas cumprimos a ordem com um arreganho e gravidade como se se dispuzesse na fortaleza da mais aperfeiçoada artilharia Canet ou Krupp.

O commandante accedeu de prompto á nossa intimação, respondendo-nos com aquelle finissimo humorismo tão peculiar aos inglezes:

— Não sahirei; não quero que por minha causa Lourenço Marques declare guerra á Gran-Bretanha.

A venda de polvora constituia o melhor negocio de então. De ora em quando, desde que se receavam disturbios no interior, prohibia-se essa venda. Uma vez o presidente Kruger, da republica do Transvaal, devido a uma sublevação de indígenas dentro do territorio transvaaliano, solicíta do governador de Lourenço Marques que declare esse explosivo fechado ao commercio. Alguns negociantes procuram Chaves de Aguiar pedindo-lhe que retarde um dia a publicação de tal medida e que lhes consinta que tirem do paiol uma determinada porção de barris. Um íntimo seu offerece-lhe quinze contos para acceder a tal pedido. Ninguem o saberia, nem ninguem lhe poderia censurar o demorar vinte e quatro horas a execução de uma providencia da sua exclusiva responsabilidade e iniciativa. Chaves de Aguiar manda pôr o proponente fóra da residencia.

Por solidariedade, pedimos a exoneração do cargo de secretario. Agostinho Coelho concedeu-a mas tornou a nomear-nos para o mesmo logar decorridos dois mezes. Governava então interinamente o districto o tenente coronel da guarnição da provincia Francisco Fornazini. Não abundava n'elle a illustração, mas possuia um grande fundo de bondade. Formava o plural de tijolo em *tijóes* e de pelle em *peis*, mas era um nativo gentil, cavalheiresco mesmo.

Uma tarde, por qualquer caturreira futil, occorreu uma scena de pugilato entre nós e o director da alfandega. Não sabemos o que o funccionario aduaneiro telegraphou para o governo geral. O certo é que ao anoitecer o governador do districto recebia o seguinte telegrama da secretaria de Moçambique: « Prenda, suspenda e processe o secretario do governo por ter aggredido em serviço o director da alfandega » O tenente-coronel Fornazini ficou perplexo, suppondo que lhe fazíamos falta. Aconselhámo-lo a que cumprisse a ordem. Cabia dentro da sua alçada conceder-nos, homenagem na villa; continuariamos a coadjuvá-lo no serviço de secretaria. Assim succedeu. N'este meio tempo redigiamos um requerimento-exposição dirigido ao governador geral. Principiava nos seguintes termos: « Ill.^{mo} Ex.^{mo} Snr: Prenda, suspenda e processe o secretario do governo... rezava o telegramma d'esse governo geral, de tantos..., recebido n'esta secretaria; só faltava accrescentar: fuzile e enterre, para que o

requerente se julgasse na Russia em vez de servir em territorio de Portugal e ser official do exercito portuguez... O resto continuava no mesmo theor, respeitoso, mas firme.

A quanta gente mostramos o requerimento-exposição, toda nos dizia:

— Não mande isso, o menos que lhe vale são seis mezes de inactividade cumpridos em Tete.

— Olhe que elle mandou dar palmatoadas n'um alferes na Guiné.

— Seja o que Deus quizer, em mim não m'as manda dar.

O documento seguiu com grande reluctancia do tenente-coronel Fornazini. Confessâmo-lo, esperavamos com anciedade o desenlace da desegual pendencia. Mas doía-nos que, por uma simples participação, fosse de quem fosse, tivesse sido mandado prender, suspender e processar, sem ser ouvida a auctoridade administrativa ás ordens de quem serviamos e nós proprios. Em materia de violencia e despotismo pedia primazias ao autocratico imperador moscovita. Emfim o paquete, soubémo-lo mais tarde, chegou ás dez horas a Moçambique, e cerca das tres da tarde o governador interino de Lourenço Marques recebia o seguinte telegramma: «Restitua funcções secretario; archive processo.» Na mala, vinda uma semana depois, confirmava-se o telegramma, dava-se-nos plena satisfação e o governador geral nomeava-nos, em portaria, para irmos estudar o traçado de uma estrada de Lourenço Marques ao Mossuate (Swasi-

landia), visitar o regulo d'este territorio, então um dos mais poderosos da Africa do Sul, percorrer e esboçar um itinerario com levantamento á vista de parte da Zululandia e Transvaal, afim de, quando se julgasse conveniente, se proceder a uma delimitação de fronteiras.

Desde então, em Africa e na Europa, encontramos no coronel Agostinho Coelho um apoio valioso. Cremos que lhe causou boa impressão o desassombro com que defendemos o nosso litigio.

*

* *

Partimos para o desempenho d'essa commissão a 17 de junho de 1883. Acompanhavam-n'os o antigo cabo de marinheiros Albino, europeu, valente, dedicado e empregando a miude a linguagem pittoresca e metaphorica peculiar á gente do mar; o nosso impedido Francisco, indígena do Golungo Alto, de Angola, vasado de um jacto nos moldes dos antigos escudeiros dos romances de cavallaria; e o cosinheiro, natural da Zambezia, com todas as peregrinas qualidades do negro bebado, ladrão, mentiroso e desleixado.

Embarcamos na lancha *Esperança* para subir o rio Tembe; os carregadores encontrar-se-hiam no trajecto.

As margens dos dois rios que se lançam no do Espirito Santo, estuario vasto e em certos logares profundo, o Tembe e o Umbeluzi são, no sitio da

sua confluencia, em extremo baixos. A sua vegetação na maré alta parece nascer do seio das aguas. Quando a maré vasa, as raizes, aereas, lembram milhares de compridissimas enguias expostas na praia a fim de seccar. O Tembe enrosca-se n'um curso caprichosissimo. As curvas principiam, da sua foz para a nascente, de quinhentos em quinhentos metros, e diminuem gradualmente a ponto das lanchas serem obrigadas a recolher as retrancas. Ha algumas estranguladissimas, mas tão bem descriptas, com o arvoredo das margens tão egual na côma, que criam em nós a illusão de se passear na rua de um jardim onde a tesoura e a linha de um jardineiro gigantesco aparasse o buxo e traçasse os contornos geometricos das aléas.

Variadissima a paizagem. Na ilha do Refugio e em toda a parte do Tembe vegetam uns arbustos, sem demasiado crescimento, mas de onde pende maravilhosa quantidade de vagens. Ao abrirem-se, principalmente de noite, produzem um estalido sêcco, semelhante ao engatilhar de uma espingarda. Este ruido nunca cessa; constitue por vezes uma obcessão. O vento impelle a longas distancias as sementes contidas n'estas vagens — uma das origens da feracidade dos campos e da sua pujante vegetação. Os landins denominam estes arbustos litoóse. Proximo do váu da Echiça o scenario muda. Surgem arvores frondosissimas que se erguem altivas e fortes nos taludes e encostas, no meio das quaes o rio se contorce. Muitas accusam seculos e os seus possantes

troncos, tão desprezados, forneceriam magnificos pranchões.

Gastamos de Lourenço Marques ao Echiça seis dias. Viagem morosissima, em que tivemos de desembarcar com frequencia e de prumar e sondar com escrupulo o leito do rio navegavel até ahi. As embarcações fundeiam a dez metros do váu, encostam-se a qualquer das margens e effectuam com facilidade o embarque ou desembarque das mercadorias.

De ora em quando topa-se a meio da agua com arvores floridas, nascidas no seu seio e que arremessam as pernadas para uma das margens, formando por vezes ensombrados e viridentes tuneis. Abundam por ali os hipopótamos e crocodilos. Os primeiros esperam com a maior indifferença que as lanchas se lhes approximem e, quando estão quasi a tocar-lhes, não mostrando incommodarem-se muito, mergulham lentamente. Os segundos, mal presentem o menor ruido, atiram-se da corôa, onde apanham o sol, á agua. É difficil a um atirador medíocre matar um cavallo-marinho apesar da sua apparente indolencia e do pouco espanto que lhe causam as embarcações. Torna-se custoso acertar-lhe em parte vulneravel. Possuem um couro espessissimo e tão farta quantidade de tecido adiposo que as balas alojam-se ali sem os ferir seriamente.

— Que é aquillo? — perguntou o Albino apontando para uma especie de palhota alcandorada n'uma arvore.

— É o ninho da macuduana, ave aquatica, muito superior em grandeza á cegonha europeia. O seu ninho imita de tal modo as habitações dos indígenas, que a principio suppõe-se ser uma especie de vigia construida por qualquer negro para espreitar a caça — explicou o guia.

Sem dispendiosas obras de engenharia não se podia prolongar a navegação para além do váu do Echiça. Para nos convencermos se os obstaculos eram ou não insuperaveis, passamos as *machambas* (hortas) da povoação onde dormiramos e um pequeno espaço coberto de palha. Depois entramos n'um matto cerradissimo onde a miude o fato e as carnes deixavam fragmentos. A paizagem era triste, austera. Nem uma arvore de fructo, nem, quasi se póde dizer, o vislumbre de uma folha verde. De repente, sem transicção, a natureza do solo muda. Quando se chega á margem do rio queda-se deslumbrado. Deparou-se-nos um soberbo panorama. Até onde a nossa vista podia alcançar, o rio estreitava-se entre dois taludes que davam todas as variedades de luz a reflectir-se na verdura, desde o verde sombrío até o verde esmeralda. A agua do Tembe, agora simples arroyo, deliciava pela limpidez crystalina e frescura. São muitos os affluentes e confluentes do rio, mas não vale a pena ennumerá-los devido á sua escassa importancia. Terminava ali a região dos pantanos. Do Echiça até os Libombos, e sobretudo para além, a salubridade póde dizer-se tão completa quanto possivel.

No dia 2 de junho, navegando pelo Tembe, fomos chamados da margem esquerda pelos carregadores que nos eram enviados pela rainha da Matola, a quem os requisitara. Fizemo-los passar para a margem direita. Á noite, ao reflexo avermelhado das fogueiras, no meio d'aquelles homens a quem o reverbero das chammas dava um aspecto fantastico, com um céo esplendidamente azul, julgámo-nos figurando n'uma magica de grande espectaculo.

Um sujeito que, por vontade sua ou alheia, tenha de viajar no interior de Africa, póde, sem que o taxem de demasiado ambicioso, aspirar a ser um alto dignitario na côrte do céo. É quasi impossivel que não conquiste a palma do martyrio aturando um dos maiores flagellos conhecidos — os carregadores.

Exigentes além do limite do possivel, cada homem é um novo Gargantua, um enfermo de fome canina, que constantemente come, que eternamente bebe, e, nem todas as cearas do Universo lhe mitigariam a fome, nem todos os rios conhecidos, transformados em catadupas de aguardente, lhe apagariam a inextinguivel sêde. Quando se acerca o momento da distribuição das cargas, que pavor! Que de palavras amaveis trocadas entre elles com manifesto prejuizo do tempo de que se póde dispôr! Que de ardilosas amabilidades! Que de teimosias asininas n'aquelles que sopesaram já as cargas! Emfim, que de recusas! Que de gestos e maus modos quando em logar de se deixar ao seu capricho a distribuição da carga, nós lh'a fazemos por meios energicos.

Ao cabo do primeiro dia de marcha, e tendo logo no inicio d'ella surprehendido um dos carregadores a provar do conteudo de um dos garrafões que ia aberto, o que lhe valeu um vigoroso correctivo, dormimos n'uma povoação do regulo do Maputo. Ás quatro da madrugada seguinte acordamos aos gritos do cosinheiro que bradava á porta da palhota :

— Xiô ! Xiô ! Os carregadores fugiram !

Se tinham fugido, correr atraz d'elles era simplesmente tolice. O remedio consistia em mandar buscar á Catembe novos carregadores. Vieram. Não differiam dos anteriores. Um d'elles insubordinou-se logo de começo. Ameaçámo-lo de que o mandávamos amarrar, voltou-nos a azagaia e respondeu-nos :

— O preto sabe manejar as armas tão bem como os brancos.

Demonstrámos-lhe, acto contínuo, que se enganava redondamente.

Cinco dias nos demoramos n'esse povoado do regulo do Maputo. Logo na noite da chegada soube que um dos rapazes pertencentes á povoação fôra azagaiado no sitio destinado á concentração das tropas do regulo, cerca de vinte mil guerreiros. É costume entre os povos do sul, quando se preparam para qualquer feito de armas, sacrificar á semelhança dos gaulezes, um homem á sorte propicia das hostes.

O Albino, que nunca viajara no interior, fazia commentarios do que via, a seu modo, e dizia-nos :

— Ó *sô* secretario, aqui as mulheres nunca se juntam com os homens. E que fidalgos elles são !

Não mexem uma palha. Ou se deitam ao sol, ou se estendem, á sombra, debaixo de uma arvore, ou se aquecem perto das fogueiras. As mulheres é que *alombam* com todo o trabalho, e são umas poucas para um marido só. E não ralham, brincam todas,

Lourenço Marques. — Passagem provisoria sobre o rio Umbeluzi para facilitar os trabalhos de construcção além d'aquelle rio

riem, divertem-se e parecem as melhores amigas do mundo; se fosse lá na nossa terra nenhuma d'ellas já tinha carapinha.

— Porquê?

— Arrancavam-n'as umas ás outras. Repare V. S.ª, aqui tudo anda ao contrário. As mulheres assobiam que nem almocreves, trabalham como moi-

ros, fumam que nem marinheiros e urinam de pé, de pernas especadas como nós; os homens cantam, passam a vida assentados, tomam rapé e fazem o resto de cócoras.

— A observação é exacta.

— E comem de tudo, os desalmados! Estão ali a devorar — e apontava para um grupo — um porco espinho, morto pelo tigre e abandonado, com tripas e tudo e mal assado nas brasas. As cobras são para elles appetitosos manjares, e lagarto cosido dentro de uma panela de barro é dos acepipes que melhor saboreiam.

Nas vesperas de S. João o Albino pedira-nos:

— *Sô* secretario, na minha terra festeja-se muito esta noite; V. S.ª dá licença que eu compre ahi uns ovos e, com o chouriço que trazemos, faz-se uma petisqueira deliciosa...

Ordenámos ao cosinheiro que lhe fornecesse o que precisava e proporcionámos-lhe alguma fazenda e dinheiro para comprar ovos. Prevenidas as mulheres da povoação, vieram com *quitundos* (cestos em fórma de funil) cheios d'elles. O cosinheiro accendera o lume e n'uma ampla certan estrugia o azeite e dentro bellas rodas de paio, rubras, attrahentes, uma fascinação para a vista, para o olfacto e para o paladar. Ajustados e pagos os ovos, nós, que conheciamos razoavelmente os costumes dos indígenas, prevenimos o confiado marinheiro:

— Albino, parte os ovos e deita-os n'um prato antes de os lançares na frigideira.

— Qual, estão todos fresquinhos; veem agora mesmo de debaixo da galinhas...

— Chocas — accrescentamos por entre dentes.

De cinco ou seis duzias de ovos aproveitaram-se dois ou três. Os demais continham pintainhos em gestação mais ou menos adeantada. O Albino ficou furioso. Queria matar meio mundo. O seu furor não diminuiu nem mesmo quando lhe explicámos que, não comendo os pretos ovos, quando lh'os pedem vão buscá-los onde as galinhas os põem ou os chocam, e que, portanto, para elles todos são bons indistintamente.

Uma das coisas que mais impressionou aquella interesseira e cúpida gente foi a nossa luneta. Nenhum argumento os convencia de que os vidros, e principalmente os foscos, não constituissem um obstaculo á vista em vez de a auxiliar. Ha deformidades e defficiencias que os poupa e por isso não crêem n'ellas.

A 2 de julho tornámos a atravessar o Tembe. N'essa noite acampamos em pleno matto. Os leopardos pululavam. Famintos, a necessidade obrigava-os a ir até ás povoações devorar os cães. O terreno por onde agora caminhávamos desdobrava-se em ondulação larga, com capim de quatro metros de altura, n'uma langua de muitos kilometros de extensão. De subito os carregadores interrompem a marcha.

— Que é? — pergunto.

— *Siô, siô*, olhe! — responde-me o cosinheiro apontando para o alto da herva.

N'uma carreira vertiginosa, dando ambos pulos estupendos, um leão de enorme corpulencia perseguia um antílope de emaranhados e ramosos galhos. Foi uma visão de relâmpago. Um pouco mais adeante encontramos uma carreta boer, puxada por vinte juntas de bois. Sem respeito pelas arvores com que topava na sua frente e que facilmente derrubava, nem pelos obstaculos e barreiras do caminho, lá ia pesadamente a seu destino, com os bois pacientes jungidos pelas cangas, com os pretos armados de chicotes de cabos compridissimos e manejados com acrobatica destreza. Ao longe, um grupo de boers a cavallo, desfilava no encalço de um bufalo, que um d'elles matou na desenfreada carreira. D'ali a pouco entrávamos na povoação do Echiça, onde, fóra, estacionavam mais cinco carretas. N'uma das entradas ostentava-se uma caveira ainda com alguns pellos. Parecia de creatura humana. Não era. Pertencia a um leão que, esfaimado, entrara no curral do gado e de lá não pudéra sahir.

Decorrida meia hora acercaram-se das carretas os caçadores boers que viramos na langua. Um vinha montado, o outro trazia o cavallo á mão e atravessado no dorso um bufalo ainda palpitante. Era uma femea, tão corpulenta como os nossos touros e de pontas aceradissimas. Lucta por vezes, com vantagem, com o leão. O tiro que a abateu era de mestre. É perigosissimo ferí-los sem os matar. A bala penetrou por cima do olho direito e por desvio ou resistencia dos ossos do craneo desceu e cor-

tou-lhe a trachéa. A arma era uma Martini Henry. Comemos depois a carne e não desgostamos. Mais sêcca que a do boi, oppõe maior resistencia á mastigação.

Na manhan immediata proseguimos no nosso itinerario. Ás duas da tarde chegamos á povoação de Mechangage. No ceo não branquejava uma nuvem, o sol encandescia. Os carregadores curvavam-se como humildes escravos ante os guerreiros d'esta terra, suazis, á ingleza, e mossuates á portugueza. Pareciam servos da gleba em frente de cavalleiros de acicate de oiro.

O chefe da povoação governava um vasto districto. Tão poderoso como um soberano, senhor de baraço e cutello, fugindo tanto quanto podia á suzerania do regulo principal, fomentava rivalidades, provocava rixas, motivava pendencias e não era raro ver chegar ás mãos a gente de dois d'esses potentados subalternos por causa de questões meramente pessoaes. Completo feudalismo em plena Africa.

No Mintuane, um carregador em quem cavalgávamos para atravessar um riacho, houve por bem obrigar-nos a tomar um banho. Ossos do officio! Principiamos a ascensão da serra.

Á nossa direita levantava-se uma montanha enorme. É a primeira que se avista de Lourenço Marques. Correndo pela falda e contemplando-a de baixo, afigura-se-nos a muralha enorme de uma fortaleza colossal. Até metade é accessivel. Dahi até

o planalto que lhe fórma o cume, parece que alguma picareta lhe cortou perfeitamente a prumo os seus flancos. É na verdade singular a fórma de aquella muralha natural. O abalo cosmico que a ergueu talhou-lhe com toda a regularidade vigias e ameias. Emfim, sem que se torne necessario um grande esforço de imaginação, encontramo-nos em frente de poderosos baluartes com todos os requisitos exigidos pela sciencia da castrametação. Que proezas de alpinismo se precisam realizar!...

O negro em caminho plano só traça uma senda em infinitos zig-zags; pratíca exactamente o contrário quando sobe qualquer declive: corta a direito. Ao cabo de quatro horas alcançamos a cumiada. Desenrola-se ali um panorama *sui generis*, de belleza severa. A vegetação, lá muito ao longe, apenas nos apresenta um ponto negro que em nada suaviza a aridez das cercanías. No horizonte, as elevações da Matola, Maxaquene e outras semelham uns pequenos montículos. Á direita, estende-se coberto de um véo azulado o mar; em torno, montes escalvados, semeados de uma ou outra mancha de herva calcinada pela incandescencia do sol ou pelo brazido das queimadas.

Caminhamos todo o dia pela serra, ora trepando aos alcantís, ora descendo ás profundidades dos valles. Ali, na obcessão com que nos cega o cansaço, sob o sol abrasador, escorregando pelo lagedo, sedentos, sem descobrir um povoado,

sem vêrmos outros vestigios de homens senão o trilho aberto deante de nós, tanto lá em baixo, ao contemplar os picos da serrania, lembrámo-nos da pergunta capciosa de não sei que espirituoso, a um ingenuo:

— Vamos a saber, meu amigo, quaes são os homens que, tendo menos illustração, pensam mais profundamente?

— Não sei — respondeu-lhe o interrogado.

— São os mineiros, quando estão no seu trabalho.

Nós, n'aquella occasião, tambem pensávamos bem profundamente, de tal fórma o valle se entranhava pela terra dentro.

VII

No coração do Mossuate

Paizagem encantadora—Embriaguez bulhenta—Desapparecimento inesperado—Conjecturas—Valhacouto seguro—Quem vê caras...—Emergencia confusa—Bons conselhos—Precauções—Na espectativa—Noite de anceio—Cruciante tortura—Approxima-se o incognito—Apparições apocalypticas—A nuvem por Juno.—Lôgro involuntario—Therapeutica indígena—Effeitos do vinho—O régulo Macacamella—Recepção do régulo—As narrativas de Metétua—Assassinios e batalhas—Traição sobre traição—Morticinio em massa.

Ao cahir da noite encontramos agua na vertente de uma montanha e ali acampamos. A aridez era a mesma. De ora em quando lá surgia a côma verde de uma arvore, como envergonhada da sua côr no meio de aquelle negro e amarello torrado. Na manhan seguinte outra ascensão e de tarde escorregamos — não violento o termo — pelo declive contrario. As pedras resvalavam como bagos de chumbo sob os nossos pés; as carnes feriam-se de encontro ás urzes, carrasco e espinhos de toda a natureza; o corpo dobrava-se para se equilibrar; as mãos convertiam-se em perfeitas tenazes crispando-se de encontro á palha, a agudos abrolhos, quanto pudesse

significar um ponto de apoio. N'um d'estes trajectos, um preto deu uma tal topada que a unha e toda a carne que lhe cobria o osso do pé foi despedaçada. Tratámo-lo conforme os recursos de que dispunhamos. Quando presumíamos ter um carregador a menos continuou a caminhar, coxeando, sim, mas sem revelar grande soffrimento.

A paisagem varía constantemente. Agora o solo é da mesma maneira pedregoso, mas humido. A verdura esmalta todos os recantos e brotam de todos os lados flores semelhantes ás hortensias, que formam matto fechado e cujas gradações alegram o local. Entra-se de subito n'uma especie de mirante. Gosa-se ali um dos mais maravilhosos espectaculos que a natureza pode offerecer.

Um áparte indispensavel para melhor se comprehender o que segue.

Poucos mezes antes, no cumprimento dos deveres do nosso cargo de secretario do governo a que andava annexo o de commandante da policia, fomos obrigado a ser energicos, talvez até energicos de mais, com Mr. Murray. Este fiel subdito de Sua Magestade britannica, n'uma noite, ébrio, espancara dois policias, abrira a cabeça ao Dr. Joaquim de Mello e Minas, dera um trabalho insano a ser conduzido para a cadeia, e ahi batera no carcereiro, depois de, sem resultado, o querer peitar. Mr. Murray apanhara, unico remedio para acalmar os nervos e dissipar-lhe os fumos do whysky e do brandy, uma formidavel sova.

Reatemos agora o fio da narrativa.

Apenas nos encontramos na planicie, dirigio-nos para uma das tres povoações. Tratamos de comprar gallinhas e milho para abastecimento da nossa gente. Convidaram-se para as respectivas transacções as mulheres. Os cafres assistiam, a distancia, á demorada discussão, em que brancos e negros, com um diluvio de argumentos, nem sempre aferidos pela norma da honestidade, procuram enganar-se o menos cordealmente possivel. Entre os negros havia um corcunda, o segundo e ultimo caso de rachitismo que vimos durante a nossa longa residencia em Africa.

De subito, no melhor da permuta, accentua-se uma certa agitação nos grupos dos mossuates. Levanta-se primeiro um rapido borborinho, que não tarda a transformar-se em estrepitosa vozearia. Até ás mulheres, que nos vendiam os cereaes, mediante polychroma missanga, ou shellings em bom e sonante metal, chegam dois ou tres brados proferidos com imperativa intonação. As damas, aterradas ou offendidas, pegam nos *quitundos* (cestos) e fogem para junto dos paes, maridos e irmãos, com uma velocidade que nem de gazellas perseguidas pelo leopardo. Agglomerados, todos, iniciam uma carreira doida para fóra da povoação. Tres minutos depois só se divisava ao longe um bando de fugitivos, mais lépidos que macacos ao presentir qualquer perigo.

Tudo isto se effectuara com tão prodigiosa rapi-

dez, que já os negros e negras iam muito longe e ainda nós não fecháramos a bocca do pasmo que aquella mutação á vista determinara em todos. Pagáramos-lhes pontualmente tudo quanto compráramos tratámo-los bem, ninguem os melindrara, nada, emfim, justificava a inexplicavel e imprevista fuga. Entretanto devia existir uma causa, proxima ou remota, d'esse repentino exodo. Procurá-la e attenuar-lhe os effeitos, era o nosso dever e nosso interesse.

O Albino, o cabo de marinheiros, tão surprehendido como nós, bateu o pé e exclamou:

— Mas porque fugiu esta gente toda!

O cozinheiro, que lhe experimentara algumas vezes o pêso das mãos, por ser encontrado em flagrante delicto de roubar vinho ou alcool dos garrafões, approximou-se d'elle um tanto mysteriosamente e disse-lhe, na sua linguagem arrevesada:

— *Molungo* (branco), os pretos fugiram depois d'aquelle *ingrez* da barraca falar com elles.

— Qual inglez e qual barraca? — inquirimos ao ouvir a conversa.

— Aquella, além! — respondeu o zambeze.

Seguimos com a vista a direcção que o negro indicava com o dedo. Deparou-se-nos uma barraca de lona, das denominadas de campanha, a cerca de um kilometro, e na qual nenhum de nós tinha reparado.

— Então o inglez veio aqui? — interrogámos.

— Veio — informou o Francisco, intrometten-

do-se no dialogo — demorou-se muito a palestrar com os mossuates em zulo, deu-lhes dinheiro e foi então que elles chamaram as mulheres e tudo desappareceu.

— Tudo?! — exclamámos.

— Tudo, senhor — insistiu o Francisco — na povoação só ficaram os animaes e as palhotas.

Boers n'uma povoação zula

— É curioso — commentámos.

— Porque seria? — interveio o Albino.

— Sabe uma coisa, senhor? — investigou o Francisco.

— O quê?

— O inglez é aquelle de Lourenço Marques a quem o *siô* mandou prender.

Era coisa tão vulgar serem presos inglezes na

cidade, que o esclarecimento do impedido pouco adeantava.

— Explica-te melhor — ordenámos-lhe.

— Foi o que bateu nos policias, no doutor e no carcereiro e que depois levou muita pancada.

— O de cabello ruivo, Mr. Murray? — aclarámos.

— Exactamente — redarguiu o angola — e olhe que elle não tem cara de *gente boa*.

Agora um pormenor. A serra dos Libombos era, n'esse tempo, como foi muitos annos depois, um covil de bandoleiros europeus. N'aquella quadra o regulo da Suazilandia gosava da mais completa liberdade e, como era poderoso, ninguem lhe exigia a extradicção dos facínoras que ahi se acoutavam. Os foragidos das colonias britannicas de Natal, Cabo da Boa Esperança, republicas do Transvaal e do Orange Free State, encontravam nas montanhas guarida segura. Campeavam por lá á solta criminosos da peor especie, alguns condemnados á morte em Durban, como o Mac Nab, os dois Dupont, etc. N'essas solidões, ora negociando com os indígenas, ora roubando-os, não conheciam outra lei que não fosse a da sua carabina, nem outro freio além do da força.

A malevolencia não se cevava com demasiada furia na reputação de Mr. Murray. Gosava de um certo crédito na praça, pagava regularmente as suas contas, e o unico vicio, conhecido, era a tendencia para os espirituosos, queda muito vulgar entre os seus compatriotas. Em todo o caso, «quem

vê caras não vê corações,» e podia apparentar de excellente pessoa no convivio com criaturas civilizadas e principalmente em presença de meios que lhe pudessem coagir quaesquer instinctos perversos, e ser outro muito differente em pleno matto.

Pensávamos em tudo isto, um pouco superficialmente, quando o cozinheiro veio de novo, á carreira, ter comnosco, muito atrapalhado, declarando:

— *Siô, siô*, os carregadores tambem fugiram.

— Que dizes, homem?

— *Siô*, *siô*, não minto. O Francisco que vá vêr.

Mandámos o impedido averiguar da exactidão do acontecido e fomos obrigado a render-nos á evidencia.

— Porque fugiram? — inquirimos do zambeze.

— *Siô*, com medo. O *ingrez* levou mossuates comsigo para não dar de comer a nós e ha de voltar logo com mais brancos para matar o *siô* e quem o acompanhar.

— Não sejas tôlo — respondemos — vae coser a bebedeira.

— *Siô*, eu não estou bebado: *siô* precisa acautelar-se; *ingrez* não levou toda a gente da povoação para bem: *ingrez* ha de voltar e *pim, pim*, acaba com a sua vida e nossa.

Enxotámos o negro, mas confessamos que encontrávamos a conjuntura um tanto embrulhada, senão crítica. O marinheiro, homem sensato, e affeito a perigos, chegou-se ao pé de nós e perorou:

— Senhor secretario, deve haver alguma coisa de exacto no que o cozinheiro assegura. O inglez

não se esqueceu da tareia apanhada na cidade; encontra-o agora aqui, só commigo, que sou o unico branco; dos pretos não faz caso, e planeia pregar-lhe qualquer partida.

— Que vantagem tinha em deixar o povoado deserto? — objectámos.

— Os habitantes não serem testemunhas do que pretender realizar, ou quando menos para os auxiliar.

— E os carregadores?

— São uns covardes; cheirou-lhes a chamusco, sumiram-se.

— Ainda não acredito que ao homem acudisse semelhante idéa. Deve lembrar-se que mais tarde ou mais cedo seria castigado.

— E quem castiga os outros que roubam e matam á vontade?

— Ora adeus!

— O seguro morreu de velho.

— Que lhe havemos de fazer?

— Preparemo-nos, para, ao menos, se vierem, encontrarem boa recepção.

Pensando melhor, a tentativa, se não era vulgar, tambem não deixava de ter precedentes. Contavam-se alguns attentados semelhantes, e um d'elles succedido com um negociante portuguez chamado Camillo. Se se juntassem dez ou doze flibusteiros da serra, bem armados e excellentes atiradores, a partida era muito desegual, pois só lhe podiamos oppôr duas carabinas Martini-Henry e duas espingardas Snei-

der, com, não chegava a trinta cartuchos, para cada arma. E seria uma proeza de que se falaria largo tempo no sertão, se o secretario do governo de Lourenço Marques fosse enxovalhado por aquelles meliantes!

Albino era um rapaz de expedientes, e tanto pesquizou as palhotas que encontrou um barril de polvora ordinaria de oito arrateis. Com as picaretas e as enxadas, que levávamos para os trabalhos de campo, e que os carregadores tinham abandonado, construimos em redor da barraca de campanha um pequeno parapeito de terra. Lá mettemos os generos, os instrumentos e as escassas munições... e esperámos. O barril de polvora foi enterrado a meio da barraca, com um rastilho... e... se fosse necessario, mais valia acabar com uma bala, ou feito em pedaços, que succumbir lentamente ás crueldades dos malvados.

Como o estomago impunha os seus direitos inilludiveis, o cozinheiro arranjou o jantar, e todos comemos com esse appetite que, aos vinte e quatro annos, nada na vida é capaz de afugentar. Anoiteceu. Combinamos dormir nós até á meia noite e vigiar o Albino, e d'essa hora em deante ficarmos eu de atalaia. A madrugada, o quarto de modorra, é quasi sempre o momento escolhido para qualquer investida dos indígenas, ou dos que aos seus habitos se acostumam. Depois de um somno intermittente erguemonos. O Albino não se quiz deitar; o Francisco, com os olhos abertos como os de uma hyena, rondava em

torno da nossa *fortificação*. O cozinheiro, talvez para crear animo, e apanhando um garrafão aberto, bebeu, bebeu, e encontrava-se em tal estado, que nem toda a artilharia do mundo a troar junta seria capaz de o mover.

Quem passa uma noite de vigilia anciosa no matto nunca mais a esquece. O céo, como tantas vezes succede, luminoso até uma certa hora, forrou-se todo de negrumes espessos. Era a escuridão profunda, esmagadora, que nos traz como a atmosphera para meia duzia de metros acima da cabeça. Aquelle docel opaco, onde a vista procura debalde qualquer rapida scintillação em que a pupilla incida, pesa-nos sobre os hombros e quebranta-nos a energia. Em redor as mesmas trevas hostís, o mysterio das acommettidas imprevistas, o uivar sinistro dos felinos a vaguear em tôrno de cadaveres insepultos, o ciciar docemente sussurrante do vento perpassando por meio do capim como uma gibóia atrás da presa, o crepitar das vagens fendendo-se para deixar cahir as sementes e irem fecundar as campinas distantes, os mil ruidos singulares que nos surprehendem e quasi nos amedrontam, tudo isso actúa nas nossas faculdades de modo insólito e oppressor.

Cada hora que passa significa um augmento de impaciencia quasi dolorosa para nós. A lucta tremenda do instincto da conservação e o poder momentaneamente aniquillador do somno e da fadiga trava-se renhida nos nossos organismos, pois traziamos já muitos dias de labuta insana e outras tantas

noites sem aconchego nem commodidades. A noite arrasta-se com desesperadora lentidão. Significa uma tortura consultar o relogio, cujos ponteiros parecem immoveis devido á cruciante ironia do tempo. É preferivel qualquer desenlace, por brutal e sinistro que seja, a essa expectativa doentia, em que a imaginação se povôa das imagens mais macabras e mórbidas que podem flagelar um cerebro. Por quantos annos eu trocaria um pequenino raio de aurora a luzir para as bandas do Levante!

De repente ouve-se um ruido mais pronunciado que todos até ahi presentidos. O Francisco, com mais acuidade de sentidos, colla a cabeça ao chão, escuta, demora-se um instante e logo se ergue veloz, dizendo:

— *Siô,* elles ahi veem!

Saltamos para dentro do nosso irrisorio reducto.

— Não se dispara um tiro sem ordem nossa — recommendámos com laconismo e energia.

Distinguia-se um longo e affastado rumor. O estrépito foi crescendo; transformou-se depois n'uma vozearia enorme.

— São muitos — commentou o Albino em voz baixa.

— Para que serve contá-los?! — retorquímos-lhe.

O clamor approximava-se com estonteante rapidez. Percebia-se agora muito nitidamente o tropel de bastantes cavallos, innumeros brados, um alarido medonho, cujo fragor ainda augmentava mais com a densidade da escuridão. Deviam estar perto, mas

não os víamos, embora os adivinhassemos a poucas dezenas de metros. A escassez das munições obrigou-nos a prevenir de novo:

— Só atirem quando estiverem em cima de nós.

Segundos depois o barulho como que estacou, tomou novo alento e seguiu n'outra direcção. Á força de applicar a vista, divisamos, a distancia, muitos animaes n'uma correria desenfreada, com fórmas que nos pareceram apocalypticas, de contornos gigantescos, figuras de anatomia prehistorica, quadrúpedes de épocas antidiluvianas. Depois tudo se sumiu, tudo cahiu no silencio anterior, tudo voltou ao socego e á tranquilidade precedentes.

Seria pesadêlo?

O suor, apesar do fresco da manhan, escorria-nos em grossas camarinhas pela testa abaixo, e o sangue febril, escaldáva-nos as faces.

Apenas amanheceu mandamos o marinheiro e o Francisco saber o que era. Voltaram os dois a rir ás gargalhadas. Que succedera?

A Mr. Murray — pobre homem, que nunca soube a calumnia que lhe fôra levantada! — tinham-lhe fugido as mulas de uma das suas carretas. O leão andava perto. Antes de chegar a noite promettera uma boa gratificação a toda a gente do povoado para lh'as apanhar. Tudo correu a desempenhar esse serviço e até os nossos carregadores foram com a mira n'alguns shellings. Só conseguiram arrebanhá-las de madrugada e vieram correndo, n'uma larga montaria, atraz d'ellas até onde se encontrava o

vehiculo. Ficava explicado o desapparecimento dos pretos e a mysteriosa algazarra do alvorecer, que não tivera nada de hostil contra nós.

Desfizemos, antes de regressarem os negros e as negras, as improvisadas e rapidas trincheiras, repuzemos o barril de polvora no seu logar e olhámo-nos, eu e o Albino, envergonhados. N'esse dia não trabalhámos, dormimos a somno sôlto, e até ao cozinheiro foi perdoada a sova promettida pela borracheira nocturna.

Quando annos depois visitamos o Albino, a morrer, no hospital, anemico, quasi já na agonia, ainda nos disse com os olhos ennublados pelas primeiras sombras da morte:

— Ah! senhor secretario, que noite aquella!... Se temos disparado as armas!...

*

* *

Na madrugada de 7 de julho iniciamos a marcha para o Malinda, onde pernoitamos. O caminho agora é plano, mas de mau piso. N'uma povoação do trajecto, onde descansamos alguns minutos, tivémos sêde e pedimos a um dos carregadores, que trazia o garrafão da agua, que nos désse um copo d'ella. Em frente de nós estava um negro de corôa, um *induna,* um magnate indígena, ao qual, por vêr approximarem de nós o garrafão, se lhe illuminaram

os olhos. Quando pegávamos no copo e o levávamos á bocca, levantou as mãos para o agarrar, não podendo resistir a fazê-lo quando bebêramos cerca de metade. Todos estes movimentos eram inconscientes, instinctivos. Era o homem perfeitamente subjugado pelo vicio do alcool, que tinha n'esse momento todas

A rainha da Swazilandia, filha de Macamella, em Barbeton

as suas faculdades dominadas por um unico desejo — beber. Démos-lhe o copo, que estava ainda meio de agua, e imagine-se agora a cara de desapontado do negro quando, em logar de sentir as guellas escaldadas, as sentiu frescas.

Entramos na povoação do Malinda ao anoitecer e a 8 marchamos para o Mafutane por veredas marginadas de cactus. Durante o trajecto os carrega-

dores, a curtos intervallos, paravam, punham a carga de lado e começavam a excavar no meio da herva. Perguntei-lhes a razão de taes paragens. Responderam-me que estavam tirando *mésinha* para a dôr de barriga. É uma raiz semelhante á mandioca, com uma folha parecida com a da silva. Informaram-nos os negros que só n'essa zona do Mossuate existe e que a consideram soberana para as colicas e diarrhéas. Denominam-n'a *dontella.*

Agora a região é arida. Até onde os olhos podem alcançar não se descobre o mais tenue arbusto. Tudo sêcco e abrazado. Os raios solares tornam insupportavel o andamento. No dia immediato seguimos para a aldeia do Metétua. N'esse percurso os carregadores, apesar de todas as precauções, beberam mais de metade de um garrafão de vinho, do que resultou embriagar-se cêrca de um terço.

Era então régulo do Mossuate, n'esse momento, um dos mais poderosos potentados da Africa austral, o celebre Macacamella, que significa gordo, alcunha motivada pela sua extrema corpulencia. Os seus vassallos tambem lhe chamavam Jamine (*brincalhão*) e os inglezes Badine, nome de familia. Destinei o dia 10 de julho para visitar a magestade negra. Com frio, pois apenas se passam os Libombos, a temperatura desce bastante, montado n'um cavallo do negociante Camillo — uma maravilha para descer ou subir a serra — lá fui a caminho da capital da Swazilandia, como apodam essas terras montanhosas os geógraphos britannicos.

Ao cabo de tres quartos de hora de marcha accidentada deparou-se-me um extenso planalto.

Que linda paizagem!

A povoação do régulo não differia das suas congéneres d'outros pontos. Era maior, mais nada. Receberam-me dois magnates da côrte do potentado, Seguba, que desempenhava um cargo identico ao dos *maires* de palacio na época dos reis merovingios, e Metétua, mordomo. Deu-nos audiencia o régulo com o cerimonial costumado. Não o descrevemos para não repetir o que tem sido dito por tantos viajantes e exploradores. Macacamella accedeu aos desejos manifestados pelo governador geral de Moçambique, obsequiou-nos a seu modo e n'essa mesma tarde retirámo-nos. Pernoitámos na povoação do Metétua. Era um preto intelligente, conversador, antigo chefe de guerra, com cerca de sessenta e cinco para setenta annos de edade, de memoria lucida, exprimindo-se com facilidade e até por vezes com eloquencia.

Como o obsequiámos com o melhor *Cognac* que levávamos e lhe mandamos abrir varias latas de pitéus de que elle era muito gulozo, facilmente se lhe desprendeu a língua. Fallou nas suas numerosas campanhas, principalmente nas que fizera encorporado nas mangas zulas contra os boers. Não será preciso explicar que as narrativas nos eram traduzidas com fidelidade por um intérprete, que não tirava nada ao colorido especial imprimido pelo velho caudilho de tantas batalhas sangrentas.

— Lembra-se ainda de Chaka, o grande e cruel rei zulo? — perguntámos-lhe.

— Ainda vivia quando eu nasci, mas nunca o vi. Conheci, no entanto, muito bem Mozilikatze, um dos mais audazes guerreiros de Chaka, que o abandonou quando eu era ainda um *mofana* (rapaz novo); atravessou o Drakensberg e occupou o territorio denominado hoje Transvaal — informou o *induna* mossuate.

— Foi elle quem offereceu uma grande batalha aos boers...

— Foi, no rio Vaal. Commandava-os um tal Charles Celliers. Formaram um *laager* com carretas e resistiram a todas as investidas. Um anno depois os chefes boers, Maritz e Potgieter, tiraram a sua desforra. Mataram centenas de guerreiros ao Mozilikatze, em Morsega, e recuperaram as carretas e o gado roubado.

— E Dingana? Quem era Dingana?

— Dingana e Mahlangana eram irmãos de Chaka. Resolveram matar este. Chaka tornara-se odioso pelas suas atrocidades. Um dia, em que dava audiencia a um dos régulos seus vassalos, os irmãos azagaiaram-n'o. Dingana herdou o poder, mas não possuia os talentos militares de Chaka. Mahlangana, com receio de ser assassinado, exilou-se. Ninguem ganhara com a troca. Dingana era ainda mais cruel que Chaka.

—Como foi a traição em que tanto tenho ouvido falar no matto?

— Um grupo de boers, uns sessenta talvez, commandados por Pieter Retief, tinham ido a Um-Gundholovu solicitar de Dingana uma concessão de terrenos. O potentado recebeu-os hospitaleiramente na sua capital. Declarou-lhes, porém, que para acreditar na sua boa fé e na sua força conseguissem primeiro que Sikunhela, chefe dos matatís, restituisse a elle, Dingana, algum gado que lhe roubara. Pieter Retief acquiesceu ao pedido, prendeu pouco lealmente Sikunhela, que se viu obrigado a satisfazer a todas as exigencias do rei zulo.

— Dingana cumpriu a sua promessa?...

— Cumpriu... a seu modo. Na manhan de 6 de fevereiro de 1838 enfreavam os boers os cavallos para se retirar. Dingana, que assignara um documento no qual cedia a Pieter Retief e aos companheiros o sítio designado por Porto Natal, com todo o terreno desde o Tugela ao rio Usimvubu, offerecera um grande batuque de guerra aos seus hospedes. Então, no momento em qne os boers deixavam, a pedido d'elle, as espingardas fora do ambito régio, e a um signal dado pelo potentado, duas mangas, cerca de tres mil zulos, cahiram sobre os boers e mataram-n'os, a uns ali mesmo, a outros n'uma collina proxima, onde se realizavam as execuções. O ultimo a ser morto foi Pieter Retief, para assistir ao supplicio dos seus compatriotas.

— Levava tudo a ferro e fogo... — commentámos.

— N'essa mesma tarde foi expedida uma *impi* (columna) zulo para trucidar quantos boers encontrasse entre os rios Tugela e Bushman. Apanhados de surpreza, sem se poderem agrupar, espalhados aqui e acolá, bem poucos lograram salvar a existencia, ou fugindo ou occultando-se nos covis das feras.

Mandei abrir outra garrafa de *Cognac*. Metétua tornou-se ainda mais loquaz e narrou com todos os pormenores o que vae no capitulo seguinte.

VIII

Uma floresta de azagaias

Prevenção a tempo — Plano de exterminio — Dôr de pae — Reunião de conselho — Tactica nacional — Conjuntura apertada — Espionagem — Resolução temeraria — Recurso unico — Trincheiras improvizadas — Anciosa espectativa — Inimigo á vista — Tudo a postos — Aspecto pavoroso — Hymno confrangedor — Concerto de assobio — Floresta de azagaias — Impeto furioso — Resistencia a todo o transe — Supremo esforço — Convulsão olympica — Segundos de desalento.

— Interrogae esta velha, ella vos relatará o acontecido.

— E vós onde ides?

— Para o lado de minha mulher; bem carece da minha presença.

— Quem é esta velha?

— Ella que vos diga.

— Ide chamar o intérprete.

Occorria este rapido dialogo n'um acampamento boer, situado, approximadamente, a meia distancia entre o que é hoje Lydenburgo e Pretoria. Reuniam-se ali Dirk Uys, Potgieter, André Pretorius e ainda outros chefes. O intérprete não teve grande

demora. André Pretorius ordenou ao cafre que desempenhasse as funcções de traductor:

— Perguntae a esta velha como se encontra aqui.

— Brancos — respondeu a ancian por intermedio de quem lhe conhecia a linguagem, — eu vivia n'uma povoação proximo da de Dingana. O chefe do povoado, devido a calumnias, expulsou-me d'ali accusando-me de feiticeira e depois de roubar quanto era meu. E ainda agradeço poupar-me a vida, pois raro é aquelle sobre quem impende tal labéo que não é logo sacrificado. Não podia procurar refugio em terra de zulos, todos fugiriam de mim. Resolvi procurar-vos; ao menos sempre me acolheriam e não me deixariam morrer á fome. Demais...

— Demais o quê? — inquiriu Potgieter.

— É natural que não soubessem o que se passara em Um-Gundholovo. Então, apesar da minha edade, caminhei, não descansei um instante, pois queria chegar a tempo de vos prevenir...

— Prevenir de quê? interrompeu Dirk Uys, e logo adduziu: — Velha, contae quanto sabeis...

A preta narrou o morticinio de que tinham sido victimas os boers, que relatamos no capitulo anterior, e terminou:

— Além da *impi* enviada ao Tugela e ao Bushman, Dingana mandou organizar outra de trinta mil guerreiros para vos atacar de subito. Não deve estar longe. Tomae as vossas precauções.

O hollandez que acompanhara a velha abriu a bocca para falar. Não o conseguiu. Dos olhos des-

ciam-lhe copiosas lagrimas. Fez-se um longo silencio.

— Qual o motivo do vosso pranto? — perguntou André Pretorius ao desolado boer.

— Ali me ficaram dois dos meus filhos, mortos á traição. Como consolarei minha mulher?!...

E o desditoso, que a custo proferira estas palavras, affastou-se em direcção de uma das carretas.

— Bem, sahi! — ordenou André Pretorius á velha zula, e, em seguida virando-se para um rapaz novo que ali se conservava perto, accrescentou: — Dae-lhe de comer; não deve ter dispendido menos de sete dias — e foi andar com alma, — da povoação do Dingana até aqui. É natural que apenas se alimentasse de raizes arrancadas ao chão e de fructa cahida das arvores.

O rapaz aprestou-se a cumprir as ordens do chefe.

— Já não partem os duzentos e cincoenta homens a cavallo, que estavam para marchar sobre a povoação de Dingana, para saber o que era feito dos nossos? — perguntou um dos chefes presentes.

— Não, já não partem — declarou André Pretorius; e após um instante de meditação, continuou: — Junjam os bois ás carretas, aggrupem-se todos aqui, promptos para proseguir no *treck* (exodo). Torna-se necessario eximir os nossos ao formidavel risco que impende sobre elles. Vamos a assentar no expediente que se nos affigure mais consentaneo com esse fim.

— Se não estivessemos acompanhados — opinou Dirk Uys — a resolução não soffria delongas. Saltávamos para cima das nossas montadas, aguardávamos os cafres e com a ajuda de Deus inflingiamos-lhes mais uma derrota. Mas agora... As nossas mulheres e os nossos filhos erguem-se como um grande tropeço e aggravam extraordinariamente a critica conjuntura. O que me parece mais pratico é voltar para Potchefstroom.

Depois de algumas pequenas observações dos homens mais considerados do grupo, a discussão quasi acabara, quando o mesmo rapaz, que fôra incumbido de fornecer alimento á velha zula, e que voltara a ouvir o que se ventilava no conselho, disse:

— Permittis que eu exponha as minhas idéas sobre este vital assumpto?

— Falae, mancebo — auctorizou André Pretorius.

— Atravessamos no presente momento o período mais difficil da nossa emigração. Desde que sahimos da cidade do Cabo nunca pesaram sobre nós tão negras ameaças. Unidos, fortes, cheios de esperança, triumphamos até hoje das acommettidas dos indígenas. Não me demorarei a citar a tactica seguida. Quando os zulos nos faziam frente, metade dos nossos atacavam-n'os, a outra metade conservava-se de reserva e guarda ás nossas familias.

— Assim vencemos sempre — assentiu Potgieter.

— Na actual emergencia somos poucos, as mangas inimigas muitas. Hão de procurar envolver-nos

e por certo o conseguirão. O regresso a Potchefstroom, n'outra opportunidade, talvez fosse a nossa salvação, n'este momento pode ser a nossa perda...

— A nossa perda?! — interrompeu Dirk Uys franzindo os espessos sobr'olhos.

— Eu me explico — atalhou o orador. — A vossa experiencia é longa, o conhecimento da guerra do sertão completo, a intrepidez de todos absoluta. A vossa prudencia, alliada ao vosso valor, tem operado verdadeiros milagres. É evocando todo esse longo e glorioso passado que ouso contrariar-vos...

— Em que consiste o vosso plano?

— A espera dos vátuas aqui, a pé firme, constitue uma defesa desesperada. As nossas mães, as nossas irmans, as vossas esposas, as vossas filhas podem succumbir depois de mortos todos nós, mas ainda existe alguma probabilidade de victoria; se nos pomos em marcha, n'uma extensa linha, sem cohesão, sem podermos empregar uma defensão efficaz, ninguem das nossas seiscentas familias escapará, nem velhos, nem raparigas, nem creanças.

Os boers entreolham-se perplexos.

— Conheço os zulos de perto — continuou o mancebo — aprendi-lhes a lingua, estudei-lhes os costumes. A sua audacia é inexcedivel, o seu desapego pela vida é inegualavel. N'este instante as suas espias observam-nos para ahi escondidas em qualquer recanto. Nenhum dos seus chefes ignora quantos somos, a posição que occupamos, os recur-

sos de que dispomos. As suas forças contam já uma semana de andamento veloz...

— São as informações trazidas pela feiticeira.

— Acampa desde esta madrugada, tenho a certeza, a seis ou oito milhas d'aqui. De lá enviou as suas vedetas em todos os sentidos. Não ha pormenor que lhes falte. Estamos envolvidos a esta hora por uma rêde de sentinellas, como amanhan o seremos por nuvens de guerreiros. Esta noite, logo que a lua se mostrar, virão cerrando o circulo. Ao primeiro clarão do alvorecer veremos tremeluzir as folhas das suas azagaias.

— E então?...

— O meu plano — perdoae-me que o exponha com desassombro, — bazeia-se em formarmos um *laager*. Collocamos as carretas n'uma circumferencia e dentro os animaes. Apertados os vehiculos uns de encontro aos outros offerecerão uma solida muralha, que os negros, apesar da sua coragem, talvez não alcancem transpôr. Deixamos acercar os adversarios, bem de perto, e, á queima roupa, fuzilamo-los de dentro dos carros. Para que o nosso fogo seja profícuo, nas massas que hão de investir com furia, carregamos as espingardas com bastantes balas pequenas. Assim, com sangue frio, desfechando de muito proximo, cada um de nós pode derrubar quatro zulos.

Pela numerosa assembléa correu um murmurio de approvação, mas André Pretorius, contrariou:

— É arriscadissimo consentir que se avisinhem tanto do *laager*. D'essa forma a vantagem enormissima do numero, a sua pericia no manejo das ar-

Boers armados com espingardas e... guardasoes

mas brancas, o impulso de que veem animados e até o seu extraordinario desenvolvimento physico são outras tantas probabilidades a seu favor e contra nós.

— Não ha duvida: é perigoso, extremamente perigoso, mas menos que se nos colherem n'uma ex-

tensa linha. Não poderemos d'esse modo empregar a nossa tactica favorita: galopar até junto d'elles, mas fóra do alcance das suas azagaias e frechas, disparar as armas, voltar á desfilada para a retaguarda, tornar a carregar e repetir a mesma acommettida. Se abandonarmos um instante que seja as nossas familias, os cafres, com as dezenas de mil homens que trazem, massacrarão tudo; trucidá-las-hão a ellas e depois a nós ..

— Não accrescenteis mais nada. Tendes razão. O vosso plano é o melhor; seguí-lo-hemos — exclamaram quasi por unanimidade os presentes.

*

*   *

O acampamento revolve-se n'uma actividade febril. As seiscentas familias encontram-se já dentro dos vehiculos dispostos a marchar. N'um instante tudo se apeia. Homens, velhos, rapazes, creanças, as mulheres de todas as edades, serviçaes, tudo labuta. Os varaes de cada carreta são mettidos por baixo dos rodados posteriores da immediata. Quatrocentas enormes carretas descrevem um vasto circulo, sem solução de continuidade, fortemente entrincheirado. Machados de rija tempera, manejados por braços musculosos, derrubam quantas acacias espinhosas se divisam em redor. Troncos, ramos, pernadas, os cactus que abundam no terreno, tudo se colloca nos intervallos das rodas afim de impedir a

entrada dos agressores habeis em se arrastar, silenciosos como reptís, pela herva humida ou pelas estevas resequidas. A fatigante tarefa termina a hora adeantada da noite.

Ninguem dorme. As mulheres entôam preces, os homens perscrutam o horizonte e elevam a alma a Deus. As trevas adensam-se, como se em volta se agglomerassem colossaes montões de hulha, semelhantes aos que esperam nos caes o momento de embarque. Fora do *laager* vigiam as sentinellas interrogando a escuridão, prestes a dar o signal de alarde. Dentro do campo cada familia recolhe-se á sua carreta. Os postos são antecipadamente designados, as espingardas carregam-se com meticulosa cautella, os machados ficam ao alcance da mão, as munições distribuem-se com prodigalidade e ostentam-se em sitio apropriado.

As horas deslizam longas, como pezadêlos. Ao silencio, tão ameaçador e oppressivo como o incognito da selva escura, apenas o quebra os ruidos peculiares aos mysterios do matto. Ao raiar do primeiro alvor, o mesmo hollandez que impuzera o seu projecto ao conselho, de vigia no ponto mais exposto, vae lavar-se a um arroio que serpeava a trezentas jardas do *laager*. Observa com minucia cada accidente do terreno. Repara n'uma sombra que surge, vincadamente negra, na sua frente, para além do tranquillo regato. Acompanha-a com o olhar. A orla sinistra prolonga-se de um e outro lado, á direita e á esquerda, n'uma extensão enorme.

*

— Os zulos! — murmura o mancebo pávido.

Some-se-lhe a vontade de aproveitar a agua. Acocora-se, pretende enxergar com mais precisão a faixa que ennegrece a crista da ondulação affastada. A manhan illumina-se. O rebordo esmaece e funde-se no azul a branquear. Apenas se quedam uns perfis sêccos, que, olhos mal acostumados ás illusões da paizagem africana, tomariam por arvores sem folhagem. Mas moviam-se esses esguios rebentos com extrema precaução. O boer percebeu. Atirou-se ao solo e rastejou. Transpoz o entrincheiramento e preveniu os chefes. As vedetas recolhem. Tudo se prepara. O instante estrangula a fala na garganta dos mais valentes.

— Que o Senhor nos proteja! — balbuciam as mulheres.

Nos solidos e pesados vehiculos, abrigados por um oleado, que cobre a armação em arco, com entradas á frente e á retaguarda, abrem-se nas faces lateraes pequeno buracos, o sufficiente para introduzir o cano da espingarda e visar o contendor. O embreado da parte posterior é fechado, o da anterior apenas semi-cerrado para disputar a acommettida que se pronuncie contra o lado interno da improvisada fortificação. Machadinhas bem afiadas, prestes a entrar em serviço, aguardam ameaçadoras que qualquer preto tente escoar-se pelo intervallo entre uma e outra carreta, por onde mal cabe um homem. A completar estas sensatas disposições, caudilhos precavidos contra toda a qualidade de

ardis cafreaes postam, em baixo de cada carreta, um atirador com a missão de desfechar sobre qualquer ousado que deligencie penetrar atravez dos espinhos amontoados entre as rodas.

— Que nuvem, meu Deus! — exclamam as mulheres, trémulas, aconchegando no regaço as creanças que pela edade não podem juntar-se aos defensores.

Na verdade, o terreno adjacente ao *laager* escurece sob os pés do exercito vátua. O espectaculo intimída o que nunca sentira medo. A cêrca de duzentas e cincoenta jardas a compacta mole zula estaca. Divisam-se perfeitamente os munjovos de pelles raras que lhes tapam os rins; as fitas vermelhas que lhes enfeitam o pescoço, pulsos e pernas; as nongas e azagaias a relampejar; as mosqueadas rodelas; os diademas de alta e flexivel plumagem, que ainda mais marcializam as suas physionomias varonis, de angulo facial recto, de testa rasgada, de expressão energica e audaz; os membros e tronco nus, admiraveis modelos de estatuaria.

— Salvae-nos, Senhor! Se alguem tem de perder a vida, antes seja eu que os meus filhos! — impetram as jovens mães fitando o azul purissimo do firmamento.

De subito, a selva até ahi muda vibra com um hymno bellicoso entoado por trinta mil vozes. O canto de guerra sôa de forma estranha e sinistra, um psalmo de mau presagio, aos ouvidos dos hol-

landezes. As notas graves, soturnas, rolando pelo espaço como o ribombar de uma trovoada; os accordes estrídulos, gutturaes, açoitando o ar como um látego de aço; os accentos melancolicos, de infinita doçura, semelhantes aos canticos com que se acalentam os recemnascidos; os sons carinhosos, delicados, suaves quaes beijos de despedida, tudo rigorosamente afinado, obedecendo a um compasso severo, como se o guiasse a batuta períta de um regente habilissimo, abala, commove, alanceia, confrange a alma mais indomita.

Por traz da primeira linha das mangas zulas, a trezentas jardas pouco mais ou menos, estacionam outras massas ainda mais numerosas que as primeiras. São os veteranos, os guerreiros habituados á lucta, a reserva, aquelles que matam sem mercê qualquer fugitivo dos seus que se deixe empolgar pelo pânico, que ceda a qualquer contra-ataque. As estrophes marciaes ainda eccoam durante mais dez minutos. A um determinado signal tudo emmudece. Após uns dois ou tres segundos de mutismo silvam dezenas de milhares de assobios. Afigura-se aos hollandezes que todos os reptís do sertão se reuniram ali para realizar tão funebre e estridente concerto.

Approxima-se a decisiva emergencia. A densa, a impenetravel floresta de azagaias, abala como se se desaggregasse do solo em que até ahi se integrara e a impellisse a força titânica de qualquer convulsão cosmica. O chão treme, a herva dobra-se

ao effeito do estupendo pêso de tantos milhares de pés, as carretas oscillam nos fortissimos eixos e a madeira dos estrados range como n'um terramoto, os bois mugem, os cavallos relincham, a atmosphera de pavor de tal modo opprime os brancos, que nem as creanças choram, nem as mães podem mover os labios para rezar.

Ei-los a vinte passos do *laager*. Os vehiculos inflammam-se n'uma labareda unica, refulge um só relâmpago. Seguem-se-lhe dezenas de estalidos sêccos, um granizar de saraiva a bater em vidros espessos, o rasgar do espaço por innumeras e successivas faiscas electricas, como o crepitar sacudido de uma moderna metralhadora.

— Senhor, não nos deixeis á mercê d'estes selvagens! — roga n'uma oração fervorosa André Pretorius.

As primeiras filas dos assaltantes cáem como as cearas de trigo sob o gume afiado das ceifeiras mecanicas de hoje. São centos de cafres que tombam em todas as posições, colhidos na investida delirante, paralyzados de subito nos pulos vertiginosos. Os que restam de pé entreolham-se aterrados e fazem meia volta.

— Cobardes! — bradam os veteranos da retaguarda.

E immediatamente novas mangas de azagaias erguidas lhes coarctam a fuga, e tétricas, impávidas, inflexiveis, os obrigam a voltar á arremettida, a rodear os vehiculos d'onde a fuzilaria não cessa de

enviar a morte. Envergonhados por esse movimento de desânimo, acicatados pelas vaias e insultos dos mais velhos, tendo que escolher entre a morte dada pelos seus ou a despedida pelos boers, arrojam-se ébrios de dementada furia contra as carretas.

Combate entre boers e basutos a cavallo

— Serenidade e bôa pontaria — recommendam os chefes brancos aos seus combatentes mais nervosos.

A irresistivel acommettida leva os negros até o combate corpo a corpo. Os mais temerarios sobem aos carros. Os machados, acerados, derrubam-n'os com feridas horrendas. A carnificina amontôa pilhas de cadaveres no ambito circular. Tentam os atacantes outro meio de penetração. Procuram introdozir-se por entre o rodado e pelos intersticios dei-

xados pelos varaes. Ainda ahi os esperam as boccas de largo adarme das espingardas destinadas à caça dos elephantes e o capim mais uma vez se acama sob centenas de corpos inermes e ensanguentados. D'esta vez nem ultrajes, nem doestos, nem pancadas, nem a acção das armas empunhadas pela reserva conseguem detê-los. O panico dota-os de azas nos pés.

— Elles fogem! Elles fogem! — gritam os rapazes hollandezes com alegria, suppondo o perigo passado.

— Mas voltam. Que ninguem saia do seu logar — ordenou Potgieter com energia.

Decorrem duas horas. A custo, empregando meios violentos e cerrada eloquencia, os *indunas* conseguem reformar os fugitivos e prepará-los para uma desesperada investida. O exercito cafre agglomera-se agora em dois grandes e profundos corpos. Defrontam-se um com o outro, de modo que o reducto dos boers fique no meio d'elles. Cada um d'esses corpos scinde-se em dez numerosos batalhões. No *laager* os defensores adivinham que os atacantes vão tentar um supremo esforço.

— Senhor, tomae-nos á vossa santa guarda! — supplicam as mulheres.

— Meus amigos, coragem! — brada André Pretorius.

A primeira lição aproveitara aos zulos. Appellam para uma tactica mais racional. Marcham sobre a fortificação só as fracções da vanguarda.

Quando estas se acercam do entrincheiramento, correm as que se lhe seguem. Assim as primeiras, mesmo que pretendam effectuar um movimento de recuo, são constrangidas a avançar pelas que lhes caminham no encalço e que as espicaçavam pelas costas. Quando os successivos escalões occupam a posição apropriada, retine um silvo prolongado e contempla-se o espectaculo inédito e grandioso de uma carga simultanea de trinta mil pessoas. É um turbilhão, uma tromba que desce dos ares á terra, um cataclismo que apavora até a natureza, uma d'essas punições olympicas dos deuses convulsionados pela ira descriptas pela mythologia.

— Fogo! Fogo sem descanso! — ordenam os chefes em toda a linha.

Os boers previnem-se sensatamente. Cada um arma-se de espingardas de calibre grosso, municiadas com seis balas em arratel. Apenas disparadas, são immediatamente carregadas. Assim, a fuzilaria torna-se ininterrupta, accelerada, febril, phrenetica, assume proporções de vertigem. Não se olha a quantidades. A polvora despeja-se ás mãos cheias nos canos, as balas mettem-se aos punhados sem buchas e sem varetas, as capsulas introduzem-se á pressa na chaminé, um absoluto delirio de matar com a maior velocidade possivel. Os zulos atiram-se com tão formidavel impulso sobre os vehiculos, que estes cambaleiam, oscillam, quasi tombam com as suas denodadas guarnições. Os hollandezes consideram-se

irremediavelmente perdidos. Os corações mais fortes sentem-se invadidos pelo desalento.

— Meu Deus! Meu Deus, não nos abandoneis em tão lancinante situação! — oram «in mente» mulheres e homens.

IX

Tragedias do sertão

Uma hecatombe — Derrota — Cemiterio — Mudança de acampamento — Novo *laager* — A derradeira acommettida — Dura perseguição — Visita inesperada — Cavalgada veloz — «Ultimatum» — Condições duras — Diplomacia cafreal — Duplicidade — Recusa prudente — A necessidade faz lei — Proposta para meditar — Indecisão — Entre Scylla e Charybdes — Sentença de morte — Doblez — Assassinio de Dingana — A Calabria africana — Proezas de bandoleiros — Epílogo de um bandido.

Os cafres escalam os carros. Alguns, bastantes, n'um salto de chacal, entram no interior do recinto. Soltam retumbantes gritos de victoria. Não conjecturam, porém, a recepção que os aguarda. No momento em que tocam o solo, ainda mal equilibrados, as machadinhas vigilantes dos defensores postados n'esse local fendem-lhes o craneo durissimo, rasgam-lhes os musculos de aço. Derrubados estes audaciosissimos assaltantes, apontam para os que se alcandoram nos toldos e varam-n'os com tiros certeiros, como quando caçam o tigre ou o leão. As mulheres, velhas, juvenis, rivalizam com os maridos, filhos, maridos, irmãos e netos. Matam a tiro, matam ás machadadas, matam ás facadas. Nada já as intimída.

Não contam os zulos com a intrepidez de tão valiosos auxiliares.

— Não fraquejem! Não desanimem! — encorajam ellas dirigindo-se aos homens e expondo-se com o maior desassombro.

Circumdando o *laager*, ergue-se um parapeito de cadaveres negros. O sangue começa a fazer poças. Tudo tem um limite, mesmo a arrogante e impetuosa investida das *impis* zulos. A abundancia dos mortos e feridos é tal, que os vátuas hesitam primeiro, recuam, apavoram-se, fogem e debandam. A derrota é completa. Não ha memoria d'outra semelhante desde que Dinguisuayo fundara a nação zulo. Ao meio dia terminara a batalha.

— Saiam quatro homens, de boa vontade, a cavallo, para saber para onde os cafres se dirigem.

Apresentam-se innúmeros, mas só quatro vão desempenhar o serviço indicado.

Para cima de quatro mil guerreiros pretos jazem na herva em redor das trincheiras hollandezas. Uns estendem-se completamente immoveis, outros contorcem-se nas derradeiras vascas da agonia, outros, os de feridas menos perigosas, procuram fugir, arrastando-se, com receio de que os acabem ou lhes inflinjam, segundo o seu costume, torturas peores que a morte. Na linha exterior, dentro do circulo, em cima dos toldos, em todos os sitios onde se manifestara o ataque, em todos se notava o aspecto de um cemiterio cujos cadaveres tivessem sido arrancados brutalmente ás suas sepulturas.

— Quaes são as nossas perdas? — pergunta Dirk Uys com uma certa commoção na voz.

— Apenas a da filha de Celliers — informa um boer.

— Pobre pequena... com dezaseis annos!...

— Batia-se ao lado da mãe, de machado em punho; matara já dois cafres que assaltavam a carreta quando uma azagaia despedida por um negro atravessa o toldo e a trespassa, entrando por uma clavicula.

— E feridos?

— Ha bastantes e poucos de gravidade.

Passado o perigo e tomadas as precauções aconselhadas afim de evitar qualquer possivel retorno offensivo, todas as familias ajoelham ao centro do *laager* e ali oram em commum, dando graças ao céo por tê-los livrado de tão assoladora calamidade. Após o furor e vehemencia do combate, o recolhimento, a uncção da prece.

— Ahi vem um dos emissarios — communica uma das sentinellas a André Pretorius.

— Que novidades ha? — pergunta o chefe.

— A *impi* retirou em massa; acampa a seis milhas d'aqui — informa o mensageiro.

— Optimo! — exclama o chefe. — Podem desmanchar o *laager*, engatem os bois ás carretas e vamos para longe d'este logar maldito.

— Tambem me parece acertado — assentiu Potgieter; — é preciso esquivar-nos a este medonho espectaculo de tanta gente morta, de tanto sangue

que empapa o capim e livrar-nos das exhalações pútridas que não tardarão a empestar a atmosphera.

A ordem é promptamente cumprida. Forma-se novo *laager,* distante tres milhas, mas agora de proporções mais reduzidas. Apenas duzentas e cincoenta carretas orlam a circumferencia. Ao escurecer regressam mais dois mensageiros.

— Boas novas ?! — inquirem.

— Os zulos continuam a retirar. Caminham com lentidão porque transportam muitos dos seus feridos...

— Até admira elles deixarem ficar tantos em volta do *laager*... — observa um dos presentes.

— Vamos celebrar conselho — convidou André Pretorius.

Os chefes reunem-se para accordar no melhor plano a seguir. A discussão não se prolonga. Como complemento das deliberações tomadas, Potgieter diz:

— Mandam-se então duzentos e cincoenta homens a cavallo para acompanhar a *impi* zulo até as terras do regulo Dingana. A expedição empregará os meios possiveis para fazer desapparecer para sempre esse crudelissimo potentado.

— E que a Providencia corôe os seus esforços — epilogou André Pretorius.

O esquadrão parte ao alvorecer. Ás três da tarde avista as forças cafres. As mangas vátuas, mal lhe presentem a approximação estacam e desenvolvem-se em linha. Tentam effectuar a sua favorita manobra

envolvente. Os hollandezes, porém, acautellam-se. Galopam e acercam-se até onde os tiros das espingardas são proficuos e dão-lhes uma descarga. Baqueiam algumas dezenas de vátuas. Os pretos arrancam, despedem-lhe as azagaias. Os boers esporeiam as montadas e põem-se fóra do seu alcance. Carregam as armas, avisinham-se de novo e disparam-lhe segunda vez e outra e outra e outra, até que as baixas são enormes, os selvagens se desmoralizam e empolgados pelo terror se desordenam, se disseminam, se salvam do que presumem morte certa e abandonam todos os feridos, que morrem sem soccorros.

A perseguição activa-se ainda mais no dia immediato. Os bandos são acommettidos sem misericordia e dispersos. A caçada ao preto adquire mais enthusiasmo que a das féras. A vassoura implacavel dos cavalleiros boers limpa de guerreiros a immensa area até ás povoações do Dingana. A expedição branca entra ali. Ninguem.

— Para onde fugiu Dingana? — interroga o chefe da columna ao deparar-se-lhe um velho que por trôpego se quedou escondido dentro de uma palhota.

— Juntou quantas pessoas pôde e fugiu para o norte, para as terras de Sabussa, pae do regulo do Mossuate.

O velho não lhes póde servir de guia. Principiam a bater matto. Infelizes serão se não encontram algum cafre occulto nas selvas. A sorte favo-

rece-os. A sete milhas d'ali descobrem uma familia. Junto a três mulheres e sete creanças, acham um

Um boer em operações

adulto e um rapazelho. Convencido o zulo meio por medo, meio por interesse, indica-lhes a pista. Ei-los

em marcha para a residencia do Sabussa. Gastam na jornada seis dias. Logo que se acham nas suas terras, obrigam um regulo vassallo a communicar ao potentado que no dia seguinte se avistarão com elle, e que, se quer paz, lhe entregue o Dingana. O pobre feudatario apavora-se com a inesperada visita. Para lhe demonstrar as suas boas intenções hospitaleiras, presenteia-os com dois bois e milho para os cavallos.

— Não fazes mais que cumprir o teu dever — declarou-lhe o chefe dos hollandezes, á guisa de cortez agradecimento. — Agora mandas sahir tudo quanto é preto e prohibes que, seja quem fôr, ande pelas proximidades da povoação. O que transgredir estas determinações leva um tiro.

Não se ouviu uma detonação durante a noite. A seu lado os hollandezes só consentiram algumas pretas para lhes cozinharem os alimentos.

— Sabe-nos bem a comida quente — observa um dos boers mais dado aos prazeres da meza. — Ha treze dias que estamos auzentes das nossas familias e só temos comido carne assada no fogo e mapila (milho) cosida.

Os homens da columna certificam-se que os cavallos comem a ração, apparelham-n'os e deixam-n'os prestes para qualquer emergencia, amarram-n'os a estacas, confiam-n'os á guarda de um certo numero de companheiros, deitam-se e dormem a somno sôlto. Na madrugada seguinte data de agua, nova ração distribuida aos animaes, e em marcha

para a habitação do Sabussa, onde se apeiam dois dias e meio depois n'um povoado affastado d'ahi tres milhas. Tres dos hollandezes que conhecem a linguagem zulo partem para ali na qualidade de embaixadores.

O Sabussa não rejubila com a entrevista que lhe exigem, mas não pode deixar de a conceder.

— Que desejam? — pergunta depois de trocadas as primeiras saudações.

O orador do grupo, branco, principia:

— Os boers não receiam as hostilidades de nenhum potentado da Africa, por numerosas que sejam as suas *impi,* mas tambem não querem assumir a responsabilidade de provocar quaesquer guerras; pelo contrario, desejam viver em boa harmonia com todos os visinhos. O mundo é sufficientemente largo para todos.

O Sabussa escuta mudo, perscrutador, ancioso, assustado, mas na apparencia, impassivel, o exordio do visitante. Este rememora o aleive de Dingana, descreve o envio dos trinta mil homens para exterminar os brancos, relata como foram derrotados, a perseguição realizada, a ida á povoação do rei zulo, o encontro com o velho, emfim, tudo quanto o leitor conhece e que o negro não ignora. Após um momento de pausa este inquire:

— E que pretendem?

— Que amigavelmente satisfaças as seguintes condições: 1.º Queremos que nos entregues o Dingana; 2.º Que nos sejam restituidos os cavallos

dos nossos sessenta companheiros assassinados, bem como os arreios, armas e cartuchame; 3.º Que todo o gado do regulo passe para o nosso poder...

— Como posso eu cumprir semelhantes imposições!? — exclama Sabussa fingindo-se surprehendido.

— Dingana estará nas nossas mãos dentro de dois dias; para satisfazeres as outras duas condições tens uma quinzena. Acceitando o que te propomos, terás em nós um amigo; se recusas, não te deixaremos de pé nem um homem, nem uma palhota, nem um vitello.

— Se os brancos são inimigos do Dingana, eu não tenho nenhuma especie de razão para ser seu amigo — contesta Sabussa, e n'este ponto falava verdade. — Mas como posso eu apanhá-lo? Como me é possivel sequer fazer com que o azagaiem?

— Tu és o dono da terra...

— Dingana entrou aqui com quarenta mil homens e o dobro de mulheres e creanças, é mais, muito mais que todo o meu povo. É este quem pode dictar a lei e não eu...

— Procede como entenderes, conheces as nossas condições, não nos arredaremos d'ellas um ápice — declararam em tom que não admittia duvidas os boers.

Sabussa calou-se, pensou, meditou, cogitou e após um largo praso de reflexão, com a astucia peculiar a todos os negros, ainda os mais boçaes, como se uma voz íntima lhe suggerisse uma subita resolução, disse:

— Brancos, partam e participem aos vossos chefes que ámanhan, antes do sol subir ao seu mais alto ponto, lhes enviarei uma embaixada com a minha ultima palavra ácêrca das exigencias que me fazem. Convençam-n'os e convençam-se que tenho o maior empenho em ter os brancos pelo meu lado e não contra mim. Assegurem-lhes que realizarei o impossivel para lhes ser agradavel.

Os tres emissarios retiram para junto dos seus, não muito satisfeitos, e dispõem-se a effectivar as suas ameaças. Ainda bem os hollandezes não communicam a resposta do potentado negro aos seus camaradas, quando o Sabussa envia um mensageiro seu ao Dingana, acampado a doze milhas da sua residencia, informando-o de quanto occorre com os brancos. As regras protocolares cafreaes não consentem que os dois potentados se avistem, visto o Dingana presumir-se suzerano do Sabussa. Aconselha-lhe este ultimo a que mande á sua povoação alguns plenipotenciarios, afim de se concertar a réplica com que se hão de acalmar as imperiosas reclamações dos vencedores.

— Recommendem-lhe acima de tudo — explica o Dingana como epílogo ás suas derradeiras instrucções — que forme immediatamente duas ou tres mangas, que cerque os hollandezes de noite e que não deixe escapar um. Se não appella para este recurso, elle e eu estamos perdidos.

Pela calada da noite entram no *kraal* do Sabussa os emissarios do regulo homiziado. Escoltam-n'os

quinhentos guerreiros. O potentado onde procurara refugio aguarda-os com anciedade. Ordena a um *induna* que os introduza sem demora na sua palhota. Ali só cabem o conselheiro íntimo do Dingana e vinte dignitarios de maior confiança. O resto dos zulos espera na esplanada da povoação. Junto do Sabussa só permanecem quatro dos seus aulicos.

— Dingana manda agradecer-te a communicação que lhe fizeste das palavras dos brancos — principia o representante do monarca vátua, depois de exhibidas as primeiras contumélias — Sabes agora o que tens a fazer, segundo a sua opinião?

— A sua bocca o dirá pela tua.

— Reune alguns dos teus mais valentes guerreiros, rodeia as palhotas onde dormem descansados esses diabos, e que nenhum vá contar que chegou até aqui.

Em harmonia com os inveterados habitos d'essa parte do sertão, é o primeiro dignitario do Sabussa quem responde ao seu collega enviado por Dingana, e argumenta:

— Não pesaste certamente as consequencias tristissimas que adviriam para a nossa terra se seguissemos o conselho que acabas de nos dar. É aleivoso e cobarde um tal plano. Por causa do teu amo ter assim praticado com os sessentas boers assassinados na sua povoação, é que se encontra em tão grave conjuntura. Demais, os brancos nunca aggravaram Sabussa. Não devemos acommettê-los á falsa fé.

— D'outro modo não os anniquilaremos. Não vieram aqui fazer exigencias?

— Vieram, não ha duvida. Exercem o direito que assiste a todos os vencedores. Não se esqueça o Dingana que é um vencido. Imaginemos que meu amo Sabussa procedia conforme as tuas indicações, que eram massacrados os brancos. Os demais não os vingariam? Não viriam sobre nós nuvens d'elles, tão velozes como o relâmpago, tão fulminantes como o raio?! Não podemos brigar com os boers. Nós somos muitos, mas elles dispõem d'outros meios que nos faltam a nós. Atiram-nos de longe e quando nos queremos acercar d'elles, os cavallos andam mais que nós.

— Como tenciona proceder? — inquiriu o plenipotenciario de Dingana.

— Foi uma perversa resolução a de teu amo — continuou o conselheiro de Sabussa, illudindo a pergunta. — Que ganhou em mandar assassinar quem só pretendia estreitar laços de boa amisade? Para obstar a tantos inconvenientes, para applacar a ira dos hollandezes, para que estas terras soceguem, para que nós vivamos sem sobresaltos, só ha um recurso...

— Indica-nos esse recurso — convidaram os emissarios de Dingana.

— Sendo as circumstancias de gravidade, de gravidade é o expediente que me accode, mas é o unico ramo de arvore a que nos podemos segu-

rar para não nos precipitarmos n'um fundo barranco.

— Fala!

— Essa pernada que se estende para nós, offerecendo-nos o seu apoio, é a deposição de Dingana, é proclamar em seu logar o irmão, Panda.

O regulo Sabussa conservara o seu mais absoluto silencio até então. N'esse momento adduziu:

— Não teem outro remedio. Precizam azagaiá-lo, convencer o irmão a tomar parte na conjura e acclamá-lo na occasião azada.

Os zulos immergiram em profunda meditação, mas não descerraram os labios. Decorridos muitos segundos, o conselheiro íntimo do potentado de quem ali se jogava a existencia, declarou:

— Ninguem ousará perpetrar semelhante deslealdade.

— Pois os remorsos não devem assaltar quem elimine da vida um tão sanguinario chefe. Não pensa senão em verter sangue dos estrangeiros e do seu povo. Porque ordenou o exterminio dos filhos e das mulheres dos brancos? Em vez de topar com carneiros, appareceram-lhe leões. O que presumia victoria, converteu-se em derrota. Fugiu para as minhas terras. Quer mandar aqui mais do que eu. Os zulos são fortes, valentes, mas Dingana pretende fazer com que os hollandezes os aniquilem do primeiro até o ultimo. Um rei que assim empurra a sua nação para a ruina, é um inimigo. Não pode, não deve ser tratado d'outra forma.

— É um crime que o Tilo [1] nunca perdoará — argumentaram os *indunas* vátuas sacudindo preoccupados a cabeça.

— Não ha que hesitar — insistiu Sabussa. — Temos que entregar o Dingana dentro de quarenta e oito horas, senão lavramos nós mesmos a nossa sentença de morte. O meu anceio seria manter-me em paz com os hollandezes e com a nação zula, mas não é possivel.

— É uma infamia, é uma cobardia atraiçoar o nosso rei.

— Concordo plenamente comvosco. No caso presente variam as leis. O rei em questão não experimenta o minimo arrependimento em destruir a felicidade dos seus vassallos. Se qualquer d'elles praticasse um acto infinitamente menos criminoso do que os innúmeros commettidos por Dingana, ter-lhe-hiam arrancado a vida no meio dos maiores tormentos. Azagaiem-n'o. A justiça e a conveniencia geral assim o determina.

— Que fazer?! Que fazer?! — murmuravam os embaixadores vátuas.

— Procurem sem demora Panda, combinem tudo. Se recusam obedecer aos bons dictames da razão, vêr-me-hei na necessidade de optar amanhan por um dos lados — ou ir contra os brancos ou contra vós.

Os emissarios do sanguinario potentado entre-

---

[1] Deus.

olharam-se de novo, cada vez mais perplexos. Convenceram-se que a resolução de Sabussa era irrevogavel, o que os collocava em posição difficil. Acceitar a proposta constituia um aleive, repudiá-la seria o aniquilamento de todos.

Orange — Uma parte da actual cidade de Bloemfontein

— É certo que o Dingana tem sido um mau rei — concordou um dos seus parentes que fazia parte da embaixada. — O teu conselho, Sabussa, representa o unico caminho aberto á salvação geral. A nós, em quem a nação zula depositou a sua confiança, cumpre o dever de supprimir a origem de tantos males — e dirigindo-se aos seus companheiros inquiriu:— Em que rumo orientaes o vosso parecer?

Nenhum dos vátuas se atreveu a abrir a bocca.

Depois de relancear com a vista os collegas, o mais graduado da embaixada, com voz e gesto solemne, perorou:

— Acceito a proposta.

Como um ecco a voz dos demais repercutiu:

— Acceitamos.

A embaixada vátua retirou-se n'essa mesma noite. Tomaram o caminho da povoação de Panda. Ali accordaram no assassinio de Dingana e na acclamação do irmão. Com a doblez caracteristica dos politicos de todas as raças, communicaram no dia seguinte ao Dingana que o Sabussa desejava meditar no que lhe conviria fazer. Não os hostilizaria immediatamente, mas tambem não satisfaria as suas exigencias.

Parallelamente, o Sabussa enviou ao alvorecer, um seu íntimo, informar os hollandezes do conluio celebrado. Prevenia-o tambem que se tornava necessario aguardar alguns dias para que a conspiração obtivesse bom exito.

Não foi larga a demora. Ao cabo de dez dias os hollandezes recebiam uma embaixada do Sabussa. Com esta ia outra dos zulos. Communicava Panda que o cruel Dingana fôra juntar-se aos seus antepassados. Compromettia-se o novo rei a entregar aos hollandezes dentro de dois dias metade do gado do irmão. O resto, armas, cavallos e arreios, só quando voltasse á capital poderia effectuar a sua restituição, pois estavam na residencia habitual de Dingana.

Os boers mostraram-se satisfeitos com as noticias ouvidas e declararam em nome dos seus compatriotas que reconheciam Panda como rei dos zulos. Agradeceram egualmente aos enviados de Sabussa a sua activa interferencia na resolução do assumpto.

Que succedera?

Panda, cheio de amor fraternal, perfilhou sem escrupulo nem hesitação, o alvitre de assassinar o irmão. O seu serviçal de maior estima, a quem cumulara de beneficios, enterrou-lhe uma azagaia entre as espaduas. Morto o barbaro potentado, annunciou-se que o rei fallecera subitamente. Houve gaudio geral. Envolveram-lhe o cadaver n'uma pelle de boi, transportaram-no para a sua terra e enterraram-n'o no cemiterio dos monarcas zulos na orla da floresta Hlatikulu.

Panda honrou a sua palavra — não por escrupulo de consciencia, mas por medo; — entregou aos boers quanto lhes promettera.

Por aqui terminou a narrativa tão pittorescamente relatada do antigo chefe de guerra.

*

* *

A serra dos Libombos era, n'aquella quadra, como deixamos dito, o mesmo que nos seculos anteriores tinham sido as lendarias montanhas da Calabria — um covil de salteadores... europeus. Collocados de ponto em ponto expoliavam sem dó nem

piedade os pobres pretos que regressavam dos seus lares, idos de Goldfields, Diamant Fields, Transvaal, Natal ou Lourenço Marques. Roubavam-lhes, sem misericordia, o fructo dos seus trabalhos e economias. Ai do desgraçado negro se resistia! Breve uma bala lhe cortava a existencia. Todos os dias as auctoridades portuguezas recebiam queixas de pretos expoliados no caminho. Umas vezes, os bandidos exigiam-lhes *passes,* que elles proprios vendiam por sommas exorbitantes; outras, de espingarda apontada, arrancavam do cinto dos miseraveis o preço de três e quatro annos de fadigas e guardavam-n'o como se fôra o dinheiro mais bem ganho d'este mundo.

Sempre que das colonias inglezas do sul chegava a Lourenço Marques um navio, desembarcavam dez ou doze individuos, mal trajados, de rostos patibulares, sujos, esfarrapados, de espingarda Martini Henry ao hombro, com a cintura cheia de cartuxos e uma trouxa na mão. Não traziam uma peça de fazenda, nem coisa nenhuma que mostrasse o intuito de negociar, e lá iam para as cumiadas da serra exercer o seu *lucrativo* mister. Os pretos, na sua pittoresca linguagem, chamavam-lhes os homens da *enxada de fulminante,* por allusão á arma, sua exclusiva ferramenta.

Entre esses, avultavam pelas suas proezas de bandoleirismo o escocez Mac Nab, o allemão Ratebone, o inglez Constable e os francezes Dupont, pae e filho. Mac Nab, a quem os negros designavam por *Amecongolo* (branco feroz), era dos homens mais

valentes que se teem dedicado á arriscada existencia de bandidos. Nada o atemorizava. Um episodio entre muitos:

Faz uma transacção qualquer com o regulo Badine ou Macacamella, do Mossuate. O potentado deve entregar-lhe em pagamento quinze cabeças de gado. Como de costume, accumula pretextos para não satisfazer o ajuste. Mac Nab dirige-se á povoação do rei. Exige-lhe o cumprimento do estipulado. Este comia carne assada nas brasas, no meio da sua côrte e de dois mil *manjás*, recrutas, que anceiam *molhar a azagaia,* isto é, distinguir-se em combate e devotadissimos á alta personalidade, uma especie de seus guardas de corpo. Badine offerece-lhe de comer. Mac Nab puxa da sua faca, retalha um pedaço da rez, passa-o pelo fogo e come. N'esta altura fala a Badine na liquidação do negocio. O regulo, com um sorriso escarninho, responde-lhe de modo equívoco. O escocez, sem se perturbar, levanta a faca e crava-a no potentado, que por um movimento instinctivo se deita para traz e offerece á lámina apenas a coxa, quando ella procurava o peito. Feito isto, com o regulo a seus pés a esvair-se em sangue, pega na espingarda, aponta-a e brada:

— Quem quer morrer?

A estupefacção de tal modo toma os espectadores da extraordinaria scena, que o escocez sáe incólume da povoação. No dia seguinte volta. Badine, que recebera só um pequeno rasgão na perna, sa-

bendo-o proximo, manda entregar-lhe o gado reclamado e ainda um *saguate* (presente).

Mac Nab, só na Catembe, territorio portuguez, durante um anno, assassinara quinze pretos. Um dia, alguns indígenas da cidade de Lourenço Marques, entram espavoridos pela secretaria, e participam:

— Senhor, Senhor, *Amecongolo* está n'uma cantina no alto do Mahé (então suburbio da cidade).

Competia-nos ir prendê-lo, pois sendo secretario era, n'essa quadra, ao mesmo tempo administrador do concelho e chefe da policia. O governador, Pimenta de Miranda, aconselhou-nos a que requisitasse uma força de caçadores 4. Preferimos ir sosinhos com o impedido Francisco. Em tôrno da cantina formara-se um circulo de algumas centenas de pessoas, mas ninguem ousava acercar-se da fera. Engatilhámos o revólver e fomos. N'um salto, como os vinte e quatro annos permittem, encontrámo-nos junto do escocez, apontámos-lhe o revólver e intimámo-lo, em inglez, com accento que não consentia duvidas:

— Esteja quieto, ou mato-o.

Percebeu que a conjuntura era decisiva. Permaneceu immovel. Mandámo-lo amarrar pelo Francisco. Depois de inoffensivo, custou-nos immenso a libertá-lo das iras dos negros. Se não fosse o nosso revólver e o ascendente moral sobre a turba furiosa, esquartejavam-n'o. Enviado para a ilha de Moçambique, julgaram-n'o ali. Muito protegido, apenas o condemnaram a um anno de prisão. Findo elle, vol-

tou para o Mossuate, onde continuou as suas proezas.

Ao alvorecer de um certo dia, elle e Constable, aventureiro de egual categoria, allegando ambos que o francez Dupont, filho, furtara algumas rezes a um dos seus creados, encaminham-se para a habitação d'aquelle, em plena serra. Batem, aperram as espingardas e projectam varar á queima roupa quem assome entre os humbraes. Dupont não era um novato n'estas ciladas sertanejas. Em logar de accudir ao chamamento, abre uma nesga da janella, o bastante para introduzir o cano da sua optima carabina, e desfecha. Ao primeiro tiro faz saltar os miolos a Constable; depois, com desassombro, escancara a entrada, dispara sobre Mac Nab e fura-o de lado a lado. O projectil introduz-se por uma ilharga e desapparece junto do hombro. O escocez ajoelha com a violencia do choque, dessangra-se copiosamente, mas ainda encontra forças para despedaçar com um tiro a rótula do joelho de Dupont.

Como estes successos occorressem na vertente portugueza dos Libombos, o energico governador de Lourenço Marques, o então capitão-tenente da armada, Azeredo de Vasconcellos, enviou ali uma força commandada pelo secretario do governo n'essa época, tenente Monteiro Liborio e alferes Ezequiel de Vasconcellos. Acompanhava-os o medico dr. Duarte Ferreira. Quando esta diligencia cercou a casa de Mac Nab, estava elle deitado de costas, immovel, pois não lhe era permittido effectuar nenhum movimento.

Um cafre pensava-o simplesmente a agua fria. Ao lado, estendida e ao alcance da mão, descansava a sua inseparavel Martini Henry. O facultativo encontrou-o tão perigosamente doente, que declarou aos dois officiaes não se responsabilizar pela sua vida se o removessem d'aquelle ponto. Deixaram-n'o ficar, principalmente com a esperança de que não escapasse.

Salvou-se. Mais tarde, a 19 de junho de 1886, estando o governador Azeredo de Vasconcellos nos Libombos, com os delegados inglezes e hollandezes, a proceder á delimitação de fronteiras n'aquella região, foi ao nosso acampamento o regulo do Mossuate, Badine. Ali, chamou pelos carregadores da região da Matola, ahi em serviço, e ameaçou-os de, se lhe não obedecessem, bater-lhes. Era uma insolencia. Azeredo de Vasconcellos queixou-se aos outros commissarios. Procedeu-se a um inquérito. O regulo rompera n'aquelle excesso por instigações de Mac Nab. Pretendia tirar por essa forma a desforra da humanidade com que o tinham tratado.

Rodados annos, em 1900, Mac Nab appareceu em Lourenço Marques rijo, de cabello e barba toda branca, com os seus sessenta annos mais lépidos e varonís que os vinte de muitos. N'uma manhan encontraram-n'o morto, de bocca para baixo, n'uma valeta da rua Araujo. Embriagara-se, como de costume, cahira de bruços, ninguem lhe accudiu e victimou-o uma asphyxia.

Epílogo banal de uma vida excessivamente accidentada.

X

Vida colonial

Falta de hospitalidade — A creança e o crocodilo — Dedicação de um preto — Escassez de mulheres brancas — O hotel Berg — Novo concorrente — A effervescencia cresce — Centro de attracção — Pomo de discordia — A caminho de Inhambane — As duas «Burras» — Aspecto do povoado — Um casamento moiro — Pormenores da ceremonia — Um argentario — O indigena eleitor — O acto eleitoral — Popularidade insuspeita — Affluencia de visitas — O papão do Gungunhana — Hypocrisia collectiva — A emigração — Chiluane — A ilha da desolação — Coisas hoje inacreditaveis

Durante essa larga viagem só tres coisas não compramos: ar, lenha e agua. O mais só o obtivemos á custa de dinheiro. Gente mais egoista e menos hospitaleira para o viajante não é facil encontrar. E não era só para nós, era principalmente para os negros que não pertencem á sua raça.

Ainda outro episodio de viagem.

Já esclarecemos que o Tembe apresenta umas ribas pouco altas. Este rio não é dos mais abundantes em crocodilos, mas, como seria escandaloso haver no continente negro um charco, por pequeno que fosse, sem possuir algumas d'essas repellentes alimarias, vê-se, de ora em quando, a tomar o sol em

cima das ribanceiras, um corpo esguio verde-negro, com umas fauces enormes, abertas, e lá dentro uma fiada de dentes alvissimos e mais aguçados que a lâmina de um punhal.

N'uma manhan de janeiro, um dos mezes mais quentes d'aquellas latitudes, perto do váu do Echiça, a que atrás nos referimos, e a certa distancia de uma casa de zinco, que servia simultaneamente de loja, taberna, hotel, todas as coisas imaginaveis ao mesmo tempo, andava a fazer tropelias um rapazelho de cinco annos, filho de um inglez proprietario d'esse estabelecimento. Na margem, a tratar da embarcação, havia um negro, Gimo, um dos mais bellos exemplares da raça landina. Vigoroso como um hercules, desembaraçado como um athleta, destemido como um caçador de elephantes, que fôra.

O garoto distanciára-se e apparecia agora n'um morro, não muito elevado, acima do rio, a algumas dezenas de metros. Instinctivamente, o preto levantou a cabeça, e qual não foi a sua surpresa quando viu um crocodilo, de razoaveis proporções, abeirar-se, cautelosamente do mocito. Sem perder um momento, sem sequer ter ensejo de lançar mão de qualquer arma, salta como um antilope, e ei-lo ao lado do pequeno exactamente no instante em que o amphibio se preparava para lhe bater com a cauda, para o precipitar no rio e ahi o devorar.

Suspensa a creança com mão segura, levanta-a no ar, furtando-a assim ao violento e mortal golpe. A féra, vendo-se ludibriada, desapparecer-lhe uma

prêsa que contava por segura, acommette o negro. Este deffende-se com difficuldade por estar desarmado e ter a creança nos braços. Quer correr, mas a furiosa cauda vergasta-o com uma sanha atroz.

Fere-se então um combate formidavel e desegual. O crocodilo morde, e especialmente açoita, e cada açoite corresponde a dezenas de punhaladas profundas e largas feitas pelas escamas duras e aceradas. Gimo perde sangue por innúmeras feridas. As suas pernas são um ininterrupto borbotão de sangue.

Atirar com a creança, que não lhe era nada, nem sequer da sua raça, á voraz féra, representava para elle a salvação. Pois não o fez. Quando de casa accudiram aos gritos do rapaz, quando o crocodilo assustado se atirou ao rio, o dedicado negro cahia exangue, com os seus grandes olhos muito abertos, quasi não parecendo ter a consciencia do acto heroico que praticara.

Levado para o hospital de Lourenço Marques, cortaram-lhe as duas pernas pelo terço superior; poucas horas depois succumbia aos resultados da amputação.

*

* *

Em 1884, só existia em Lourenço Marques um hotel razoavel. O emprego d'este adjectivo talvez ainda denote accentuado favor. Denominava-se Hotel Berg, do nome do seu proprietario, de nacionalidade incaracteristica e de caracter dubio. Acom-

panhava-o uma italiana, Bianca, a quem apodava de mulher legítima, talvez sem grande respeito pelo sacramento do matrimonio. Bianca, tendo percorrido meio mundo, ou mesmo realizado em volta d'elle uma viagem mais completa, que as effectuadas por Fernão de Magalhães ou James Cook, arranhava

Inhambane—Construcção da ponte

com egual facilidade e desrespeito varias linguas. Empregava, ao exercitar-se no portuguez, uma phraseologia que, se não se podia respeitar pelo seu classicismo, provocava sorrisos pelo pittoresco das imagens e pelos erros da prosodia. Sem ser bonita, attrahia. Se tu, leitor amigo, viveste outr'ora em embryonarias colonias africanas, onde as mulheres

brancas se contavam na proporção de uma para mil colonos europeus, em geral novos, robustos, sensuaes, com os sentidos acicatados pelas excitações do clima, com os desejos em vibração pela lembrança de antigos prazeres, deves recordar-te que a apparição de uma dama, mesmo que não personificasse uma deidade, attingia proporções de acontecimento insólito e tocava a rebate na nossa carne como todos os badalos de um carrilhão bem fornecido de sinos. Durante alguns mezes, Bianca representou o centro de um systema planetario, uma especie de sol em volta do qual gravitavam copiosos e suspirantes satellytes attrahidos pela alvura dos seus braços roliços, sorvidos pela conjuncção das suas curvas proeminentes. Nem todos cantaram victoria, não devido á invulnerabilidade da sua virtude, mas á othelica vigilancia do rabugento sabujo que a guardava.

Um dia de janeiro de 1884 desembarca em Lourenço Marques, ida de Port Elisabeth, cidade da colonia do Cabo, uma familia alleman. Trazia annexo um relojoeiro *Herr* O... Ella, typo accentuadamente germanico, de cabellos louros, tez branca, olhos azues, fornida de carnes sem exaggero, denotava frescura, apesar da prole e do pairo dos trinta annos, attingidos já ou mesmo excedidos.

«Frau...» — o nome não importa — vinha estabelecer um novo hotel. Foi um acontecimento. Alugada uma casa, as differentes feitorias portu-

guezas e estrangeiras abriram-lhe credito, toda a familia trabalhou na installação e a nova hospedaria com *bar*, botequim adjacente, inundou-se de freguezia. Ancorara no porto uma barca norte-americana que se entregava á pesca da baleia n'aquellas regiões. O capitão, talvez natural de uma das ilhas dos Açores, trazia comsigo uma aventureira de quem não se mostrava demasiado ciumento. O então pagador das obras publicas, Jacintho Onorio José de Moura, com o desassombro «conquistador» da raça portugueza, apanhando a companheira do capitão baleeiro no *bar* de «Frau...», pretendeu harpoá-la, exactamente como a guarnição, ás ordens do pseudo-marido, faziam aos enormes cetaceos habitantes d'aquella zona maritima. O Menelau das aguas zangou-se, esteve prestes a desencadear-se uma scena de pugilato, mas tudo serenou. As nuvens dissiparam-se de todo na manhan immediata, n'um almoço, a bordo do navio baleeiro. O pagador Moura sempre alcançou o que desejava. O capitão norte-americano ou açoriano — nunca o pudemos averiguar bem — condescendeu em ceder momentaneamente os seus direitos maritaes.

Pouco depois realizou-se outro almoço a bordo de um pontão da Companhia do cabo submarino, *Toohomba*. Ahi se enthronizou, como rainha da festa, «Frau...» O negociante da terra Francisco Damião Cannas Franco, illetrado, mas intelligente, e com decidida vocação para as alcunhas, enlevado pelos bellos braços da dama germanica, apodou-a de *Braço*

de prata. A antonomásia persistiu, até os inglezes a designavam por «Silver arm», traducção britannica do cognome portuguez.

Todos os homens da localidade, moços e velhos, oriundos de Portugal ou dos mais recuados confins do Universo, resolveram assediar a gentil recemvinda, fazendo-lhe um cêrco com a observancia dos mais complexos preceitos dos regulamentos de Cupido n'este genero de operações bellico-amorosas.

É claro que entre o novo hotel e o hotel Berg se cavaram logo profundas rivalidades. O novo estabelecimento prospéra a olhos vistos. Todos os magnates o frequentavam : os « dandys » e os pouco esmerados no vestuario, os ricos e os pobres, os que sabiam inglez e os que nunca ultrapassaram o modesto conhecimento do trivial « Good morning » e do banal « Yess. » O pessoal do hotel Berg enfurecia-se. Os hospedes de lá transitavam para o allemão, as receitas de um augmentaram em detrimento do outro, e, o que mais azedava a questão, a Bianca vira desertar dos pés os seus mais ardentes admiradores para irem offerecer as suas enthusiasticas homenagens á *Braço de prata.*

Occorreu uma verdadeira revolução em Lourenço Marques, revolução de ordem amorosa, e que quasi desencadeou uma guerra semelhante á provocada pela formosa espartana Helena contra Troya. Tudo serenou com a retirada simultanea da linda Helena e de Paris, cada um para seu lado.

*

* *

Em 17 de maio de 1887 o paquete inglez *Courland,* partia de Lourenço Marques ás onze da manhan, com esplendido mar e optimo tempo, com rumo a Inhambane. O vento soprava do nordeste. Houve quem seguisse com a vista, com extraordinaria saudade, a rubra e sêcca paisagem dos barrancos da Ponta Vermelha. A viagem foi rapida e sem incidentes. Depois da primeira refeição fundiu-se, entre os passageiros, a frieza inicial. Na lista da primeira classe figuravam, como principaes, o celebre explorador africano Hermenegildo Capello, ministro plenipotenciario em Zanzibar na questão do Tungue; visconde de Castilho, consul geral em Zanzibar; capitão tenente Azeredo de Vasconcellos, então governador de Lourenço Marques; capitão Costa, chefe da secção de Obras Publicas em Quelimane; capitão da guarnição Fronteira; alferes Teixeira de Souza e Andrade; Rubim e James Beningfield, negociantes inglezes de Natal; Elburg, agente da casa hollandeza de Inhambane; Dr. Bowie e mulher, medico das missões dos lagos; Blackburn, missionario; Holé, norueguez, «commis voyageur» de uma fabrica de tabacos da Noruega; Guary, dentista inglez; Shearburn, capitão de cavallaria do exercito britannico, etc.

O *Courland* dobrou o cabo das Correntes ás oito da manhan de 18. Ás dez avistava a *Burra* e fun-

deou ao meio dia e meia hora em Inhambane. Muito ao mar ainda, avista-se o pharol da *Burra,* que era tambem um posto semaphorico, que se correspondia com o da ilha dos Porcos e este com o de Inhambane. O pharol compunha-se de uma casa com duas janellas e um eirado ao seu lado esquerdo, onde assentava o apparelho. Defronte da porta erguia-se o mastro dos signaes. Residir ali era viver n'um deserto. Em redor não havia povoações e para se chegar á villa tinha que se caminhar umas boas quatro horas.

O navio que vae do sul precisa acercar-se bastante da *Burra verdadeira* (terra alta que se designa por esse nome) para procurar a passagem da barra, depois navegar de novo com prôa á terra do sul e voltar outra vez a buscar o rumo marcado pelas boias. A barra estava bem balizada, mas ainda assim os navegantes não se atreviam a demandá-la sem piloto. Á medida que a embarcação se interna no golfo, as ribas ao lado direito do paquete accidentam-se successivamente. Arborizadas em toda a sua extensão, suscitam uma longinqua reminiscencia das colinas da Outra Banda em Lisboa. Ao cabo de duas horas de singradura principiam a vêr-se os navios fundeados no porto, o bairro e mesquita dos moiros e uma grande quantidade de palhotas de forma cylindro-conica, que se denominam *sombreiros,* disseminadas por entre os coqueiros e cajueiros. O conjunto d'esta primeira parte transmitte-nos uma impressão agradavel e risonha.

Um antigo governador de Sofala, major de cavallaria, Fontes Pereira de Mello, ainda parente do grande estadista, celebrizou-se pelas suas excentricidades e pelas suas criticas pittorescas. Um dia, na regencia da lingua ingleza, no Collegio Militar, achou que uma das botas o incommodava. Em plena aula, colloca-a em cima da mesa e examina no interior d'ella, no meio da surpresa e do gaudio dos alumnos, o que o molestava. Esse, dizia na sua linguagem despretenciosa, a proposito do muito internados que estão alguns dos portos da provincia de Moçambique:

— É como uma porção de bolas mettidas n'um saco comprido. Introduz-se a mão, mexe-se e remexe-se e depois é que se encontra Lourenço Marques, Inhambane, Chiluane, Quelimane, etc.

Ha muito de verdade n'este commentario.

Meia hora depois fundeia-se em Inhambane. A então villa ergue-se na margem direita do Mutamba, a quatorze milhas da sua foz. Sobe de um vale em direcção de umas pequenas elevações dispostas mais ou menos em semi-circulo. No fundo d'esse pequeno valle existe a praça d'onde se prolongava a ponte, velha e carunchosa, inexgotavel fabrica de quedas e desastres. Á direita da ponte achava-se a alfandega com um pequeno pateo gradeado e com dois alegretes semeados de flores. Adeante, no prolongamento da praça, deparava-se-nos o correio, a repartição de Obras Publicas e em seguida o quartel instalado n'uma casa alugada e que nenhumas condições offe-

recia para o alojamento de um batalhão. Ao fundo da praça corria uma rua, a segunda, e talvez a ultima. As demais eram insignificantes travessas ou becos. Ali existia a feitoria franceza Augustin Fabre e duas outras construcções particulares. Do lado esquerdo via-se a egreja e as paredes de duas casernas, que o governador Moraes Sarmento, major de cavallaria, começou a edificar. No fim da ponte divisava-se um alpendre e á direita d'elle corria uma cortina onde cinco peças, cujos reparos, como todos os outros das fortificações de Moçambique, não resistiriam a um tiro de bala.

Todas as repartições publicas e camararias, mais ou menos embryonarias, funccionavam em casas alugadas.

O bairro indígena estendia-se em todas as direcções dividido por vias um tanto tortuosas, mas incontestavelmente pittorescas. Arvores elevadas ensombravam estas arterias elementares, o que imprimia ao bairro o aspecto de uma herdade viridente e enorme. Varios pantanos dispersos pela villa e fóra d'ella não a deixavam gosar de absoluta salubridade.

N'essa noite realizava-se a boda de um moiro.

N'uma casa pequenissima, uma multidão consideravel de pretas cantavam e dansavam o batuque n'aquelle rythmo cadenciado peculiar á musica cafreal, enchendo litteralmente a casa. Estabelecera-se uma romaria para o quarto da noiva a fim de a examinar, o que se fazia através da massa compacta

das negras cujos seios como colossaes sacos de café ainda tornavam mais difficil a travessía. A nubente assentava-se á borda do leito nupcial e não parecia nada enleiada.

O noivo, com a musica á frente, percorreu todas as ruas de Inhambane. Por ultimo recolheu a um barracão levantado proximo da casa e que servia para dentro d'elle se completarem as cerimonias religiosas do matrimonio. Ao lado esquerdo d'esse barracão agglomeravam-se algumas dezenas de moiros, naturaes de Inhambane, já cruzados com a raça bitonga. Armados de pandeiros, assentados sobre os calcanhares, ora se levantavam ora se assentavam, passando a cada um d'esses movimentos o pandeiro de uma para outra mão. Ao fundo repoltreava-se o noivo com os seus amigos. Em frente da casa onde se recolhia a noiva havia um annexo com mesa posta, onde abundavam as garrafas de Cognac, de cerveja, de vinho do Porto, destinadas a obsequiar os europeus. O secretario do governo, alferes de cavallaria Macieira, enthusiasmado talvez pelas frequentes libações a que se entregara, queria á viva força fazer as honras da casa, attribuições confiadas a um magnate da localidade que manifestava na physionomia não gostar nada d'essa usurpação.

Era o verdadeiro soberano de Inhambane o tal magnate. Rico, o mais rico dos habitantes, fazia e desfazia eleições, nomeava e exonerava governadores do districto, elevava ou esmagava chefes da provincia. Com elle votava a população em pêso.

Inhambane gosou de opulenta abastança em quanto a America constituiu um lucrativo mercado para onde convergiam os negreiros de todos os paizes. Os cruzadores inglezes enfraqueceram o trafico. Inhambane decahiu e com elle todos que fa-

Inhambane—Egreja parochial

ziam d'esse ramo de commercio a sua principal ou exclusiva fonte de receita. A prodigalidade peculiar aos negreiros não se podia estancar e o magnate em questão facilitou-lh'a com bom juro. Um dia os brilhantes colonos, que perdiam n'uma noite, a rir, uma barrica de onças hespanholas, acharam-se pobres, e o dono de Inhambane ficava para si com as propriedades

dos delapidadores registadas em forma na conservatoria do registo predial. Os juros, em bons dobrões, convertiam-se logo em titulos da divida publica.

As eleições em Inhambane, como em qualquer outra das nossas colonias, offerecem particularidades que o observador não pode deixar sem reparo.

A praça enchera-se de negros dos regulos avassalados, eleitores *livres, independentes* e *desinteressados*. N'essa occasião entravam no recenseamento todos os pretos que figuravam no arrolamento das terras como chefes de familia, de forma que Inhambane, só por si, pesava com a maioria sobre as outras localidades que compunham o circulo. Calcula-se sem esforço qual a idéa que o preto forma de uma eleição, tal como os legisladores brancos a concebem, bem como dos deputados e do Parlamento. N'esse ponto pouco differe do eleitor europeu: vae para onde o manda o cacique, o influente local. Ali, em virtude do systema hypothecario, os pequenos proprietarios estavam todos nas mãos do potentado, verdadeiro Shylock d'aquella terra. Todos se mantinham na sua dependencia, d'ahi a sua importancia eleitoral que o governo reconhecia, cujas consequencias soffria e que o tornava o primeiro servo de Sua Ex.ª

Nas vesperas da eleição o capitão-mór recebe instrucções do governo para ordenar aos régulos, cabos e seus homens que compareçam em determinado dia na séde do districto. Dentro do praso marcado concentram-se na Maxixa, defronte de

Inhambane, na outra banda, abivacando no matto. O governo fornece-lhes bois, mantimentos e aguardente até o dia do desempenho da sua *altissima* e *civica* missão. N'essa manhan todas as lanchas e escaleres de que se pode dispôr transportam os eleitores para a villa. Desembarcam e formam com o seu regulo á frente. Os regulos distinguem-se dos vassallos pela tunica vermelha com que o governo os presenteia no acto de prestar vassalagem, bem como um barrete encarnado e um bastão com as armas reaes na ponta. Tunica e barrete são de paninho ordinarissimo, rubro, com um galão amarello da mesma fazenda a debruar-lhe as ourelas. Ao lado de cada regulo, como o galhardete distinctivo dos generaes, fluctua a bandeira portugueza hasteada n'um páo qualquer ao capricho de quem a desfralda. Quando a numerosa turba completa a sua concentração distribue-se-lhe as listas e em seguida marcha para a casa da Camara, onde se procede com a maxima desordem e confusão á solemnidade eleitoral. Os cadernos são descarregados sob os nomes mais fantasiosos a que corresponde uma lista mettida na urna. Quando o tal potentado não trabalhava de accordo com o governo escamoteavam as listas d'estes em seguida á sua distribuição e choviam na mesa os protestos feitos quasi exclusivamente pelos funccionarios.

Emfim entraram na urna quatro mil listas. Todos tinham escripto o nome do laureado poeta Guerra Junqueiro. O celebre nume nunca pensou certamente

gosar de tal popularidade entre os povos bitongas. N'uma palavra: «Uns compôem a sua sorte; outros forjam-n'a.»

Com destino a Moçambique embarcava o capitão Vidal, ex-governador interino de Inhambane. O paquete encheu-se de visitas: a officialidade de caçadores 3, o coronel Fornazini, major Fonseca, empregados da alfandega Aniceto, O' da Silva, juiz da comarca Clemente, de bota de salto apionado, cheio de ademanes e de olhadelas dardejadas ás damas, o delegado José Loforte, etc., varios sujeitos nacionaes e estrangeiros. Muitos foram a bordo para se distrahir. A chegada do paquete a estas terras, por assim dizer, mortas, constitue uma forma de quebrar a monotonia quotidiana. Essas visitas só saem depois do ultimo toque de campainha e de modo que surprehende não determinar uma catastrophe. Não é a primeira vez que, motivado pelas demoras, ha passageiros forçados de um para outro ponto. É bem facil de explicar esta affluencia. O navio que vae ou vem, embora estrangeiro, mesmo para os que se consideram felizes nas localidades onde residem, significa um élo, uma parcela do que se deixou longe, é um trecho da patria que se desloca, de que custa a separar, é o espinho da saudade que nunca cicatriza por completo e que dóe sempre quando se nos deparam compatriotas, jornaes, mulheres, fatos, os mil nadas que falam da familia e nos recordam o lar com os seus carinhos e aconchegos.

Dias antes o batalhão de caçadores 3, ali de

guarnição, partira para as terras do regulo Binguana. Compunha-se a força de cento e cinco praças e oito sargentos. Commandava-o o capitão Mello Rodrigues; Agostinho Queiroz, capitão-mór interino; quartel mestre Baptista; alferes Pinheiro e pharmaceutico Feio. Acompanhava-o uma metralhadora Nordenfelt, uma peça Hotchiss e uma de campanha de calibre tres, bem como seis mil caçadores indígenas, dos quaes quatrocentos armados de Chassepot. O regulo Binguana apresentou-se a coadjuvar a força do governo com tres mil homens armados de espingardas e mil de rodela e azagaia. A columna dispendeu doze dias até as terras do Binguana. O objectivo das operações consistia em bater o potentado Panda, independente e que não cessava de fazer incursões no territorio dos chefes nativos avassalados a Portugal. Tambem ia incumbida essa força de saber o resultado da commissão que pelo governo geral fôra enviada ao famoso Gungunhana rei de Gaza.

Esta resolução do governador Vidal era apreciada de modo bem differente, conforme as sympathias ou antipathias inspiradas. De attitudes napoleonicas, mais instruido, militarmente, que a maioria dos seus camaradas, e fazendo-lh'o sentir, Vidal nem sempre agradava a todos. Seria, no entanto injustiça, negar-lhe a sua boa vontade de acertar e a sua honestidade. É sempre conveniente dar um desconto importante á maledicencia peculiar ás terras pequenas e em especial ás africanas. Ali vivia-se

mal, socialmente falando. Todos estavam na dependencia do magnate a que atrás alludimos, mas tambem todos o guerreavam pelas espáduas, do que resultava uma tal somma de hypocrisia collectiva difficil de exceder.

Em Inhambane embarcaram quatrocentos e trinta e cinco pretos contractados para Lourenço Marques, pelos dois negociantes de Natal Rubim e James Beningfield. O negocio da emigração, era e é, dos mais rendosos de qualquer localidade da nossa Africa. Representa um lucro certo sem arriscar capital. E que lucro!

Para terminar com Inhambane. Ficaram tradiccionaes os almoços e jantares offerecidos pela esposa do governador Sarmento, tão fina como interessante, tão affavel como senhoril.

*

* *

Poucos se lembram hoje o que era Chiluane, séde do governo de Sofala em 1885 e o que tinha sido até essa época. Terra baixa, caracteristica d'essas paragens que algumas regiões da margem esquerda do Tejo, proximo do Barreiro, fazem recordar. Como demonstração de que ali vivia alguem, divisava-se um mastro com a bandeira portugueza desfraldada, simultaneamente balisa da navegação, um pharolim, uma casa de alvenaria do governo a cahir em ruínas, cinco palhotas, duas casas de matope,

barro e estacas, cobertas de palha. Na ilha cresce bravio o matto e a beiramar orla-se de emmaranhado mangal. A pallidez do rosto e a côr verde, baça, da pelle dos unicos sete europeus que ali residiam demonstravam como o empuladismo e a sua inevitavel consequencia — a anemia — predominavam ali. Havia quatro ou cinco mezes que conhecêramos moço, com a tez viçosa, labios vermelhos, o agente da feitoria franceza Amiel. Encontrava-o agora um velho.

N'esse malfadado districto não existia medico nem pharmaceutico. Durante a quadra doentía todos os europeus cahiram enfermos e ninguem os podia tratar. Ás multiplas causas mórbidas juntava-se a escassez dos alimentos. Os paquetes que ali tocavam mensalmente desempenhavam o papel de Providencia, pois nas grandes afflições cediam generos e víveres aos famintos habitantes. Sofala estacionara, e afigurava-se aos que então visitavam esse immenso trecho de terreno que seria difficil progredir. No entanto era, nessa quadra, a sahida natural do marfim e da borracha idos das terras de Gaza.

Quando se lançava ferro no ancoradouro suppunhamos estar em frente de uma praia deserta. Tal era a ausencia de vida e movimento. E todavia era o caminho mais curto para as minas de Quiteve e Manica! O que era essa terra n'aquelle tempo! Matagal perfeito, completo, selvagem, agreste, sem um trilho, um vislumbre de caminho. A villa, aquillo a que pomposamente se dava semelhante nome, era um amontoado de palhotas.

Fomos encontrar ali, de novo, eleições para deputado.

Os conscientes e illustrados eleitores de Sofala exerceram no domingo 5 de junho de 1887 as solemnes funcções de levar ao seio da representação nacional, como se diz em estylo politico, o homem que devia curar dos seus interesses, luctar, argumentar e discutir em prol da terra que tão espontaneamente o elegera. Na casa, ou antes palhota, que servia de egreja, um aposento da residencia do governador, agglomeravam-se algumas dezenas de indígenas de lista na mão. Capitaneava-os o celebre *Mãosinhas,* um tal Carneiro, epileptico, n'uma casaca que nenhum gato pingado em Portugal vestiria, e com um chapéo, que se podia gabar, com certeza, de ser o primeiro que desembarcara n'aquella região. Tomava a serio o seu papel de trunfo eleitoral. O governador, Moraes Sarmento, o secretario do governo, tenente Antonio Fortunato, official distinctissimo, o alferes Rebello e subalterno do destacamento assentavam-se gravemente em redor da meza, em cima da qual avultava a urna prestes a receber a vontade soberana do povo, de algumas duzias de mulatos e de negros. O codigo administrativo tambem ali figurava, dentro de uma encadernação roída pelas baratas, como a esconder-se de tão conspicua assembléa. Pouco depois sabia-se que não entrara nem uma só lista da opposição. O laureado nume Guerra Junqueiro obtivera os votos unanimes de todos os cidadãos de Sofala!

Não obstante este acto significativo e abonatorio de tanto progresso, o Gungunhana e os seus *indunas* oneravam Sofala com pesados tributos, pagos á bocca do cofre com receio de ainda mais onerosas e sangrentas represálias.

Um dos sete europeus moradores de Chiluane e o principal negociante do districto era um tal Pinto, degredado. Por causa da morte de uma preta, com quem vivia, foi mandado recolher á fortaleza de S. Sebastião em Moçambique. Ficou a substituí-lo na razão commercial da casa outro degredado, Grillo. Quando Pinto chegou á capital da provincia, pouco depois de andar de grilheta ao pé, nomearam-n'o professor de musica da Escola de Artes e Officios!!!

Levantamos ferro após vinte e quatro horas completamente perdidas. Assignou a carta de saude o enfermeiro, a auctoridade « facultativa » de maior categoria. O alferes Teixeira de Souza regressou a bordo triste, por não conseguir o logar de secretario d'este prospero districto, como desejava; o tenente Magalhães ia gosar licença registada para Quelimane; o negociante hollandez Guttling fugia d'ali a sete pés; o juiz ordinario da localidade, um moiro, empestou o convez com as rescendencias emanadas da sua pessoa; o padre Quintão morreria de uma colica nephritica senão lhe accudisse o Dr. van der Hennet. Pelo mar adeante, a distancia, defronte das ilhas de Bazaruto, divisava-se o casco do transporte de guerra *D. Carlos* naufragado ali.

Affastamo-nos com prazer de uma terra onde o

funccionalismo, officiaes e soldados não recebiam vencimentos ha dois annos. O funccionalismo publico, civil ou militar, encontrava-se ali na mais servil dependencia. Para se poder alimentar com umas exíguas panjas de arroz e umas gallinhas tuberculosas tinha que andar de chapéo na mão, á porta dos commerciantes, como se implorasse uma esmola, pedir a qualquer commerciante baneane que lhe rebatesse o recibo, o que todos elles faziam do alto do seu pedestal monetario, dando-lhe apenas uma parte do valor porque o resto era deduzido para pagamento dos generos que o constrangiam a comprar n'esse mesmo estabelecimento.

Quando isso está mudado hoje, felizmente! Algumas das photographias reproduzidas estabelecem bem o parallelo entre o passado e o presente, pelo menos no ponto de vista material.

XI

Na Zambezia

Quelimane á vista— Aspecto do povoado—Successão de alamedas—Edificios publicos e particulares — Oceano de verdura — Jornaes e jornalistas — Excursões venatorias—Zelador á altura—Os prasos—Politica de... algibeira — O jogo — Emprezas agricolas— Prosperidade de Quelimane — Inhamissengo— Valor a frio— Attribulações de um official do ultramar —A tragedia do Massingire — Barbaridades inauditas— As loucuras da Africa equatorial— O drama de Tessauá —Voulet e Chanoine— A força do destino — Em plena revolta—Documento raro — Assassinio torpe—Castigo merecido—Estribilho philosophico

No domingo 22 de maio de 1887, ás oito da manhan, avistam-se as terras de Quelimane. A grande distancia da costa reconhece-se a proximidade d'estas pela côr lodosa da agua. O Zambeze e o Quaqua, nas suas vasantes, arrastam comsigo enorme quantidade de detrictos que tingem a agua de gradações de café com leite. Após esta extensa faixa de agua barrenta divisa-se como que surgindo das aguas elevados coqueiros, palmares e mangaes. Um pouco adeante enxerga-se o posto semaphorico de Tangalane, pharol e estação telegraphica, e do outro lado Olinda. N'essa época as embarcações tinham que

procurar o canal para não encalhar nos bancos do Cavallo Marinho e Militão. Defronte de Tangalane recebiam o pratico e dirigiam-se com a prôa a Olinda a buscar o novo canal. Antigamente os navios seguiam um rumo encostado á margem direita, mas em 1883 os officiaes da canhoneira ingleza *Sylvia* descobriram um novo corredor, que se abria a egual distancia das duas margens e cujo eixo era marcado pela egreja de Quelimane. As margens do rio desde Tangalane até Quelimane são extensas languas cortadas a miude por *mucurros,* braços de mar e cobertas por arvores de pequenas dimensões. Por toda a parte abunda a côr verde esmeralda d'esta vegetação, através da qual se sente uma humidade tépida, que tanto prejudica a saude dos europeus.

Quelimane era uma povoação como quasi todas as da provincia de Moçambique. Varios arruamentos sem grandes preoccupações de formas geometricas. A primeira coisa que se avistava era o quartel de caçadores 2, um comprido armazem sem qualidades nenhumas de alojamento militar. Em seguida avultava a egreja formada de um corpo principal com duas torres. Os campanarios terminavam em cupulas com pretensões a byzantinas. As casas expunham as trazeiras ao rio, o que com a tonalidade verde lhes imprimia um aspecto pittoresco. Havia uns carris até ali não utilizados. No fim da rampa recurvava-se uma meia laranja onde dormia o somno da paz um guindaste virgem de trabalho. Á direita estendia-se um arma-

zem em osso, á esquerda um *mucurro,* e na frente uma construcção velha e immunda, que o governo alugava para alfandega. Entrava-se e deparava-se-nos o mesmo que em todos os outros edificios de egual destino, armazens onde as mercadorias eram guardadas sobre barrotes deitados no solo sem argamassa, uma casa de despacho miseravel, á esquerda e a secretaria á direita.

Sahia-se. Olhava-se para uma e outra banda e ficava-se agradavelmente impressionado. A rua extensa, era uma vasta alameda ensombrada de arvores de varias especies, entre as quaes avultavam a acacia rubra. As casas, recuadas do alinhamento, como os *cottages* inglezes, offereciam um aspecto risonho. Cada uma apresentava um alpendre com varanda onde cada morador se ia assentar depois de terminados os seus negocios. Em frente, n'um tapete de verdura, desdobrava-se uma horta ou um jardim, o que dava um tom accentuadamente portuguez e de eterna primavera a essa terra. No fundo d'essa rua erguia-se a Residencia, a Secretaria do Governo e a Delegação da Fazenda. Qualquer d'essas repartições achavam-se decentemente installadas. Defronte uma da outra, separava-as, a meio, um portico de tres arcadas, nas extremidades do qual se ostentavam duas peças de artilharia, montadas em reparos de canhões de maior calibre, do que resultava os munhões assentarem apenas alguns milimetros nas munhoneiras. Guardava estas inoffensivas armas uma sentinella, um soldado

preto, mal calçado, mal fardado, com um capacete que o incommodava e com o ar menos marcial do mundo. A residencia em si era uma modesta habitação que satisfazia, cremos, as então modestas ambições dos governadores dos districtos. Na mesma rua levantava-se a feitoria francesa Régis, bonita construcção; a moradía de Balthazar Farinha e a do negociante Leite, predios modernos; as outras mantinham-se n'uma esphera menos exigente e conservavam o typo unico das edificações de Quelimane. A Casa da Camara, tribunal e cadeia reuniam-se n'um mesmo edificio sem nenhuma belleza architectonica. Não passava de um amplo corpo quadrangular, com a torre do relogio ao centro. O Hospital albergava-se n'uma casa escura e exígua, onde se accumulavam as enfermarias, pharmacia e annexos. Só lá entrar dava febre.

Quelimane, contemplada do observatorio meteorologico, encantava pela formosura da sua paizagem. Em todo o perímetro as mesmas alamedas, orladas de arvores e alfombradas de verdura. Pouco a pouco as moradías cediam o logar ás palhotas. Cada casa vincava-se como um ponto amarello, uma ilha rectangular n'aquelle oceano de verdura. Os *mucurros* que cortavam a localidade em todas as direcções transmittiam-nos uma deliciosa sensação de frescura. A vegetação desenvolvia-se por toda a parte com uma exuberancia pasmosa. Desde a relva que beijava o chão até os coqueiros que affrontavam o sol tudo entoava um cantico de vida, de luz, de poesia, de

força emanente, que nos enebriava e fazia esquecer por segundos que por traz d'aquellas poderosas e inebriantes bellezas se occultava o miasma terrivel e inexoravel do impaludismo.

Discutia-se n'essa occasião, ainda com mais calor que o accusado pelo thermometro ao sol, 42° centigrados, os editaes do governador Guerreiro de Amorim, determinando um, que nenhum preto se apresentasse na villa sem vestir panos e camisa; outro, obrigando os moleques de sete a quinze annos a frequentarem a escola.

*

* *

Mostraram-nos no momento o jornal da terra, intitulado o *Correio da Zambezia*. N'esse numero o seu director fazia profissão de fé, penitenciava-se de innumeros peccados e repudiava solemnemente quanto dissera antes.

Em oito annos conheceramos os seguintes jornaes:

Africa Oriental, o mais antigo de todos e que á força de verdadeiras e funambulescas habilidades se conservava ha dezoito annos. Era seu proprietario Francisco de Paula Carvalho. Publicava-se na ilha de Moçambique. Quantas politicas defendeu essa folha? A cada novo governador geral, nova orientação. Ás vezes elevava o tom, mas a imposição governa-

mental ou a satisfação dos desejos manifestados, fazia-o logo voltar ao «laudamus» official da auctoridade.

Depois appareceu *O Africano,* em Quelimane, propriedade de João Correia Pereira. Bateu, bara-

Quelimane—Uma rua

fustou, censurou, zurziu e morreu. Ao proprietario instauraram um processo por crime de homicidio voluntario que só foi abafado suspendendo-se a sua publicação. É claro que João Correia só tinha matado... mosquitos, ali tão implacaveis que é preciso fechar o mosquiteiro e as portas do quarto de dormir apenas alguem se levanta. Se lá fica um só não

se prega olho. O ferrão do arreliador anopheles fura tudo, uma esteira, um cobertor, a palha de uma *fumba* (cesta), tudo.

N'um dos seus numeros, em 1878, *O Africano* perguntava o que era e para que se destinava uma construcção feita pelas Obras Publicas: uma cavallariça. O então alferes José Xavier de Moraes Pinto, poeta satyrico de merecimento e desenhador da secção de Quelimane, fez-lhe os seguintes versos:

Ao illustre redactor do «Africano»

RESPOSTA

João, João!
Que desgraça,
mas que desgraça tamanha!
Eu não sei já que te faça
p'ra te dar engenho ou manha!
O teu toutiço está ôcco,
é como um côco maduro!
João, João! Que descôco!
Pois não é descôco puro
o tu perguntares, João,
p'r'o que é o quarto escuro
coberto de barro duro
que fazem na del'gação?
Pois não é isto, João?!
João, João!
Tu não vês,
que o que o burro faz com as patas,
vaes tu fazendo co'os pés?
que só coice tu desatas,

que já tens perdido o sizo,
que já é alvar teu rizo,
que é zurro a tua expressão,
e não sabes, mariola,
p'r'o que é a tal gaiola
que fazem na del'gação?
Pois será crivel, João?
Tudo isto te desdoura,
ó meu — João Ratazana — !
Olha, é p'r'ali roeres cana
preso curto á mangedoura!
Has de lá ter mui bom trato,
e ficar, pois, é preciso,
até tu não seres litterato
até, João, teres juizo.

Mais tarde publicou-se na capital da provincia *A Verdade*, de que era dono o secretario da Junta de Fazenda Paes de Vasconcellos; morreu depois de tres ou quatro numeros, por falta de vigor pecuniario e por ter desempenhado o seu papel de regateira. Veio em seguida o *Gato,* redigido por quantos tinham telhados de vidro e atiravam pedras aos do visinho; finou-se após a inserção de muita sensaboria e de concorrer para cortar a carreira do capitão Oliveira; o seu editor era um tal Espirito Santo, vulgo « O escaler;» entre os mais influentes dos seus collaboradores contava-se o major Joaquim José Lapa.

Succedeu-lhe o *Vigilante,* de Quelimane, de pseudo propriedade de José Pedro de Sá; só distribuiu tres numeros, todos elles aggredindo o vis-

conde de Paço de Arcos. Cedeu o logar ao *Quelimanense,* editado por um tal Mariano; collaboraram n'elle o juiz de direito Dr. Cunha, delegado Jorge Freire, ajudante da conservatoria Albuquerque, o conductor Costa das Obras Publicas; os fundos para este jornal eram abonados por Balthazar Farinha, Romão de Jesus Maria, negociantes e proprietarios locaes; o seu objectivo consistia em atacar o governador geral Agostinho Coelho e o director da direcção geral do Ultramar Francisco Joaquim da Costa e Silva. O ultimo, até essa quadra, foi o *Correio da Zambezia*, de propriedade ficticia de José Correia de Saude; creou-se para hostilizar o governador geral Augusto de Castilho.

N'esse tempo ninguem se surprehendia quando os leões instigados pela fome penetravam nas ruas do povoado. Dias antes fôra morto um casal em frente da casa da Camara. Tambem o presidente do municipio, para fazer cumprir as posturas camararias, percorria as arterias da villa, de espingarda em punho. Porco que encontrasse a vadiar recebia em cheio uma bala. A carne era distribuida pela negralhada, que o seguia n'estas excursões municipo-venatorias.

Augusto de Castilho, depois de ser acolhido com as mais festivas demonstrações de apreço em Quelimane, acabou por ser alvo de uma guerra sem treguas. Acontecia o mesmo com todos os governadores. Não é possivel contentar todos. Os lesados

ou não satisfeitos convertem-se em inimigos irreductiveis.

A Zambezia estava e ainda está dividida em grandes lotes de terrenos, de superficie variada, denominados prasos. N'uns, o governo exercia influencia mais ou menos effectiva, isto é, nos de Quelimane até Sena; n'outros, nenhuma, nos que iam d'esta ultima villa até o Zumbo. Creio que as coisas não se modificaram muito sensivelmente. Estes arrendavam-se em hasta publica. Ha prasos que de longa data existiam sempre na mão do mesmo arrendatario. Suppunha-se este de direito e de facto legitimo proprietario de tractos de terreno onde Portugal cabe bem á vontade, e lá dentro senhor absoluto da natureza morta e viva. Os habitantes d'esses terrenos pouco differiam na sua existencia social dos servos medievos adstrictos á gleba. Cada preto, tinha que satisfazer annualmente uma contribuição em genero ou em dinheiro intitulado *mussoco*. Não era raro exigir-se ao contribuinte um ou mais *mussocos* supplementares para cobrir as especulações infelizes ou as perdas do jogo do arrendatario. Houve alguns d'estes senhores feudaes que estabeleceram alfandegas nos prasos, obrigando cada partida de marfim a pagarem-lhe uma percentagem.

O governador geral, uma parte por zelo administrativo, outra como medida de retaliação, annulou o arrendamento dos prasos a dois dos concessionarios. Essa annulação tirava, a um, sete contos de reis annuaes, e a outro, quasi egual quantia. Era

lançar na miseria diversos *mesungos*, que até ahi tinham vivido como gran-senhores. Os demais arrendatarios, vendo as barbas do visinho a arder, pediram misericordia. Era a ruina em perspectiva. Entenderam-se com João Correia, chefe dos partidarios de Augusto de Castilho, para ajustar a paz. O raio prestes a fulminá-los deteve-se... mediante uma retractação formal e terminar a publicação da folha da localidade. Assim aconteceu..., mas foi sol de pouca dura.

Em Moçambique, n'essa quadra, todas as exterioridades festivas que acolhiam, até com subserviencia, a chegada da primeira auctoridade da provincia, transformavam-se á sahida, bastas occasiões, n'uma despedida publicamente aggressiva. Era, por vezes, um espectaculo deprimente. E, no entanto, os estrangeiros iam cravando o dente na nossa vida íntima e açoitavam-n'os com o chicote da sua critica. Pouco faziamos para levantar o nosso nivel moral, e, com certa frequencia, proporcionavamos-lhe motivos para que nos suppuzessem pouco habeis para colonizar e até reus de lesa civilização. Os, por vezes, enormes abysmos cavados pelas facções, quer nas colonias quer na metropole, provocavam descalabros irremediaveis. Os politicos, porém, achavam bons e legitimos todos os meios para se guerrearem, não se lembrando que na maioria dos casos se aniquilam a si mesmos.

Um mal d'aquelle tempo e naturalmente dos demais era o jogo. As perdas eram avultadissimas.

W..., empregado superior da casa hollandeza, perdeu sommas importantes. Homem finissimo, de educação esmerada, tocando piano com a mestria de um professor, comprometteu-se de modo irreparavel. É pena que um rapaz fino fizesse o sacrificio de se expatriar, de trabalhar indefessamente para conseguir um certo peculio, afim de no futuro viver socegado, e ir atirar com a sua honra e com a sua vida para cima de um monturo, á sombra do qual meia duzia de creaturas sem consciencia arranjam dinheiro, servindo-se das mais abjectas traficancias. E quantos, quantos, depois d'este correram o mesmo triste fadario!

Deve-se a Quelimane a iniciativa de bastantes emprehendimentos relativos á industria. Hoje existem ali fazendas, emprezas agrícolas florescentissimas. No numero das percursoras d'estas avulta o praso Mahindo. Ahi funccionava uma distillação a vapor com muitas machinas de varias applicações. Podia-se classificar sem favor um dos primeiros estabelecimentos industriaes e agrícolas das colonias portuguezas. Girava a empreza sob a firma Nandim & Pereira. Este ultimo socio, João Correia Pereira, a quem atraz nos referimos, possuia um espirito esclarecido, um grande fundo de energia e generosidade. Vastas as plantações de cana, distilavam-n'a com cereaes. Consumiam quasi todos os productos do estabelecimento os negros do praso, que davam em troca a mão de obra, sementes oleaginosas, borracha e outros productos da região. Dispunha de um pes-

soal numeroso europeu, nacional e estrangeiro, e indígena. Na margem direita do rio Macuzi estabecera-se outra fabrica de destilação pertencente a Balthazar Farinha, bem como outra no praso de Quelimane, propriedade de Albuquerque, e ainda outra do engenheiro Dias, que a principio não tirou resultado da sua exploração.

N'essa época, Quelimane orgulhava-se de ser a primeira praça commercial da costa de Moçambique. A carga transportada pelos paquetes, para ali, assumia proporções superiores á de todos os outros portos juntos. A alfandega rendia pinguemente, o que não admira, por ser Quelimane a natural sahida da maior parte da Zambezia. Sobejava-lhe o direito de se desenvolver como uma cidade de primeira ordem, cortada por uma extensa rede de linhas ferreas, com os seus cursos de agua sulcados por centenas de vapores, com o porto coberto de navios, com as ruas a regorgitar de carruagens, de carroças, de vehiculos atulhados de mercadorias.

Augusto de Castilho planeou converter o Inhamissengo n'um porto de mar. Foz ampla do Zambeze, ganharia immensamente o commercio, quando por lá transitasse, com a presteza de communicações, difficultadas pela obstrucção do Quaqua em determinados períodos, o que obrigava as mercado-

rias a seguirem a via terrestre. Argumentavam os criticos que a povoação, pelo local baixo em que se erguia, peccava por insalubre em extremo, que a barra se pejava de riscos, que os bancos a açoreavam, que não offerecia abrigo nem accesso rapido á navegação. Realmente, o problema da salubridade na baixa Zambezia não apresenta solução prompta. Toda a uberrima região se alaga n'um vasto pantano, custosissimo de dissecar. Todavia a moderna engenharia opera milagres. No presente differe de modo espantoso, para melhor, da época a que nos referimos.

O tenente do exercito de Portugal, Luiz Ignacio, chrismara o Inhamissengo de Conceição, do nome da esposa do governador geral Augusto de Castilho. O chrisma não se perpetuou. Com este official, friamente corajoso, occorreu o seguinte incidente:

Augusto de Castilho, que depositava n'elle a maxima confiança, mandou-o occupar o local onde hoje se desenvolve a importante cidade da Beira. Quasi um descampado, com meia duzia de palhotas, toma posse da povoação com cinco ou seis soldados. Nada mais. Dias depois apparecem-lhe alguns enviados do regulo Gungunhana, á frente de uma numerosa manga de guerreiros vátuas. Não podia pensar em resistir-lhe, mas tambem não lhe soffria o animo ceder a ameaças, quanto mais a intimidações. Lembrando-se de um velho costume zulo, praticou o seguinte expediente:

— Esta terra pertence ao rei de Portugal. Tomo

conta d'ella em seu nome e tanto é assim que vou, comer no chão como senhor que sou d'ella.

E proferindo estas palavras com a maior fleugma, ordenou a um moleque que estendesse uma toalha no solo e puzesse ali o jantar (algumas conservas). Os vátuas entoaram os seus hymnos de guerra, dansaram, esgrimiram as reluzentes azagaias, apertaram o circulo em redor do intrépido official, ameaçaram-n'o, formaram por sobre a sua cabeça um docel de *nongas* (cacetes) e de lâminas aceradas, mas Luiz Ignacio, fingindo não reparar em nada, continuou comendo. Os vátuas ficaram boquiabertos. Nunca se lhes deparara nada parecido. Retiraram-se dominados, admirados. A occupação tornara-se effectiva.

A vida do official da guarnição de Moçambique, no tempo em que a imprensa do continente pouco se importava com os seus serviços e soffrimentos, attingia, a miude, proporções de Odysseia.

Um exemplo entre centenares:

O *Boletim* da provincia collocára o tenente José Luiz no batalhão de caçadores 1, aquartelado na ilha de Moçambique. Um capricho ou necessidade de serviço transfere-o para o 5, que guarnecia Tete. O Governo deve ao official seis mezes de soldo. Reclama a divida. Não ha dinheiro. Pede um adeantamento, negam-lh'o. Como pode, embarca. A viagem até Quelimane dura trinta e seis horas. Ao desembarcar, o creado do camarote, o da mesa, o do banho estendem-lhe a mão á costumada espórtula.

Em Quelimane, sempre sem dinheiro, demora-se uma semana esperando embarcação. Ao fim d'ella fornecem-lhe um escaler e uma almandia. Leva os generos e as fazendas que consegue obter a credito. Na alta Zambezia o numerario pouco corre. A necessidade obriga-o a levar rancho, quando não nem o vencimento de coronel lhe chegaria. Sobe o Quaqua, os marinheiros servem-lhe de carregadores até que entre no Zambeze. Cada paragem significa um roubo.

Na grande arteria fluvial acha-se á mercê dos tripulantes, da agua, das correntes, dos cavallos marinhos, dos crocodilos, dos mosquitos, do gentio, da febre, e dispende trinta longos dias de navegação a remo, á vara, á sirga, andando de dia e parando de noite, cozinhando uma vez em cada vinte e quatro horas... quando o pode fazer. Chega defronte da aringa do Bonga. O feroz e ébrio potentado obriga-o a satisfazer o respectivo tributo, se não o constrange a ir cumprimentá-lo. A humilhação doe sempre ao brio patrio. Recebeu-se durante largo praso essa bofetada sem haver probabilidades de a retribuir. Chega a Tete miseravel, esfarrapado, com a roupa das malas inutilizada pela humidade, pelo muchem, pelas baratas, por quantos elementos de deterioração affligem o colonial, com os víveres quasi exgotados. Ali, na sumptuosa e bem abastecida villa, diz-lhe o governador ou commandante, que não são, ás vezes, dos regulos menos ferozes:

—V. S.ª marcha immediatamente para o Zumbo.

— Mas, senhor...

— É serviço! Cumpra e queixe-se depois.

Arranjam-se os carregadores que veem sempre de má vontade, e ei-lo com mais uma jornada de trinta dias por cima dos primeiros. O sol dardeja a prumo os raios ardentes, a chuva despenha-se em catadupas, os negros abandonam o viajante nos sitios mais perigosos, os chefes indígenas do itinerario exigem onerosos tributos, a febre produz os seus effeitos, no entanto, como o Ahasverus da lenda, é preciso marchar sempre. Um dia, porque tudo tem fim, chega ao Zumbo, e raciocina: « A viagem custa um bocado, estou completamente transfigurado, amarello, pallido, anemico. A roupa cae-me aos farrapos; vejo-me obrigado a comer milho e mexoeira, a dormir n'uma palhota, a morrer sem um recurso, mas ao menos sou capitão mór de gente que mofa da minha auctoridade, commandante de um destacamento sem soldados nem armas, juiz de paz, escrivão, thesoureiro, padre, mestre-escola e alfaiate nas horas vagas. Que genio eu sou para me confiarem tal multiplicidade de cargos! Que honra! »

O official em questão tem sob o seu dominio dois ou tres europeus, absolutamente cafrealizados e de peor educação e talvez peores instinctos que os cafres, tal é a influencia do sertão sobre a índole. Um bello dia um d'esses europeus morre. Em cumprimento da lei arrecada-lhe o espolio. Participam particularmente, por meio de uma denuncia surda, que o arrecadador roubou varias coisas. Fazem-n'o

recolher á cabeça da comarca, instauram-lhe um processo. Torna-se necessario ouvirem-se testemunhas. Decorre um anno e o official sempre preso. Chegam as cartas precatorias feitas por um funccionario tão leigo como o detido. Concluem-se os autos, enviam o accusado para a ilha de Moçambique, aguarda dois mezes a convocação do conselho de guerra e quatro a sessão da Junta de Justiça e é absolvido nas duas instancias. Cinco annos no Zumbo e dois sob as garras das auctoridades judiciarias! Eis como decorre a existencia de um official. E o delator? Como bebe e dorme fruindo a mais completa impunidade.

Por esse tempo, o capitão Victorino Queiroz acceitou muito contrariado o cargo de commandante militar do Massingire, posto novamente creado para consolidar o nosso dominio na Zambezia. Á frente de um destacamento de trinta soldados indígenas tendo como subalterno o alferes Curado, occupa uma especie de aringa, a que pomposamente se outorga o nome de séde do commando. As hostilidades rugem latentes em redor d'esse local, uma especie de microscopica ilha no meio de um oceano immenso, de uma área enorme e fartamente povoada. Aos *mesungos*, aos influentes, aos que enriquecem á custa de expedientes escuros não convem aquelle fiscal. Começa a intriga com os regulos visinhos.

Victorino Queiroz levara comsigo um filho de dez annos e uma filha de oito. Uma bella manhan, dia de feira, quando tudo estava descuidado, tran-

quillo, o commando é invadido por cinco ou seis mil negros endemoninhados, que sedentos de morticinio, ávidos de carnagem, espancam, derrabam, prendem, matam, trucidam, saqueiam. O capitão Victorino Queiroz é amarrado a uma grande arvore, defronte da palhota que lhe servia de residencia. Agarram nos dois filhos, e, na sua frente, com uma fogueira accesa deante d'elle, cortam ás duas creanças todas as extremidades — nariz, orelhas, dedos, etc.,—que vão deitando nas brasas. Assassinam com uma lentidão desesperadora as duas infantís creaturas.

Mortas estas, chega a vez do pae. Esquartejam o desditoso official com requintes de barbaridade desconhecidos dos carrascos mais fantasiosos. O alferes Curado escapa, por estar casado cafrealmente com uma das filhas do regulo aggressor. Foi tão forte, porém, o abalo recebido, que ao chegar a Lisboa teve de ser internado no hospital de Rilhafoles, onde falleceu pouco depois.

Uma columna organizada em Quelimane foi encontrar ainda ali bastantes negros rebeldes, que não se podiam afastar do assaltado commando emquanto houvesse que roubar e beber. A desforra assumiu proporções estupendas de carnificina e crueldade. Quem mais se evidenciou na selvageria dos castigos foram os soldados brancos chegados ha pouco da Europa. Quem lhes teria ensinado aquillo? Ai os homens, os homens! A civilização!... Que palavra tão ôcca em determinados momentos! *Chassez le naturel... il revient au galop...* Não

imagina, caro leitor, como se varre de todo a idéa da philanthropia quando se vêem crescer n'uma carreira desenfreada os inimigos, com os olhos a reflectir uma ferocidade de tigre, avolumarem no horisonte, como as nuvens de um aguaceiro, e haver poucas probabilidades de vender cara a vida.

A acção de temperaturas elevadas, a demasiada secreção da bilis, as multiplas manifestações do impaludismo, o effeito continuo das febres, dezenas de causas physiologicas e psychologicas, produzem ás vezes uma especie de loucura.

São muitos os exemplos.

O capitão Rezende, de caçadores 5, de guarnição em Tete, atravessa a esposa com a espada, n'um momento de loucos ciumes. Encerram-n'o em seguida n'um quarto isolado para onde entra com um revólver, sem que ninguem repare n'isso. Depois de fechado dispara dois tiros. A sentinella brada ás armas, comparece o governador do districto e o major commandante do corpo. Abre-se a porta e o furioso capitão, que todos julgavam que se tivesse suicidado, dispara sobre o commandante: a bala leva-lhe a platina do casaco. O governador investe com a porta e uma nova bala incide no humbral, lasca um pedaço de madeira que fere no rosto o chefe do districto. Foi necessario sitiar o tresloucado e só apertado pela fome entregou o revólver.

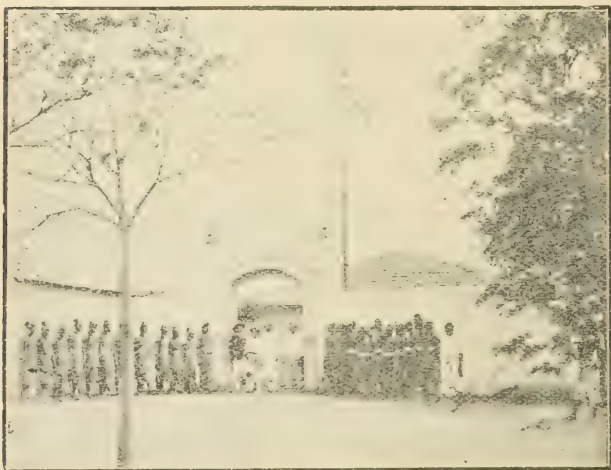
Outro facto occorrido com officiaes francezes e que teve uma repercussão universal.

*

* *

A convenção franco-ingleza assignada em Junho de 1898 collocara na esphera da influencia de França a zona sudaneza entre Sai no Niger e o lago Tchad. Para reconhecer este terreno, e ainda para castigar o assassinio do capitão, egualmente francez, Casemajou, morto em Zinder a 6 de maio de 1898, a quatrocentos e cincoenta kilometros d'esse lago, precisamente no decurso da exploração d'essas terras que emprehendera, organizara-se uma expedição. Incumbia-lhe explorar methodicamente a região atravessada pela famosa linha de Sai a Barrua. O ministerio das colonias collocara á sua frente o capitão de infantaria de marinha, Voulet, e o tenente de spahis saharianos, Chanoine. Ambos tinham terminado no anno precedente, com felicidade, uma expedição a Gurunsi e a Mossi, assignalada pela occupação de Uaghduju, capital de Massi; a submissão dos nabás d'esse paiz e a conclusão de tratados com os principaes regulos da confederação do Gurunsi, especialmente com o de Sali. A iniciativa, a energica vontade e a força de resistencia desenvolvida pelos dois officiaes durante essa campanha, faziam prever outro triumpho.

Partiram de França no outomno de 1898, e, chegados ao Niger, separaram-se para recrutar mais á vontade os auxiliares e angariar os abastecimentos

necessarios. Voulet desceu o Niger, embarcado; Chanoine seguiu por via terrestre em direcção de Sagu-Likoro no Sai. A 2 de janeiro de 1899, as duas expedições juntaram-se em Sansannê Ilahussa, a cento e cincoenta kilometros a montante do Sai.

Zambezia—Um posto da Companhia da Zambezia em Muturara

A sua completa organização levou dois mezes, e foi só nos primeiros dias de março que a expedição, definitivamente constituida, se poz a caminho para a margem esquerda do Niger. Após alguns dias de marcha, a falta absoluta de agua constrangeu-a a voltar para o rio e a adoptar outro itinerario, para ir para Argungú. Estava perto de Nosso, porto

dahomeano, na margem esquerda do Niger, em abril. Acompanhava os dois officiaes o tenente de infantaria de marinha Peteau, que não tardou a ser recambiado para o Soldão, o tenente Joalland, o tenente Pallier, o medico Dr. Henric, os sargentos Harny, Bouteillier, Boniet, Tourot, 20 spahis, 50 atiradores soldanezes regulares, 20 atiradores auxiliares armados com espingardas Gras e 1.000 carregadores, alguns dos quaes armados com espingardas.

Que loucura acommettera Voulet e Chanoine?

A expedição por elles commandada devastara tudo no trajecto. Trucidou muita gente e queimou varias povoações sem motivo. Arrastava atrás de si uma horda de captivos comparavel com os bandos que seguiam o celebre chefe soldanez Samory. Os dois officiaes queriam fundar um grande reino independente n'aquella região. Receando que os atiradores regulares não adoptassem essa idéa, recrutaram entre os negros da comitiva uma companhia de confiança, bem armada.

Estas occorrencias foram conhecidas em Paris por informações do alludido tenente Peteau. O ministro das colonias, do gabinete Charles Dupuy, telegraphou ao governador de S. Luiz de Senegal incumbindo-o de nomear um official a fim de proceder a uma syndicancia e tomar o commando da expedição. Esse official superior declinou a incumbencia, fazendo valer, para não acceitar o encargo, motivos inteiramente pessoaes e as suas relações com Voulet. Então o governador, por indicação de

Paris, nomeia o tenente coronel de artilharia de marinha Klobb. Com as suas bagagens já a bordo, pois estava para regressar a França, no goso da licença que a lei lhe concedia, conformou-se com a ordem do ministro. Fê-lo corajosamente, declarando que não recuava ante qualquer responsabilidade. As malas desembarcaram e aprestou-se para a delicada missão. Recebeu ordem para o coadjuvar o tenente Meynier.

A expedição Voulet, que partira de Sansannê-Haussa, como já dissemos, modifica bruscamente o seu trajecto. É natural que os seus dois dementados chefes tivessem sido prevenidos das medidas tomadas pelo governo contra elles. A missão caminha para leste, seguindo um caminho de caravanas que atravessa territorios inglezes, contra as instrucções formaes do governo francez. Depois Voulet, mudando repentinamente de tactica e sem prevenir ninguem, a 10 de julho, avança até Diankori, perto de Tessauá.

O tenente coronel Klobb e o tenente Meynier sahiram de Kays a 18 de abril. A viagem foi tão rapida quanto possivel, por isso que a região estava deserta e não tropeçaram com nenhum obstaculo. A 10 de julho sabem que Voulet se encontrava a pequena distancia e Klobb, envia-lhe um officio pelo atirador Mahmadu Kamara e dois outros soldados. Estes enviados topam a 12, á noite, com a expedição Voulet. São recebidos á entrada pelo sargento de spahis Bouteillier que lhes pergunta se o tenente

coronel Klobb vinha com uma columna ou apenas com carregadores. É esse official inferior quem leva a carta a Voulet.

Os tres emissarios passam um dia e duas noites na povoação. Só ali viram o capitão Voulet, o Dr. Henric e o sargento Bouteillier e outro de artilharia. Na manhan de 13 Voulet entrega-lhe um officio para Klobb e diz-lhe:

— Explica ao coronel que aqui não ha agua, que vou para outra povoação onde a haja.

N'esse mesmo dia os tres soldados entram no acampamento de Klobb e entregam o officio ao coronel, que manda chamar o tenente Meynier, mostra-lhe o conteudo da resposta e torna a expedir os mesmos atiradores a Voulet com mais correspondencia.

Voulet reune os atiradores indígenas e expõe-lhes que o coronel estava ahi para libertar todos os captivos com que elle os presenteara e pergunta-lhes se consentem em obedecer ao coronel ou recebê-lo a tiro. Responderam que obedecerão ao capitão, seja o que fôr que lhes mande fazer. Voltam para as suas secções e exortam os camaradas a prepararem-se para atirar sobre os recemvindos se tal determinasse Voulet. Este escreve a resposta a lapis na segunda folha em branco do officio e envia-a a Klobb pelo mesmo portador, e adduz:

— Participa ao coronel que se tentar approximar-se da minha columna, atacá-lo-hei.

Eis o texto da resposta de Voulet a Klobb:

Meu coronel:

Antes mesmo de remetter a copia dos poderes em virtude dos quaes vem tomar, affirma, o commando da missão, enviou-me duas notas comminatorias, concebidas em termos quasi grosseiros.

Isto é para mim uma prova dos sentimentos pouco generosos que nutre a meu respeito. Já tem pensado com certeza na infamia que commetteu com relação a mim, vindo assim impellido por uma ambição desenfreada roubar-me o fructo dos meus esforços. Enganou-se, porém, suppondo que eu acceitaria de boa mente uma tal abdicação. Em consequencia do que esplano tenho a honra de lhe participar:

1.º que conservo o commando da missão; 2.º — que disponho de seiscentas espingardas; 3.º — que o tratarei como inimigo se continua a acercar-se de mim; 4.º—que consultei toda a minha gente para saber se devíamos acceitar a situação que nos quer offerecer e que todos estão decididos a seguir-me na senda acima indicada; 5.º— finalmente que estou resolvido, n'esta circumstancia, a sacrificar de preferencia a minha vida a soffrer a humilhação que traz ordem de me impor e tambem que prefiro arriscar o todo pelo todo e principalmente a não deixar, por meio de um suicidio estupido, o logar vago a um intrigante da sua especie.

Proceda, pois como entender, mas logo que receba esta carta saiba que se der um passo para a frente se expõe ás eventualidades a que alludo.

VOULET.

Esta carta revela com eloquencia o estado de alma do desvairado capitão.

Na manhan de 14 de julho as duas columnas iniciaram a marcha simultaneamente. A columna Klobb segue na direcção um pouco ao sul da columna Voulet. O coronel marcha á frente com os spahis e o sargento Mahmadu Uaké; o tenente Meynier vae na rectaguarda. Um soldado indígena de cavallaria entrega ás sete horas, um officio ao coronel. Este chama o tenente Meynier e observa-lhe:

— Leia; o capitão Voulet quer atacar-nos.

Ao que o tenente replíca pedindo auctorização para corresponder ao ataque. O coronel recusa-lh'a formalmente e a mesma ordem é transmittida á força.

Ás oito horas o atirador Makan Diarra chama a attenção do tenente para alguns soldados indígenas que se approximam pelo matto, á esquerda e atrás da columna. O tenente previne Klobb que determina que se convirja para a esquerda e manda desfraldar a bandeira franceza por um dos spahis. Ao mesmo tempo brada:

— Nós somos officiaes francezes.

As duas columnas estacam a cento e cincoenta metros de distancia. A força de Voulet comprehende cinco ou seis secções. O capitão posta-se á frente d'ellas e grita para o coronel:

— Suspenda a marcha ou faço fogo.

— Mandaram-me avançar, hei de avançar, mas em caso nenhum farei fogo; atire, se é capaz — responde com frieza e resolução Klobb.

— Fogo! — commanda Voulet para os indígenas agora em linha.

Resoam tres descargas e continua o tiroteio á vontade.

Á primeira descarga o coronel é ferido n'uma coxa e o tenente Meynier attingido n'uma ilharga. O sargento indígena pede licença para responder. Klobb recusa e determina que a força volte para traz afim de relatar o occorrido. Á segunda descarga o coronel recebe uma bala na cabeça e tomba como fulminado. São mortos nove soldados nativos e feridos oito. Os restantes fogem para o matto, sob o commando do sargento indigena Mahmadu Uaké que se refugiou com elles, trazendo-os no dia immediato para a costa. O tenente Cornu, commandante do posto de Dosso, recolhe-os a 3 de agosto, em Goron.

De regresso na noite d'esse mesmo dia á aldeia onde a missão estava acampada, Voulet põe os europeus ao corrente do que succedera, declarando que se revoltava contra a França, que levava com elle os atiradores para constituir em Africa um estado independente, mas que estava prompto a reenviar para o Soldão, com uma escolta, os que não o quizessem acompanhar. Chanoine é o unico que acceita o convite. Ambos, com atiradores cuja fidelidade se tornava duvidosa e retendo á força dois sargentos, dirigem-se para a povoação de Mayri. Durante este tempo os tenentes Pallier e Joalland, o sargento Laury encaminham-se para a povoação de Mafuta

onde o tenente Meynier, ferido, recebe curativo do Dr. Henric. A 16 de junho, de manhan, o sargento Tourot e pouco depois o sargento Boutel fogem de Mayhri e juntam-se em Mafuta aos europeus da missão.

Nunca se apurou, ao certo, a razão porque os atiradores de Voulet tambem se revoltaram. Saem da povoação e levam comsigo a peça. Affastados pouco mais ou menos seiscentos metros rompem fogo contra Mayhri e matam Chanoine que se dirige para elles. Feito isto regressam á povoação com os sargentos Boutel e Tourot.

Voulet conseguira fugir, mas no dia immediato, 17 de julho, tenta entrar em Mayhri e uma sentinella atravessa-o com uma bala. Todos os atiradores, ás ordens de Tourot, vão entrar submissos, apresentar-se em Mafuta. O tenente Pallier toma o commando e tenciona juntar-se á missão Foureau e apresentar-se ao major Lamy. A missão occupa Zinder a 29 de julho; obriga a fugir o regulo assassino do capitão Casemajou, cujos restos foram encontrados e investe no poder um novo chefe nativo. Em presença das disposições incertas de uma parte dos indígenas, Pallier julga não dever avançar mais para leste. Sae de Zinder a 4 de setembro com duzentos homens, acompanhado do tenente Meynier e do sargento Boutel.

O tenente coronel Klobb apenas contava quarenta e um annos; encontrado o seu cadaver foi inhumado em Tombuctu. O capitão Voulet, de infantaria de marinha, tinha trinta e tres annos; o

capitão Chanoine, de cavallaria, apenas attingira vinte e nove. Ambos eram cavalleiros da Legião de honra. O tenente Meynier quando recebera o ferimento entrava em vinte e cinco.

O capitão Chanoine era filho do general Chanoine, morto em janeiro d'este anno de 1915, com setenta e nove annos, e antigo ministro da guerra. Foi um valente. Foi chefe de estado maior das tropas francezas de occupação na China até 1862, foi chefe da missão militar que reorganizou o exercito japonez e addido militar da embaixada da França em Pekim. Fez a campanha de 1870, esteve como addido militar em S. Petersburgo e sobraçou a pasta da guerra no gabinete Brisson em substituição do general Zurlinden. Cahiu com o gabinete como tinham cahido os seus collegas por causa do celebre *affaire* Dreyfus. Imagine-se a magua deste pae ao saber da loucura commettida pelo filho!

Para terminar o capitulo com um assumpto menos tragico.

Havia em Quelimane um negociante muito conhecido, Lucio Velloso da Rocha. Experientissimo da vida, conhecendo bem os homens e as coisas, e que citava, a miude, o seguinte estribilho a respeito dos novos que desembarcavam.

Conhecê-los
amá-los
e moê-los. [1]

---

[1] O termo era outro.

Ensinar-lhes o que elles souberem
e comer do que trouxerem.

Vale um compendio de philosophia colonial esta prosa rimada!

XII

Ambições desencadeadas

A escravatura—Simeão de Oliveira—Boa fé illudida.—Audacia pouco vulgar—Desapontamento—Uma sublevação como muitas—Mulher de armas—Uma rainha sem throno—A prenda de valsar—O portuguez e as conquistas—Um bispo medievo—Percalços de «conquistador»—Na vespera da partida—Desencadeamento de ambições—Portugal e Zanzibar—Convenios explicitos—Zanzibar em 1828—Recepção amigavel—A importancia de Mombaça—Odio surdo—Zanzibar occupa o Tungue—O coronel Cunha em Zanzibar—Recepção festiva—Novos mallogros—Uma granada na chancellaría.

Por muitos e repetidos que fossem os esforços dos cruzeiros inglezes e a nossa boa vontade em acabar com o trafico da escravatura, elle existia perseguido, castigado, batido de esteiro em esteiro, acoçado pelo sertão dentro. Emquanto houver um negro, um mujojo e um pangaio hão de reiterar-se as tentativas n'esse sentido desde a costa dos somalis até á margem esquerda do Zambeze, mais ou menos clandestinamente e em maior ou menor escala. N'essa quadra os mercados mais proximos eram Madagascar, as ilhas de Anjoane e a costa ao norte de Zanzibar. Os centros fornecedores da mercadoria

concentravam-se especialmente na Macuana. Os mujojos, raça abastardada de antigos arabes, eram os principaes traficantes. Commerciam com os regulos do interior que, a troco de alguns barris de polvora e pannos, vendiam, sem o menor escrupulo, os seus vassallos. Estes, seja dito em abono da verdade, pareciam não se importar muito em transitar de homens livres a escravos.

O meio de transporte d'esse trafico era o pangaio, embarcação extremamente elevada da pôpa demandando pouca agua, com uma vela só, cujo mastro se arria com facilidade. Dispõe de todos os requisitos para se esconder á vista do mais activo cruzador ou para se occultar por traz de qualquer insignificante accidente de terreno, nos mangaes, etc. Os rios desde o Rovuma até o Zambeze, proximos da foz, dividem-se em multiplos canaes e linguas, só navegaveis para embarcações de pequeno calado e alguns só nas grandes marés. Era n'esses braços que os pangaios faziam as carregações e que muitos barcos do governo soffreram perdas serias quando davam caça aos negreiros.

Lembra-nos agora entre muitos casos o do primeiro tenente Simeão de Oliveira, capitão dos portos da provincia de Moçambique. Henrique C. Lima, official mór da secretaria do governo geral, então a exercer o cargo de secretario geral, recebeu uma denuncia de que no rio Macuzi se carregavam escravos. Lembrou esse funccionario ao governador Augusto de Castilho que o ousado marinheiro po-

deria ser incumbido de reprimir o attentado. Simeão acceita o encargo. Manda pintar de novo o escaler, embarca n'um cahique com quinze soldados, um cabo e o preto denunciante. Agarram a tripulação á força na propria manhan do embarque. Os elementos de que dispunha eram os peores possivel. Não se importa. Realizada a partida cerra-se um véo de mysterio sobre a malfadada expedição. Só decorridos alguns mezes se encontra no praso Macuzi um escaler reconhecido mais tarde como sendo o do desditoso official. É mandado um negro de confiança á aringa do Macuzi a vêr se ali descobre um vestigio qualquer dos desapparecidos — um botão, um pedaço de galão, fosse o que fosse... O preto nunca mais volta. Nunca se soube, ao certo, como se tinham sumido aquelles vinte e quatro homens. Simeão de Oliveira recebera numerosos louvores pela sua coragem e energia em reprimir o repugnante trafico.

A proposito da escravatura contou-nos o major Ferreira a seguinte occorrencia, absolutamente verdadeira, segundo nos affirma:

Em 187... era governador geral de Angola um respeitavel vice-almirante, apaixonado por tudo quanto se relacionava com a profissão maritima. Homem de principios austeros, disciplinador, dotado de intelligencia e saber tratava proficientemente de todos os assumptos inherentes ao seu alto cargo. Já no seu curto governo iniciara n'um estaleiro do Bungo, a construcção de pequenas embarcações des-

tinadas ao serviço de cabotagem a que o governador ligava a maior attenção, patrocinando-a com os seus prudentes conselhos profissionaes, incitando os armadores e constructores a proseguirem n'esta industria em barcos de mais avantajadas dimensões.

Este apoio moral da primeira auctoridade, suggeriu a um dos mais arrojados armadores a idéa — com intenção reservada — de construir um brigue de quinhentas toneladas. Sem mais detença metteu mãos á obra. Quando foi opportuno *bater a cavilha mestra* convidou o governador a presidir a esta ceremonia, facto que constituiu um acontecimento notavel em Loanda, revestido de um certo apparato, a que não faltaram congratulações, discursos, Champagne, os indispensaveis foguetes, batuques, etc.

Desde então nunca mais o governador deixou de examinar quotidianamente o seguimento da construcção, informando-se dos mais pequenos pormenores, elogiando o arrojo do armador e a pericia dos obreiros.

Oito mezes depois celebrou-se outra festa, não menos enthusiastica que a primeira, n'uma bella manhan cheia de sol, com um céo diaphanamente azul e límpido como o de Portugal. Despovôa-se Loanda e concentra-se no recurvo areal da enseada do Bungo, e ali, depois de picadas as espias, ao som do hymno da Carta, tocado pela banda de caçadores 2 e a gritaria infrene de uma multidão negra, vê-se deslizar suavemente pelo picadeiro o elegante barco que em arvore secca, embandeirado em arco, sulca

pela primeira vez as aguas tranquillas da bahia. N'uma tribuna proxima ao estaleiro o governador rodeado de outras auctoridades e amigos abraçava e agradecia commovido ao armador a gentil lembrança de ter dado ao brigue o appellido de que usava.

Concluido o apparelho e tudo quanto se tornava necessario para o navio se fazer de vela, foi registado na capitania do porto e manifestado na alfandega com um carregamento completo de sal destinado aos portos do Brasil.

Na vespera da partida o armador e o capitão do brigue dirigiram-se ao palacio a despedir-se do governador, que, penhorado por esta attenção, mais uma vez enalteceu a iniciativa de um e felicitou o outro por commandar um bello navio que honrava a industria nacional e que o capitão como homem períto e experimentado nas lides do mar teria certamente occasião de apreciar as boas condições de estabilidade e de navegação que o barco offerecia.

Ao despontar do *terral* do dia seguinte o brigue levantou ferro, largou algum panno e só com a bujarrona e o latino começou a deslizar pela tranquilla angra a caminho da barra. Duas horas depois, já em pleno oceano com rumo oeste, de velas largas e vento de feição, singrava veloz a caminho do Rio de Janeiro.

O governador, prevenido da hora da partida, postado n'uma das janellas do palacio e munido de um bello oculo de alcance, não deixava de observar

e commentar todos os movimentos do navio desde que levantara ferro. O ajudante de campo que o acompanhava, official do exercito de terra, leigo e estranho ás apreciações calorosas do seu superior, ouvia com indifferença as exclamações:

— Que airoso! Que bem lançado! Como elle obedece ao leme! Que bella guinada! Ih! Com o panno todo não mette os queixos! Agora, agora com os sobres e papafigos! Vae deitando mais de dez nós. Nem uma corveta ingleza do cruzeiro lhe dá caça!

E muitas outras exclamações até que viu sumir-se o brigue no horizonte. N'essa noite, no palacio, ainda o assumpto da conversação tendeu para a airosa e veloz embarcação.

No dia seguinte, o velho almirante, o bravo marinheiro, o intelligente governador, o enthusiasta da vespera, o padrinho do brigue, recebia pelo correio uma carta anonyma denunciando que o navio do seu appellido substituira o carregamento de sal por duzentas *cabeças de alcatrão* (escravos).

— Biltres, canalhas, negreiros! — esvurmou o velho lobo do mar, amarrotando a missiva denunciante. — Se os apanho á mão mando dar-lhe duzentas varadas e hão de apodrecer na Cova da onça!

*
* *

A esposa do tenente F..., commandante militar da Matibane, não tratou com as considerações devi-

das Muno, soberana da região; as mulheres dos soldados do destacamento tambem tiveram as suas desavenças com as dos naturaes. Origina-se d'ahi uma sublevação. Cercam a palissada do commando, matam dois soldados e um indio que transportava o

Na Zambezia britannica—Tropas inglezas da concessão.

correio para Moçambique. O cerco dura doze dias. No seu decurso o official, as mulheres e os quinze soldados soffrem fome e sêde, especialmente sêde, por isso que a fonte ficava a grande distancia. De Moçambique mandam em soccorro dos sitiados a *Douro* com quarenta soldados de caçadores 1, unicos que possuia, commandados pelo capitão Catoja e

alferes Fortunato Ferreira. A força desembarca em Funicuculi, e é apoiada por trinta marinheiros europeus, tendo á sua frente o então guarda-marinha Ferreira. A força avança, mas apenas se interna no matto, saúda-a um chuveiro de balas que partem do arvoredo, do capim, do mangal, de todos os lados, sem que consiga divisar um unico inimigo. Não obstante o aggressivo acolhimento, a pequena columna prosegue contra um invisivel inimigo, quando uma bala fere n'uma perna o guarda-marinha, que cae. A força retira. Deixa ficar cinco homens mortos e traz comsigo bastantes feridos em cujo numero entram alguns marinheiros, dos quaes um cego por um tiro. Ao capitão-mór do Mossuril, capitão Lobo, um projectil bate-lhe no emblema do bonné e, já com pouca força, recocheta. Na defesa do assedio emquanto não apparecem as tropas de soccorro, distingue-se a mulher do tenente F... pelo seu desembaraço e denodo. A rainha, a Muno, chegou a ser presa, mas depois reintegraram-n'a no cargo. O guarda-marinha foi promovido ao posto immediato por distincção; o governo concedeu o grau de cavalleiro da Torre e Espada, ao tenente, marido da heroina.

Uma occasião desembarca em Moçambique uma americana, esposa do general L..., ex-capitão do exercito americano durante a guerra da Secessão e n'esse momento segundo commandante das forças hovas da rainha Ranavalo de Madagascar. Não era uma formosura impeccavel, mas vistosissima, ele-

gante, de porte majestoso, trazendo no peito um broche em forma de corôa, depressa grangeou o lisonjeiro apodo de *The Queen*, a rainha. Recommendada ao governador geral Castilho, hospedou-se no Palacio em Moçambique. Realizaram-se varios saraus. Todos os frequentadores da mansão governamental se dispuzeram a fazer-lhe um cêrco em forma. Acolheu-os a todos com glacial frieza. Ella valsava como a propria Terpsichore. A quasi totalidade dos *conquistadores* não primava por valsistas. Eis que de subito surge um. O medico da *Vouga*, Dr. S. T...., hoje professor illustre de uma das faculdades de Lisboa. Pôde dizer como Cesar: «cheguei, vi, e venci». Os despeitados chamaram-lhe o mais feio de todos. Não era assim. Mas que o fosse... Nunca essa condição serviu de considerando e base a qualquer sentença proferida por uma mulher. De mais: «Os desejos das mulheres são como os espargos; apenas se cortam, brotam com mais vigor.» Tão presa ficou a *Queen* nos passos de dansa do facultativo que apenas desembarcou em Madagascar, voltou logo para Moçambique, e como a *Vouga* não se encontrava ali partiu para Durban e de lá para Capetown. O demonio é que, como sempre succede em circumstancias analogas, alguem preveniu o marido, que correu sem demora atraz do medico dansarino. Nunca o encontrou. Ha sempre uma Providencia condescendente para este genero de felizardos.

O portuguez é irreductivel e irreprimivelmente

conquistador. Em nenhum outro povo se accentua com tanta attenção e tanta pertinacia esse natural pendor. A bordo de um navio, na rua, em passeio, n'um jantar, n'um sarau, em simples reuniões, n'um encontro fortuito, o portuguez ao deparar-se-lhe uma mulher nova, velha, bonita, feia, magra, gorda, elegante, desageitada, virtuosa, peccadora, deixa logo transparecer na expressão, até com um certo desdem, o raciocinio: «ahi está uma victima!» Ha muitas maneiras de *conquistar* e muitas formas de *conquistador*. Se pensássemos sequer em as esboçar não exgotariamos o assumpto nem em todos os livros que temos escripto até hoje. Não ha duvida que no ponto galanteio, como em todos os actos de brio, a bandeira nacional foi confiada a olhares, gestos, meneios, theorias, doutrinas e praticas de quem a sabe honrar em todas as latitudes, climas, sitios e não importa com que especimens ou raça.

Pois se nem os bispos escapam a esta lei!...

Nas nossas repetidas viagens o acaso proporcionou-nos tres prelados portuguezes por companheiros. Um d'elles, chefe de uma diocese da India, homem alto, bem proporcionado, de pupillas de uma suavidade infinita, de feições regulares, de aspecto varonil, possuia uma das mais lindas barbas com que a abundancia capilar tem contemplado um principe da Egreja. Eramos nós os dois unicos passageiros portuguezes a bordo de um paquete inglez. Enxameavam as protestantes, algumas d'ellas tão formosas e tentadoras como hurís. Nunca pudemos apurar definitiva-

mente se Satanaz com os seus malignos estratagemas as enviava para abalar a virtude do bispo, se este, conscio da sua força, consentia na sua approximação para as catechizar e mostrar o caminho do céo. Nenhuma o largava. Até algumas filiadas nas seitas mais austeras da religião anglicana afroixavam de tal modo no seu credo que ouviam a missa catholica, apostolica, romana! Seria mentirmos á nossa missão de historiador se apregoássemos como um dogma a victoria do santo varão no capitulo fraqueza da carne; talvez o voto de castidade não sahisse bem ferido do renhido prélio, mas o que podemos assegurar entoando os hymnos mais vibrantes e patrioticos é que o catholicismo obteve um formidavel triumpho sobre o anglicanismo, e que mais uma vez, como na Edade media, o báculo, a cruz e o annel episcopal, tão rijos e resistentes como o montante, a lóriga e a manopla dos templarios, affirmaram as qualidades vigorosas, robustissimas, incansaveis, esforçadas da raça portugueza. Que bello e potentissimo missionario!

Os dois outros eram menos evangelizantes no sentido acima exposto, mas não desdenhavam missionar n'esse ou n'outro rumo.

Quando, o que morreu em general de brigada reformado, José Antonio Matheus Serrano, era capitão, embarcou n'um paquete da Castle Mail C.º, com destino a Moçambique. Entre as muitas passageiras de primeira classe distinguia-se uma, bonita, que tendo casado por procuração em Londres se ia

juntar ao marido, engenheiro de uma das docas de Capetown. Matheus Serrano dispunha de uma voz maviosa, cantava com mimo e acompanhava-se a viola com certa desenvoltura. Todas estas qualidades e quiçá outras mais recônditas attrahiram a noiva londrina. Os amores do capitão portuguez e da *engenheira* britannica assumiram proporções de escandalo. Tão pouco cautamente procederam um e outro que quando o paquete acostou á doca na cidade do cabo da Boa Esperança; todos os passageiros correram á borda, a ver a cara com que a virtuosa esposa acolhia o marido que ainda, legalmente, não tivera tempo de exercer os seus direitos. «Os homens falam da mulher peor do que pensam; as mulheres fazem, com relação a elles exactamente o contrario.»

Ha typos inglezes muito curiosos.

O chefe da secção de obras Publicas de Moçambique, Francisco Correia Leotte, era um dos *conquistadores* mais ousados e felizes da especie. Da sua vida amorosa extrahia-se um romance mais movimentado que as *Memorias do duque de Richelieu.* De ora em quando succediam-lhe percalços. De uma vez apparece-lhe em casa, ido do Natal, um tal Guary, cirurgião dentista. Mas que dentista! Levava cartas de recommendação das senhoras M... que ambos conheciam muito intimamente. Não se contentou com pouco. Offereceu-se-lhe um quarto. Logo em seguida pediu jantar, depois almoço, mais tarde casa, após cama, lençoes, creados, louça, tudo

emfim. Ficou caro ao obsequiador Leotte a recepção do seu substituto no coração de Miss M...

*

* *

É curioso observar o convez de um paquete na noite da vespera da partida. Terminado o jantar vão affluindo os escaleres com os passageiros acompanhados dos seus amigos, de modo que ás dez horas o navio regorgita de gente. Formam grupos, falam-se todas as linguas da Europa, da Asia e da Africa, saltam as rolhas das gazozas e do champagne, espumam as cervejas nos copos, sobem serenas as espiraes alvacentas do fumo de tabaco de todos os paizes, estendem-se em todas as posições imaginaveis as pernas enlanguescidas pelo calor, esbarram de encontro ao costado do vapor as embarcações miudas, a lua ascende impassivel no azul sem uma nuvem, ao longe negreja a costa como um listrão negro e mais perto, na nossa frente, dorme ao marulhar das ondas a cidade n'uma fiada de casas brancas onde de distancia a distancia se mostra baça, vacillante, a medo, o reflexo avermelhado de um candieiro.

N'esse tempo a provincia de Moçambique do sul ao norte, do interior para o littoral, era apertada, como hoje, n'um cinto de ferro de ambições. Ao sul os inglezes apoderavam-se dos nossos territorios estendendo-se para o norte avassallando os regulos

do Maputo e do Mossuate; ao mesmo tempo os boers, desenvolvendo-se no Zoutspanberg caminhavam em direcção do rio Limpopo e do districto de Inhambane. Na Zambezia as missões inglezas de Blantyre e as allemans confinantes com o Nyassa alongavam-se á custa dos territorios portuguezes. Ao norte, de Zanzibar para o Ibo e lagos centraes trabalhavam inglezes, allemães e arabes para abalarem o nosso predominio, estabelecendo estações, enviando caravanas, obtendo vassallagens, mandando commissões diplomaticas, fazendo tudo quanto nós na nossa cegueira e pueril boa fé, deixávamos de fazer. Quando ainda em viagem se transitava quasi bruscamente do florescimento e riqueza das colonias britannicas e mesmo das allemans para a modestia e inexplicavel apathia das populações de Moçambique sentíamos o coração opprimido por um indefinivel sentimento de tristeza e de dôr. Até a barreira fatal, o progresso, para que todos concorriam, acompanhava-nos revelando-se nas suas multiplas manifestações, o commercio no seu desenvolvimento constante chegava até ali levando comsigo a sua benefica influencia e as suas incontestaveis vantagens, a sciencia estendia os seus braços poderosos e robustos e deixava em cada rochedo, nos areaes, nos pantanos, nas florestas, nas barras difficeis e quasi impenetraveis os vestigios da sua força omnipotente, da sua vontade irreductivel e soberana. Quando accordámos, quando quizemos sacudir o

torpor e principiar a trabalhar, uma grande parte do mal não tinha remedio.

*

* *

Em 1886 rebenta a guerra com o sultão de Zanzibar, Sayyid ben Bargach, o mesmo de quem nos occupamos no capitulo I d'estas reminiscencias.

Datam de longa epoca as nossas relações com esse sultanado.

Vasco da Gama ao navegar para a India é o primeiro de todos os navegadores que toca nos portos de Mombaça e Quiloa e entabola negociações com o rei de Melinde. Em 1502 Quiloa torna-se tributaria da corôa portugueza. Dois annos depois, em 1504, Ruy Lourenço Ravasco impõe tributos aos sultões de Zanzibar, e de Mombaça. No anno seguinte D. Francisco de Almeida apodera-se de Quiloa e constroe ali a fortaleza de S. Thiago. As expedições continuam. Pedro de Annaya avassalla o potentado de Sofala e ahi estabelece um reducto afim de prestar mão forte á exploração das minas de oiro d'aquella zona. Em 1507 Affonso de Albuquerque toma Mascate e simultaneamente Tristão da Cunha apodera-se de Socotorá onde levanta uma fortaleza. Até o seculo XVII toda a costa oriental de Africa, comprehendida entre Natal e Mascate, se mantem sob o nosso dominio. Em 1727 perdemos definitivamente Mombaça; Alvaro Caetano de Mello e Cas-

tro reconquistara-a em 1723, mas decorridos quatro annos dá-se uma sublevação entre os arabes que obriga o governador portuguez a abandoná-la com os seus soldados. Ficou perdida para sempre.

Ninguem se lembrara de contestar os nossos direitos ao territorio norte da provincia de Moçambique, mas a proverbial incuria, até uma certa época, da maioria do funccionalismo que superintendia em Lisboa nas questões coloniaes, convidava os visinhos e mesmo os que o não eram, a apossar-se do que era nosso.

A convenção addicional ao tratado de 22 de janeiro de 1815, entre Portugal e Inglaterra com o fim de impedir qualquer commercio illicito de escravos por parte dos seus vassallos, assignada em Londres a 28 de julho de 1817 e referendada pelo então conde de Palmella, exprime no artigo 1.º «Os territorios que a corôa de Portugal possue nas costas de Africa, ao sul do equador, a saber: na costa oriental da Africa, o territorio comprehendido entre o Cabo Delgado e a bahia de Lourenço Marques...» Na convenção assignada a 28 de março de 1828 entre o então governador geral da provincia de Moçambique, Sebastião Xavier Botelho, e o enviado do Iman sultão de Mascate, remettida ao n'essa época ministro da Marinha, Antonio Manuel de Noronha, bisavô de quem isto escreve, o artigo 10.º reza: «Os limites dos dominios de Sua Alteza o rei iman de Mascate na costa de Africa ao norte dos dominios portuguezes, ali não se estenderão além

de Mugau, [1] e os de Sua Magestade Fidelissima terminarão em Tungue inclusivamente.

O governador geral, Botelho, aproveita o ensejo da retirada do enviado do iman de Mascate, de Moçambique, em abril de 1828, e manda-o acompanhar pelo brigue de guerra *Caçador*, commandado pelo tenente Fernando Carlos da Costa. São interessantes e elucidativos os relatorios d'este official. Encontra fundeados no porto, além de um brigue francez, quatro palas de Bombaim, vinte e tantos pangaios, uma nau de 74 e uma corveta de 24, pertencentes estes navios de guerra e uma parte dos pangaios ao iman de Mascate. O iman nunca pernoita em terra. Tal é a confiança que os seus lhe merecem. Salva ás duas da tarde, á terra, com vinte e um tiros, mas só lhe correspondem depois do sol posto, havendo intervallos muito consideraveis e irregulares de uns tiros a outros. Só na manhan seguinte recebe as auctoridades de terra que lhe pedem desculpa da demora. Ao meio dia veem-n'o buscar e apresentam-n'o ao soberano arabe um tal Muamad Abdul Cadri e Amice Suatane, agente britannico.

Introduzem o tenente Fernando Carlos da Costa n'uma sala onde encontra o iman, seu filho, seu sobrinho e o governador de Zanzibar. Levantam-se todos e o iman convida-o a assentar-se a seu lado

---

[1] Mugau ou Mgau, ancoradoiro ao norte da povoação de Mavinga e da bahia de Mekindane.

em cadeira de braços egual aquellas que elle e os

O explorador Serpa Pinto na exploração do Nyassa

da sua familia occupam, conservando-se o resto dos

assistentes de pé. O official de marinha participa-lhe a commissão de que vae encarregado e entrega-lhe em mão propria a convenção, o officio e o brinde de que era portador. A entrevista é das mais affectuosas. No dia 21 de maio é-lhe entregue a convenção devidamente assignada. O brigue *Caçador* veleja pouco depois para Moçambique, mas vê-se obrigado a arribar a Mombaça. O iman de Mascate rompera a 20 de maio hostilidades contra essa cidade e acabara por ali estabelecer o seu dominio. O tenente Fernando Carlos da Costa assiste a uma parte das operações.

Diz elle no seu relatorio que os habitantes de Mombaça queriam acoitar-se a uma nação da Europa que os protegesse, e de preferencia escolheriam os portuguezes, mas temiam, por causa da actual decadencia lusitana nos mares, que já foram nossos, lhes não pudessemos ser proveitosos; desconfiavam da Inglaterra pela estreiteza da alliança com o iman de Mascate, estavam resolvidos a convidar a nação franceza para os auxiliar e proteger. Mombaça era uma praça importante pela sua localidade entre Zanzibar e Mascate. A fortaleza era solida, bem construida e completa. Dominando entre Zanzibar e Mascate, como a navegação dos arabes era quasi toda costeira, interceptava o consideravel commercio d'aquella ilha com os portos do norte e da Arabia sujeitos ao iman. Mombaça era a chave que podia fechar ou abrir as portas ao commercio entre Mascate e seus dominios na costa de Africa; era a

balisa que se impunha ás terras proximas, Pemba, Pate e outras de que o iman se apoderou e que estavam promptas a sublevar-se logo que vissem Mombaça bem succedida nos seus projectos.

Apesar de todas as cortezias apparentes, o iman de Mascate, nunca viu os portuguezes com bons olhos. Rugiam no seu peito e no dos seus vassallos o odio resultante das velhas conquistas, o rancor provocado pela differença do credo religioso, a humilhação imposta pelos padrões da nossa marcha gloriosa com que tropeçavam a cada passo, a maneira, com frequencia, barbara, com que os tratámos durante a epopéa maritima. Houve uma época em que pensou mesmo atacar a ilha de Moçambique, mas lembrou-se da fortaleza que a defendia e ouviu os eccos, ainda não de todo apagados, dos tiros com que D. Estevam de Athayde acolhera os hollandezes na ultima investida soffrida pelo altivo baluarte do nosso velho poderío.

A 29 de abril de 1854 participa o governador das ilhas de Cabo Delgado ao governador geral de Moçambique, Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, e este por seu turno communica-o em 23 de julho do mesmo anno ao ministro da Marinha e Ultramar, Antonio Aluisio Gervis da Athouguia, que o iman de Mascate se apoderara dos pontos Tungue e Meninguene (Meningani).

Decorrem sete annos em que, parece, ninguem toca no assumpto. Em fins de 1861 o governador geral de Moçambique, João Tavares de Almeida, é

incumbido pelo ministro da Marinha e Ultramar, Carlos Bento da Silva, de ajustar um tratado de commercio e amizade com o sultão de Zanzibar, Said Magid ben Said. O principe trata com a maxima deferencia o plenipotenciario portuguez, annue a tudo excepto á limitação da fronteira. O caso assume proporções de obstaculo insuperavel.

Rodam por cima d'esta tentativa dezoito annos. Estamos em dezembro de 1879. Governa a provincia de Moçambique o coronel de artilharia Francisco Maria da Cunha e gere a pasta da Marinha e Ultramar o marquez de Sabugosa. Munido de plenos poderes, o coronel Cunha fundeia em Zanzibar, a bordo da corveta *Rainha de Portugal*, comboiado pelo transporte de guerra, *Principe D. Carlos*, como relatamos no capitulo I. A 9 de dezembro d'esse anno de 1879, pelas nove da manhan, desembarca o plenipotenciario portuguez acompanhado da sua comitiva e da officialidade dos dois navios. Guia-o um enviado do sultão. Desfila por entre alas das tropas regulares do principe arabe em direcção da residencia de Sua Alteza. A banda toca os hymnos dos dois paizes. Toda a praça fronteira ao palacio enche-se de forças irregulares semi-selvagens que se entregam a ruidosos e phantasticos exercicios bellicos.

O sultão Said ben Bargach, seguido de sua familia e aulicos, aguarda-o a meio da praça. D'ali segue o prestito para a sala de recepção. Ladeia a escadaria a guarda persa, guarda pessoal do sultão,

O principe acolhe galhardamente o coronel Cunha, refere-se a el-rei D. Luiz com saudades e elogios e expõe as boas impressões da sua visita a Lisboa. Terminada a apresentação do sequito do governador geral de Moçambique, são servidos refrescos e em seguida o plenipotenciario segue para o palacio em que Said ben Bargach offerece hospedagem aos portuguezes. No dia 9 o sultão paga a visita e convida para um jantar official os visitantes. As ruas do trajecto illuminam-se profusamente com balões de vidro colorido, bem como os edificios e a torre fronteira ao palacio. Durante o jantar a banda toca os hymnos das duas nações e em seguida varias peças de concerto. Além do sultão só fingiram que comeram quatro moslimes. Concluido o banquete assistiram os comensaes de uma das varandas do palacio a um luzido fogo de artificio que rematou pela ascensão de tres balões.

Assim entreteve o sultão o plenipotenciario portuguez até o dia 12. N'esta data o coronel Cunha pretende começar a tratar das negociações que ali o levam. Só no dia 17 consegue entregar as suas credenciaes. Ha largas discussões. O coronel Cunha enfurece-se e o delegado do sultão seu secretario, Mahomed ben Maomed Bakuso Omar, conserva toda a sua serenidade. Mudam-se os intérpretes. Os portuguezes suam e os arabes manteem-se impassiveis.

Para concluir:

Said ben Bargach trata da maneira mais ama-

vel, cavalheiresca até, o plenipotenciario portuguez e a sua comitiva, mas não cede uma pollegada de terreno do que elle chama seu patrimonio. O coronel Cunha reembarca para Moçambique sem ser mais feliz que os seus antecessores.

Em agosto de 1882 o governador geral, coronel Agostinho Coelho percorre o norte da provincia de Moçambique e entra na bahia do Tungue. Depara-se-lhe ali a bandeira do sultão de Zanzibar. Desembarca um official da corveta *Mindello*. O chefe, arabe, do porto, acolhe-o amigavelmente mas de armas na mão. No dia seguinte Agostinho Coelho dirige-se para terra n'um escaler a vapor, mas reconhece que só o deixarão desembarcar recorrendo ao emprego da força. Já no anno anterior, em 1881, o governo incumbira o governador geral, visconde de Paço de Arcos, na occasião em que tocara em Zanzibar, de visitar o sultão, a ver se se podiam reatar as negociações entaboladas sobre o limite das fronteiras. Said ben Bargach da maneira mais amavel e mais capciosa recusa-se a dar audiencia ao alto funcionario portuguez com o infantil pretexto de falta de saude, mas de bordo do navio o visconde de Paço de Arcos enxerga, com o auxilio do binóculo, o sultão a passear nas varandas do palacio, receber, entre outras pessoas o consul britannico, elle, os seus antecessores e successores sempre hostís á nossa acção, e mais tarde sahir de carruagem e passar revista ás tropas na praça fronteira á residencia principesca. N'essa emergencia o governo de

Lisboa sentiu assomos de tomar uma attitude energica, mas o gabinete de Londres manifestou *desejos*, confidencial e officiosamente, de que permanecessemos quietos.

Em 1885, o explorador Serpa Pinto, que depois de realizar a sua conhecida viagem, fizera uma exploração ao Nyassa em companhia do guarda-marinha Augusto Cardozo, [1] com o seu genio pundonoroso e impulsivo, sempre irrequieto e aventuroso, assustava um pouco o ministerio. Resolveu, para o manter affastado de Lisboa, provê-lo no cargo de consul de Zanzibar. Em 8 de novembro d'esse anno de 1885, expede Serpa Pinto um telegramma ao ministro dos negocios estrangeiros, Dr. Barbosa du Bocage, dizendo n'elle que se perguntasse para França, Inglaterra e Allemanha, como é que estas potencias combinavam delimitar a costa do sultão, sem Portugal ser ouvido. Affirma que a situação é grave e pede instrucções. É como uma granada que cae na nossa chancellaria. Os nossos diplomatas põem-se em acção. Na verdade os governos allemão, francez e inglez tinham nomeado commissarios para a delimitação de Zanzibar, da qual nos excluiam systematicamente, e com tal sigilo que os nossos representantes não sabiam nada.

O snr. Miguel Martins d'Antas, ministro de Portugal em Londres, participa em 17 de novembro

---

[1] Para a qual convidara antes d'elle quem isto escreve e que não acceitou por motivos de ordem particular.

de 1885, que tendo surgido questões e conflictos entre a Allemanha e o sultão de Zanzibar, suggeriu o principe de Bismarck a conveniencia de que, sendo a Inglaterra e a França protectoras do sultão de Zanzibar, se reunisse uma commissão composta de representantes da Inglaterra, da França e da Allemanha, para de commum accordo, fixarem os limites dos territorios do sultão, como meio mais simples de pôr termo aos conflictos que tinham surgido e que podiam ainda surgir.

Com Portugal, nem a sua antiga alliada nem os paizes que o não eram, se importavam nada.

XIII

Tungue e Kionga

Trabalhos diplomaticos—Uma explosão de Serpa Pinto—Rompimento consular—A partida do Zanzibar—«Ultimatum»—Má vontade da imprensa londrina—Inicio de hostilidades—Tomada de Tungue—Elogios—A paz—Plenipotenciarios—Companhias soberanas—Os tentaculos da Allemanha—Zonas d'influencia—Percalços da colonização—O 17 de lanceiros—Um major «noceur»—Travessia do Mar Vermelho—Soffrimento physico—Bivaque pittoresco—Visão inolvidavel—Differença de temperamentos.

Os acontecimentos na costa oriental de Africa seguem o seu curso normal para as outras potencias, anormalissimo para Portugal. Os nossos representantes em Paris, Londres e Berlim, respectivamente Andrade Corvo, Miguel d'Antas e marquez de Penafiel, trabalham com afan, mas nada conseguem á cerca da interferencia do nosso paiz na magna questão da delimitação de fronteiras de Zanzibar.

N'este meio tempo o nosso consul Serpa Pinto apresenta um projecto de tratado de limites ao sultão. Os acontecimentos precipitam-se. O coronel José Raymundo de Palma Velho, governador do districto

de Cabo Delgado, occupa os pontos norte da provincia de Muluri, á margem sul do mucurro de Meningane, ha muito em poder de Sayyd ben Bargach. A noticia exaspera o sultão. Em contrario do expresso nos tratados, um portuguez é posto a ferro. O nosso consul colhe a bandeira nacional e colloca a colonia sob a protecção da Allemanha. Este procedimento talvez não fosse muito harmonioso com os dictames da diplomacia, mas era a de um soldado portuguez brioso e energico. No entanto os animos serenam. A 17 de abril de 1886 a nossa bandeira torna a içar-se no consulado e um navio de guerra zanzibarita saúda-a com vinte e um tiros. Serpa Pinto é chamado, delicadamente, a Lisboa, mas é chamado.

O sultão de Zanzibar escreve uma carta amavel a D. Luiz, que lhe responde com um telegramma do mesmo theor. No entretanto seis fragatas allemans, commandadas pelo contra-almirante Knorr, exigem de Sayyd ben Bargach Quisibi, ligada a Namu e toda a terra de Umcamesy até Victoria Nyanssa, além dos portos de Dar es Salaam, Pangami, Vassini, etc. A Gran-Bretanha obtem a concessão de Mombaça, com dez milhas de extensão na costa e a do continente contiguo desde Kilima Njaro até Victoria Nyanssa. As nossas negociações proseguem, mas o sultão teima em não ceder o que historicamente nos pertence. No entretanto, o então nosso consul ali, Dr. Augusto Braz de Souza, menos fogoso que Serpa Pinto, e portanto mais em conformidade

para arcar com os ardis das auctoridades zanzibaritas presta ao paiz importantes serviços.

A 20 de janeiro de 1887 fundeia em Zanzibar a corveta portuguesa *Affonso de Albuquerque* tendo a seu bordo o governador geral de Moçambique Augusto de Castilho. O sultão recebe-o com as costumadas honras. Troca-se activa correspondencia para que nos seja entregue Cabo Delgado, mas os resultados são nullos. Azedam-se as notas. A 11 de fevereiro Castilho envia um *ultimatum* a Sayyd Bargach. Este não cede. Ás duas e quinze minutos é arriada a nossa bandeira no consulado. Ás tres horas a *Affonso de Albuquerque* e a canhonheira *Douro* levantam ferro e navegam a 12 com rumo á bahia do Tungue. Seguem-n'as duas horas depois o vapor do sultão *Kilwa*. No dia 14 chegam as embarcações portuguezas ao Tungue. O vapor *Kilwa* é apresado e collocado como seu commandante o tenente João Jorge Moreira de Sá, official dos mais proficientes e intrepidos da nossa marinha, que ganhara a Torre Espada muito novo ainda pela valentia e dedicação com que pretendera salvar dois dos seus camaradas, Valladas e Sarmento, naufragados n'um escaler da canhoneira *Mandovy*.

O *Times* de Londres publica uma serie de artigos desagradabilissimos para Portugal enviados por Stanley. A imprensa londrina incita o governo a impedir a nossa acção militar na bahia do Tungue. Os dois ministros, o da Allemanha, barão de Schmidthals, e o de Inglaterra G. G. Petre, interveem em

Lisboa a favor do sultão. As intrigas accumulam-se. Espalham-se boatos de uma revolta effectuada pelos macuas no continente fronteiro a Moçambique. Os dois referidos diplomatas exercem pressão sobre Barros Gomes, ministro dos estrangeiros, e o *Kilwa* é restituido ao governo de Zanzibar. Este estadista descreve ao nosso ministro em Londres, Miguel Martins d'Antas, para o auxiliar nas negociações em seguimento no *Foreign Office*, em Londres, nos presentes termos, a marcha das hostilidades.

A corveta *Affonso de Albuquerque* e canhoneira *Douro* chegaram á bahia de Tungue a 16 de fevereiro de 1887. Augusto de Castilho intimou o chefe de Tungue a entregar a margem norte de bahia, vista a impossibilidade de a defender efficazmente contra as nossas forças. Ao mesmo tempo fez dirigir uma carta a todos os negociantes ali estabelecidos, avisando-os de que deviam pôr a salvo as suas pessoas e bens, para evitarem as consequencias provaveis do emprego da força, se a tanto fosse obrigado, afim de cumprir a missão que o governo lhe confiara. Os negociantes responderam que se não prestavam ao que lhes recommendara o governador e só o fariam por ordem do consul inglez em Zanzibar. Apesar de ser informado de que esta resposta era inspirada pelo chefe zanzibarita de Tungue, ainda escreveu o governador aos negociantes, que só a si proprios poderiam attribuir quaesquer prejuizos que soffressem com as operações militares, que se tornavam indispensaveis. Passadas quarenta

e oito horas sem receber resposta satisfactoria, abriu o fogo a canhoneira *Douro*, lançando algumas bombas e balas sobre a povoação com o fim de decidir o chefe a entregar-se sem mais derramamento de sangue. Cinco dias se passaram sem mais actos de hostilidade, mas constando ao governador que chegavam do norte arabes armados e andavam emissarios zanzibaritas provocando á revolta os indígenas das visinhanças, resolveu tomar a povoação de Meningane, o que se effectuou a 23.

Para proteger as tropas de desembarque era inevitavel bombardear a povoação rodeada de espessos bosques de mangues, onde se acobertavam e d'onde faziam um fogo vivissimo os arabes do sultão. D'aqui o incendio que devorou a povoação, composta exclusivamente de cubatas de colmo. Não bastou, porém, a tomada de Meningane para pôr termo á resistencia acintosa que, não podendo ter por fim o impedir o desembarque das nossas forças, para o que eram insuficientes os recursos do chefe arabe, o qual apenas podia oppôr umas tres peças velhas de ferro á nossa artilharia moderna, era manifestamente empregada para nos obrigar a actos hostís e a causar prejuizos aos moradores, alguns dos quaes eram indios subditos britannicos. Depois de tomado Meningane refugiou-se a força zanzibarita em Tungue e ahi arvorou a bandeira do sultão, mantendo-a içada e como desafio aos nossos. Foi necessario novo desembarque e novo ataque para desalojar os arabes de Tungue e completar a occupação que fôra

ordenada mas só depois de parlamentar o governador mais quatro dias, a 27 de fevereiro se realizou este ultimo acto de desforço.

Por estes feitos de armas o governador geral de Moçambique elogia o coronel de cavallaria José Raymundo de Palma Velho pela intelligencia serenidade e denodo com que planeou, dirigiu e executou os dois ataques de Meningane e Tungue, sendo por si só o principal obreiro de tão brilhante feito; o capitão de fragata Augusto Marques da Silva, commandante da *Douro*, pela pericia com que levou o seu navio a fundear mesmo junto aos baixos que se estendem em frente de Meningane, e á menor distancia possivel d'esta povoação e pela parte que tomou auxiliando pessoalmente com praças da sua guarnição o governador do districto na tomada de Meningane; o capitão tenente Cypriano Lopes de Andrade, commandante da corveta *Affonso de Albuquerque*, pela maneira habil como conduziu o seu navio até a menor distancia possivel em frente do Tungue e pelo auxilio que prestou com embarcações armadas e gente para o ataque e tomada d'aquella povoação; o segundo tenente Aristides Paes de Faria da guarnição da canhoneira *Douro*, commandante da força de desembarque do dito navio em Meningane, pelo acerto com que dirigiu a sua gente sob as ordens do coronel Palma Velho; o tenente João Augusto Pinto, commandante do destacamento de caçadores 1, no Ibo, então as ordens do governador do districto, pela muita dedicação e coragem

que manifestou em todas as occasiões e expecialmente no mencionario ataque e tomada de Meningane; o director da alfandega do Ibo, Estanislau Alves Dias e o thesoureiro almoxarife do districto, João de Barros Carrilho, pela maneira prompta e espontanea como voluntariamente se offereceram a servir a peça revolver Hotchkiss na ponta léste da entrada do Rio Menigane, quando esta bombardeava a povoação, protegendo a passagem do mesmo rio pelas nossas tropas; o sargento Albino Leandro da canhoneira *Douro* pela maneira distincta como se houve o cabo marinheiro Alfredo Lima, que arriou a bandeira do sultão em Meningane; e o cabo marinheiro João Rainaud, patrão do escaler a vapor da corveta *Affonso de Albuquerque* por ter sido quem arriou a bandeira do sultão em Tungue.

Uma parte d'estes officiaes são propostos para serem agraciados com mercês honorificas e recebem-n'as.

Apesar da accentuada má vontade dos governos de Londres e Berlim, Sayyd ben Bargach acceita os factos consumados. O governo de Lisboa nomeia n'esse momento para consul de Portugal em Zanzibar o visconde de Castilho, com quem surge logo um incidente protocolar, e para seu plenipotenciario, afim de tratar das condições da paz e da definitiva regulamentação das fronteiras, o official de marinha e glorioso explorador Hermenegildo Capello. Do seu lado o sultão nomeia para o mesmo effeito Lloyd William Mathews, official do exercito bri-

tannico e commandante em chefe das forças zanzibaritas.

*

* *

Não vale a pena insistir mais n'este assumpto intensamente doloroso para nós. A fronteira norte da provincia de Moçambique, fixa-se, no curso do rio Rovuma, mas a bahia de Kionga desapparece do nosso dominio. A *Deutsch-Ostafrica,* Africa Oriental alleman, que se constituira em 1884 com o titulo de Sociedade alleman da Africa Oriental, recebe a sancção official das potencias em 1886, mas vê-se constrangida em 1891, devido a uma sublevação dos indígenas, a ceder os seus direitos e estabelecimentos ao governo imperial.

Entre nós, tardiamente, constitue-se, em 1893, a Companhia do Nyassa e só quatro annos depois, em 1897, se instala, inicia as suas funcções e funda na bahia de Pemba a cidade de Porto Amelia. O territorio d'esta companhia abrange approximadamente o do antigo districto de Cabo Delgado. É na fronteira d'estes territorios que se encontra uma parte das forças expedicionarias portuguezas formadas por infantaria 13 e outras unidades do exercito da metropole, commandadas pelo tenente-coronel de artilharia e experimentado colonial, Massano de Amorim. Como se sabe a Africa Oriental alleman confinava com a Africa Oriental ingleza, com o

Congo belga, com a Zambezia e com a nossa Africa Oriental.

Conhece-se a rivalidade anglo-alleman em toda a Africa. A Allemanha sempre persistente e activa estende de forma maravilhosa a sua rede ferro-

Passagem de uma caravana pelo canal de Suez

viaria. Na parte oriental e Camarões explora 1.862 kilometros; termina a linha que liga o Oceano Indico com o lago Tanganika; prepara-se para construir 3.000 kilometros de via ferrea nos Camarões e estuda como ha de sulcar em todos os sentidos os territorios cedidos pela França pelo tratado de 4 de novembro de 1911. Talvez prevendo e desejando até certo ponto evitar a guerra actualmente desen-

cadeada, a Allemanha entra n'um accordo com a Gran-Bretanha a proposito de zonas de influencia.

A *Gazeta de Francfort* noticía que o governo allemão procurava obter uma rectificação de fronteiras na região noroeste da colonia da Africa Oriental. A Inglaterra deveria ceder á Allemanha a foz do rio Kagera, no lago Victoria Nyanssa. Toda a bahia do Kajera tornar-se-hia assim alleman. É por este tempo que se espalha a noticia de que a provincia de Moçambique entra na esphera de influencia ingleza. A Allemanha assegura para si Angola, ao passo que preoccupada com a concorrencia possivel da linha de Benguela toma para si uma participação importante na empreza que assumiu a construcção da via ferrea, concedida pelo governo portuguez em 1912 a Mr. Robert Williams, fundador da *Tanganika* e da *Zambezia Exploring*. O capital da Companhia de Benguela repartia-se, em 30 de novembro de 1912, em setenta e cinco mílhões de francos de acções e quarenta e dois milhões e setecentos e cincoenta mil francos de obrigações. A *Tanganika* detinha noventa por cento do capital acções e a *Zambezia Exploring* cincoenta por cento do capital obrigações. Em fins de outubro de 1913, a imprensa alleman noticía que um grande banco de Berlim entabolara negociações com a Companhia de Benguela afim de entrar com a somma de setenta e cinco milhões de francos. Assim a Allemanha nada tinha a recear com a via que conduz do Lobito a Catanga, por isso que ficava com direito a uma

boa parte da fiscalização. Guardava para si a chave das duas portas do Congo superior.

O presente conflicto modificará ou invalidará estas concepções e combinações?

Só o futuro pode dar resposta cabal.

A acreditar nos repetidos artigos publicados na folha germanica *Ultimas Noticias de Berlim*, um certo elemento feminino allemão tomou-se de fraco por determinados especimens varões das colonias. Segundo esse jornal, qualquer preto que se demora na metropole conta, no regresso, aos seus conterraneos, uma serie de aventuras que diminuem, nas possessões ultramarinas, o respeito pela mulher branca. Recebem numerosas cartas e publicam-n'as nos jornaes coloniaes. (Que vaidosos!)

Adduz mais a citada gazeta que um sapateiro de Hildesheim, ameaçado de fallencia, recorreu a um preto de Togo, para chamar de novo a freguezia. N'um jornal da cidade publicou o seguinte annuncio:

« Herr Crusoe, preto, acaba de chegar da terra de Togo. Engraxará gratuitamente o calçado de senhoras e homens no vestibulo da minha loja de 8 a 13 de junho. Convida-se o publico a vir examinar este admiravel exemplar das nossas colonias. »

O resultado foi superior a toda a espectativa.

Outra noticia que traduzimos o mais á lettra possivel:

« Produziram-se scenas muito curiosas em Homburg, no momento da prisão de um negro accusado de furto e gatunice. Um grande numero de raparigas novas seguiram-n'o através das ruas da cidade até o instante em que as portas da prisão se fecharam atraz d'aquelle que durante semanas excitara tão vivamente a sua sympathia.

Tem havido varios escriptores inglezes e allemães, antigos e modernos, que ao visitar o nosso paiz e ao examinar a pelle trigueira do nosso povo, não se cansam com mais investigações ethnographicas e affirmam que nós descendemos de moiros, de berberes, de indios, de mulatos, de negros, de tapuyas, de quantos povos nós temos dominado ou estado em contacto. Qualquer pessoa medianamente versada em ethnographia sabe que não é assim. Mas como tudo se paga n'esta vida e com... « lingua de palmo » conforme o rifão, não nos custa a acreditar que com a visita dos indígenas das colonias allemans á mãe patria e com a miscelanea de prisioneiros argelinos, indios, senegalezes, australianos, etc., etc., que a Allemanha detém agora nos seus campos de concentração, appareça por lá um ou outro producto de tez mais morena que o geral da raça.

Uma vez, a bordo de um paquete estrangeiro que entrava em Lourenço Marques, quando os pretos ainda só vestiam pannos, duas damas encostadas á amurada entretinham-se a ver chegar os escaleres idos de terra. Os tripulantes, com o esforço

de remar, nem sempre occultavam a sua pujante musculatura. Uma das forasteiras emmudece de subido:

— Porque te calas? — pergunta-lhe a companheira.

— Que bellos typos de homem! — commenta a interpretada apontando para um remador landim.

— Não será ficção?! — exclama a interlocutora.

Bem dizia Cecilia Fée: «Por torpe que seja uma mulher, comprehende tudo quanto se refere ao amor. Por intelligente que seja um homem, nunca comprehende mais de metade.»

Ainda mais reminiscencias de viagens.

O paquete *Simla*, da British India C.º, transportava de Londres para Madrasta o regimento inglez, 17 de lanceiros. Então, como ainda hoje, cremos, as promoções realizavam-se dentro das unidades e não dentro das armas. Acontecia por isso, conforme as campanhas, as guarnições em terras doentias, a promoção ser rapida ou morosa, entre a officialidade. O 17 contava ao seu activo varias batalhas sangrentas e estações demoradas em climas insalubres. D'ahi o seu major, Mr. O'Llorr, um irlandez, chegar a esse posto com trinta e seis annos. Um selleiro habil preparara-lhe um estojo, que cabia em baixo do beliche, e onde se continha um apparelho militar completo, para cavallo. O major O'Llorr era um *noceur*. A pretexto de mostrar essa maravilha da sellaria londrina ás passageiras de bordo, exigia ou

doavam-lhe muito voluntariamente preciosos arrhas. Parecia meridional o insaciavel filho da *verde Erin!*

Atravessava-se o Mar Vermelho. Decorria o mez de agosto. O sol parecia um disco de cobre encandescido virado sobre o mar. O céo afogueava-se como uma cúpola de metal em brasa. As cadeias de montanhas da banda da Asia e da Africa erguiam-se como muralhas de bronze aquecidas ao rubro. A areia das duas praias avermelhava-se como escorias de um alto forno. A agua afigurava-se-nos cachoar com temperatura mais elevada do que a que fervia nas caldeiras do vapor. Ás seis da manhan tomba da verga do traquete um marinheiro victima de uma insolação. Os fogueiros e engenheiros brancos só se podem demorar junto das fornalhas e na casa das machinas quinze minutos. Ao cabo d'esse tempo, quando sobem ao convez não se concebe, expressão de soffrimento mais completa e significativa. Os olhos amortecem-se-lhes n'um desalento absoluto, os musculos contrahem-se-lhes n'uma manifestação afflictiva de dôr, a bocca franze-se-lhes n'um repregar de angustia, a commissura dos labios revela íntima agonia, os cabellos empastam-se-lhes de suor, as faces lívidas simulam as de um cadaver, o torso, nú, é como o busto de um cadaver destinado a um theatro anatomico. Um verdadeiro horror! Os proprios pretos suahilis, contractados de proposito para isso, costumados a tão descomunal calor e bem pagos, não se aguentam lá em baixo mais de uma hora. Apesar do vapor andar dez a doze milhas por hora,

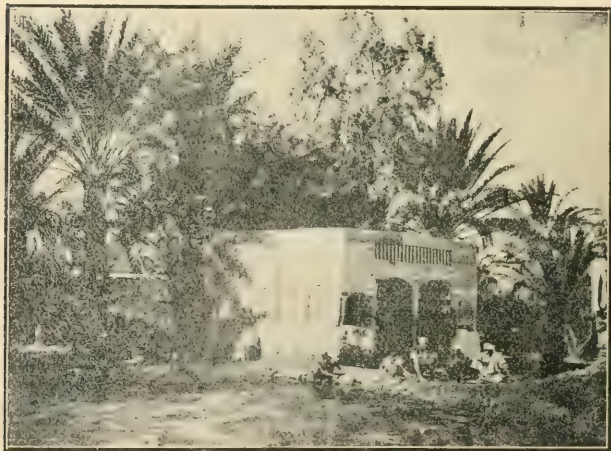
pois não pode accelerar a marcha por causa dos innúmeros baixios e recifes que coalham a região, não obstante o ar deslocado por essa velocidade, postados á prôa, recebemos a impressão de nos approximarmos de uma fundição em labuta, que nos envia as suas abrasadoras lufadas, ou que voltando aos tempos biblicos, somos apertados nos braços candentes da estatua de Moloch.

De noite o calor ainda mais affronta e perturba. Ninguem, nem mesmo a creatura mais friorenta ou anemica, consegue dormir nos camarotes. Ás dez ou onze horas os creados indios ou europeus trazem para o convez os goldorins, colchões de pequena espessura, «édredons» e estendem-n'os em qualquer parte em cima dos albois, das gaiutas, dos bancos, nas tabuas, onde existe espaço.

Seria injusto obrigar as senhoras a supportarem uma temperatura a que o sexo forte não resiste. Para harmonizar a commodidade com o recato exigido pelas conveniencias femininas, corria-se á popa do vapor, de um a outro bordo, uma sanefa de lona. A cada um dos lados postava-se um *lascari*, tripulante indio, com ordem expressa do capitão para não deixar transpor aquella barreira de panno a ninguem de calças, fosse qual fosse a sua qualidade, gerarchia, genealogia ou grau de parentesco allegado com qualquer das pessoas confiscadas do lado de lá.

Para além estendiam-se da mesma maneira as colchas e os goldorins e as damas, de primeira classe, de todas as condições e edades, vestidas do *pyjama*

19

indispensavel n'estes climas, dormiam ali com o mesmo relativo conforto dos homens e ao abrigo dos olhares indiscretos d'estes. Para quem não saiba o que são *pyjamas*, diremos que é um traje, em geral de flanela, constituido por umas calças e uma blusa

A fonte de Moysés proximo do canal de Suez

extremamente largas e vestido indistinctamente pelos dois sexos.

Uma noite o major Ó'Llorr pergunta-nos:

— Já viu nascer o sol no Mar Vermelho?

— Todos os dias,... não se pode dormir — respondemos-lhe.

— De que lado?

— D'onde estou?

— Nunca experimentou contemplar esse espectaculo á ré?

— Não, nunca.

— Pois affianço-lhe que merece o trabalho de nos levantarmos do sitio onde passamos a noite.

— Como assim?

— Quer experimentar, mande collocar o seu goldorim ao lado do meu.

Seguimos o conselho.

Sobre a madrugada o major O'Llorr, deitado ao nosso lado, inquire:

— Está acordado?

— Estou.

— Arraste-se atraz de mim o mais devagarinho possivel.

E quasi de rojos caminhamos no seu encalço. Dirigiu-se para a sanefa, que separava as senhoras dos homens, d'onde não distávamos muito e á beira da qual dormitavam os *lascaris*. Via-se que o major não era a primeira vez que seguia tal itinerario, pois acercou-se confiadamente da pouco feroz sentinela, disse-lhe algumas palavras em industani e metteu-lhe na mão não sei que moeda de prata. O indio afastou-se e nós colleamos por baixo da lona e penetramos no recinto vedado aos outros mortaes.

N'aquellas latitudes não ha crespusculo. Apenas alvorece a mancha sanguinea do sol crava-se no horizonte como uma bandeja de punch em chammas, a claridade é logo intensa, distinguem-se sem demora

os objectos e as formas desenham nitidamente os seus contornos.

O que então se nos deparou nunca mais se apagará da nossa memoria.

O firmamento saltou da treva profunda para o tom acerejado de uma certan ao fogão; as montanhas asiaticas e africanas, ainda um tanto indefinidas, perdiam as gradações largamente opacas e vincavam o seu perfil arido e tisnado; as praias alongavam uma faixa de amarello torrado como se cingissem as ondas n'uma fieira de cidrões; a agua, aonde de dia se descobrem aqui e ali, em determinadas condições de luz, uns laivos vermelhos, parecia a tinta derramada de um tinteiro pela mão irrequieta de uma creança traquinas.

Era esta a moldura do quadro.

Vejamos o quadro.

N'um ambito, relativamente restricto, deitavam-se, reclinavam-se, recostavam-se, estendiam-se, retrahiam-se, dormiam, espreguiçavam-se, bocejavam, sorriam, esboçavam caretas, reflectiam expressões angelicas, tomavam posições singulares, contorciam-se em curvas de acrobatas, arqueavam-se em equilibrios estranhos, sacudiam-se em movimentos rapidos ou lentos mais de cincoenta damas de todas as edades e matizes.

Leitor, que visão!

As dimensões amplas, folgadas, de um extremo á vontade das *pyjamas*, abertas com o calor, repuxadas com os gestos bruscos, refegadas nas revira-

voltas subitas de um somno fatigante, consentiam um largo campo de observação aos membros e até troncos. Cabellos soltos acendrados, fartas madeixas fulvas, bandós negros desfeitos, «chignons» côr de castanha, isoladas farripas sem possivel classificação de cambiante, gargantas de torneado esculptural, seios tumidos e lacteos, regaços molles e gelatinosos, peitos quasi sem especie de accidente, delicados e subtis arcaboiços, braços modelados pelo estatuario mais meticuloso, humeros e cubitos apenas revestidos de engelhada pelle, pulsos arrancados a pedreiras de alabastro, mãos de dedos esfusiados, microscopicas, a solicitar beijos respeitosos ou sensuaes e pernas... até o joelho, de ora em quando um poucochinho mais acima, de todas as medidas e proporções, de tal variedade que contentaria as exigencias dos mais fantasiosos e de caprichos mais extravagantes.

Que visão!

— Vamo-nos embora — convidamos, após um ou dois minutos, de contemplação, o major O'Llorr.

— Não gostou? — inquiriu surprehendido.

— Muito...

— Então...

— Isto não é espectaculo para meridionaes — confessámos. — Só homens das raças do norte podem assistir a tal espectaculo e ficar chumbados ao mesmo logar. Vamo-nos embora...

XIV

Abyssinia

O porto e ilha de Massuá — Uma Babel em miniatura — De mão em mão — A Abyssinia — Geographia physica e politica — Influencias contrarias — Ly Kassa — Theodoro III — Virtudes e aptidões — O principio da decadencia — Assassinio de Plowden — A rainha Terunish — Erro grave — Diligencias humilhantes — Caprichos de déspota — Crueldade requintada — Odysséa de soffrimentos — Expedição ingleza — A sua organização — Operações — Difficuldades da marcha — O combate de Fahlá — Horas de anciedade — Desalento — Na ultima extremidade — Fim heroico — Aniquilamento total

O paquete *Patna* soffrera uma avaria de certa importancia no helice. Tornava-se necessario uma arribada. O porto mais proximo era Massuá. Para ali singramos com reduzida velocidade. A cidade n'aquelle tempo differia muito do seu actual estado. Hoje, fortificada pelos italianos, que d'ella fizeram o principal porto da sua colonia da Eritréa, apresenta outro aspecto. Construida, em parte, no extremo norte da bahia, na ilha de Massuá, de formação de coral, e outra nos ilhotes de Tautlub e Xeque Said, fica perto da terra firme. Com pequena altura acima do nivel do mar, pouco excede a oitocentos metros

no comprimento e quatrocentos na largura. O ancoradoiro é formado pelo canal que corre entre a ilha e o continente. Ao presente affirmam-nos que possue excellentes edificios publicos. N'aquella quadra, não. Os italianos acabavam de a occupar e pelas ruas tortuosas acotovelavam-se officiaes e soldados do exercito de Italia, abexins, gregos, indios, arabes, gallas e somalis falando varias linguas e bastantes dialectos.

Esta ilha pertenceu á Abyssinia durante alguns seculos. Os chronistas portuguezes chamam-lhe Matzuá. Ali desembarcou Christovam da Gama á frente de soldados nossos, em julho de 1541, afim de auxiliar os abexins contra os invasores moslimes. Os turcos tomaram-n'a em 1557, e conservou-se na posse ottomana durante dois seculos. Estabeleceu-se ali, mais tarde, uma colonia militar de bosníacos, depois transitou para o dominio do xerife de Mecca, rodados annos apoderou-se d'ella Mehemet Ali, vice-rei do Egypto. Os turcos reconquistaram-na, mas voltou para o poder do Egypto mediante um tributo annual. Em fevereiro de 1885 as forças italianas desembarcaram ahi e a guarnição egypcia evacuou a ilha em novembro do mesmo anno. Até 1900 funccionou como capital da colonia italiana. N'essa época o governo de Roma transferiu a séde da administração para Asmara.

Em Massuá, tão cheia de recordações da nossa epopéa maritima, ainda se falava n'essa occasião com pasmo da famosa expedição ingleza, comman-

dada pelo general *Sir* Robert Napier, contra o celebre imperador ou *negus*, Theodoro.

A Abyssinia, em linguagem official Ethiopia, é um imperio interior do nordeste de Africa. Estende-se entre a Eritréa ao norte, o Sudão anglo-egypcio a oeste, a Africa Oriental britannica ao sul e as possessões inglezas, italianas e francezas nas terras dos somalis e mar Vermelho a sudeste e léste. As colonias das potencias europeias, na costa, cortam-lhe o acesso ao mar. É muito caprichosa a orographia da Abyssinia. Tem cordilheiras abruptas, escarpadas, planicies extensas, areaes incandescentes, pantanos mortiferos, regiões saudaveis. O clima varía conforme a natureza e a elevação do terreno.

Politicamente, a Abyssinia divide-se em provincias ou reinos e territorios dependentes. As principaes provincias são Tigrê, Amhara ou Gondar, Gojam e Shoa. Além d'estas e d'outras provincias mais pequenas, o imperio inclue a região de Ualega, o Harrar, Kafa, a terra dos gallas e a parte central da terra dos somalis.

Com excepção do Harrar, a Abyssinia não possue grandes cidades. A capital mais antiga parece ter sido Axam, segue-se-lhe depois Gondar, Adis Ababa, a actual séde do governo, Aduá, Adrigat, Macale, Anto, Magdala, Debra-Tabor, Samara, Ambra-Mariam, Ankober, etc.

As instituições politicas denotam um caracter feudal. Dentro das suas provincias os *ras* (principes) exercem amplos poderes. O imperador, denominado

negus negusti (rei dos reis) governa com o auxilio, apparente, de um conselho de *ras*. Ultimamente, em 1907, um decreto imperial annunciou a constituição de um gabinete formado á moda europeia, creando-se as pastas dos negocios estrangeiros, guerra, commercio, justiça e finanças. A justiça baseia-se no codigo Justiniano. Das sentenças dos juizes ha direito a appelar para o *negus*. O juiz supremo é designado por *affa negus*, (sôpro do rei). A egreja abexim é presidida por um *abuna*, ou arcebispo. O solo não constitue um simples feudo, está sujeito á fiscalização do imperador ou da auctoridade ecclesiastica. As receitas publicas provéem dos direitos *ad valorem* sobre todas as importações, da compra e venda de animaes, de impostos sobre concessões, etc. A instrucção, de caracter rudimentar, a principio, é ministrada a todos os rapazes acima dos doze annos. Construiram-se escolas e foram contractados no Egypto professores coptas. Actualmente cada provincia mantém um pequeno exercito permanente. No entanto, com cerca de cinco milhões de habitantes, a Abyssinia pode pôr em pé de guerra, uma força de duzentos e cincoenta mil homens irregulares, mas armados com espingardas modernas e de uma valentia a toda a prova. São os gallas, quasi na totalidade quem fornecem as forças de cavallaria.

A origem dos abexins ou dos ethíopes perde-se nas brumas da lenda. Principiaram a converter-se ao christianismo em 330, segundo reza a Historia.

N'essa época, S. Athanasio da Alexandria consagrou Frumencio como primeiro bispo da Ethiopia.

Não nos demoraremos a citar as missões portuguezas que ali se dirigiram no seculo XV, nem a viagem do celebre Pedro da Covilhan á côrte de Prestes João, nem o armenio Matheus que veio a Portugal pedir o nosso auxilio contra os mahometanos, nem a esquadra portugueza que para ahi se dirigiu em 1520 com uma embaixada ao *negus* David II e que por lá se demorou seis annos. Na Abyssinia, como n'outras partes, o poder das nossas armas fez-se sentir com energia. Lá desembarcou, como dissemos, Christovam da Gama, irmão mais novo de Estevam da Gama, com quatrocentos e cincoenta mosqueteiros, que obraram maravilhas, sendo afinal derrotado e morto em agosto de 1542.

*

* *

Os *negus* succederam-se com mais ou menos peripecias. No principio do seculo XIX o norte da Abyssinia dividia-se em dois campos. Um, Ambara com o *ras* Ali, estava sob a influencia de inglezes protestantes; o outro, Tigré com o *ras* Ubié, sob a influencia de catholicos francezes.

Em 1818 nasce em Cuara, pequeno districto a oeste de Amhara, Ly Kassa. Seu pae era um pequeno chefe local e seu tio governava os districtos de Dembea, Cuara e Chelga, entre o lago Tsana e

Abyssinia—Marcha do corpo expedicionario inglez, segundo um desenho tirado do natural

a fronteira de noroeste. Educaram-n'o n'um mosteiro, mas preferiu uma vida mais activa, e pelo seu talento e actividade depressa se evidenciou. Por morte do tio, nomearam-n'o chefe de Cuara. Pouco depois o *ras* Ali prende-lhe seu irmão Bilana e elle subleva-se. Reune forças importantes e repetidamente, de 1841 a 1847, bate as tropas enviadas contra elle. O *ras* Ali, para obter a paz, casa-o com sua filha Tavavich.

N'essa altura, volta as suas armas contra os turcos, mas soffre uma derrota proximo de Massuá. A sogra insulta-o, elle proclama-se independente. O seu poder augmenta em detrimento dos dois *ras* Ali e Ubié. Combinam-se os dois principes para o vencer, mas são desbaratados em 1853, em Gorgora. O segundo principe retira, o primeiro morre. A ambição de Kassa quer dominar tudo e todos. Berro, *ras* de Gojam, pretende oppôr-se-lhe, experimenta a mesma sorte, e, aprisionado, é executado em maio de 1854. Em fevereiro de 1855 o aniquilamento dos seus inimigos é completo. Kassa proclama-se *negus negusti* da Ethiopia, com o nome do Theodoro III.

Volta-se então contra Shoa. Invade a região com um numeroso exercito e vence quantos contrarios se lhe deparam. Theodoro está agora no zenith da sua carreira. N'esse tempo os seus biographos attribuem-lhe farta copia de virtudes. É generoso, alheio a cubiças, magnanimo com os vencidos, continente, mas sujeito a violentos ataques de colera e dominado por excessivo orgulho e fanatico zelo religioso.

É egualmente um homem educado e intelligente, superior aos do seu meio, dispondo de naturaes aptidões para governar e grangeando a estima alheia. O seu porte é majestoso, a sua organização resistente a qualquer fadiga, e dizia-se que ninguem o excedia, na Abyssinia, no tiro ao alvo, no manejo da azagaia, a correr e a montar a cavallo.

Se se contenta com a soberania de Amhara e Tigré, podia ter mantido a sua posição, mas exaure as suas forças contra Wallo Gallas. Obtem diversas victorias sobre aquelle povo, assola o seu paiz, apodera-se de Magdala, que converte no seu principal reducto, e alista muitos dos seus chefes nas proprias fileiras. Apossa-se de Shoa e toma Aukober, sua capital, mas n'este meio tempo os seus vassallos reagem contra as pesadas exacções, rebentam differentes revoltas em varias partes das suas provincias e a rainha Tavavich, a sua boa estrella, e morre.

O consul inglez, Walter C. Plowden, muito dedicado a Theodoro, recebendo ordem do seu governo, em 1860, para voltar a Massuá, é atacado no caminho pelo rebelde Garred, mortalmente ferido e aprisionado. Theodoro accommette os rebeldes e na acção o assassino de Mr. Plowden é morto pelo seu amigo e companheiro, o engenheiro Mr. J. T. Bell, mas este perde a vida salvando a de Theodoro. A morte dos dois inglezes são terrivelmente punidas pelo exterminio e mutilação de cerca de dois mil rebeldes.

Theodoro torna a casar. A segunda mulher é

Terunish, a arrogante filha do finado governador do Tigré, que nunca amou nem respeitou quem desthronára seu pae. O enlace torna-se infelicissimo.

Em 1862 realiza uma segunda expedição contra os gallas e deslustra-se com atrozes crueldades. O capitão C. D. Cameron é nomeado para succeder a Mr. Plowden, como consul britannico e chega a Massuá em 1862. Dirige-se ao acampamento do imperador a quem offerece, em nome da rainha, uma carabina, um par de pistolas e uma carta. Em outubro o capitão Cameron é enviado a Inglaterra com uma missiva de Theodoro, que a apresenta no *Foreign Office*, em 12 de fevereiro de 1863. Esta carta é posta de lado e ninguem lhe responde. Em novembro chegam despachos de Londres a Abyssinia, mas nenhuma resposta á carta do imperador, ao mesmo tempo que uma visita effectuada pelo mesmo capitão Cameron á fronteira egypcia, á cidade de Cassala, offende Theodoro profundamente. Em consequencia d'este procedimento, o imperador abexim manda prender, em janeiro de 1864, o capitão Cameron, bem como Rosenthal e Stern.

Quando se conhecem estes factos na Gran-Bretanha, o governo britannico resolve, mas muito tarde, responder á carta de Theodoro, e escolhe Mr. Hormuzd Rassam para portador. Este desembarca em Massuá em julho de 1864, e immediatamente envia mensageiros pedindo audiencia a Theodoro. Nem a estes nem a outros se lhes dá a attenção devida até agosto de 1865, quando é expedida uma

curta nota participando que o consul Cameron fôra solto e que se Mr. Rassam desejava visitar o *negus*, que elle ia a caminho de Gallabat. No anno seguinte Theodoro torna-se mais cortez e quando o imperador e o seu sequito acampam em Damot, Mr. Rassam é recebido a 25 de janeiro de 1866, com todas as honras e mandado depois a Cuarata, no lago Tsana, para ali esperar a chegada dos captivos.

Este attinge Cuarata a 12 de março e tudo parece correr favoravelmente. Decorrido um mez todos partem para a costa, mas ainda não tinham ahi chegado quando são devolvidos para o interior e de novo encarcerados. Theodoro escreve outra carta á rainha Victoria, requisitando operarios europeus e machinas, o que lhe é remettido por intermedio de Mr. Flad. Os europeus, embora detidos, nem sempre são maltratados. No fim de junho envia-os para Magdala, onde não tardam a ser carregados de cadeias. Padecem fome, frio e toda a casta de necessidades. Ameaça-os um constante receio de morte.

Theodoro, depois de uma certa época, embriaga-se a miude. A sua crueldade n'essas occasiões requinta. N'um accesso de inexplicavel furor manda assassinar á paulada os dois serviçaes de Mr. Stern, e este por um milagre que não é morto por um tiro de pistola desfechado por Theodoro. Aos europeus M. Blanc, Rassam e Prideaux chumbam-lhes bragas aos pés. De ora em quando determina que se concentrem captivos indígenas no alto de montes escar-

pados e fá-los lançar d'ali a baixo. Aos que não morrem logo, ordena aos seus sequazes que os espingardeiem. Alguns dos presos europeus são ameaçados de soffrer a mesma sorte. Constitue uma verdadeira odysséa os soffrimentos dos captivos brancos, que eram, além dos já citados, Mr. Staiger, a esposa do consul inglez Flad, este e ainda outros brancos francezes, inglezes e suas familias.

Relatemos, porém, os factos por ordem chronologica.

O poder de Theodoro decae a olhos vistos. Shoa emancipa-se do seu dominio. Uma parte das regiões conquistadas imita-lhes o exemplo. Os seus antigos feudatarios rebellam-se. A Inglaterra exige peremptoriamente a entrega dos captivos europeus, mas Theodoro comprehende que, cedendo ante as ameaças britannicas, arruina para sempre o seu prestigio. O governo de Londres resolve, em julho de 1867, enviar ali uma expedição militar.

Confia o commando d'ella a *Sir* Robert Napier, tenente general commandante em chefe do exercito de Bombaim, official oriundo da arma de engenharia, que fizera varias campanhas na India e tomára parte na expedição á China.

Passa por um modelo a sua organização.

*
* *

O logar escolhido para o desembarque é Mulkulto (Zula) na bahia de Annesley, o ponto da costa

mais proximo do local do antigo Adulis, já conhecido e palmilhado pelos soldados de Ptolomeu. A totalidade da força sobe a 16.000 combatentes, além de perto de 13.000 carregadores e empregados n'outros serviços, o que a eleva a 32.000 homens Escolhem-se para ella alguns regimentos europeus de guarnição na India e corpos indios de cavallaria e infantaria. O vice-rei do Egypto fornece cinco mil camellos. No arsenal de Woolwich preparam-se pequenas baterias de montanha, duas de aço, semelhantes ás empregadas na Nova Zelandia. Tres navios, de perto de sete mil toneladas ao todo, dispôem-se para hospitaes, podendo accommodar de cento e cincoenta a duzentos enfermos em optimas condições de ventilação e salubridade.

Os regimentos de infantaria de Panjab, indígenas, regulares, compôem-se de mil homens com trinta officiaes todos europeus; os irregulares só teem o commandante, dois officiaes e o medico, europeus. Uma das bases de operações é Aden; de varios portos do Mediterraneo seguem oitocentas mulas.

O commandante em chefe desembarca a 7 de janeiro de 1868. No acampamento em Annesley sente-se a falta de agua. Os sapadores abrem poços. Entre o gado cavallar e muar grassa uma epizootia que determina enorme mortandade. A expedição constituida por tres brigadas inicia a marcha, passa os desfiladeiros de Serrafê e atravessa os districtos de Agamé, Tera, Endarta, Wojerat, Lasta e Wadela. O exercito de Theodoro, que contára o

importante effectivo de cem mil homens, diminue sensivelmente. Os alistamentos cada vez se tornam mais difficeis. O *negus* resolve abandonar a sua capital Debra-Tabor, que incendeia, e dirige-se com os restos do seu exercito para Magdala. Durante esta marcha desenvolve reaes talentos de engenharia na construcção de estradas, na concepção de movimentos militares e na fertilidade de recursos postos em acção. O seu procedimento causa pasmo e admiração até aos proprios adversarios.

Sir Robert Napier convence-se que, pelas difficuldades que offerece o caminho á artilharia, apenas deve levar para além de Antalo até Magdala tres mil homens, tirados dos tres regimentos inglezes na Abyssinia, o 3, 4, e 45 com trezentos homens cada um. A infantaria indígena consta dos «Punjab pioneers», os belutchis, o 10 e o 25 e alguns sapadores de Bombaim e Madrasta. A cavallaria comprehende um esquadrão do 3 de Dragões da Guarda, unica unidade europeia d'essa arma, a cavallaria scinde e o 3 de cavallaria ligeira; a artilharia duas baterias de montanha e pouca mais de maior calibre.

*
* *

O único combate de importancia d'esta campanha é o de Fahla. [1]

---

[1] Este relato é extrahido de *A narrative of captivity in Abyssinia*, by Henry Blanc.

*

Os cavaleiros abexins esbarram com os oitocentos inglezes do regimento 4, «Punjab pioneers» e um batalhão de belutchis do Scinde. O combate generaliza-se, mas as probabilidades da lucta são muito deseguaes para que se possa prolongar. Disputando palmo a palmo o terreno com uma energia muito mal secundada por um armamento impotente, os abexins, dizimados pelos effeitos fulminantes da artilharia ingleza e pelas descargas mortíferas das carabinas Sneider, recuam em desordem, abandonando no campo oitocentos mortos e mil e duzentos feridos. As peças abexins, de Fahlá e de Selassiê, não cessam fogo durante toda a acção, mas nenhum projectil incide nas fileiras britannicas; estão fóra do alcance de tiro. A infantaria ingleza e as tropas indígenas rivalizam de esforço na perseguição. Entre todos, os soldados do Pundjab tornam-se notados pela sua selvagem energia e pelo seu arrebatado ardor, que nem abysmos nem precipicios deteem. O seu regimento fornece por si só quasi todos os feridos, cuja somma total é de vinte, mas nenhum morto.

A noite interrompe a perseguição. Á tarde o *negus* manda retirar as tropas, mas envia baldadamente mensageiro sobre mensageiro. Avista por fim os restos do seu exercito subindo as encostas e sabe então a funesta historia do desastre. Fitaurari Gabrié, commandante da guarda avançada, seu velho e dedicado amigo, o mais bravo dos bravos, jaz no campo. Theodoro pergunta o que é feito dos outros chefes e a cada nome respondem-lhe:

— Morreu.

Abatido, vencido, Theodoro, sem proferir uma palavra, volta para a sua barraca com o unico pensamento de appellar para a amizade dos captivos e para a generosidade do adversario. Alguns dos captivos são enviados ao acampamento inglez de Arogié, como embaixadores, acompanhados por Dejatch Alamé, genro de Theodoro. *Sir* Robert Napier recebe o emissario abyssinio com cortezia, manda-o entrar na sua barraca e fala-lhe com franqueza. Declara-lhe, que não só é preciso que todos os europeus sejam enviados ao acampamento, mas que o proprio *negus* deve tambem ir ali e submetter-se á rainha de Inglaterra; que, se proceder assim, será honrosamente tratado, mas que, se molestar um unico europeu captivo, não tem que esperar nenhuma piedade, e accrescenta que embora elle, *Sir* Robert Napier, se veja obrigado a demorar-se ali cinco annos, não partirá antes de ter punido o ultimo assassino, ainda que o vá arrancar aos braços da propria mãe.

Ha ainda mais troca de recados, mas *Sir* Robert não se affasta um ápice das suas primeiras declarações.

Os europeus captivos em Magdala continuam n'uma grande inquietação, não sabendo que linha de conducta adoptará Theodoro. O Dr. Blanc cura os feridos abexins que combateram na vespera. Todos estão desalentados, declaram que não querem pelejar de novo, e argumentam:

— Para que serve guerrear com os soldados in-

glezes? Quando nós luctamos uns com os outros, ora vencemos nós, ora vencem elles; com os inglezes vencem sempre elles. Veja quantos mortos e feridos ha do nosso lado; do d'elles não vimos ninguem cahir e no entanto não fogem.

Os foguetes apavoram-n'os, fazem narrativas estupendas d'esses engenhos de destruição.

Pouco tempo depois de ter recebido a primeira resposta de *Sir* Robert Napier e de ter enviado o tenente Prideaux e Flad pela segunda vez ao commandante em chefe britannico, Theodoro reune os seus principaes chefes e varios operarios europeus e convoca uma especie de conselho, mas torna-se breve presa de uma tal sobreexcitação, de um tal delirio, que com difficuldade o impedem de se suicidar. Os chefes, censurando a sua fraqueza, propõem-lhe matar todos os captivos ou fechá-los n'uma palhota para ahi serem queimados vivos apenas os soldados inglezes se approximem. Theodoro não acceita esse alvitre e determina a dois dos seus homens de confiança que participem aos presos:

— Partam immediatamente; vão para junto dos seus; amanhan mandem buscar o que lhes pertence.

Esta mensagem não socega os captivos. Os dois emissarios apresentam-se sombrios, succumbidos e de tal modo agitados que não podem fornecer nenhuma explicação d'esta subita decisão. Os creados dos presos empacotam diversos objectos e dizem-lhes adeus com as lagrimas nos olhos. Os guardas encaram-n'os com ar triste e afflicto. A impressão

d'estes é a dos detidos. Mandam-n'os buscar, não

Abyssinia—Combate de Fahla, desenho de Émile Bayard, segundo um esboço inglez

para os restituir aos seus compatriotas, mas para

os enviar para o outro mundo. Sáem da *amba* (fortificação, povoado) numerosamente escoltados. Um creado de um dos captivos conversa com os dois chefes. Confessam-lhe estes que Theodoro perdera a razão e que elles não descurarão o menor ensejo para demorar o encontro dos europeus com Theodoro, porque era da maior importancia dar-lhe tempo para se acalmar.

São expedidas ordens aos chefes que escoltam os presos para conduzir Mr. Rassam por um caminho e os restantes por outro. A maioria segue por um atalho á beira do Selassiê. O Dr. Blanc caminha á frente dos seus companheiros de infortunio quando bruscamente, ao dobrar uma curva, se encontra em frente de Theodoro. Sacode o *negus* um d'esses formidaveis accessos de furia. Por traz do imperador veem-se vinte homens armados de mosquetes. O sitio onde o Dr. Blanc se acha é uma esplanada tão estreita que não tem remedio senão tocar-lhe se dá alguns passos mais para a frente. Por baixo d'essa esplanada abre-se hiante e profundo um precipicio. Por cima os rochedos erguem-se como uma immensa muralha. Evidentemente não pode haver melhor local para quem alimente projectos sinistros.

Theodoro, não reparara ainda no Dr. Blanc porque tem o rosto meio voltado. Fala baixo ao ouvido do soldado mais proximo e estende a mão para pegar na sua espingarda. Os captivos não deixam escapar um sôpro. O *negus* volta-se de todo. Fita demoradamente os europeus durante um ou dois segundos,

deixa depois pender o braço e com voz baixa e triste despede-se d'elles. Mais tarde o chefe da escolta explica aos prisioneiros que o imperador ficara indeciso se devia ou não tê-los mandado matar, deixando só partir Mr. Rassam por causa da amizade pessoal que lhe votava, e que deveram a vida ao feliz acaso do olhar do *negus* ter incidido n'uma pessoa contra quem elle não nutria animosidade..., de contrario...

Emfim, os captivos partem em direcção do acampamento inglez. Quando se acercam das guardas avançadas os soldados abexins gritam-lhes que parem. Theodoro mudara de idéa? Tão perto da liberdade estão ainda destinados ao prolongamento do captiveiro ou á morte? Estes pensamentos atravessam-lhes immediatamente o espirito. A cruel incerteza é de curta duração. Avistam a correr para elles um dos serviçaes do imperador. Leva a espada do tenente Prideaux e a do Dr. Blanc, de que Theodoro se apoderara em Debra Tabor ha vinte e um mezes.

Estão definitivamente salvos.

No dia seguinte a esta libertação, Theodoro escreve uma carta a *Sir* Robert Napier, desculpando-se de lhe ter mandado uma mensagem impertinente na vespera e pedindo-lhe que acceite um presente de mil vaccas. É, segundo o costume local, um sacrificio de propiciação que, uma vez acceito, affasta qualquer apprehensão de hostilidades.

A 13, de manhan, como o imperador não se tenha submettido, torna-se necessario constrangê-lo a obedecer e vão recomeçar as hostilidades, quando os

chefes mais importantes do exercito de Theodoro se apresentam ao commandante em chefe britannico declarando que veem em seu proprio nome e em nome da guarnição de Magdala depôr as armas e entregar a fortaleza; accrescentam por ultimo que Theodoro, acompanhado por cincoenta amigos dedicados, fugira durante a noite.

Parece que na vespera á noite, sabendo que as vaccas não tinham sido acceitas e que estavam ainda fóra do acampamento britannico, julga-se enganado, e que, se cáe em poder dos inglezes, será condemnado á prisão ou á morte. Toda a noite passeia em redor de Selassiê, inquieto e desanimado. De manhan cedo solicita dos seus soldados que o sigam, mas estes, em vez de lhe obedecer, retiram-se para o outro lado do planalto. Theodoro dispara sobre dois d'esses insubmissos que se encontram mais perto, mas este acto de rigor, longe de suffocar as disposições malévolas dos soldados, precipita a sua retirada e a sua deserção.

Com a pouca gente que lhe resta, atravessa o Kafir Ber, mas á sahida d'este desfiladeiro descobre os gallas que avançam de todos os lados a fim de o cercar. Diz então aos seus partidarios fieis:

— Deixem-me, quero morrer só!

Elles recusam abandoná-lo, e o *negus* accrescenta:

— Teem razão, voltemos para a montanha; vale mais receber a morte da mão de christãos.

E, seguido de pequeno numero de fieis resolvi-

dos a morrer com elle, volta para a fortaleza onde faz barricadar as proximidades.

Ao alvorecer, no momento em que no acampamento britannico se formam as columnas de assalto, veem-se descer de todas as alturas uma porção de homens, de mulheres, de creanças, carregadas de armas, de objectos de toda a especie e arrastando comsigo um numero consideravel de cavallos e de mulas. São os restos do exercito de Theodoro e a população de Magdala, que fogem ás calamidades da guerra, implorando a mercê dos vencedores. Os homens são desarmados e deixam-n'os voltar para o interior. As duas *ambas* de Fahla e de Selassié são occupadas sem se disparar um tiro. Só se encontram ali algumas peças, as mesmas que tinham disparado sobre as tropas inglezas em 10. A maior parte está fóra de serviço. De lá marcham sobre Magdala, que domina pelo menos cem metros o terreno percorrido pela columna de ataque. Uma escadaria estreita, grosseiramente excavada na rocha, dá accesso d'este lado a uma porta pela qual se penetra na fortaleza. É por esta via escarpada, com mais de trezentos metros de comprimento, que se mette a infantaria ingleza. A porta está solidamente barricadada. Os primeiros assaltantes teem que se servir de escadas para penetrar n'um primeiro ambito, que forma uma especie de entrincheiramento avançado. Os corpos de alguns soldados abexins, attingidos pelos projecteis de artilharia, juncam o chão d'este recinto. Em frente de uma segunda porta, abrindo-se mesmo

sobre a praça, estende-se outro cadaver. Os interpretes que acompanham a columna de assalto reconhecem immediatamente Theodoro. Ao ver os uniformes estrangeiros saltarem por cima da crista dos seus baluartes impotentes, dispara um tiro de pistola na cabeça, não querendo cahir vivo nas mãos do inimigo.

Estava-se a 14 de abril de 1868.

O Dr. Henry Blanc entra na fortaleza pouco depois da occupação das tropas britannicas. O cadaver do *negus* é uma das primeiras coisas que lhe fere a vista. Conserva o sorriso nos labios, um sorriso de felicidade que se lhe via poucas vezes no ultimo período da sua existencia. Transmittia um ar de grandeza calma ás feições d'este homem cuja carreira fôra tão notavel e cujas crueldades quasi não encontram similar na Historia, mas que, na sua derradeira hora, parecia ter encontrado os dias da sua juventude, combatera como um bravo e matara-se de preferencia a suicidar-se.

A viuva e o filho de Theodoro estavam no acampamento britannico. Os despojos do *negus*, recolhidos pelo Dr. Blanc e guardados por uma sentinella ingleza, são enterrados no dia seguinte na humilde egreja de colmo de Magdala e a presença de algumas fardas encarnadas é a unica pompa que acompanha os tristes funeraes. Nem mesmo este modesto monumento deve abrigar os restos d'aquelle para quem o imperio ethíope parecera, um dia, demasiado estreito. Todo o material de guerra apprehendido em Ma-

gdala é condemnado a ser destruido, visto não poder formar um trophéo digno dos vencedores. Estes fazem d'elle uma immensa fogueira, que reduz a cinzas todas as construcções da *amba*. N'esse planalto deserto, nivelado pelo incendio, procurar-se-hia baldadamente o tumulo de Theodoro.

A sua viuva, doente pelas maguas e emoções, morre poucos dias depois no acampamento inglez, e seu filho, adoptado pelo governo britannico, some-se na obscuridade.

Os captivos europeus libertados eram em numero de sessenta e um, homens, mulheres e creanças. A 21, *Sir* Robert Napier, n'uma revista geral do exercito, apresenta todos aos seus libertadores. Os captivos chegam á costa, a Zula, a 28 de maio.

Pouca gente terá experimentado tal somma de peripecias.

Sir Robert Napier foi elevado a *Lord* Napier de Magdala, além de receber varias outras recompensas honoríficas e monetarias.

XV

Homem de tempera

O Cairo —Pittoresco cosmos—Camellos e dromedarios — Despacho curioso —A cidadella—Expedição ingleza de 1807— Rosario sinistro—Na imminencia do perigo— Pellos no coração— Medida radical— Um cêrco em fórma—Hecatombe—Milagre de arrojo—Depredações—Exterminio total—Emancipação— Commentario e desforço—Anecdotas de Lord Wolseley—General Gordon—Na Criméa e na China—Recompensa de serviços—Ao serviço do khediva— Explorações africanas—A escravatura—Trabalhos importantes—Governador geral — Resolução audaciosa— Incumbencia mallograda— Trabalho exhaustivo—Convites successivos—Acto de felonia—De novo no Egypto — O mahdi—Abandono do Soldão— Revezes successivos—Defesa heroica—Morosidade de providencias—Meridionaes e homens do norte—Gordon vingado—Marchand e Kitchener

O percalço soffrido pelo paquete apenas fôra remediado em Massuá. O commandante julgou necessario fazer-lhe um exame minucioso e por isso aportamos a Alexandria depois de atravessar o canal de Suez. Eram pelo menos tres dias de demora. Uma parte dos passageiros aproveitou esse período para visitar o Cairo, a capital do Egypto, a poucas horas de caminho de ferro de Alexandria.

O Cairo, a Misr-al-Kahira, ou mais simplesmente Misr dos turcos, apresenta um aspecto especial. Simultaneamente redemoinham, na nossa imaginação, as pyramides de Cheops, de Chephren, de Mycerino; a cidadella, as mesquitas e os minaretes dos mahometanos; o porto de Bulak cheio dos pharaonicos fellahs; os jardins e o palacio de Shubra com as suas caprichosas phantasias arabes; o bairro moderno com as suas edificações accentuadamente francezas. Apesar das tropas britannicas de occupação, a cidade é o menos britannica possivel. Não nos demoraremos a citar as suas estreitissimas ruas de pittorescas e salientes adufas e as suas amplas arterias orladas de predios, que não envergonhariam os *boulevards* de Paris; os seus cafés de ultimo gosto e requintado luxo europeu e as mesquinhas lojas dos judeus; o formigueiro pintalgado de gente vinda de toda a parte e zumbindo ali como um colossal enxame, falando todas as linguas, envergando todos os trajes, professando todas as religiões, exhibindo todos os costumes.

Duas visitas se impõem ao forasteiro chegado ao Cairo: o passeio á pequena cidade de Gizeh, onde se erguem, a cinco milhas da capital, as celebres pyramides, e a contemplação do povoado de cima das muralhas da cidadella mandada construir por Saladino e ampliada por Mehemet Ali.

Toda a informe e irregular cidade nos evoca recordações complexas: biblicas, dos Ptolomeus, Sesostris e outros, das cruzadas, dos turcos, dos beduinos,

dos mamelucos, dos francezes e pouco, pouquissimo, como dissemos, dos inglezes. Pelas suas vias, esganadas ou amplas, trotam magnificos cavallos, innumera quantidade de ageis e espertos jumentos e de ora em quando, nos bairros excentricos, camellos ou dromedarios, conforme a natureza os dotou com uma ou duas corcovas.

No hotel, francez, onde nos hospedamos, e cujo nome nos não lembra, logo um hospede, antigo official de *Chasseurs d'Afrique* e empregado no consulado francez, se nos offereceu com a maior gentileza para nos mostrar o Cairo. Acceitamos com prazer o amabilissimo offerecimento. Antigo alumno de Saint Cyr, tendo-se batido na Argelia e no Tonkim, Mr. Jussieu detestava o mais cordealmente possivel os inglezes, sem que comtudo deixasse de fazer a justiça devida ás boas qualidades da sua raça. Dedicava principalmente ao general Gordon uma admiração profunda, arreigada.

— Vae ali uma força de infantaria montada — exclamamos nós ao vêr uns vinte e cinco ou trinta camellos ostentando no alto da corcova um militar britannico rematado pelo indispensavel e ponteagudo capacete.

— Não pense que é invenção ingleza — retorquiu sem detença M. Jussieu: — Logo depois da batalha das Pyramides em 1798, Napoleão Bonaparte pensou em utilizar militarmente esses animaes. Organizou um corpo de cavallaria de marcha velocissima, cujos soldados se batiam montados ou a pé, como os

dragões. O cirurgião em chefe, Larrey, inventou ambulancias que transportavam feridos em grandes *couffins* suspensos de cada lado.

— O transporte a dorso dos camelos ou de dromedarios é tão velho como a humanidade.

—Ah, isso é—confirmou o antigo official francez. — Um dos mais antigos dromedarios historicos é a *naga* (dromedario femea) de Mahomet, no qual, de cimitarra em punho, entrou em Mecca, d'onde o tinham obrigado a fugir.

— Os seus *meharistas* teem-lhe prestado excellentes serviços no Soldão.

— É um animal impagavel esse navio do deserto, como lhe chamou não sei quem — commentou M. Jussieu.

— Mas o seu andamento é terrivelmente incommodo — adduzimos. — O estomago, ou os orgãos respiratorios mais resistentes ao enjôo proveniente do balanço no mar, succumbem ao trote desencontrado, remexido, sacudido, vascolejado de um camello.

Lembrámo-n'os de alguns passeios dados n'esses animaes e tambem nos acudiu á memoria o seguinte facto occorrido em Moçambique:

O então capitão de cavallaria B. de V. comprara um camello em Aden. Pretende vendê-lo ao governador geral da nossa colonia da Africa oriental. O governador, Brissac das Neves Ferreira, recusa. O official, enleiado, porque tinha a aquisição por certa, requer que ao menos lhe paguem a passagem do animal. O governador geral lança no requerimento

o seguinte despacho: « O governo de S. M. só concede passagem a camellos de espinha vertical. »

Conversando sobre varios assumptos, chegamos á porta da cidadella. Ali, depois de mostrarmos uma auctorização de que nos muníramos, entramos na historica fortificação, theatro de tantas tragedias. Não se recommenda por nenhum bello traço architectonico a immensa mole de pedra, que contem um palacio mandado construir por Mehemet Ali, uma mesquita de alabastro oriental, com dois esguios minaretes que se avistam de toda a parte, o poço de José, mais quatro mesquitas, algumas antiquissimas e em mau estado de conservação, alojamento para tropas e o mais que existe n'uma praça de guerra. Por toda a parte se via a bandeira ingleza desfraldada ao lado da do Egypto.

— Isto é uma presa que os inglezes nunca mais largam — commentamos.

— Com certeza — confirmou M. Jussieu de má vontade — mas tem-lhe custado muito sangue e muito dinheiro. Eu já não falo na batalha naval de Abukir, que nós francezes, perdemos, nem na campanha que se lhe seguiu. A expedição de 1807 foi um verdadeiro desastre.

— A expedição de 1807?!...

— Sim, senhor. N'essa época já Mehemet Ali se preparava para dominar em todo o Egypto. Os inglezes pretenderam occupá-lo. A 17 de março de 1807 uma esquadra ingleza appareceu fóra de Alexandria, conduzindo a bordo cinco mil homens, ás

*

Abyssinia—*Suicidio de Theodoro*, desenho de Émile Bayard, segundo um esboço da occasião

ordens do general Mackenzie Fraser. Mehemet Ali estava longe. A praça abriu as suas portas. O residente britannico, major Misselt, demonstrou a conveniencia de tomar Rosetta e Rahmanieh, afim de assegurar os abastecimentos de Alexandria.

— Tomaram-n'as?

— O general Fraser, com o auxilio do almirante *Sir* John Duckworth, envia o regimento 31 e os «Chasseur, Britanniques» reforçados por alguma artilharia de campanha ás ordens do major general Wauchope e do brigadeiro Meade. Estas tropas entram em Rosetta sem encontrar opposição, mas...

— Mas?...

— Mas apenas se dispersam por entre as ruas estranguladas, a guarnição rompe n'um nutrido fogo das janellas e dos telhados. O ataque é tão vigoroso, que as forças britannicas são obrigadas a retirar para Abukir e Alexandria, depois de terem perdido cento e oitenta e cinco mortos e duzentos e oitenta e um feridos, ficando entre os primeiros o general Wauchope e tres officiaes e entre os segundos o brigadeiro Meade e dezenove officiaes. As cabeças dos mortos foram espetadas em postes e collocadas como um rosario de camandulas, dos dois lados da estrada de Ezbekia ao Cairo.

— Safa!

— Mehemet Ali, n'este meio tempo, commandava uma expedição contra os beys do alto Egypto e derrotára-os proximo de Assiut. Participam-lhe o desembarque dos inglezes. Envia sem demora men-

sageiros aos seus rivaes, promettendo-lhes satisfazer todas as suas reclamações se o auxiliarem a repellir os invasores. Concordam. Ambos os exercitos marcham para o Cairo.

— Primeiro sacudir os estrangeiros...

— Como a posse de Rosetta fosse julgada indispensavel, os brigadeiros *Sir* William Steward e Oswald são mandados ali com dois mil e quinhentos homens. Durante treze dias bombardeiam a cidade sem resultado. A 20 de abril sabem os inglezes que os turcos marcham contra elles e em soccorro dos sitiados. O general Steward é compellido a retirar. Expede um dragão ao tenente-coronel Macleod, que estava em Hamad, para voltar para traz. O mensageiro não consegue chegar até ali. Essa guarda avançada, consistindo n'uma força do 31, duas companhias do 78, uma do 35 e o regimento de Roll, com um piquete de dragões, ao todo setecentos e trinta e tres homens, rende-se depois de uma brilhante defesa. Os sobreviventes, sem munições, são feitos prisioneiros. O general Steward volta para Alexandria com o resto da força, tendo perdido, entre mortos, feridos e extraviados cerca de novecentos homens. Alguns centos de cabeças de inglezes são expostas ahi por essa cidade do Cairo, e os vencedores obrigam os vencidos a desfilar por entre aquelles tristes despojos dos seus compatriotas.

— Mehemet Ali tinha pellos no coração...

— Como todos os ambiciosos. Vamos vêr agora o sitio onde foram exterminados os mamelucos.

Encaminhámo-nos então para uma especie de esplanada interior, circumdada em redor por um caminho coberto. De um dos lados descia uma rampa bastante íngreme.

— Olhe, foi aqui — informou M. Jussieu.

— Houve dois morticinios, não é verdade? — perguntamos.

— Houve; o primeiro, occorreu nas ruas da cidade, em 1805; o segundo, realizou-se em 1811. Mehemet Ali era coronel de um regimento de albanezes, de guarnição no Egypto, mas depressa conquistou tal prestigio e tal popularidade, que o sultão se viu obrigado a nomeá-lo pachá. Varias vezes tentou arrancá-lo d'aqui nomeando-o para outro pachalato, mas elle nunca obedeceu.

— A administração turca ficava áquem da mais absoluta anarchia.

— Em todos os sentidos. Cada bey, chefe de mamelucos, era um déspota ávido que roubava, assassinava, violava, incendiava, sem que ninguem lhe fosse á mão. Mehemet Ali resolveu matar todos para ficar só elle em campo.

— Era mais simples.

— Mehemet Ali preparou uma expedição para ir bater os wahhabis na Arabia. Logo que tudo ficou concluido convida todos os beys mamelucos residentes no Cairo a assistir á cerimonia de investir o seu filho favorito Tusun, com a pelliça e o commando do exercito.

— Os mamelucos não desconfiaram de nada?...

— De nada.

— A 1 de março, Shahin bey e todos os outros chefes, excepto um, dirigem-se com os seus sequitos para aqui, para a cidadella, onde são recebidos cortezmente pelo pachá. Tomam café, encorporam-se no préstito, e precedidos e seguidos pelas tropas de Mehemet Ali, descem lentamente por ahi abaixo, por esse apertado caminho, que vae dar á entrada principal da fortaleza. Quando chegam além, a porta cerra-se-lhes bruscamente deante d'elles. As tropas que n'esse momento barravam a passagem eram albanezas, commandadas por Salih Cash. Este chefe communica aos seus subordinados que o pachá ordenára que todos os mamelucos sejam anniquilados dentro da cidadella.

— Foi á moda turca...

— Ao mesmo tempo as outras forças fieis a Mehemet Ali tomam por outros caminhos e postam-se no alto das muralhas e dos eirados das casas que ficam ahi em redor do local em que os desditosos estavam confinados. Escolhem as posições a preceito. Pode assassinar-se á vontade sem perigo de morrer. Indemnemente collocados principiam um nutrido fogo contra as victimas. Ao mesmo tempo as outras tropas que marcham na cauda do préstito imitam-lhes o exemplo. A maior parte dos atraiçoados chefes caiem logo. Alguns apeiam-se dos cavallos, libertam-se das roupas que lhes peiam os movimentos, desembainham as cimitarras, procuram baldadamente voltar para traz e encontrar uma sahida a este inferno de

felonia e de traição. Os poucos que conseguem chegar ao alto da cidadella soffrem o mesmo fim dos restantes. Não ha quartel para ninguem.

— Morreram todos?!...

— Entraram aqui, na cidadella, quatrocentos e setenta mamelucos e bem poucos conseguiram sahir d'aqui com vida. Reza a lenda que um d'esses felizes foi um bey.

— Pode gabar-se que escapou de boa.

— Affirma-se que esporeou o cavallo até ás muralhas e obrigou-o a saltar d'ellas abaixo. O corcel morreu da queda, mas o cavalleiro, ferido, magoado, salvou a existencia com esse acto de arrojo. Tambem se assegura que alguem o prevenira que não se juntasse aos seus camaradas e que antes de chegar á porta já tinha descoberto a traição. Fugiu e refugiou-se na Syria são e salvo.

— Teve que contar.

— Este morticinio foi o signal de uma indiscriminada carnificina dos mamelucos em todo o Egypto, visto como tinham sido transmittidas ordens n'esse sentido a todos os governadores. Aqui no Cairo as casas dos beys são saqueadas. Durante os dois dias immediatos o pachá e seu filho Tusun percorrem as ruas a fim de evitar os assassinios e as depredações, mas não alcançam restabelecer a ordem senão depois de quinhentas moradías ficarem totalmente saqueadas. As cabeças dos beys, salgadas, são mandadas para Constantinopla.

— E acabaram os mamelucos que durante tantos annos tinham dictado a lei...

— Os poucos que restavam fugiram para a Nubia. No anno seguinte o filho mais velho de Ibrahim pachá atacou-os na cidade de Ibrim. A falta de víveres obrigou-os a evacuar a cidade. Aos que se renderam cortaram-lhes as cabeças; os felizes que escaparam á furia dos seus inimigos fundaram a cidade de Nova Dongola. Annos depois Mehemet Ali emancipava-se da Turquia e outhorgava ao Egypto uma época de poder e de florescimento de que não gosava ha muitos seculos.

*
*   *

No dia immediato realizamos a peregrinação obrigatoria ás pyramides, montados nos clássicos e typicos burros.

Tão repetidas occasiões os poetas, os litteratos, os excursionistas teem descripto esses enormes acervos de pedra, que a tradicção judaica quer que José tivesse aproveitado para celleiros, a egypcia como tumulos dos seus monarcas illustres e que os conquistadores turcos barbaramente utilizaram como pedreiras inexhauriveis d'onde extrahiam material para os seus edificios, que não repisaremos o escripto em milhares senão milhões de vezes.

De lá fomos a outra romagem, ao campo de Tell-el-Kebir, onde Lord Wolseley, o vencedor dos

achantís, derrotou completamente, em 1882, as forças do coronel egypcio Arabi Pachá, mais tarde exilado para Ceylão. Conta-se que mezes depois de se ferir esse encontro, pouco difficultoso para as tropas britannicas, o principe allemão Frederico Carlos, o general victorioso de Bazaine, se encontrava no Cairo. Alguem lhe lembrou fazer uma excursão ao ponto onde as tropas insubmissas do khediva tinham soffrido um pouco disputado revez. O marechal germanico respondeu seccamente:

— Não aprecio as caricaturas.

Contaram o caso á rainha Victoria. Residia a soberana de Inglaterra n'esse tempo em Balmoral. Na mesma tarde convidou o marechal Wolseley para jantar. Á sobremesa, honra que raras vezes dispensava, levantou um brinde, dizendo:

— Bebo á saude de Lord Garnett Wolseley e dos bravos soldados que commandou no Egypto e felicito-o pelo seu glorioso e completo triumpho.

O remoque eccoou pela Europa. Quando Wolseley regressou a casa sua mulher pediu-lhe para repetir o brinde. O marechal esquecera-se inteiramente. Para comprazer com a esposa, escreveu a Lady Ely perguntando-lhe se se recordava das palavras proferidas pela soberana. A dama de honor mostrou a carta á rainha. Victoria I escreveu quanto dissera pelo proprio punho. A viuva do marechal, e hoje a filha, conserva preciosamente esse autographo.

Algumas anecdotas de Lord Garnett Wolseley,

que gosou de grande popularidade no exercito britannico.

N'uma occasião, em campanha, distribuia-se o rancho a um determinado regimento. As fachinas iam e vinham com as respectivas marmitas. Wolseley manda parar uma d'ellas, e diz-lhe:

— Destapa isso, quero provar.

— Meu general... — replica-lhe o soldado vacilante.

— Faz o que te mando.

O soldado obedeceu. Wolseley provou e exclamou em seguida.

— Mas isto é agua chilra!

— Saiba Vossa Honra que é, sim senhor.

Procedeu-se sem demora á confecção d'outro rancho.

No Egypto, durante a guerra, capturam um espião arabe. Apresentam-n'o a Wolseley. O marechal, na propria lingua do prisioneiro, declara-lhe:

— Eu sou feiticeiro. Posso matar-te a ti e a todos os teus conterraneos se não confessares a verdade. Para t'o provar vou arrancar um dos meus olhos, atirá-lo ao ar, apanhá-lo e torná-lo a pôr no seu logar.

Imagine-se o pasmo e o horror do arabe quando Wolseley tirou o seu olho de vidro e fez tudo quanto promettera. O espião prestou todos os esclarecimentos desejados.

Lord Garnett Wolseley estava sempre prompto para partir. Uma tarde, ás duas horas, chamam-n'o

ao ministerio da guerra e convidam-n'o para assumir um commando importante nas colonias.

—Quando pode seguir?—pergunta-lhe o ministro.

—No comboio das quatro e quinze.

Costumava dizer que para viajar apenas lhe bastava uma escova de dentes, uma camisa limpa e dois livros. Tambem o acompanhava sempre uma pequena caixa com teias de aranha. Affirmava que não existia remedio mais efficaz para vedar o sangue, principalmente n'um golpe de navalha de barba.

*
* *

Outro general excentrico e glorioso foi Carlos Jorge Gordon, *Our christian hero,* como o apodaram os seus compatriotas. A sua vida é, por assim dizer, a historia do moderno Egypto.

Nasceu em 1833, frequentou a Academia Militar de Wolwich, e foi promovido a alferes de engenharia em 1852. Trabalhou nas fortificações do seu paiz, assistiu ao cerco de Sebastopol, tomou parte no assalto e conquista do celebre Redente. Fez parte da expedição a Kinburn e ajudou a demolir as docas de Sebastopol. Concluida a paz nomeiam-n'o para a commissão de delimitação de fronteiras entre a Russia e a Turquia na Bessarabia e na Asia Menor. A sua demora na Armenia desperta-lhe o gosto pelos assumptos do Oriente. De regresso a Inglaterra incumbem-n'o de instruir em trabalhos praticos os

alumnos da escola de engenharia e é promovido a capitão em 1859.

A Gran-Bretanha declara guerra á China. Gordon não presenceia o ataque aos fortes de Taku, mas entra em Pekim e vê a destruição do Palacio de Inverno. Permanece ali com os seus camaradas até 1862, quando as tropas inglezas ás ordens do general Staveley marcham para Shangae para proteger a colonia europeia dos rebeldes taiping. Essa lucta encarniça-se e perdura. Li Hung Chang, governador da provincia Kiang-Su, requisita ao general Staveley um official para commandar as forças chinezas. A escolha recae em Gordon.

Em março de 1863 assume o commando das tropas chinezas que os mandarins baptisam com o pomposo titulo de *Sempre victorioso exercito.* Gordon emprega todos os esforços para justificar o titulo. Sem completar a reorganização das forças marcha immediatamente em soccorro de Chansu, investida pelos rebeldes. Derrota-os. Este triumpho vale-lhe a confiança dos subordinados. Ataca Quinsan e toma-a apesar de consideraveis perdas. Persegue sem treguas os sublevados, toma cidade após cidade, até que se apodera de Suchow. N'este momento rebenta uma séria disputa com Li Hung Chang porque o governador manda degolar alguns chefes insurgentes a quem Gordon promettera a vida salva. Conserva-se inactivo, em virtude de tal desavença, em Quinsan, até fevereiro de 1864.

Comprehende, no entanto, que o exterminio dos

rebeldes apresenta caracter mais grave que a sua dissidencia com Li. Patenteia a norma que nunca deixou de seguir — subordinar os seus sentimentos e resentimentos, por mais fortes que sejam, á causa publica. Não acceita, todavia, nenhuma condecoração nem recompensa do imperador pelos seus serviços na captura de Suchow. Em seguida á sua entrevista com Li Hung Chang o *Sempre victorioso exercito* continua a avançar e conquista uma porção de cidades aos insurrectos, acabando por Chanchufu, a principal posição militar dos taipings. A ruina d'estes tornase completa quando em maio Gordon volta a Quinsan e desbarata os ultimos nucleos de insurgentes.

Em junho Tien Wang, vendo perdidas todas as esperanças, suicida-se. A captura de Nankim pelas tropas imperialistas pouco depois acaba de todo com a revolta dos taipings. A suppressão d'este sério movimento é indubitavelmente devida em grande parte á pericia e energia de Gordon, que revela notaveis qualidades de caudilho. O imperador promove-o á categoria de Titu, o mais alto posto do exercito chinez, e outorga-lhe a cabaia amarella, a mercê mais importante da China. Offerece-lhe uma quantiosa somma de dinheiro, mas Gordon recusa. Em Inglaterra promovem-n'o a tenente-coronel pelos seus serviços no imperio do Meio e o rei agracia-o com a ordem do Banho. Passam d'ahi por deante a chamar-lhe Gordon o *chinez*.

De regresso á patria nomeiam-n'o commandante de engenharia em Gravesend e incumbem-n'o de

construir os fortes para defesa do Tamisa. Evidencía-se ahi durante seis annos pela sua caridade e altruismo. Em 1871 é membro da commissão internacional para manter a navegação na foz do Danubio. Visita de novo a Criméa e quando passa em Constantinopla na sua volta para Galatz trava conhecimento com Nubar pachá, primeiro ministro do Egypto, que o sonda acerca das suas disposições no sentido de entrar para o serviço do khediva. No anno immediato acceita o convite que lhe fazem, com o consentimento do governo britannico. Era n'essa época coronel no exercito inglez e apenas capitão na arma de engenharia.

Para comprehender o objectivo da nomeação que Gordon acceita no Egypto é preciso relatar alguns factos com referencia ao Soldão. De 1820 a 1822 a Nubia, Sennar e Kordofão tinham sido conquistados pelo Egypto, e a auctoridade egypcia estende-se subsequentemente para o sul e oriente do Mar Vermelho e para oeste até Darfur, conquistado por Zobeir pachá em 1874. Em resultado da occupação egypcia da região, o trafico da escravatura desenvolve-se largamente, em especial nos districtos do Nilo Branco e de Bahr-el-Ghazal. O capitão Speke e Grant, que vão até Uganda e descem o Nilo Branco em 1863, e *Sir* Samuel Baker, que vae pelo mesmo rio até o Alberto Nyanssa relatam na sua volta os horrores causados pelos negreiros.

A opinião publica agita-se, e, em 1869, o khediva Ismail resolve enviar uma expedição ao Nilo

Branco com o duplo fim de diminuir os perigos do trafico dos escravos e abrir essa região ao commercio. Incumbe-se do commando da expedição *Sir* Samuel Baker, que chega a Khartum em fevereiro de 1870, mas devido a uma obstrucção do rio, só alcança Gondokoro, o centro da provincia, quatorze mezes depois. Esbarra com formidaveis difficuldades, e quando terminam os seus quatro annos de serviço pouco mais tem conseguido que estabelecer diversos postos ao longo do Nilo e collocar alguns vapores no rio. É para succeder a Baker como governador da região equatorial que o khediva reclama os serviços de Gordon, considerado como a unica entidade capaz de levar a bom termo tão momentosa tarefa.

Após uma curta demora no Cairo, Gordon dirige-se para Khartum por via de Suakim e Berber, caminho que se viu depois ser o melhor modo de accesso do Soldão. De Khartum parte pelo Nilo Branco para Gondokoro, onde chega em vinte e quatro dias, visto não tropeçar com obstaculos sérios. Permanece ali até outubro de 1876, época em que regressa ao Cairo. Não descansara durante esses dois annos e meio. Estabelece uma linha de estações desde Sobat, confluencia do Nilo Branco, até á fronteira de Uganda, com o fito de abrir uma estrada em direcção de Mombaça, e toma medidas consideraveis para acabar com a escravatura. O rio e o lago Alberto são levantados por Gordon e o seu estado maior e dedica-se com entranhada energia a melhorar as condições de vida da população.

Grandes resultados podiam ter sido obtidos, mas o facto de Khartum e todo o Soldão do norte de Sobat estar nas mãos de um governador egypcio, independente de Gordon e não bem disposto com o seu modo de pensar a proposito da escravatura, inutilizou-os. Gordon, ao chegar ao Cairo, informa o khediva das razões porque não desejava voltar ao Soldão, mas não resignou definitivamente o governo das provincias equatoriaes. No entanto, ao desembarcar em Londres, telegrapha ao consul geral britannico no Cairo pedindo-lhe que communique ao khediva que não voltará ao Egypto. Ismail pachá comprehende que a resolução de Gordon vibra um golpe profundo no seu prestigio e escreve-lhe directamente, lembrando-lhe que lhe promettera voltar e que não pode faltar á sua palavra. Gordon, sempre escravo das suas promessas, decide voltar ao Cairo, mas assegura aos seus amigos que não tornará a administrar o Soldão, a menos que não o nomeiem governador geral de todo o paiz. Depois de pequena discussão o khediva condescende e o official inglez recebe a nomeação de governador geral do Soldão, inclusive de Darfur e provincias equatoriaes.

Uma das mais importantes questões que tinha de ponderar era o estado das relações politicas entre o Egypto e a Abyssinia, muito tensas ha annos. O dissidio tinha a sua origem no districto de Bogos, não longe de Massuá, que o khediva e o rei João da Abyssinia reclamavam simultaneamente para si. Rebenta a guerra em 1875. A expedição egypcia é

completamente derrotada pelo rei João, proximo de Gundet. Uma segunda e mais numerosa expedição, commandada pelo principe Hassan, filho do khediva, marcha no anno seguinte sobre Massuá. Os abexins derrotam novamente essas tropas, mas o principe Hassan e o seu estado maior entram n'essa cidade. Assim se mantiveram os acontecimentos até março de 1877, quando Gordon parte para Massuá afim de diligenciar fazer a paz com o rei João. Dirige-se para Bogos e avista-se ahi com Walad Michael, chefe abyssinio e governador hereditario de Bogos, que se approximara dos egypcios para os acommetter. Gordon, com as suas aptidões diplomaticas, persuade Michael a conservar-se quieto e escreve ao rei propondo condições de paz. Não recebe, porém, resposta por esse tempo, pois o rei João, sentindo segura a fronteira egypcia depois de dois triumphos alcançados sobre as tropas do khediva, marcha para o sul a combater com Menelik, potentado do Schoa.

Gordon, vendo que as embrulhadas da Abyssinia poderiam esperar algum tempo, dirige-se a Khartum. Ali trata da questão da escravatura e propõe para se fazer um arrolamento de escravos, mas esta proposta não é approvada pelo governo do Cairo. No entretanto, rebenta uma revolução em Darfur. Gordon parte para ali afim de soccorrer as guarnições, mais consideraveis do que a força de que dispunha e tendo ainda que defrontar-se com insurrectos mais numerosos que o seu pequeno exercito. Deparando-

se-lhe o principal corpo dos rebeldes, percebe que a diplomacia pode dar melhores resultados que as armas. Acompanhado apenas por um interprete, galopa para o acampamento inimigo a discutir a situação.

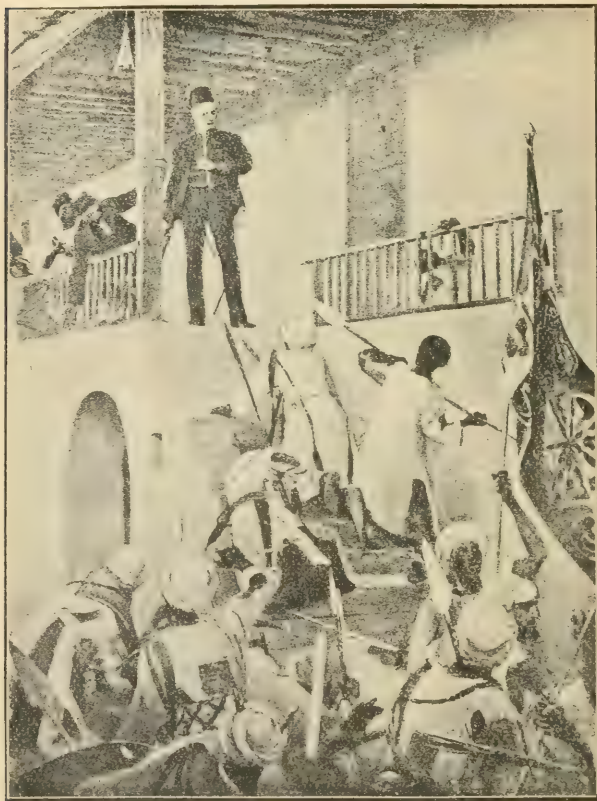
Esta resolução audaciosa dá os seus fructos. Uma parte dos insurrectos junta-se-lhe, a outra marcha para o sul. Rende satisfatoriamente as guarnições egypcias e visita as provincias de Berber e Dongola, d'onde se dirige á fronteira abyssinia, para se avistar com o rei João. Não consegue o que deseja e regressa a Khartum em janeiro de 1878. Apenas ali reside algumas semanas, quando o khediva o convida a ir ao Cairo para o coadjuvar nas questões financeiras. Ismail pachá entrega-lhe a presidencia da commissão de inquerito sobre as finanças, com a indicação que os commissarios europeus da divida, representantes dos accionistas, e a quem Ismail considerava como partes interessadas, não deviam ser membros da commissão.

Gordon acceita o encargo n'aquelles termos, mas os consules geraes das differentes potencias recusam-se a reconhecer a constituição da commissão e a idéa mallogra-se, por isso que o khediva não é forte bastante para a levar a effeito. A tentativa de utilizar Gordon como contrapêso aos financeiros europeus gora-se. Ismail cae nas mãos dos credores e é deposto no anno seguinte, succedendo-lhe seu filho Tewfik. Terminado esse episodio financeiro, Gordon visita a provincia do Harrar, ao sul da Abyssinia,

e, encontrando a administração em más condições, demitte o governador Rauf pachá. Volta a Khartum, e em 1879, encaminha-se para Darfur, persegue os negreiros, ao passo que o seu subordinado, Gersi pachá, combate com grande exito no districto de Bahr-el-Ghazal e mata Solimão, seu chefe, filho de Zobeir. Suffocada a insurreição, recolhe a Khartum.

Tempo depois volta ao Cairo e ali o novo soberano egypcio pede-lhe que se aviste com o rei João para assignar um definitivo tratado de paz com a Abyssinia. Realiza-se uma interessante conferencia entre os dois, mas o delegado inglez pouco pode fazer, porque o monarca abexim exige grandes concessões do Egypto e as instrucções do khediva não o auctorizam a ceder nada de ordem material. O caso termina por Gordon ser aprisionado e enviado a Massuá. Parte mais uma vez para o Cairo e demitte-se do seu cargo no Soldão. Sente-se exhausto por tres annos de consecutivo trabalho, durante os quaes percorre em camello, a cavallo ou de mula oito mil e quinhentas milhas e está constantemente preoccupado com a tarefa de reformar um vicioso systema de administração.

Em março de 1880, estando de passagem em Bruxellas, o rei Leopoldo da Belgica offerece-lhe a direcção do Estado Livre do Congo. Em abril o governo da colonia do Cabo convida-o para commandante das forças locaes. Declina os dois convites. Em maio o marquez de Ripon, a quem fôra confiado o cargo de governador geral da India, pede-lhe para

ser seu secretario particular. Ainda o acompanha a

Morte do general inglez Gordon em Khartum

Calcuttá, mas não continua. *Sir* Robert Hart, inspector geral das alfandegas da China, pede-lhe para

que vá a Pekim. Embarca, chega a Tientsin em julho, onde conferencía com Li Hung Chang, e sabe que os negocios se encontram em situação crítica e em riscos de uma guerra com a Russia. Emprega toda a sua influencia a favor da paz. Evita a guerra. Faz uma curta estada nas Mauricias, como commandante da engenharia. Promovem-n'o em seguida a major general.

Na colonia do Cabo os basutos sublevam-se. Precisa-se de alguem com habilidade, firmeza e energia. O governo escolhe Gordon. Toma o commando das tropas britannicas em King William's town e entra em negociações com o chefe Masupha, um dos mais poderosos regulos basutos. Grande é a sua surpreza, quando procede a estas diligencias e sabe que J. W. Sauer, membro do Parlamento do Cabo, anda induzindo Lerethodi, outro regulo basuto, a atacar Masupha. Tal procedimento não só colloca o general inglez em perigo, mas constitue um acto de felonia. Gordon avisa immediatamente Masupha que não deve tratar com o governo do Cabo e demitte-se do cargo. Decorrido pouco tempo, o gabinete de Londres põe a terra dos basutos sob a administração directa do governo imperial.

Gordon percorre a Palestina, demora-se ali um anno a estudar a historia biblica e as antiguidades de Jerusalem. Leopoldo II da Belgica pede-lhe segunda vez para governar o Estado Livre do Congo. Acceita essa missão, volta a Londres e prepara-se para embarcar para o desempenho do seu novo posto,

quando o ministerio de Londres lhe solicita que parta sem demora para o Egypto.

Eis os motivos que determinam essa rapida deliberação.

Depois da sua resignação do cargo de governador geral, Rauf pachá, funccionario pouco recommendavel, demittido por Gordon, substitue este. Rauf tem como instrucções augmentar as receitas e diminuir as despesas, o que leva a administração a empregar os antigos e condemnaveis meios. As injustiças, as exacções, os abusos, as violencias succedem-se. Rebenta uma sublevação. Mahomed Ahmed, com cheiro de santidade, insultado por um official egypcio, retira-se com alguns sectarios para a ilha de Abba, no Nilo Branco, e proclama-se mahdi, successor do Propheta. Rauf diligencía prendê-lo, mas não o consegue e a revolta propaga-se rapidamente. Rauf é demittido e substituido por Abdel Kader pachá, governador de pulso, que obtem alguns triumphos, mas cujas forças são insufficientes para suffocar a rebeldia.

O governo egypcio acha-se então muito preoccupado em supprimir a revolta de Arabi. Quando em setembro de 1882 as tropas britannicas entram no Cairo, a situação do sultão é perigosissima. As difficuldades amontoam-se de tal forma, que em dezembro de 1883 o governo inglez determina que seja abandonado esse territorio. Não é facil o abandono por causa de milhares de soldados egypcios, empregados civis e suas familias. É n'esse momento

que em Londres impetram de Gordon que vá a Khartum e presida á evacuação. Chega ali em 18 de fevereiro de 1884. Os habitantes recebem-n'o como um salvador, suppondo que os vae libertar dos rebeldes. Cerca de duas mil e quinhentas pessoas saem da cidade antes das tropas do mahdi a cercarem.

Reconhecendo a necessidade de realizar qualquer combinação para o futuro governo do paiz, requisita a coadjuvação de Zobeir, que gosa de grande influencia no Soldão e ficara detido no Cairo durante alguns annos. O governo recusa a pretexto de que Zobeir fôra negreiro. Com esta recusa toda a esperança se desvanece. As tribus ainda indecisas engrossam os partidarios de mahdi. Todo o alto Egypto se subleva. O Soldão oriental insurge-se, as tropas britannicas são derrotadas em Suakim. Em abril o general *Sir* Gerald Graham, que alcançara alguns triumphos sobre os insurgentes, recebe ordem para retirar d'aquelle ponto. Gordon e o Soldão são abandonados sem mercê.

A guarnição de Berber, vendo que não tem probabilidades de ser soccorrida, capitula, e um mez depois Khartum está completamente isolada. Sem a presença de Gordon, esta ultima cidade faria o mesmo. Assim mantem-se até janeiro de 1885.

Quando nos lembramos que Gordon é de differente nacionalidade e religião que os soldados e os habitantes que povoam Khartum, e que só tem a seu lado um official inglez, que a cidade estava pes-

simamente fortificada e insufficientemente provida de alimentos, pode affirmar-se afoitamente que a defesa de Khartum é um dos mais notaveis episodios da historia militar. O assédio principia a 18 de março, mas é só em abril que o governo britannico, cedendo á pressão da opinião publica, decide tomar providencias para soccorrer o seu heroico general. O general Stephenson, que commanda as tropas inglezas no Egypto, pensa em mandar sem detença uma brigada para Dongola, mas recebe contra-ordem e só em principios de novembro é que a columna britannica está prompta a seguir para Wadi Alfa, sob o commando de Lord Wolseley. A força chega a Korti em fins de dezembro e d'aquella localidade é enviada uma columna através do deserto de Bayuda a Metemma, no Nilo. Após diversos combates em que o commandante da expedição, *Sir* Herbert Stwart, é mortalmente ferido, a força alcança o rio a 20 de janeiro de 1885 e no dia seguinte quatro lanchas a vapor, mandadas por Gordon ao encontro dos seus compatriotas, e que tinham esperado por elles quatro mezes, apresentam-se a *Sir* Charles Wilson, agora o commandante. A 24 este official general segue com duas das lanchas para Khartum, mas chegando ali a 28 vê que a praça fôra tomada pelos mahdistas e que Gordon fôra morto dois dias antes. O intrepido militar britannico acoçado de casa em casa, por um numero esmagador de assaltantes, defendera a vida até o ultimo instante. Foi o digno fim de um homem que nunca

sentira um unico desfallecimento em toda a sua vida publica.

Demos maior desenvolvimento á biographia de Gordon, baseada na de um dos seus mais auctorizados panegyristas, por dois motivos. Primeiro: para provar que todos os paizes, mesmo os mais poderosos, teem soffrido revezes, sem que por isso o estado moral do seu exercito soffra; segundo: se em qualquer nação meridional um governo procedesse como o britannico d'essa occasião se houve com o general Gordon, cahiria estrondosamente para nunca mais se levantar.

Lord Kitchener vingou Gordon, derrotando completamente as tropas do mahdi a 2 de setembro de 1898, em Omdurman. Cinco dias depois d'essa batalha chega a Fachodá o major francez Marchand. Lord Kitchener parte immediatamente para ali com uma força consideravel, uma bateria de artilharia e quatro metralhadoras. A 18 encontra-se com Marchand, que tem apenas ao seu dispôr um punhado de soldados pretos e alguns officiaes brancos. Marchand reclama aquelle territorio para a França. Realiza-se uma conferencia entre o explorador francez e Lord Kitchener. Eis como Marchand refere esse dialogo.

— Sabe, major, que este negocio pode determinar a guerra entre a França e a Inglaterra? — diz Kitchener.

Marchand inclina-se sem responder. Kitchener levanta-se. Está muito pallido. Kitchener relanceia

com a vista os seus dois mil homens, depois o forte francez onde reluzem algumas baionetas.

— Nós somos os mais fortes — observa Kitchener depois do seu rapido exame.

— Só um combate o pode decidir — replica Marchand.

— Tem razão — retruca o general britannico, — vamos tomar whisky e soda.

É bem inglez este final.

Como nos alongamos mais do que queriamos, por aqui ficarão as nossas impressões sobre o Egypto.

XVI

No sul de Angola

Razão d'este capitulo—Cuamatas e cuanhamas—Missões estabelecidas e destruidas—Felonia—*As mulolas*—Columna expedicionaria—Falta de agua—Tragedia do Cunene — Ardis do gentio— Desperdicio de munições — Reconhecimento offensivo— Imprevidencias— Ao encontro do inimigo—Combate singular—Carga gloriosa—Fatal imprevidencia—Epopeica loucura—Sinistra mó— Retirada necessaria—Panico—Ariete humano—Defesa desesperada— Espectaculo desolador— O tenente Roby— Confiança mallograda—Má nova—Engano fatal—A hecatombe—Desforra retumbante

Destinava-se este capitulo e o seguinte a outro volume. As circumstancias aconselham a que entrem n'este. O presente livro, dedicado todo a recordações de Africa, não pode deixar de registar o que nos ultimos annos succedeu no sul de Angola. Os derradeiros e dolorosos acontecimentos são relatados taes como chegaram ao nosso conhecimento por cartas particulares e publicadas nos jornaes. É bem possivel que não consignem toda a verdade. Essa só se pode saber muito mais tarde. Emfim, dentro d'estas duvidas e incertezas procuramos ser o mais imparciaes e veridicos que seja possivel.

Affigura-se-nos conveniente narrar com laconismo

o que teem sido as ultimas tres expedições áquella região do nosso imperio colonial. D'estas tres, a primeira significou um desastre para as nossas armas; a segunda, uma retumbante victoria; o inicio da terceira não se apresentou auspicioso, esperamos que o desenlace termine por um immarcessivel triumpho.

Os cuamatas habitam a região do Ovampo e estendem-se por uma larga faixa ao sul do Cunene. Possuem estreitas affinidades com os cuanhamas, cuambi, ombarantu, cualuhudi, inga, gangera, evales, ambanges, etc., etc. Todos juntos, e ligam-se amiudadas vezes, apesar dos seus dissidios, podem apresentar em combate trinta mil guerreiros. Os negociantes allemães armaram esplendidamente estes povos com a permuta dos seus generos. Custou-lhes caro o negocio. Quando os herreros se sublevaram a Allemanha teve que elevar até onze mil homens o numero de tropas destinadas a reprimí-los.

Em 1883 estabelece pela primeira vez o nosso governo uma missão nos cuanhamas. Dois annos depois uma sublevação destroe-a. Em 1900 o missionario Ernesto Leconte instala-se ali, mas em 1903 occorre lá um morticinio em que perde a vida o padre Dionysio. Os visinhos allemães preparavam-nos já surpresas bem pouco agradaveis. As nossas tropas não deixam de estar em contacto e em lucta com esses irrequietos nativos. O capitão Madeira, chefe do Humbe, derrota o bandido Moleca em 1903; o tenente Evaristo de Almeida, chefe de Caconda,

coadjuva-o, castigando o soba N'gala. N'esse mesmo anno o major de segunda linha, Theodoro José da Cruz, soffre repetidas investidas sem as poder rechaçar por defficiencia de effectivos.

Para se ajuizar do espirito e qualidades dos cuanhamas basta citar o seguinte facto. Em 1891, o major Padrel, tenta prender o soba do Humbe, homiziado em territorio cuamata para alem do Cunene. Experimenta um revez. A causa? Auxiliavam a columna mais de dois mil cuanhamas. N'um determinado momento, com a mira no exterminio e na expoliação, abandonam a força portugueza, juntam-se aos cuamatas e matam e saqueiam tudo quanto podem.

*
* *

Em 1904 organiza-se uma columna para ir bater os cuamatas. Cerca de um mez dispende a força para vencer a distancia entre Mossamedes até o Cunene. Até ahi superam-se difficuldades relativamente pequenas. Para além do rio é que avultam de forma extraordinaria. O solo nessa região esteriliza-se com amiudadas *mulolas*, pequenos desertos de areia, onde não existe agua no verão, a que se succedem florestas de alguns kilometros dispostas de modo a consentir todos os ardis traiçoeiros da guerra dos negros. N'essas arenosas soluções de continuidade os olhos quasi não podem fitar o chão,

tão alvo e tão deslumbrante se apresenta á vista offuscada dos europeus.

A columna expedicionaria compõe-se de uma bateria de artilharia com duas secções de montanha commandada pelo capitão Pinto de Almeida, alferes Alves Captivo e Mendes Abobora, com 6 sargentos, 63 cabos e soldados europeus e 38 indígenas e 32 muares; do esquadrão de dragões, commandado pelo capitão Sacramento Monteiro, tenente Freire Themudo, alferes Figueiredo Carvalho, Manuel Vendeirinho e Santos Nunes, veterinario Tito Xavier, com 7 sargentos, 118 cabos e soldados europeus e 38 indígenas; da 2.ª companhia mista, ás ordens do capitão Francelino Pimentel, alferes de artilharia Joaquim Rodrigues, tenente de infantaria Mathias Nunes, alferes Nepomuceno Santos, Farinha das Neves, Souza Sarmento e Francisco João de Freitas, com uma secção de artilharia, 2 sargentos, 21 cabos e soldados europeus e 18 indígenas; dois pelotões de infantaria com 8 sargentos, 7 cabos e soldados europeus e 154 indígenas; da companhia europeia de infantaria, tendo á sua frente o capitão Alberto Salgado, tenente Luiz Rodrigues e alferes Henrique de Mello com 4 sargentos, 68 cabos e soldados e 7 indígenas; da 6.ª companhia indígena commandada pelo capitão Silva Patacho, alferes Albino Chalot, José da Silva Torres e Antonio da Silva Torres, com 7 sargentos, 7 cabos europeus e 180 soldados indígenas; da 15.ª companhia indígena ás ordens do capitão Fonseca Veiga, tenente

Dionysio de Almeida, alferes Antonio de Oliveira, Antonio José Gomes, Campos Figueira, com o mesmo effectivo da 6.ª companhia; da 16.ª companhia indígena, tendo á sua frente o capitão Francisco Baptista, tenente Joyce Chalupa, alferes Germano Dias, Antonio José Fontoura, Julio Paes de Oliveira e Pacheco Leão, com o mesmo effectivo das anteriores; da 12.ª companhia indígena de Moçambique, commandada pelo capitão Remedios da Fonseca, tenente Moraes Zamith, alferes Jesus Caeiro, Agostinho Pires, Pinto Ramos e Gomes Ribeiro; do batalhão disciplinar commandado pelo capitão Tamegão e alferes Lopes da Silva, com 5 sargentos, 4 cabos e 130 soldados.

Desempenhava as funcções de chefe de estado-maior o capitão de cavallaria Duarte Ferreira e as de adjuntos os tenentes de cavallaria Estanislau Ventura e Garcia Rezende. Encarregou-se dos serviços administrativos o major da administração militar Zepherino Marques e os tenentes Rebello e Lopes de Macedo. Enquadravam-se nos serviços de saude os tenentes medicos Costa Cabral, Metello Junior, Bebiano Peres, Montenegro e pharmaceutico Antonio Quintão.

Commandava esta columna, constituida por 53 officiaes e cerca de 1.800 praças, o governador do districto do Humbe, capitão de engenharia João Maria de Aguiar.

Esta expedição deve considerar-se como uma das que se tinham organizado melhor na provincia

de Angola. Muniram-n'a as estações officiaes de tudo quanto se requisitara para ella: carros, gado, telegrapho de campanha, explosivos, etc.

A marcha até o Lubango abrolhara-se de difficuldades. Até ás vertentes do Chella e depois ainda para lá nunca se deixou de fazer sentir a falta de agua. No caminho do Humbe ainda mais se aggravou. Nem sempre presidiu á escolha das étapes o criterio que provém da experiencia. Algumas vezes tornava-se preciso ir buscar agua longe, o que demorava a factura do rancho, que nem sempre estava de todo cosinhado quando se recomeçava a marcha. Assim, [1] tendo n'um dos dias mal havido tempo para fazer ferver a agua em que devia ser cosido o grão de bico, ficou este rijo e duro. Mas era necessario comê-lo como estava, ou pôr a caminho com o estomago vasío. N'esta alternativa não houve hesitações; os soldados apresentaram as marmitas aos rancheiros que lh'as enchiam. Mas o grão ao cahir n'ellas produzia o estrondo de chuva de pedras rufando nas vidraças. É então que um soldado, com modos de receoso, adverte o rancheiro:

—Oh! coisa! Vê lá se me partes a lata!

Os soldados matavam a sêde onde encontravam charcos. Debalde os officiaes e os medicos se esforçavam por conter as praças purificando a agua por meio de alumen.

---

[1] Carta publicada no n.º 24 do *Correio de Mossamedes* de dezembro de 1904.

A 18 é dada ordem para cruzar o rio Cunene na madrugada seguinte. A marcha demora-se devido ao comboio, que consta de mais de trinta carretas boers e pela formação das tropas em quadrado. Os primeiros a atravessar para a margem esquerda são os auxiliares, *moximbas*, commandados pelo então capitão Gomes da Costa, official valentissimo e ex-

Egypto.—Uma vista de Port-Said

perimentado na campanha contra o Gungunhana, e o alferes Leão. Durante todas as noites immediatas a este primeiro avanço os cuamatas desfecham sobre o nosso acampamento. Asseguram os que conhecem os estratagemas do gentio, que o tiroteio só tem por fim entreter os expedicionarios emquanto o inimigo leva o gado a beber ao rio.

*

Desde esse dia que começam as investidas dos contrarios com mais ou menos violencia, mas persistentes. Os alardes e os sobresaltos são constantes até 23. Um dia, alguns officiaes reparam que d'um boi, que morrera na vespera, restava só o esqueleto, muito branco e descarnado. Offerecera abundante festim aos abutres, cujos bandos numerosos adejavam por cima dos expedicionarios.

— Isto dá-me a impressão de um cemiterio — exclama o tenente Rodrigues.

— Se acontecer alguma desgraça, os pretos não me apanham vivo. Sempre hei de ter tempo de morrer — murmurou o tenente Rezende.

Como os alardes são frequentes, as descargas succedem-se. A prodigalidade do fogo causa inconvenientes serios. Em tres dias, sem nenhum fim militar util, dispendem-se duzentos mil cartuchos de espingarda, e cento e sessenta e duas granadas. Em volta do acampamento tinham-se aberto trincheiras e preservado as diversas faces com fio de arame farpado. Os toques de apito substituem os de corneta por se averiguar que os cuamatas conhecem os nossos signaes.

A 23 executa-se um reconhecimento effectivo sob o commando do capitão Gomes da Costa. Tomam parte n'elle trezentos soldados brancos, duas peças e um pelotão montado. Á frente, a curta distancia, vão os *moximbas,* auxiliares com camisolas vermelhas. O inimigo não acceita combate. Foge. Incendeiam-se-lhe varias cubatas. A força recolhe ao acampamento.

N'essa tarde o commandante da columna desfralda pela sua mão a bandeira com que o governador geral da provincia, conselheiro Custodio Borja, presenteara a expedição. Esse official, ao enterrar o conto da haste no chão, disse para os seus camaradas que se encontravam proximo:

— Agora falta-nos experimentar os marechaes.

Referia-se aos commandantes das diversas unidades.

No dia 24 desertam em massa os *moximbas*, auxiliares, que andavam descontentes, não só porque os expedicionarios, tomando-os pelo inimigo, atiravam sobre elles matando alguns, mas ainda porque, quando os mandavam em exploração, só lhes forneciam dez cartuchos. A inacção da columna principia a crear desanimo n'alguns espiritos fracos. N'essa mesma noite, tendo sido collocado um posto de observação n'um sitio mais elevado, fóra do quadrado, posto que nem todos conhecem, e tendo os cuamatas pronunciado uma das suas múltiplas investidas nocturnas, a artilharia dispara alguns tiros e uma bala atravessa o ventre de um soldado portuguez.

*

* *

A 25, ás tres da manhan, marcha uma columna sob o commando do capitão de artilharia Pinto de Almeida. Constituem-n'a dois pelotões do batalhão disciplinar, um pelotão da companhia europeia, um

pelotão apeado e dois montados do esquadrão, dois pelotões da 6.ª companhia indígena, dois da 16.ª, uma secção de artilharia de montanha, ambulancia, um grupo de auxiliares *muhumbes* e como adjuntos os tenentes da armada Roby e de cavallaria Rezende. A infantaria leva cento e vinte cartuchos, a artilharia sessenta.

Alguns tomam por enfraquecimento a ausencia do gentio. Um erro. Os cuamatas o que pretendem é attrahir as nossas forças ao centro do seu matto bravío. Infelizmente, a columna não dispunha de um serviço bem organizado de espionagem. Apenas se sabia que os contrarios se concentravam á pressa e com enthusiasmo. Muitos officiaes solicitam que os deixem partir como voluntarios.

A columna penetra n'um bosque. Segue depois a marcha sobre a direita, em quadrado. Ha um pequeno descanso n'uma clareira. Durante este pequeno repouso, uma patrulha de cavallaria adeanta-se em exploração, tendo á sua frente o capitão Moraes e o tenente Roby. Estes dois officiaes distancíam-se dos soldados. Entram n'uma clareira mais ampla que a anterior. Veem-se ali duas *embalas* com bastantes palhotas. Surgem uns cinco negros armados de azagaia. Os dois citados officiaes planeiam aprisioná-los e galopam sobre os guerreiros. Quatro fogem, um fica. O capitão Moraes esporeia o cavallo e descreve um arco de circulo para lhe não permittir a fuga. Quando se suppõe em boa posição, grita-lhe na lingua da terra.

— Não te mexas!

Estava prestes a aferrá-lo, quando o preto n'um gesto sacudido lhe arremessa a azagaia, que o fere no arcabouço. Irado pela aggressão, o capitão desembainha a espada e corta-lhe cerce uma orelha. O tenente Roby approxima-se. O negro rasga a mão do official de marinha. Um soldado de cavallaria que contempla de longe este combate mette a carabina á cara e vara o cuamata.

A columna põe-se de novo em movimento, mantendo-se primeiro em quadrado e estendendo depois em atiradores, na vanguarda, os pelotões do batalhão disciplinar. Quando desembocca da floresta e se encontra na clareira, retoma a formatura em quadrado. O fogo do inimigo accelera-se. São sete e meia da manhan e a lucta trava-se a sete kilometros do acampamento. O ataque torna-se impetuoso, os contrarios multiplicam-se como se brotassem do solo. O pelotão a cavallo, ás ordens do tenente Adolpho Ferreira, carrega com denodo, opera maravilhas de coragem, mas os negros embrenham-se no matto, onde não podem ser seguidos e logo voltam, apenas os brancos se afastam. Duas vezes a cavallaria cresce, duas vezes os adversarios fogem, para apparecer de novo fazendo um fogo renhido, certeiro, munidos de armas aperfeiçoadas. Ahi succumbe o tenente Ferreira, depois de luctarem, elle e os subordinados, com os negros e com as muares que montam, cheias de manhas, sem ensino, estacando quando era preciso correr, galopando quando

se sopeavam, escouceando quando se necessitava que estivessem quietas e empregando os mais altos esforços para se desembaraçar dos cavalleiros, n'uma palavra, uma especie de animaes improprios para manobras rapidas e causando mais prejuizos aos nossos que aos contrarios.

O quadrado abrasa-se n'um estupendo vomito de metralha. A gente portugueza responde com intrepidez, com serenidade, com desassombro ao tiroteio nervoso, basto, intermittente, sacudido, do gentio. A artilharia pouco coadjuva as outras armas. As lanternetas não entram nas camaras das peças... Que fatal imprevidencia! Das *libatas* chove sobre a mole formada pelos expedicionarios um ininterrupto granizar de projecteis. As munições escasseiam já. Em frente dos quatrocentos e noventa e nove portuguezes agglomeram-se dez mil cuamatas admiravelmente armados e municiados.

Á medida que o fogo dos nossos rareia, mais os contendores se acercam. Chegam até junto das primeiras fileiras. Então, ou alguem ordena ou os proprios soldados tomam essa iniciativa, realiza-se uma acommettida á baioneta. Os pelotões do batalhão disciplinar e bastantes soldados nativos, tendo á frente o tenente José Maria Ferreira do exercito ultramarino, constituem-se n'um bloco e despedem-se

como uma catapulta sobre os negros. Levam tudo de roldão deante de si, n'um esforço épico, irresistivel, tremendo, formidavel, repellindo-os até cem metros. A desegualdade do numero é enorme. Primeiro um tiroteio implacavel e depois a proporção de um para dez obriga os nossos a deterem-se na investida. As munições avisinham-se do termo. Para complemento da desgraça, na carreira desordenada dos infantes, as bolsas dos cartuchos, abertas, marcam com os derradeiros maços de cartuchâme a senda d'aquella epopeica loucura. Dos que partiram cheios de vida e furor, poucos se conservam de pé. A maioria dos officiaes, graduados e praças do batalhão disciplinar jaz por terra. Os poucos não ceifados pelas balas ou azagaias dos cuamatas agrupam-se sob o commando do cabo Egydio e resistem batendo-se sempre, até que esse ultimo chefe tambem baqueia, não sem primeiro arrancar a culatra á sua carabina para não ser aproveitada pelo inimigo. Debanda-os o instincto de conservação. Tresloucados, de envolta com os soldados nativos, buscam refugio no quadrado, fendido, pouco consistente, com intervallos de mau presagio nas fileiras, e berram:

—Mais polvora! Deem-nos mais cartuchos ou estamos perdidos!

A esse tempo já muitos officiaes deixam escoar o sangue por feridas mortaes, como succedeu com o tenente Trindade, da administração militar. A formatura em quadrado apresenta um tão enorme alvo que nenhuma bala ou azagaia dos cuamatas se

perde. O numero dos negros augmenta sempre. Saem agora dos abrigos d'onde até ahi fuzilavam occultos os brancos. O quadrado começa a perder a sua forma geometrica. As baixas avolumam de maneira sinistra. A companhia europeia, cheia de dedicação e de boa camaradagem, cede dois chapeus de cartuchos aos fragmentos do batalhão disciplinar. Agora, que quasi não ha munições, cada um torna-se avaro d'ellas.

Mas o inimigo cada vez se anima mais. Acerca-se, arroja-se, precipita-se, multiplica as suas forças, desdobra-se, cinje, aperta, tritura, esmaga na immensa mó orlada de dez mil laminas ameaçadoras as mesquinhas dezenas de europeus.

O capitão Moraes approxima-se do seu collega Pinto de Almeida, commandante da força, e diz-lhe:

—É grave a emergencia. A retirada impõe-se sem demora. Não ha já com que responder ao fogo do inimigo. Convem retroceder para o acampamento em boa ordem. A companhia europeia, que ainda não combateu, deve possuir cartuchos para cobrir o movimento, executado por lanços.

Pinto de Almeida concorda. Sôa um toque de corneta, mas tão mal entoado, tão omisso, tão confuso, tão pouco estridente, que quasi ninguem o ouve. Mas o que repercute aos ouvidos de todos, o que todos distinguem não é uma voz de commando, secca, conciza, peremptoria, imperiosa, é:

— Vamo-nos embora!

Esta voz faz o effeito de uma capsula em abundante carga de dynamite. Occorre como uma explosão. As faces do quadrado, como as paredes aluidas de uma construcção sob cujos alicerces tivesse rebentado um potentissimo explosivo, oscillam, vacillam, cambaleiam, tremem, sacodem-se, agitam-se, fendem-se e acabam por desconjuntar-se completamente. As praças nativas, as que mais depressa se deixam jungir pelo panico, refluem, deformam a companhia europeia e disseminam-se por todos os quadrantes como papeis lançados ao capricho de lufadas impetuosas. O gentio, guiado pelo seu instincto guerreiro e de morticinio, apprehende de relance quanto succede, concentra-se como um alude e com saltos prodigiosos, com gestos de possessos, n'um alarido de todas as alcatéas de lobos reunidas, ébrios pelo triumpho e pelo sangue, brandindo todas as armas imaginaveis, sibilando como reptis, resfolegando como corceis indomitos em carreira vertiginosa, arremessam-se á guisa de vivo e irresistivel aríete.

A lucta singulariza-se em combates isolados. Travam-se duellos corpo a corpo, mas em que esmagadoras e desproporcionadas condições! É uma hecatombe medonha. Nunca pulos de jaguares ou leopardos adquiriram maior violencia. Reluzem as azagaias largas e ponteagudas, movimentam-se os machados de acção destruidora e fulminante, granizam os tiros desfechados á queima-roupa, erguem-se e baixam os contundentes *porrinhos*. Os soldados

pretos, aturdidos, fogem e são trucidados na fuga; os brancos defendem-se com raivosa energia. Ao ver a morte certa, sem um vislumbre de salvação, acceitam a perspectiva do inadiavel passamento, mas de pé, devagarinho, acamando um acervo de cadaveres na sua frente até que venha o ultimo ferimento, o derradeiro golpe, que os livrará dos longos e lancinantes martyrios se os arrastam vivos para as povoações. A companhia europeia é a unica unidade que se mantem firme e tranquilla.

— Quem não tem commando, que venha para aqui! — grita o tenente Rodrigues.

Essa companhia retrocede. Ajuntam-se-lhe as praças que não perdem o sangue-frio e os officiaes que o podem fazer. Em redor o espectaculo é desolador. Por toda a parte retumbam queixumes, brados, appellos de soccorro, gritos desabridos, lamentos cruciantes de dôr e de desespero. No sinistro montão não se distinguem os mortos já impassiveis e dessangrados dos moribundos que se contorcem nos arrancos da agonia final. A confusão, a barafunda, arrepia as carnes dos mais egoistas. Aqui e ali, em exiguos grupos, alguns feridos, n'um supremo esforço de varonilidade, tentam levantar-se sobre um joelho, olham em redor procurando uma arma para cravar nas hyenas que os rodeiam uivando. A maior parte, porém, tomba de novo, abrindo ainda mais as chagas hiantes e empoçando a erva proxima com o liquido generoso que d'ellas borbota ou golfa a jorros.

Outro bando, commandado pelo capitão Moraes, attingido por diversos ferimentos, mas rápidamente pensado pelo medico naval Dr. Manuel da Silveira, interna-se no bosque em linha recta. Para que este recuo não degenere n'um pavoroso desastre, o tenente da armada Roby galopa até um ponto distante a servir de balisa para a marcha e para refrear quem se queira afastar do itinerario. O trajecto sulca-se de corpos varados pelas balas ou crivados de azagaias. Porfim o tenente Roby apeia-se e assenta-se n'um tronco de arvore com a montada segura pelas redeas. Chora. O capitão Moraes suppõe-n'o ferido e pergunta-lhe:

— Que tem?

— Que vergonha, camarada, um revez d'esta ordem! — geme o intrépido segundo tenente da armada.

— Não é occasião para lamentações — replica-lhe o capitão. — Ajude-me a conduzir esta gente.

O tenente Roby atira-se de chofre para cima do selim, não profere uma palavra, vira-se para onde o gentio acommette, esporeia o cavallo, desembainha a espada e arroja-se ás cegas para o diluvio negro que cresce sempre. Acompanha-o um cabo de dragões n'esse doido acto de heroismo. Este ultimo escapa para trazer a noticia da morte do juvenil e brioso marinheiro e o seu revólver, que entrega ao capitão Moraes.

Apparece n'esse instante o tenente de cavallaria Francisco Rezende, a pé. Offerecem-lhe uma muar.

Prepara-se para montar. Uma azagaia atravessa-o e corta-lhe a vida.

*

* *

Multiplicam-se os exemplos de heroismo e de dedicação. Algumas praças do batalhão disciplinar, constituido, em geral, por vadios idos do continente, não teem bom comportamento. No entanto, quando chega o momento do prélio, resgatam todos as suas faltas. Portam-se com valentia nas campanhas de 1902, na do Bailundo-Selles, e em 1903 na do Bimbe. No infeliz reconhecimento de que nos occupamos em sessenta e oito soldados dos seus só escapam trinta e oito, e d'estes, treze feridos com gravidade. O impedido do azagaiado tenente Francisco Rezende, no momento do desastre, acha-se já no limiar da floresta, a oitocentos metros de distancia do bivaque, quando dá pela falta do seu amo. Pergunta por elle. Informam-n'o do seu fim. Volta para a retaguarda em busca do seu cadaver. No momento em que o sopesa para o transportar, uma duzia de cuamatas transformam-n'o n'um crivo.

O tenente da administração militar Antonio Trindade, com uma perna esphacelada por uma bala, é conduzido n'uma *tipoia* improvisada. Os carregadores que o transportam, apenas sentem a visinhança do inimigo abandonam-n'o, sem mais cerimonias. Lá fica em poder do gentio que o trucida.

Havia seis horas que esses quatrocentos e noventa e nove homens tinham sahido do acampamento sãos, destemidos, confiados na propria força, esperançados na victoria.

*

* *

Que occorria no entretanto no acampamento?

A ninguem passa pela cabeça a suspeita de um revez. Ao desanimo dos dias de inacção succede a mais absoluta confiança. Quando, ás oito da manhan, se ouve d'ali distinctamente a fuzilaria, quando as descargas ou o tiro á vontade da infantaria se intercallam com o estridor das detonações da artilharia, tudo crê no triumpho. Após duas horas de fogo vivo, o tiroteio cessa completamente. Não ha duvida, raciocina-se ali, os cuamatas retiram, as espingardas calam-se para permittir á cavallaria correr em sua perseguição. A persuasão do exito é geral, quando apparece um soldado de cavallaria, a toda a brida, em direcção do acampamento. Apenas se encontra a distancia de ser ouvido, berra:

— Está tudo morto!

— Enlouqueceste, homem! — exclamam os ouvintes entreolhando-se assombrados.

— Faltam as munições! Não se póde dar nem mais um tiro, — esclarece o sinistro emissario.

Apeia-se, cercam-n'o e elle narra muito commovido e pesaroso, com terrivel laconismo, quanto acontecera na fatal manhan.

O commandante da columna manda immediatamente quarenta homens para proteger a retirada. Vão abundamente municiados e levam ainda mais quatro cunhetes de cartuchos. Marcham em direcção ao ponto onde surgira o soldado de cavallaria, internam-se um pouco pela floresta, mas não encontram viv'alma.

Estava escripto que n'esse dia se acummulariam as fatalidades. O grupo commandado pelo tenente Rodrigues, que primeiro se embrenha no bosque, faz de subito um desvio para sudoeste, á procura do caminho percorrido á ida. Acoçados de perto pelo gentio, desemboccam n'uma clareira. Do acampamento, que não desconfiam que veem ali camaradas seus, na confusão das conjunturas desgraçadas, disparam n'essa direcção alguns tiros de lanterneta. Uma d'ellas explode no meio da companhia europeia, tão ordenada e tão heroica no meio da pavorosa catastrophe, dilacera varios soldados, despedaça outros e mata o tenente de infantaria Luz Rodrigues, que os commanda, e os alferes de artilharia Pinto Rodrigues e Nunes de Carvalho. Pronuncia-se então implacavelmente a derrota, ainda mais implacavelmente aggravada pelo gentio.

Toda a columna recebe ordem de retirada para o Humbe. O movimento executa-se com rapidez e ainda mais rapidamente atravessa o Cunene. Quando as quarenta praças, que tinham partido em soccorro dos seus camaradas, regressam, apenas se lhe deparam tres carretas boers. Tudo o mais vae em marcha.

Felizmente os cuamatas entretidos a colher os despojos e a acabar os feridos, não persistem em levar mais longe a perseguição.

Ali perderam a vida o capitão de artilharia Luiz Pinto de Almeida e o alferes da mesma arma

Egypto—Pharol á entrada do Canal de Suez

Joaquim Pinto Rodrigues; os tenentes de cavallaria Adolpho José Ferreira, Francisco Rezende e Alberto Freire Themudo, o alferes d'essa arma Ignacio dos Santos Nunes; os tenentes de infantaria Carlos Thomaz da Luz Rodrigues e Alonso Mathias Nunes e os alferes da mesma arma Albino Chalot e Antonio Pacheco Leão; o tenente do quadro occi-

dental José Ferreira e o alferes do mesmo quadro Manuel Oliveira; o alferes do quadro privativo Bernardo Correia Luiz da Silva; o segundo tenente da armada João Faria Roby Miranda Pereira; o medico naval de primeira classe Dr. Manuel João da Silveira e o tenente da administração militar Antonio Trindade.

Dos quatrocentos e noventa e nove homens de que se compunha a guarda avançada morreram mais de duzentos, recolheram cincoenta feridos ao forte do Humbe e ficaram indemnes cento e noventa e cinco.

Devemos registar, a bem da justiça e da equidade, que o conselho de guerra que julgou o commandante da columna o illibou de toda a responsabilidade na tremenda fatalidade. Quando se obtem uma victoria, todos desejam compartilhar d'ella; quando a fortuna volta as costas, escolhe-se sempre alguem para fazer derivar sobre a sua personalidade todas as culpas.

Foi uma desgraça como a das tres expedições ao Bonga, na provincia de Moçambique; como a dos dembos em Angola em 1860; como a de Isandluana na guerra entre os inglezes e os zulos em 1879; como a dos italianos em Aduá, na Abyssinia, em 1895; como a derrota da columna do coronel francez Moll, no Soldão, etc., etc.

*

* *

Em meados de 1907 parte de Lisboa uma expedição de pouco mais de mil homens, commandados pelo então capitão dos serviços do estado maior José Augusto Alves Roçadas, tendo por immediato o seu camarada da mesma arma Eduardo Marques. No dia 6 de outubro d'esse anno é tomado o Cuamato grande e vingado assim o terrivel desastre de 25 de setembro de 1904. Não nos podemos alongar na descripção d'essa brilhantissima campanha, onde ao methodo, á serenidade, ao alcance de vista, á previdencia e bravura dos dois chefes se alliaram factos da mais desassombrada intrepidez por parte dos officiaes e soldados expedicionarios.

D'essa campanha podem citar-se actos honrosissimos para as armas portuguezas, como no combate de 27 de agosto, as condições em que são feridos o alferes ajudante Velloso de Castro, o capitão Maria de Souza Dias e o grumete Antonio Augusto, o desditoso veterinario Pereira; como o capitão Eduardo Marques tem o cavallo morto debaixo de si; a investida brilhante dos landins e acima de tudo a carga admiravel da companhia de marinha commandada pelo primeiro tenente Victor Sepulveda, bem como no derradeiro recontro a sublime acommettida da cavallaria tendo á sua frente o então tenente Martins de Lima. Para resumir, Alves Roçadas conse-

*

guira em poucos mezes affirmar o abalado dominio portuguez n'uma grande extensão de territorio, construiu fortes e postos militares para o consolidar definitivamente, estabeleceu muitos kilometros de linha telegraphica e telephonica, assegurou bem alto que o soldado portuguez pode soffrer revezes — ninguem está isento d'elles, — mas que nenhum exercito possue homens mais resistentes, mais soffredores, mais dedicados aos seus chefes, com a noção mais exacta e mais radicada do amor da patria, que com maior somma de sacrificios esteja sempre prompto a morrer pela sua bandeira.

Isto nos basta. A um revez sempre tem succedido uma victoria.

XVII

Naulila

Na fronteira — Entrevista amigavel — Informações exactas — Tentativa de fuga — No posto de Cuangar — Felonia? — Acommettida brusca — Marcha de forças — Concentração dos allemães — Offertas — O primeiro alarde — Escaramuças de cavallaria — Dispersão de forças — Trabalhos desfeitos — Traidores — Contrariedades — Ardil mallogrado — Effectivo allemão — Traição dos cuamatas — Em vesperas de ataque — Outra felonia — O ataque — Supremo esforço — Nomes inolvidaveis — A carga dos dragões — A morte do tenente Aragão

Todo o conteudo d'este capitulo é baseado em cartas particulares enviadas pelos expedicionarios. São muitas. Procurámos aproveitar d'ellas a parte descriptiva que nos parece mais approximar-se da verdade.

Na capitania mór do Cuamato sabe-se a 16 de outubro de 1914 que occorrera um incidente de gravidade na nossa fronteira de Inga. Tinha penetrado em territorio portuguez uma força militar alleman. Acampa a doze kilometros do forte de Naulila, nos morros de Calueque. O alferes Manuel Sereno, commandante do posto de Otoquero, recebe ordem para se dirigir com um pelotão de cavallaria,

vinte soldados, para ali, afim de investigar o facto e proceder em harmonia com o que se lhe deparasse, para o que levava as respectivas instrucções.

O alferes Sereno chega ao acampamento allemão ás quatro da tarde de 18. A tropa estrangeira, que cruza o Cunene, é constituida por dois officiaes, um sargento, doze soldados europeus e vinte indígenas, todos montados. Recebem-n'o cortezmente. O official portuguez pergunta ao commandante allemão o que fazem ahi, armados.

— Venho em perseguição de um desertor e além d'isso pretendo falar com a auctoridade do Humbe para conseguir auctorização para ir ao Lubango.[1]

O alferes Manuel Sereno convida-o, bem como aos outros officiaes, a apresentarem-se ao capitão-mór do Cuamato. O official portuguez janta no acampamento allemão, não sem tomar as suas precauções. Combinam partir no dia seguinte. Desarmá-los desde logo não é possivel. Das nossas vinte praças só oito podem luctar. Durante a noite conversa-se amigavelmente. Fala-se na guerra europeia. Os allemans estranham que Portugal envie tropas para o sul de Angola n'uma época impropria para a occupação de terras de cuanhamas, e que declare que, embora alliado da Inglaterra, não queira de forma alguma hostilizar ou atacar as

[1] Carta do proprio alferes Manuel Sereno, datada de 13 de novembro de 1914.

colonias germanicas. O alferes Sereno replíca que as forças para ali enviadas se destinam apenas a guardar as fronteiras. A isto responde um dos allemães, mostrando *O Seculo* de 15 de agosto, onde se inserem declarações de um dos ministros do tempo, feitas no Parlamento, commentando que são bem claras e que as tropas mandadas para o sul de Angola teem por objectivo cooperar com a Inglaterra contra a Allemanha. O official portuguez fica pasmado. Elle só recebera jornaes até 11 de agosto. Sabe-se mais tarde que é o consul allemão em Lubango, G. Schöss, quem remette todos os jornaes portuguezes para a Damaralandia, informando os seus compatriotas de quanto precisam conhecer, por nossa via.

Na manhan de 19, ás oito horas, marcham para Naulila o commandante allemão, dois tenentes, um soldado europeu e tres indígenas, onde chegam ás nove. O alferes Sereno manda apear, desaparelhar, dar ração ao gado e determina que se faça almoço para todos. Combina-se que concluida a refeição se dirijam para a capitania-mór do Cuamato. Pouco depois, quando o official portuguez se encaminha para um barracão onde se deveria servir o almoço, a cento e cincoenta passos d'onde se achavam as montadas, um cabo previne-o que os allemães arreavam os cavallos á pressa. O alferes Sereno previne o official allemão que não se apresse. Não lhe responde e acerca-se do gado já enfreado e prompto. Montam rapidamente e esporeiam os cavallos. Se-

reno deita a mão ás redeas da montada do commandante intimando-o a que não persista em fugir. O allemão puxa rapidamente da carabina, volta a patilha e aponta-lh'a ao peito. O mesmo cabo 95 previne d'este movimento o seu superior. Sereno dá a voz de «fogo!» Caem logo dois officiaes, o tenente de infantaria e o veterinario. O commandante fica illeso, mas um soldado, magnifico atirador, vara-o com uma bala a seiscentos metros. O projectil incide no selim, na retaguarda, atravessa uma chapa de ferro, penetra-lhe por uma nadega e sae-lhe pelo ventre, dobrado como ia o cavalleiro para apresentar menos alvo.

O tenente de infantaria morre instantaneamente; o commandante dura alguns minutos; o veterinario só na madrugada seguinte expira. O commandante, official muito novo e sympathico, narra ainda uma testemunha presencial, ferido de morte, tem a coragem de inutilizar alguns documentos que traz na carteira, e cujos fragmentos são encontrados mais tarde. Na refrega cae prisioneiro um soldado allemão europeu e evadem-se tres praças nativas.

Na retaguarda d'este pequeno destacamento allemão concentravam-se mais forças com vehiculos. Vinham, diz o alferes Manuel Sereno, receber os generos de onze carros boers, aprisionados em vinte e sete dias que elle andou em diligencia pela fronteira alleman.

Quem primeiro rompeu as hostilidades?

Que aconteceu ao certo em Cuangar?

*

* *

Conta-se que após alguns dias de declarada a guerra na Europa, o commandante das tropas allemans na fronteira visitara o commandante do forte de Cuangar, tenente Durão, communicando-lhe que se iniciara a campanha e que era natural que os portuguezes, como antigos alliados de Inglaterra, combatessem ao lado d'ella; que, n'esse caso, elle, official allemão, estaria no seu posto. O tenente Durão respondeu-lhe que, como official portuguez, no seu posto estaria. Diz-se que ambos eram amigos pessoaes. O tenente Durão tomou logo as suas medidas no sentido de evitar qualquer aggressão por surpresa. Decorrido tempo o tenente Durão enviou uma nota ao governador relatando-lhe que o official germanico voltara para o seu posto e lhe participara que Portugal se declarava neutro e que portanto elle iria ali para que se bebesse pela amizade da Allemanha e Portugal. As precauções militares caducaram.

Narra agora um cabo europeu natural do Minho, da 15.ª companhia indígena:

Na noite de 31 de outubro, cerca das tres horas da madrugada, quando tudo dorme, ouvem-se tiros disparados pelas sentinellas portuguezas. As praças levantam-se desarmadas, pois as espingardas e as munições estavam fechadas na arrecadação do forte.

Correm n'essa direcção. Vêem então com pasmo a bandeira alleman desfraldada no mastro e as peças e as metralhadoras dos assaltantes apontadas para a guarnição, metralhando-a. Segundo todas as probabilidades tinham morrido em resultado da insolita acommettida o commandante do posto, tenente

Campanha dos Cuamatos de 1907 — Cacimbas da Inhoca, onde houve grande combate

Fonseca Durão, o commandante da 15.ª companhia indígena, tenente Henrique Machado, o primeiro sargento Cabral, dezasete soldados pretos, o negociante europeu, 'Nogueira Machado, a mulher e uma filha de tres mezes. Cem praças negras e quinze europeias, não vendo maneira de resistir, internaram-se no matto. O cabo minhoto andou sósinho durante quatro dias. Só ao quinto topou com quatro segun-

dos sargentos que tambem tinham conseguido escapar. Alguns dos portuguezes só levavam ceroulas e iam descalços, tão brusco e inesperado fôra o ataque. Assim andaram durante quinze dias pelas selvas sustentando-se de fructa brava, até que chegaram ao forte Calundo.

*

*   *

Leiamos agora o que narra com tanto brilho e colorido quem assistiu á sangrenta conjuntura de Naulila, o intrepido alferes João Guilherme de Menezes Ferreira.

A 5 de dezembro de 1914, pelas duas da madrugada, marcham do reducto de Moçambique uma bateria de metralhadoras, uma secção de peças Ehrardt e o resto do esquadrão de dragões em direcção a Naulila, a oitenta kilometros do Humbe, afim de se juntarem ás forças que n'essa fortaleza constituem o nucleo da defesa de Naulila, na região da Inga, fronteiriça dos territorios allemães da Damara (Unda e Gangelas), de modo a formar um destacamento relativamente forte, como os que estavam sendo organizados successivamente em todos os pontos de accesso provavel do extremo sul de Angola: destacamento do Dongoena, do Cuamato, da Ediva e do Poccólo.

O destacamento de Naulila, com a chegada das unidades atrás referidas, conta as seguintes forças:

Uma bateria Ehrardt com tres peças, comman-

dada pelo capitão Reis, uma bateria de quatro metralhadoras, um esquadrão de dragões com cem cavallos, a 9.ª companhia de infantaria 14 com duzentos e cincoenta homens e outra companhia indígena de cento e cincoenta landins.

Em 9 recebem-se communicações officiaes informando que numerosas tropas allemans, sob o commando superior do major Frank, se concentram nos territorios dos cuambes, esperando que chovesse afim de poderem atacar os portuguezes no porto de Naulila. Como medida preventiva um pelotão de cavallaria posta-se nos morros de Calueque, situados a quatorze kilometros do forte. Ponto elevado, serve perfeitamente para observação e atalaya e ainda como nucleo de primeira resistencia, caso o ataque dos allemães se pronuncie pelo lado do Cunene, que desliza por baixo dos morros e onde ha um vau importante, designado pelo mesmo nome dos morros. Todos presentiam que qualquer acontecimento importante se realizaria breve.

No dia 10 chega o tenente-coronel Roçadas com o chefe de estado-maior, idos do Cuamato. São portadores de noticias importantes. Dois *lengas*, chefes de guerra, enviados pelo soba cuambe, sempre amigo dos portuguezes e odiando o *malúlú*, termo pelo qual o gentio denomina o allemão, offerecem ao *Cambuta*, nome cafreal de Roçadas, os seus serviços, e informam que o major Frank atacará dentro de uma semana o acampamento portuguez. Accrescentam que o inimigo dispõe de numerosa artilharia e me-

tralhadoras e que todas as suas forças veem a cavallo. Espalha-se por essa occasião que o soba do Cuanhama manifestara desejos de que acceitassemos o auxilio de cinco mil guerreiros seus afim de nos coadjuvar nas hostilidades contra os allemães. Mais corre que não foi acceite a offerta por estar nas instrucções do commandante da expedição a occupação d'esse territorio. Alves Roçadas não podia seguir outra linha de conducta. No entanto, remette-lhe de presente uma carreta boer carregada de generos, bem como brinda o soba do Cuambi com tres armas de guerra.

A 11 o capitão Reis trata, em ordem de operações, da defesa de Naulila, e toma providencias para qualquer caso de alarde. As forças distribuem-se pelos differentes pontos com probabilidades de serem atacados.

A 12, a officialidade está mais descansada. O capitão Reis prepara-se para repousar um pouco, porque desde que as forças expedicionarias chegam ali, o trabalho é incessante. O receio de uma investida de surpresa preoccupa todos. É meio dia e meia hora. De subito irrompe pela secretaria do destacamento o tenente Aragão, muito pallido, mas sereno. Perfila-se, faz a continencia, dirige-se ao official presente, e diz:

— Meu capitão, acaba de chegar uma ordenança de cavallaria dos morros participando que o pelotão que ali se encontra está sendo atacado por patru-

lhas allemans, a cavallo. V. Ex.ª dá licença que eu saia já com o esquadrão?

Esse official abraça-se ao tenente de cavallaria e exclama:

— Até que emfim!

O capitão Reis levanta-se rapidamente e murmura.

— Ah! elles estão ahi?! Vamos liquidar tudo.

Ouve-se em seguida tres toques muito agudos, quase afflictivos. É o toque de alarde. Em quatro minutos tudo se encontra debaixo de armas e nas posições de combate. Decorridos cinco minutos sae o esquadrão como se fosse para uma parada, levando á sua frente o tenente Aragão, juvenil, esbelto, com o «ar heroico do cavalleiro Parsifal».

Então a ordenança que trouxera a participação informa mais pormenorizadamente.

O pelotão de cavallaria postado nos morros espalha-se em patrulhas de tres homens. Andam em serviço de exploração quando duas d'estas avistam uns trinta allemães, que pretendem dar de beber ao gado no Cunene. Os nossos rompem logo fogo e retiram sobre os morros perseguidos pelos contrarios. O alferes Heitor reune todas as patrulhas e communica o acontecido para Naulila.

Nova ordenança vem annunciar que o pelotão portuguez está sendo acommettido por uma força de sessenta cavalleiros allemães e que a fuzilaria retumbe encarniçada nas margens do Cunene. O inimigo fere e aprisiona-nos dois soldados.

Em consequencia destes factos, o commandante expede ordem ao major Salgado, que se encontra do outro lado do rio, no cruzamento da estrada que liga Naulila com o forte da Dongoena, a vinte kilometros, afim de marchar com a sua força, menos uma companhia, a 12.ª de infantaria 14, para o vau do Calueque, com o objectivo de impedir a passagem das forças allemans.

*
* *

Convem explicar o seguinte, escreve o brilhante official auctor d'esta narrativa:

Os escassos tres mil homens da expedição europeia disseminam-se pela comprida linha da nossa fronteira. Assim, a vinte kilometros de Naulila acampa a força do major Salgado, com duas companhias de infantaria 14, quinhentos homens e duas peças Canet. D'ali a dias devem juntar-se-lhe outras duas peças e o esquadrão de cavallaria 9 com duzentos cavallos, o que não se effectua. Esta dispersão de forças necessarias para occupar toda a linha da fronteira com um effectivo reduzido, obriga os destacamentos a permanecerem muito afastados uns dos outros e põe-n'os em risco de, sendo um d'elles atacado por forças superiores, experimentar um inevitavel desastre. Estando essas forças a quinhentos kilometros de Lubango, centro dos nossos abastecimentos, é mais difficil e sobretudo mais complicado

Angola. — *Cuamato*. Posto de observação no forte Roçadas

o serviço de abastecimento das tropas distribuidas por tão ampla area do que para um ponto só, como de principio se começara a organizar, devendo todas as forças concentrarem-se no forte do Cuanhama e todos os víveres serem dirigidos para esse ponto.

Quiz o destino que todo esse trabalho se tornasse inutil, pois sendo o objectivo dos expedicionarios a occupação do Cuanhama, tiveram que desfazer todos os trabalhos até ali organizados, para, com as suas diminutas forças e fracos elementos, se defrontarem com os allemães, que em 25 de novembro começam a penetrar no nosso territorio e a concentrar-se no Caludi e nos Gangelas. As forças germanicas na Damaralandia, em pé de guerra, podiam elevar-se a vinte mil homens bem armados e municiados. Mesmo que distrahissem forças para o sul, para a fronteira da União, para deter a marcha dos inglezes, facil lhes foi, como o fizeram, enviar contra nós uma columna de seis mil homens, o dobro do effectivo dos portuguezes.

Alem d'isso, pelas informações colhidas, averiguou-se que ha mais de dois annos os allemães trabalhavam em Mossamedes, no Lubango e em todos os centros do planalto de Huila, para nos hostilizar. Havia muita gente ao serviço da Allemanha para que mais tarde ou mais cedo sahisse das nossas mãos esse «pomo de ouro abandonado», como os allemães se exprimiam ao referir-se áquella uberrima e saudavel região. Girava dinheiro a rôdo que corrompia bastantes moradores d'essa zona, desde o mais

ínfimo dos pretos até alguns brancos, que por vergonha falam a nossa lingua. Assegura-se que o consul allemão no Lubango chegou a obter de um empregado ou sargento, do archivo da secretaria do governo, uma carta e varios documentos importantes. E a acreditar nos boatos que então corriam, não parava por aqui a sua «curiosidade.»

Todos presumiram, e com razão, que dado o incidente atrás descripto com o alferes Manuel Sereno, os allemães não se conservariam de braços cruzados. O commando superior sentia a necessidade de enviar sem demora mais forças para a fronteira, mas... infantaria 14, as metralhadoras e as peças Canet ainda não tinham recebido munições sufficientes, o esquadrão de dragões não possuia material de bivaque, tal como cosinhas, latas, barracas, etc., nem de guerra, como carabinas, espadas e lanças. Mais. Faltavam os generos que estavam em Mossamedes. De maneira que levando os carros boers a pôr os abastecimentos de Villa Arriaga, estação *terminus* do caminho de ferro de Mossamedes ao Lubango, dez ou doze dias, não havia tempo de se preparar tudo para que uma columna forte e bem organizada em todos os serviços pudesse seguir para o Cunene. N'essas condições, os expedicionarios estacionaram no Lubango até fins de outubro, á espera de víveres e munições em quantidade para emprehender a marcha.

*

* *

Na manhan de 13 de dezembro parte para os morros um pelotão de infantaria 14, sob o commando do alferes Figueiredo. O tiroteio recomeça.

Na vespera, quando o tenente Francisco Aragão chegara a Calueque e depois da troca de alguns tiros, participam-lhe que se ouviam gemidos lancinantes ao longe, gritos de feridos que tinham durado toda a noite e ainda até ás onze da manhan do dia seguinte. Esses queixumes, vindos da margem direita do Cunene, só podiam ser soltados por gente nossa. Todos os officiaes do esquadrão se offerecem para os ir buscar. É noite. O tenente Aragão não consente na realização d'essa generosa offerta. Explica porquê:

— Se os allemães abandonam os primeiros feridos em vez de os levar para os submetter a interrogatorio é porque pensam fazer-nos partida. Collocam os feridos n'aquelle local como chamariz. Nós acudimos-lhes, caem-nos em cima e aprisionam uma porção dos nossos, descuidados.

Espera pela manhan. O tenente Aragão divide o esquadrão em tres pelotões e manda apagar todas as luzes. Sobre a madrugada o pelotão do tenente Mathias carrega sobre os allemães, occultos no caniçado do rio. O outro procura e levanta os feridos. Um sargento dos dragões aprisiona um allemão e parte um braço a um sargento inimigo, commandante

*

de uma patrulha. Os nossos feridos contam depois que lhes tinham tirado os arreios e munições e collocaram-n'os no caniçal a servirem de anzol á cavallaria portugueza.

Em 13 de dezembro apenas se trocam uns tiros de parte a parte. Em 14 desapparecem os allemães. Os portuguezes, que já tinham iniciado os trabalhos de defesa de Naulila, continuam no seu proseguimento ainda com mais rapidez. Alves Roçadas chama mais uma companhia de infantaria, ascendendo assim as forças a setecentos homens de infantaria, tres peças de artilharia e metralhadoras e oitenta cavallos.

Interrogado o prisioneiro allemão, sabe-se que o major Franck, sem auctorização do seu governo, deliberara atacar o nosso acampamento, vingar a morte dos seus camaradas, prender o alferes Sereno e arrazar Naulila. O effectivo de que dispunha orçava por dois mil allemães, oito peças de artilharia e quinze metralhadoras.

A 15 ha um falso alarde. Á tarde occupam-se as posições de combate, então a um kilometro de Naulila, n'uma extensão de tres kilometros. Desde esse dia que se espera a acommettida. Alves Roçadas veste o seu uniforme de kaki amarello, o mesmo da campanha do Cuamato em 1907, e que só enverga nas occasiões em que presente refrega. Os postos avançados são constituidos por cuamatos, armados por nós. Depois verifica-se que se tinham bandeado com os allemães.

Ás quatro da tarde de 17 as nossas vedetas avi-

sam de que se approxima uma força germanica de trinta cavallos. Ha novo alarde no acampamento. Guarnecem-se todas as posições. Ás cinco chega o alferes Andrade de artilharia, ido dos morros com as ultimas informações acerca dos allemães, colhidas por enviados de confiança que entraram disfarçados no acampamento inimigo. Essas informações condizem com as fornecidas pelo prisioneiro do arraial adverso. Os víveres são transportados em galeras puxadas a seis parelhas de mulas. O major Franck vem de automovel e fala-se ainda n'um aparelho de telegraphia sem fio e em dois aeroplanos.

Prepara-se tudo para ser atacado na madrugada seguinte. N'essa noite envia-se aos morros, ao vau do Calueque, onde se achava a força do major Salgado com duzentos homens de infantaria e duas peças de artilharia e o tenente Aragão com os dragões, ordem para acommetter o acampamento allemão pela madrugada.

É tempo de falar aqui n'um norueguez Brot Kurp, um traidor em quem se confiou demasiado. Incumbido de explorar o matto do lado dos allemães, volta ás quatro da manhan de 18, muito afadigado dizendo que andara de noite e se perdera, não tendo topado com um unico soldado germanico. Desde então não torna a apparecer.

Perto das cinco ouve-se ao longe o rodar rapido das viaturas de artilharia. Roçadas monta a cavallo. Ás cinco e um quarto retumba o primeiro tiro e uma granada de artilharia passa por cima do esta-

do-maior. Ouve-se intensa fuzilaria no nosso flanco esquerdo, exactamente na parte mais fraca. É d'esse lado que começa um ataque violentissimo da artilharia e metralhadoras por parte do inimigo. É exactamente o contrario do que informára o norueguez. O chefe do estado-maior ordena que o flanco direito portuguez avance de forma a acommetter os allemães pelo flanco e retaguarda. Roçadas tira os pelotões do flanco direito e com elles arremessa-se para o local mais ameaçado pois ali só estavam sessenta homens. Este rasgo de intrepidez fica prejudicado, porque um dos pelotões fraqueja.

O fogo da artilharia alleman é tão intenso, as metralhadoras fazem taes estragos nas nossas fileiras, que algumas praças bisonhas retiram antes de chegar ás trincheiras. Por outro lado, o inimigo, vendo esboçada a nossa primeira investida de flanco e retaguarda, estende a sua linha e colloca a artilharia de maneira a bater todas as posições dos portuguezes. Ao cabo de uma hora de bombardeamento o forte de Naulila está arrazado e em chammas.

Os allemães crivam o sitio onde se posta o estado-maior de balas e de granadas. Os projecteis assobiam em todos os sentidos. Soldados e officiaes caem por todos os lados. As nossas metralhadoras teem as suas munições quasi exgotadas. As muares espantadas fogem em varias direcções. Uma metralhadora encrava-se; a guarnição tira-lhe as peças principaes e abandona-a. Os allemães, desesperados com a mortandade produzida nas suas fileiras por

aquella arma, envidam todos os esforços para as inutilizar. Um pelotão de landins foge, mas n'essa altura os allemães recuam.

Os officiaes e soldados das nossas metralhadoras portam-se com extraordinaria bravura. Operam verdadeiros milagres para não as deixar cahir nas mãos do inimigo. Uns e outros carregam com cunhetes, puxam-n'as a braço e conseguem trazê-las para a retaguarda, para traz de uma elevação de terreno. N'este momento delibera-se fazer um contra-ataque. Alves Roçadas manda avançar para serem reconuqistadas as nossas posições. De facto, estando já os allemães a cincoenta metros das trincheiras, pronuncía-se da nossa parte uma vigorosa offensiva á arma branca, gritando todos cheios de enthusiasmo ao ver os contendores retirarem. Não tarda, porém, um quarto de hora que as metralhadoras e canhões allemães, que se tinham calado, iniciassem de novo um fogo mortífero sobre os portuguezes. De guarnição a uma das nossas peças só está um cabo e o tenente Lobo.

O capitão Patacho e o alferes Menezes agarram nos cunhetes e, apesar do seu enorme peso, põe-n'os a salvo. Agora a retirada torna-se imperiosa. Roçadas tenta um derradeiro esforço, com o pelotão que fica dentro do forte, com dois, reduzidos, de infantaria 14 e um de landins, este commandado pelo tenente Stokler. Apesar da convicção de que serão todos mortos ou aprisionados, manda collocar uma peça junto do forno onde se cosia o pão. Com

esses cento e cincoenta homens, não mais, brancos e pretos, arremessam-se n'uma furia louca para a frente. O triumpho não quiz coroar esta ultima tentativa. A cavallaria germanica apparece no flanco direito a cincoenta metros.

Inicia-se o movimento de recuo. Atravessa-se o rio na melhor ordem, apesar do violento fogo dos adversarios. É a unica peça do tenente Lobo que protege a arriscada manobra e detem a cavallaria disposta a carregar.

Houve desfallecimentos no renhido combate, mas em numero tão pequeno e em casos tão isolados, que de sobejo foram resgatados por brilhantes rasgos de heroicidade. Os nomes do tenente Bettencourt de artilharia, ferido n'um braço e n'uma perna e que continua a combater; a morte intrépida dos capitães Homem Ribeiro e Albano de Mello; o valor demonstrado pelos capitães Cunha e Patacho, alferes Menezes Ferreira, alferes Figueiredo do 14, chefe do estado maior capitão Maia Magalhães; a serenidade do capitão de artilharia Esteves; a fria coragem de Alves Roçadas; o admiravel comportamento do esquadrão de dragões commandados pelo tenente Cunha Aragão e os alferes Alves e Andrade, o primeiro morto e os segundos feridos, além d'outros cujos appelidos nos não acodem para citar aqui, ficarão gravados para sempre nas paginas mais fulgurantes da historia do exercito portuguez.

Eis como alguns officiaes narram o episodio da

carga dos dragões, que só por si representa uma sublime manifestação do valor lusitano.

O tenente Francisco da Cunha Aragão [1] planeia apossar-se da artilharia alleman. Para o conseguir executa ousadas evoluções e chega de uma vez a acommetter as tropas germanicas pela retaguarda. N'uma das investidas, como escreve um correspondente, sôltas as redeas, os dragões cravam as esporas nos ilhaes das montadas e por entre o vibrar metalico dos clarins e a gritaria rouquejante dos soldados, correm a toda a brida, envoltos em nuvens de poeira, de estandarte desfraldado ao vento e de lança em riste. Os allemães, espantados com tanta audacia, sopeiam os cavallos e preparam-se para deter a temeraria investida unindo e reforçando as fileiras. A infantaria inimiga fórma quadrado, protegida pela cavallaria, mas os nossos dragões não recuam nem hesitam. Negros, queimados pelo sol tropical, cobertos de suor e de pó, espicaçam doidamente os corceis, que galopam desesperados e doloridos. O espaço que separa as duas forças desapparece.

O primeiro choque é formidavel, irresistivel. Semeia a morte e o exterminio. Nada lhe resiste. O quadrado allemão é rôto em varios pontos. Rolam no chão, varados pelas lanças dos nossos, varios

---

[1] Alves Roçadas, ao que nos informam, tencionava propor a sua promoção a capitão por distincção.

peões e cavalleiros contrarios. As linhas germanicas são, por momentos, desbaratadas. A superioridade do numero permitte-lhes reconstituí-las, não sem serias difficuldades. No entanto a morte ceifa alguns dos nossos. Bastantes cáem para não mais se erguerem, tendo na sua queda a acompanhá-los apenas o rapido olhar de despedida do seu camarada mais proximo, a quem a morte do companheiro novos alentos dá para a luta. O tenente Aragão, commandante d'esses bravos, tomba mortalmente ferido.

Ao resvalar da sella tem ainda para os soldados as seguintes palavras:

— Para a frente, rapazes! Não desanimem. Combatam e cumpram o seu dever, que eu já cumpri o meu.

E abandonando as redeas, baqueia inânime.

Para terminar:

Um simples dragão perde o cavallo. Combate algum tempo a pé. Quando a retirada se torna inevitavel, um camarada offerece-lhe a montada e convida-o a seguí-lo. Elle, teimosamente, heroicamente, recusa e exclama:

— Quero morrer onde me mataram o cavallo.

E lá ficou.

Homero não esmaltou os cantos da *Iliada* com mais assombrosos e bronzeos caracteres.

FIM

INDICE

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

DE

JOAQUIM LEITÃO

Os Cem Dias Funestos	1$000
A Bandeira dos Emigrados	60
As Allianças das Casas de Bragança e Hohenzollern, 1 vol. illustrado	800
Couceiro, O Capitão Phantasma, 1 vol. illust. .	700
A Entrevista, 1 vol. illust.	1$200
O Varre-Canêlhas, (novella trasmontana) 1 vol. illust.	500

A sahir do prelo:

Em marcha para a 2.ª incursão (continuação da obra *Couceiro, O Capitão Phantasma*)

Da concentração ao erguer do bivaque de Soutelinho da Raia, para o ataque a Chaves.

Croquis das plantas das marchas e combates. 1 volume.